

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO EDITORIAL**

**Lucas Braga dos Anjos
Mar Rodrigues Fonseca**

**ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO:
A CONSTRUÇÃO DO LIVRO *POPULÁRIO LGBTQIA+***

PROJETO EXPERIMENTAL DE GRADUAÇÃO

Santa Maria, RS, Brasil
2023

Lucas Braga dos Anjos
Mar Rodrigues Fonseca

ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO:
A CONSTRUÇÃO DO LIVRO *POPULÁRIO LGBTQIA+*

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social - Produção Editorial, do Departamento de Ciências da Comunicação - Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de: bacharel em Comunicação Social - Produção Editorial.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marília de Araujo Barcellos

Santa Maria

2023

**Lucas Braga dos Anjos
Mar Rodrigues Fonseca**

**ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO:
A CONSTRUÇÃO DO LIVRO *POPULÁRIO LGBTQIA+***

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social - Produção Editorial, do Departamento de Ciências da Comunicação - Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de: bacharel em Comunicação Social - Produção Editorial.

Aprovado em 12 de julho de 2023

Prof^a. Dr^a. Marília de Araujo Barcellos (UFSM) (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Sandra Depexe (UFSM)

Doutorando Jaimeson Machado Garcia (UNISC)

Me. Danielle Neugebauer Wille (UFSM)

Santa Maria
2023

*Para aqueles que precisam ou precisaram
silenciar suas vozes*

AGRADECIMENTOS

À Marília de Araujo Barcellos, por, nos momentos mais impossíveis, estender sua sensibilidade a nós dois. À nossa comissão curatorial por nos apoiar e nos guiar nessa estrada tortuosa. Às nossas ilustradoras por trazer cores ao *Populário*. Aos nossos amigos, apoiadores e todos aqueles que contribuíram para fazer desse espaço, um lugar onde ser é o bastante. E, um último agradecimento, mútuo, escrito como uma única pessoa. Obrigado por não desistir de mim.

RESUMO

ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO LIVRO *POPULÁRIO LGBTQIA+*

AUTORES: Lucas Braga dos Anjos e Mar Rodrigues Fonseca
ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Marília de Araujo Barcellos

O presente projeto experimental tem como principal objetivo experimentar todas as etapas do processo editorial em uma publicação independente em financiamento coletivo, que seja um produto não apenas graficamente agradável, mas que carregue cunho social ao contribuir diretamente para a bibliodiversidade; represente vivências de pessoas LGBTQIA+ de forma múltipla e inclusiva; e insira autores brasileiros iniciantes ao mercado editorial. Desses objetivos surge a criação do livro *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, espaço em que concentramos nossas metas enquanto mantemos acesa a discussão a respeito do cânone literário e o espaço de legitimação por parte de uma elite econômica, de acordo com Regina Dalcastagnè (2012) e Mário César Lugarinho (2003). Enquanto, para o cumprimento das diversas etapas editoriais, utilizamos da triangulação metodológica proposta por Jensen e Jankowski (*apud* Figaro, 2014) como método de obtenção de resultados mais profundos. Concentrando nossos esforços na construção deste livro, criamos a Editora Crisálida como espaço de inserção no mercado, além de reunir um corpo editorial diverso para nos auxiliar nas etapas de ilustração e seleção dos conteúdos, bem como a revisão dos originais. Nesse espaço inserimos autores iniciantes a fim de criar um ambiente de representação por e para as pessoas LGBTQIA+, utilizando a publicação independente como via de legitimação junto ao público consumidor, na impressão de 300 exemplares do *Populário* e seus paratextos definido por Gérard Genette (2009). Enquanto pautamos nossas decisões técnicas do objeto livro com Emanuel de Araújo (2008), Jan Tschichold (2007), e escolhas gráficas com Ellen Lupton (2006, 2018), a fim de desafiar o cânone brasileiro e os espaços de legitimação por outras vias de publicação. Oferecendo possibilidades de existência e legitimação a obras inéditas, com o sucesso da campanha de financiamento coletivo e a inserção da Editora Crisálida e seu primeiro lançamento no mercado editorial brasileiro.

Palavras-chave: LGBTQIA+. Literatura Brasileira. Publicação Independente. Mercado Editorial. Bibliodiversidade.

RESUMO

SPACES OF REPRESENTATION: THE CONSTRUCTION OF THE BOOK *POPULÁRIO LGBTQIA+*

AUTORES: Lucas Braga dos Anjos e Mar Rodrigues Fonseca
ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Marília de Araujo Barcellos

The main objective of this experimental project is to experiment with all stages of the editorial process in an independent publication in a crowdfunding, which is a product that is not only graphically pleasant, but that carries a social nature by contributing directly to bibliodiversity; represents experiences of LGBTQIA+ people in a multiple and inclusive way; and introduces new Brazilian authors to the publishing market. From these objectives arises the creation of the book *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, a space in which we focus our goals while keeping the discussion on literature and the space of legitimation of the economic elite, according to Regina Dalcastagnè (2012) and Mário César Lugarinho (2003). While, to fulfill the various editorial stages, we used a methodological triangulation proposed by Jensen and Jankowski (*apud* Figaro, 2014) as a method of obtaining results. Concentrating our efforts on the construction of the book, we created Editora Crisálida as a space of insertion in the market, in addition to bringing together a diverse editorial body to assist us in the stages of illustration and selection of contents, as well as the revision of the manuscripts. In this space, we inserted first time authors, in order to create an environment of representation by and for LGBTQIA+ people, using independent publication as a means of legitimation with the public, in the printing of 300 copies of *Populário* and its paratexts defined by Gérard Genette (2009). While we base our technical decisions on the book with Emanuel de Araújo (2008), Jan Tschichold (2007), and graphic choices with Ellen Lupton (2006, 2018), to question literature and spaces of legitimation through other ways of publication. Offering possibilities of existence and legitimization to unpublished works, with the success of the crowdfunding campaign and the insertion of Editora Crisálida and its first launch in the Brazilian publishing market.

Keywords: LGBTQIA+. Brazilian Literature. Independent Publishing. Publishing Market. Bibliodiversity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 O LIVRO COMO UM ENCONTRO DE CAMPOS	4
3 METODOLOGIA	11
4 A IDEIA <i>POPULÁRIO</i>	16
4.1. SELEÇÃO DOS ORIGINAIS	21
4.2 SUBMISSÃO DE TEXTOS	21
4.3 COMISSÃO CURATORIAL	26
4.4 AUTORES	29
4.5 CONTEÚDO FINAL	30
4.6 REVISÃO	33
5 ESBOÇOS DO <i>POPULÁRIO</i>	35
5.1 TIPOGRAFIA	35
5.2 COR.....	36
5.3 PAPÉIS E ACABAMENTOS.....	37
5.4 PARATEXTOS.....	38
5.4.1 ADESIVO	39
5.4.2 MARCADORES DE PÁGINA	40
5.4.3 POSTAIS	42
5.4.4 CRACHÁS	43
5.4.5 ATLAS DO <i>POPULÁRIO</i>	44
5.5 CAPA, CONTRACAPA, LOMBADA E ORELHAS	47
5.6 IDEIAS INICIAIS.....	49
6 CONSTRUÇÃO DA CIDADE DO <i>POPULÁRIO</i>	52
6.1 ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	52
6.2 ENTRADAS DAS SUBDIVISÕES.....	54
6.3 ELEMENTOS TEXTUAIS.....	55
6.4 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS	56
7 NOVAS FORMAS DE LEGITIMAÇÃO	58
7.1 MEIOS DE DIVULGAÇÃO	62
7.2 ENVIO E LANÇAMENTO	68
7.3 ACESSIBILIDADE	69
7.4 VOLTANDO PARA A COMUNIDADE.....	72
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A – METODOLOGIA PROPOSTA POR SAMARA (2011)	79

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE SUBMISSÃO	81
APÊNDICE C – GUIA DE ESTILOS DA EDITORA CRISÁLIDA	84
APÊNDICE D – BRIEFING PARA O DESENVOLVIMENTO DA CAPA	95
APÊNDICE E – TEMPLATES PARA A LEITURA CRÍTICA	99
APÊNDICE F – TERMO DE DIREITOS AUTORAIS	101
APÊNDICE G – REFERÊNCIAS VISUAIS DO MAPA	102
APÊNDICE H – MARCADORES DE PÁGINA DO <i>POPULÁRIO</i>	104
APÊNDICE I – POSTAIS DO <i>POPULÁRIO</i>.....	106
APÊNDICE J – CRACHÁS DO <i>POPULÁRIO</i>	107
APÊNDICE K – ATLAS DO <i>POPULÁRIO</i>.....	108
Capa.....	108
Miolo	108
APÊNDICE L – <i>POPULÁRIO LGBTQIA+</i>: <i>VIVÊNCIAS, NARRATIVAS E LAÇOS</i>	114
Capa.....	114
Miolo	114
APÊNDICE M – CÓDIGOS DDD.....	169
APÊNDICE N – FOTOS DO LANÇAMENTO	170

1 INTRODUÇÃO

O livro é a conjuntura de um bem de consumo, um objeto cultural – imbuído de valor simbólico – e o espaço de fala da literatura, sendo impossível dissociar essas características quando se pensa na concepção desse produto editorial. Por isso, é importante conhecer tanto os processos mercadológicos quanto sua importância simbólica e suas representações. Na prática, esses atributos se associam, revelando um conjunto de relações valiosamente originais.

Pierre Bourdieu (2003) define o campo como um espaço estruturado de posições ocupadas por agentes ou organizações, em que cada campo específico possui suas características próprias. John B. Thompson (2013) contribui para essa definição, nos oferecendo as especificidades do campo editorial, em que as posições desses agentes se relacionam diretamente à quantidade de capitais possuídos, sendo eles: econômico, humano, social, intelectual e simbólico. Para que qualquer publicação se insira no mercado, mais de um agente participa do processo, sendo eles a editora, o editor, o tradutor quando necessário, o autor e o público. Dessa forma, neste TCC, consideramos nosso papel como editores e ao mesmo tempo como editora independente – como a organização empresarial Editora Crisálida. Entendemos que editores e editora independentes, podem ter significados diferentes em contextos distintos. Entretanto, a Declaração Internacional dos Editores e Editoras Independentes (2014) define:

O editor independente concebe, assim, sua política editorial em total liberdade, de modo autônomo e soberano [...] é um editor de criação: por meio de suas escolhas editoriais, muitas vezes inovadoras, sua liberdade de expressão e pelos riscos editoriais e financeiros tomados, ele participa do debate de ideias, da emancipação e do desenvolvimento do pensamento crítico dos leitores. (ALIANÇA INTERNACIONAL DE EDITORES INDEPENDENTES, 2014, p. 4)

Uma pesquisa sobre o mercado editorial brasileiro, em 2015, revelou que nos principais prêmios literários brasileiros, entre 2000 e 2014, – Jabuti, Machado de Assis, Portugal Telecom, São Paulo de Literatura entre outros – 42 pessoas autoras foram premiadas, 39 homens e 3 mulheres (DALCASTAGNÈ, 2015). Em uma pesquisa mais aprofundada da mesma autora no período de 25 anos (1990-2014), 71% dos escritores eram homens e 96% eram brancos. Isso também se reflete diretamente nas personagens representadas por esses escritores e conseqüentemente nas narrativas construídas. Com esses dados, observa-se a prevalência de poucas identidades permitidas no mercado editorial, formando um campo em que poucas identidades específicas são representadas.

Dessas provocações, surge a existência deste projeto experimental, que tem por objetivo geral, experimentar todas as etapas do processo editorial em uma publicação em financiamento coletivo. E, como objetivos específicos, pretende-se: construir um original com a colaboração de diversos autores; executar a preparação e revisão; construir o livro e seus paratextos; pensar na comercialização e distribuição. Além disso, os objetivos da publicação são: criar um livro independente que: não seja apenas visualmente agradável, mas que também carregue cunho social; busque contribuir para a bibliodiversidade; represente vivências LGBTQIA+ de forma múltipla e inclusiva; permita que autores brasileiros iniciantes se insiram no mercado.

É nesse contexto de encontro de campos em que pensamos os produtos desenvolvidos neste TCC. Logo, partimos de um entendimento do mercado brasileiro para a construção de uma publicação que ofereça possibilidades diferentes de inserção ou não ao campo.

Embora a tendência do mercado e da literatura seja de homogeneização, inúmeros recortes e intersecções são relevantes e poderiam ser feitos. Contudo, este trabalho não focará em todas as representações, ou a falta delas, no mercado editorial e no cânone literário, mas na pouca representatividade do grupo social minoritário da comunidade LGBTQIA+, revelando as relações que constroem esse campo.

No capítulo seguinte, buscaremos entender as lógicas que permeiam a literatura, definindo o cânone brasileiro e fazendo uma breve análise de como e quais os conteúdos são permitidos de circular, principalmente com Mário César Lugarinho (2003) e Regina Dalcastagnè (2012). Assim como a lógica do mercado editorial, nos utilizando de autores como André Schiffrin (2001), Bárbara Borges (2010) e Thompson (2013) e como a publicação independente se insere nesse contexto. Utilizaremos Stuart Hall (2016) para entender a representação e a utilização do poder simbólico.

No terceiro capítulo, faremos a descrição dos diferentes métodos utilizados para os diversos processos da construção da publicação. Principalmente utilizando da triangulação metodológica proposta por Jensen e Jankowski (*apud* Figaro, 2014), por sua aplicação de métodos diversos para a obtenção de resultados.

No quarto capítulo, descreveremos o processo de produção do *Populário LGBTQIA+ : vivências, narrativas e laços*. Incluindo seus objetivos, que se diferem dos objetivos deste TCC, seu conceito, a respeito da forma do livro e as escolhas gráficas pautadas em Jan Tschichold (2007) para a proporção do objeto livro, Plínio Martins (2016) para elementos pré e pós textuais, e Ellen Lupton (2006, 2018) para os tipos, espaçamento e tamanhos de fontes. Além de escolhas materiais com Emanuel Araújo (2008) para os tipos de papéis e Plínio Martins Filho (2016)

para a harmonia entre elementos tipográficos e ilustração, e seus paratextos, com Gérard Genette (2009).

No quinto capítulo, abordaremos as especificidades do livro Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços, objeto experimental deste projeto. Bem como as escolhas técnicas pautadas nas referências do capítulo anterior, juntando elementos gráficos e materialidade com a forma do livro, com Leandro Müller (2018), e Plínio Martins Filho (2016). Traremos o debate da mancha gráfica para justificar nossas escolhas, assim como demonstraremos o uso dos elementos pré e pós textuais para a construção do conceito do livro.

No capítulo seis, demonstraremos as estratégias de estudo e de vendas para a campanha de financiamento coletivo na plataforma Catarse, além dos métodos de divulgação por meio das redes sociais e canais tradicionais de comunicação. Avançando neste capítulo, descreveremos as escolhas de material para o envio dos kits elaborados para o financiamento coletivo, bem como o envio dos pacotes aos apoiadores da plataforma. Por fim, demonstraremos as barreiras encontradas para a produção de um livro falado, as diferenças na elaboração de um e-book, e os processos que estão programados para além da defesa deste trabalho.

No último capítulo, refletimos sobre o processo de produção da publicação independente, por apenas duas pessoas. Destacamos as principais dificuldades, relacionadas à inserção em meios de comunicação tradicional, e da visibilidade do projeto, assim como os desafios para o apoio para se criar conteúdo acessível. Consideramos o projeto como bem-sucedido, não só pelo sucesso da campanha de financiamento coletivo, mas por conseguirmos cumprir com nossos objetivos. Ainda nesse capítulo, resgatamos as possibilidades de legitimação de obras, tanto pelo mercado quanto pelo cânone literário segundo Lugarinho (2003) e Dalcatagnè (2012). No fim, analisamos criticamente as potencialidades de representação *queer* em meio aos livros, principalmente, quando consideramos a complexidade do encontro de campos que ele nos revela.

2 O LIVRO COMO UM ENCONTRO DE CAMPOS

A introdução de *Paratextos Editoriais* de Gérard Genette (2009) define o livro como uma forma textual ou um conjunto de enunciados verbais que constroem um significado. No entanto, esse texto dificilmente se apresenta por si só; para Genette, a apresentação tem seu significado tanto no sentido usual do verbo quanto no de tornar o conteúdo *presente*, garantindo sua existência física, sua “recepção” e seu consumo sob a forma de livro. O autor nos oferece uma definição que combina tanto fatores intelectuais quanto materiais do livro, não só com um conjunto textual, mas como a conjunção com seu aspecto físico. Em seu *Dicionário do Livro*, Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão definem o livro como:

documento impresso ou não impresso; transcrição do pensamento por meio de uma técnica de escrita em qualquer suporte com quaisquer processos de inscrição. O livro supõe um suporte, signos, um processo de inscrição, um significado. Integra-se num processo de criação, reprodução, distribuição, conservação e comunicação. Dirige-se a um leitor, possui uma finalidade: a reflexão, o ensino, o conhecimento, a evasão, a difusão do pensamento e a cultura; segundo a agência portuguesa para o ISBN (International Standard Book Numbering), é toda publicação não-periódica com um mínimo de quarenta e cinco páginas e que esteja sujeita a depósito legal; segundo a ISO (International Standard Organization), é publicação impressa não-periódica, com mais de quarenta e oito páginas, sem incluir as da capa, que constitui uma unidade bibliográfica; monografia [...] (FARIA; PERICÃO, 2008 *apud* RIBEIRO, 2012, p. 334-335)

O livro, então, para ser considerado como tal, deve seguir algumas normas formais, como ter o ISBN e possuir mais de quarenta e oito páginas. Entretanto, para além disso, ele é um suporte pelo qual a cultura é difundida e, para tanto, estabelece um processo de comunicação. Assim, se constroem sentidos pelos enunciados dos autores, produzidos por sua obra. Dessa forma, consideramos o livro com um produto cultural, que carrega de forma indivisível valor simbólico.

O livro é o espaço em que identidades podem ser representadas, espaço tanto físico pelas páginas em que apresenta o conteúdo, quanto simbólico de legitimação. Nesse sentido, é aqui que a distinção entre livro e literatura se encontram, onde mercado e crítica literária selecionam conteúdos que são permitidos circular. Thompson (2013) afirma que o mercado editorial contém uma pluralidade de campos, constituindo um espaço complexo de interdependência, que tenciona relações de poder. Paralelamente, Regina Dalcastagné (2012), em seu livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, afirma que a literatura brasileira pressupõe uma hierarquia social, onde um grupo limitado de enunciadores, interessados em manter seu espaço, dificulta a existência de outros pontos de vista. Ambos

autores façam referência diretamente, ou não, ao livro, porque apesar de serem de campos diferentes explicitam as tensões sociais, que, para Stuart Hall (2012), permeiam todos os âmbitos da nossa existência em sociedade e operam tanto no nível público, como no nível privado, como na esfera da sexualidade, por exemplo.

Hall (2012) em sua análise da obra de Foucault explicita que aqueles que detêm posições de dominância se utilizam de diversos mecanismos para a permanência da ordem social vigente. Pensando especificamente na literatura, temos o conceito de cânone literário brasileiro, o que nos leva a problemática da definição desse aparato de poder, que “seleciona e consagra, abandona e apaga” (LUGARINHO, 2003, p.134) identidades. No entanto, duas características dessa definição se mostram predominantes: seu surgimento está diretamente ligado a criação do Estado brasileiro, como forma de reafirmação da identidade nacional; e o cânone não é estático, mas permanece sofrendo alterações pelos críticos de cada período, que legitimam algumas obras e descartam outras (LUGARINHO, 2003; CAIRO, 2001). Dalcastagnè (2012) em sua obra não contempla a definição do cânone, mas entende a literatura brasileira no geral como esse instrumento de afirmação da identidade. Mário César Lugarinho (2003) nos oferece uma explicação para o uso dos termos como sinônimos, explicando que, com o surgimento das democracias, o cânone se torna a expressão da elite econômica e cultural, entendendo-se sinteticamente como literatura. Dessa maneira, utilizaremos a distinção entre literatura e o cânone brasileiro, porque o último evidencia as obras literárias que são aceitas pela crítica, as quais estão presentes, como Regina (2012, p.6) exemplifica, “nas livrarias, nas resenhas de jornais e revistas, nas listas dos premiados em concursos literários, nos programas das disciplinas, nas prateleiras das bibliotecas”, ou seja, aquelas que são legitimadas tanto pela literatura quanto pelo mercado.

Luiz Roberto Cairo (2001) afirma que o cânone brasileiro em seu surgimento foi utilizado para construir uma diferenciação quanto às identidades europeias, e essa mesma lógica ainda pode ser entendida, embora a diferença agora esteja no “outro”. Dalcastagnè (2012) abre seu livro afirmando que a literatura, ou no nosso caso, o cânone, é um território em que diferentes grupos sociais tentam se apropriar dos espaços de fala como ferramenta de poder. Lugarinho (2003) aponta, ainda, que a literatura *queer*¹ ao ser legitimada é dissociada de sua

¹ O autor não faz referência a uma literatura *queer*, mas sim uma literatura gay e lésbica. No entanto, de forma a ser mais inclusivo e atual, adotamos o termo *queer* “utilizada como forma de autodesignação repetindo e reiterando vozes homofóbicas que assinalam a abjeção daquele que é denominado *queer*, mas descontextualizando-as desse universo de enunciação, já que se atribui valores positivos ao termo, transformando-o numa forma orgulhosa de manifestar a diferença, pode ocasionar uma inversão da cadeia de repetição que confere poder a práticas autoritárias precedentes, uma inversão dessa historicidade constitutiva” (BUTLER, 2002 *apud* PEREIRA, 2006)

origem em virtude da identidade nacional, vemos como o cânone é capaz de cooptar essas narrativas fazendo um apagamento dessas identidades, como se a abordagem de temas *queer* fosse um elemento extratextual. É com a definição do poder de legitimação, ou apagamento, do cânone que podemos entender para quem esse cânone é produzido, sobre o que e quem são seus enunciadores.

Hall (2012) caracteriza a sociedade atual como um “regime de representações” em que grupos sociais detêm o poder, ou não, de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira. É com a propriedade dos espaços de fala que a elite é capaz de criar os parâmetros pelos quais as demais identidades podem estar presentes. Dalcastagnè (2012) exemplifica e destaca o domínio da norma culta da língua como um fator de legitimação para o cânone, e aqueles que dominam essa técnica garantirão que os benefícios disso se mantenham. Aqui refletimos a quem interessa que o espaço do cânone brasileiro continue descontaminado, sem alterações. Encontramos a resposta a partir do próprio cânone, que nasce como a representação dos costumes e virtudes desse grupo social (LUGARINHO, 2003) que, por sua vez, tem domínio das formas técnicas, exercendo o poder simbólico sobre os demais e garantindo, dessa maneira, a manutenção de seu status, todas essas características apontam para a elite econômica e cultural. Cria-se, assim, um espaço pautado na lógica de retroalimentação, com o exercício constante do poder simbólico, confortavelmente apoiado nos moldes da tradição literária.

Quando entendemos para quem a literatura é escrita, passamos para a problemática de suas temáticas. Tanto Lugarinho (2003) quanto Dalcastagnè (2012) dialogam ao afirmar que o cânone brasileiro é homogêneo e uniformizador. Hall (2012) chama de estereótipos, a redução da existência do “outro”, esse sendo qualquer grupo social diferente da elite, a um conjunto de representações facilmente entendidas. O cânone é o lugar onde esses estereótipos tomam forma, ao mesmo tempo que é o território de disputa das minorias sociais, onde os embates se dão pelo domínio do espaço de fala, pela legitimação das representações e pela possibilidade de se auto representar (DALCASTANGÈ, 2012). Resgatando Lugarinho (2003), quando a literatura *queer* é integrada ao cânone, suas temáticas são apagadas, seus autores são transformados e uniformizados pela identidade nacional. Como exemplo, Caio Fernando Abreu facilmente é descrito como escritor, jornalista e brasileiro, e em uma busca rápida por sua biografia apenas uma das fontes cita o autor como explicitamente homossexual, as demais não^{2,3,4,5}. O autor

² Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Fernando_Abreu. Acesso em: 3 de julho de 2023.

³ Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/caio-fernando-abreu/>. Acesso em: 3 de julho de 2023.

⁴ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/caio-fernando-abreu.htm>. Acesso em: 3 de julho de 2023.

⁵ Disponível em: https://www.ebiografia.com/caio_fernando_abreu/. Acesso em: 3 de julho de 2023.

gaúcho é descrito como portador de HIV, mas não como explicitamente *queer*. No entanto, suas características que o conectam à elite intelectual, como escritor, jornalista e dramaturgo, parecem ser o tópico comum.

O cânone é o espaço do homem, branco, cisgênero, hétero de classe alta; as demais identidades tentam ou são aproximadas dele para se inserirem nesse meio e serem contempladas pela crítica. A lógica da diferenciação do cânone brasileiro não mais opera em um nível nacional, mas no nível micro em um embate entre o homem branco, cis, hétero de classe alta e os “outros”, onde o cânone dificilmente permite as demais identidades e quando as permite as uniformiza, para aproximá-las a elite. Não só as representações são importantes, mas também as não representações:

A partir dessas ausências, foram-se constatando outras, entre as personagens mesmo – das crianças, dos velhos, dos homossexuais, dos deficientes físicos e até das mulheres. Se eles estão pouco presentes no romance atual, são ainda mais reduzidas as suas chances de terem voz ali dentro. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 214-215)

A autora comenta sobre o conteúdo do cânone do romance no período de 1990 a 2004, publicado nas editoras “mais importantes” – Companhia das Letras, Record e Rocco – mas também é importante considerar quem está permitido ser um emissor. Os autores que podem, ou não, estar na orelha dos livros, este também é um dos questionamentos da autora ao abrir seu livro. Para nós, é importante entender essas permissões para falar, quem pode ser autor, quem ganhará o capital simbólico oferecido pelo cânone e como podemos encontrar formas de legitimação?

Lugarinho (2003, p.137) nos oferece uma alternativa: “Iremos nos contentar com a escassa capacidade de confissão dos autores de suas identidades sexuais? Ou buscaremos em meio aos leitores as suas formas de circulação e a reação que obtiveram para em meio aos leitores?”. O autor dá como possibilidade de resgate da literatura *queer*, não sua integração ao cânone, mas uma busca no público leitor e no mercado. O autor sugere a legitimação de obras não pelo capital simbólico, mas pelo econômico. No entanto, por mais que seja tentador relegar ao mercado o papel de legitimador, nos deparamos com duas problemáticas: o mercado já é um legitimador e suas relações já são intrincadas por si só.

Como já mencionamos, o livro como produto é a junção do conteúdo com a forma estética. Mesmo que funcione em uma economia de escala, ou seja, quanto mais se produz, mais se barateia o custo de produção (EARP, 2005), o livro não é um produto de massa (BORGES, 2010). Isso significa que não podemos considerar o público leitor como único e homogêneo, mas como pequenos grupos com interesses específicos. Hall (2006) afirma que os

sujeitos na modernidade não têm apenas uma identidade, mas um conjunto de identidades que podem se deslocar e até mesmo serem contraditórias. Nesse sentido, um mesmo leitor pode participar de mais de um nicho, podendo também deixar de participar dele.

Outro fator importante do mercado editorial é a composição dos agentes que o compõem. A distinção principal que destacamos é quanto a editora ser independente, estar por si mesma, quanto a integrante a um grande conglomerado. Não coincidentemente, a pesquisa de Dalcastagnè (2012) considera as editoras “mais importantes”, três que integram conglomerados. Isso se dá, porque esse modelo de editora está amparado financeira, tecnológica e simbolicamente por um conglomerado de empresas que podem facilitar sua posição no mercado. Esse modelo de negócios cria no mercado editorial uma grande preocupação com o lucro que gera: uma política de aquisições, em que editoras compram demais casas editoriais em busca de espaço no mercado; e uma mentalidade que cada livro deve se pagar.

Essa conjuntura, por sua vez, cria o que Thompson (2013) vai chamar de livros “importantes”, o autor denomina essas obras assim, porque elas são o que *se espera* que sejam best-sellers. São títulos que os editores apostam que darão certo, que possibilitam que as grandes editoras funcionem ao mesmo tempo, com menos títulos publicados e mais vendas individuais. O que revela o risco constante do mercado editorial de atingir uma superprodução, já que o volume de livros produzidos supera a capacidade individual de consumo (EARP, 2005). É aqui que se revela o impeditivo de grandes editoras a escolherem publicar “livros difíceis”, é aqui que o mercado se mostra tão crítico quanto o cânone em relação ao que é publicado e quem pode publicá-lo.

Observamos uma perda de autonomia dos editores, que precisam considerar as possibilidades de venda de um original, fazendo com que editoras percam suas identidades (BORGES, 2010). O que ocorre na prática é uma autocensura do mercado, que mantém selecionadas as obras que retratam os mesmos assuntos (SCHIFFRIN, 2001), que representam as mesmas identidades. Os “livros difíceis” ficam relegados aos pequenos e médios editores, que “podem” correr o risco (SCHIFFRIN, 2001). A realidade, no entanto, revela que esses editores ainda precisam manter sua preocupação econômica para além do conteúdo que publicam, pois, a permanência de suas casas editoriais depende disso.

O livro como conjunção de seu conteúdo e sua apresentação gráfica, une diversos campos, como Thompson (2013) afirma. Então, considerar o mercado como alternativa de legitimação ao cânone não nos parece a solução. Pelo contrário, ao traçar um paralelo entre os dois observamos que ambos os campos, de sua maneira, selecionam o que pode ou não ser um livro, o que pode ou não ser literatura. Tanto o cânone, quanto o mercado, funcionam como

aparatos de poder da elite cultural e econômica, reafirmando a identidade do homem, branco, cis, hétero, como topo da hierarquia social. Assim, criam-se zonas de legitimação, em que o cânone e o mercado se sobrepõem, mantendo as mesmas escolhas vigentes, e zonas de deslegitimação, em que o “outro” é caracterizado e ele não pode ocupar o lugar de fala.

O que ainda nos deixa com o questionamento de Lugarinho (2003): iremos nos contentar? Assim como o autor, buscamos identificar possibilidades, justamente onde o campo editorial revela o encontro do cânone e do mercado, a bibliodiversidade, definida pela Declaração Internacional de Editores e Editoras Independentes (2014) como:

Bibliodiversidade é a diversidade cultural aplicada ao mundo do livro. Ecoando com a biodiversidade, ela refere-se à necessária diversidade da produção editorial disponibilizada aos leitores. Se os grandes grupos participam, pela importância quantitativa da sua produção, de uma certa diversidade editorial, isto não garante a bibliodiversidade, que não é medida somente em número de títulos disponíveis. (ALIANÇA INTERNACIONAL DE EDITORES INDEPENDENTES, 2014, p. 4)

É, assim, que outros agentes do campo propõem outras formas de existência:

Os editores independentes, embora estejam preocupados com o equilíbrio econômico da sua editora, estão principalmente preocupados com o conteúdo que publicam. Suas obras podem trazer uma outra visão e uma outra voz para além do discurso mais padronizado dos grandes grupos editoriais. (ALIANÇA INTERNACIONAL DE EDITORES INDEPENDENTES, 2014, p. 4)

São esses pequenos editores que Schiffrin (2001) denomina com essa responsabilidade. Entretanto, o mercado ainda nos oferece algumas ferramentas para a legitimação, ainda com suas limitações.

A primeira ferramenta, disponível aos autores, é a autopublicação, seja ela impressa ou digital, permite que mais emissores possam coexistir, sem a necessidade do mercado comprar suas obras. Assim, o autor por si só busca reconhecimento, seja do cânone, seja de um público, para ocupar um espaço ou justificar sua existência no mercado. Outra possibilidade é a publicação em pequenas e médias editoras, que conscientemente ou não, contribuem para a formação da bibliodiversidade. É em pequena escala que existe o que Schiffrin (2001) chama de preocupação estética, mas nós consideramos uma preocupação com o conteúdo, além da forma que pode existir de uma maneira menos padronizada. Por fim, tem-se o financiamento coletivo, que, como Lugarinho (2003) propõe, é a busca pelo leitor – o público – possibilitando a publicação de obras.

Podemos notar que, nas três ferramentas que destacamos, há a busca de um dos capitais que Thompson (2013) define como formador do campo editorial. Na autopublicação, os autores buscam capital simbólico, em uma tentativa de reafirmar sua posição no campo. As pequenas e

médias editoras buscam capital intelectual para a construção de seu catálogo. No financiamento coletivo, busca-se diretamente o capital econômico, é a tomada do processo de produção do livro em coletivo, é a realização de um projeto por meio de financiamento dos leitores.

Pretendemos propor neste trabalho a possibilidade de existência de obras *queer*, pautada no resgate da preocupação com o conteúdo publicado; na bibliodiversidade; nas representações que são tensionadas; e na contribuição para a legitimação da literatura e ao cânone, permitindo que autores da comunidade falem de sua própria experiência. Contudo, entendemos que essa forma de legitimação pela literatura em que o “outro” fala de si, pode ser um método que facilita a existência de autores dessa maneira, mas pode também, segundo Dalcastagnè (2012), criar um exotismo desse “outro” ao mesmo tempo em que o coloca como uma mera expressão da diferença. É uma armadilha que o cânone coloca à nossa frente de reafirmar autores *queer* como tal, ao mesmo tempo que não os reduzimos a isso.

É nesse território de convergência e de encontros que posicionamos nosso produto: um livro. Em toda sua complexidade, nosso projeto nasce de uma tentativa de se criar representações genuínas, que partem de uma comunidade com muitas vivências. Ao mesmo tempo que buscamos a legitimação, tanto para o conteúdo e para os autores, quanto para a Editora Crisálida que fundamos ao iniciar nesta empreitada. Assim, como editores independentes temos a possibilidade de ampliar vozes e contribuir para a bibliodiversidade. Utilizamos também a ferramenta do financiamento coletivo, em busca de leitores que legitimem nossa publicação. No fim, tentamos nos posicionar em um campo repleto de zonas de representação e não representação, buscando os cinco capitais que Thompson (2013) explicita como fundamentais para o mercado editorial.

3 METODOLOGIA

O conhecimento produzido pela ciência é baseado no método, desenvolvido por pessoas especializadas de diferentes áreas ou campos do conhecimento (Bourdieu, 1983 *apud* Figaro, 2014). Considerando a diversidade de campos envolvidos para a publicação de um livro a abordagem metodológica que adotamos é a de triangulação, proposta por Duarte (2009 *apud* Figaro, 2014) que tem por objetivo a aplicação de diferentes métodos para a obtenção de resultados mais profundos. Jensen e Jankowski (1993 *apud* Figaro, 2014), colaboram com a definição afirmando que existem diferentes tipos de triangulação, por isso, o desenvolvido para este projeto é a triangulação metodológica, que associa diferentes métodos, de campos distintos ou não, para a coleta de dados e o entendimento do objeto de estudo.

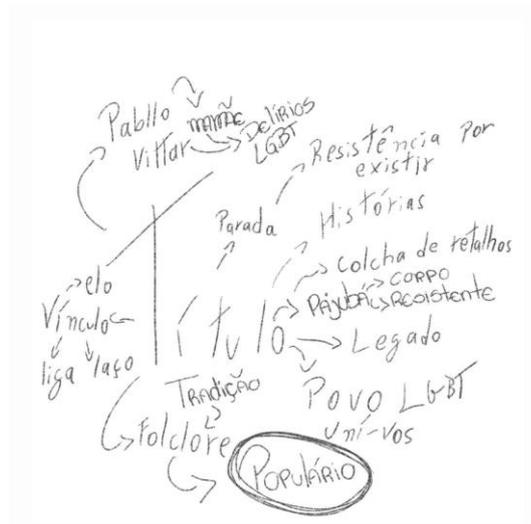
No primeiro momento fizemos uma revisão de literatura buscando pelos termos: “projeto experimental”, “livro”, “projeto gráfico”, “diagramação” e “design”, nas bases de dados: Manancial UFSM e Portal Cappes. Dessa forma, foram selecionados 5 trabalhos, todos resultados de TCCs, 4 deles da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e 1 da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Estes foram lidos para a compreensão do desenvolvimento dos projetos experimentais. Além disso, buscamos referências que abordassem os temas de design e mercado editorial.

Para a criação do conceito da publicação, adaptamos a metodologia proposta por Timothy Samara (2011) para revistas, pensando em um livro (Apêndice A). Assim, conseguimos definir a abordagem e a diferenciação que nosso produto teria dentro desse contexto. Seguindo o método do autor, fizemos uma pesquisa de mercado e definimos quais elementos queríamos nos afastar de obras semelhantes, bem como alinhamos o público-alvo da publicação. Também durante a pesquisa, feita nos catálogos de editoras e buscas em sites de venda, definimos nossas referências visuais. Com o conceito bem estruturado, fizemos um toró de ideias para definir o nome da coletânea (Figuras 1 e 2).

Além da mudança da forma como o original foi seccionado, passamos por um processo de escolha do nome do livro, que antes se chamava apenas “Coletânea LGBTQIA+”. Para definirmos o título *Populário* fizemos o uso de duas técnicas de criatividade, a primeira o *toró de ideias* (Figura 1), que nos possibilitou visualizar no papel as palavras-chave relacionadas com o projeto. A segunda, a nuvem de palavras (Figura 2), serviu como suporte para entender, após a escolha do título, qual a ordem que o subtítulo do original teria. No fim desses exercícios selecionamos o título *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, pois, para nós era

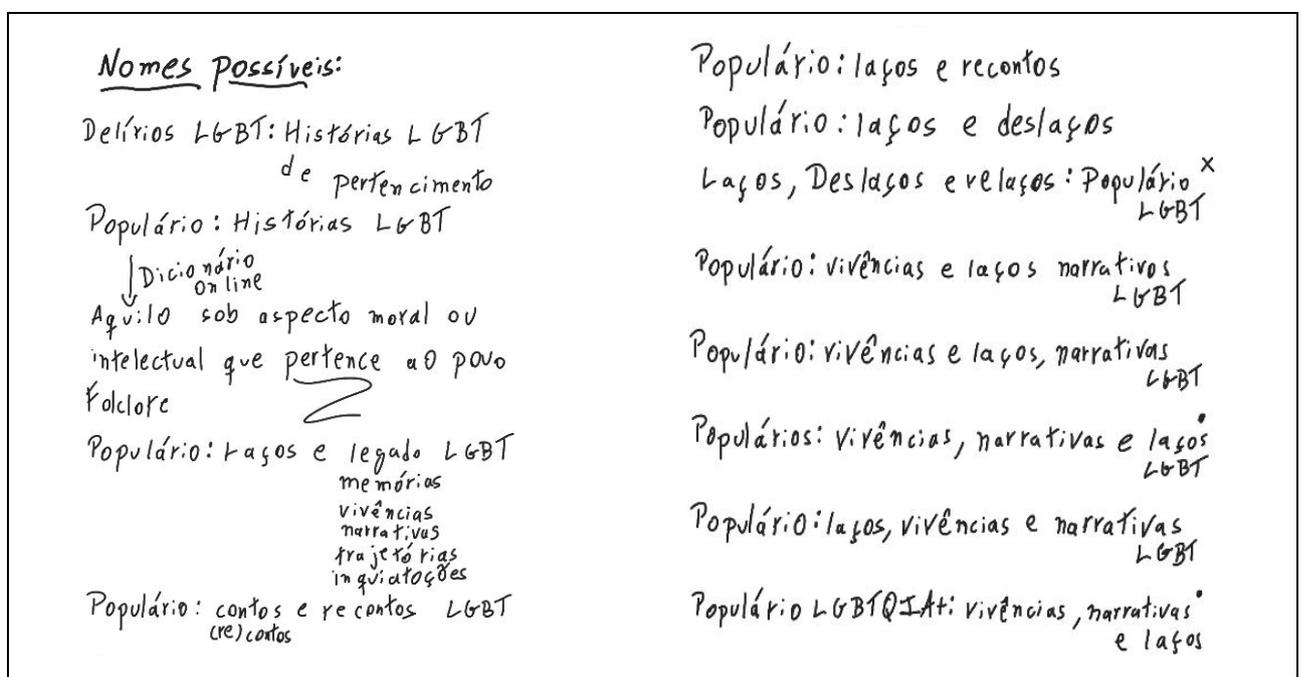
importante apresentar o que idealizamos com a coletânea, sendo a palavra populário um a construção de um folclore feito pela comunidade, quase como a ideia de construir um cânone próprio. Ao mesmo tempo em que relacionamos as palavras do subtítulo para que soassem harmônicas a fim de transmitir ao leitor os tópicos que serão encontrados no livro, iniciando pelas vivências individuais de cada um, que pautam as narrativas escritas e formam os laços com o restante da comunidade, a partir de experiências em comum.

Figura 1 – Toró de ideias



Fonte: Elaboração dos autores, 2022

Figura 2 – Nuvem de palavras



Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

Com as definições necessárias para a criação do produto editorial, a metodologia adotada se baseou no fluxo editorial (Figura 3), descrito por Leandro Müller (2018, p. 20) em seu manual de autopublicação, que se aproxima do proposto por Thompson (2013). Consideramos a relevância do mais recente pelo caráter independente da nossa publicação. Dessa forma, Müller nos proporciona de forma simplificada e direta as etapas a serem cumpridas para o lançamento final do livro. No entanto, não utilizamos o fluxo descrito de forma linear, desenvolvendo atividades concomitantemente para que fosse possível a execução do projeto, o qual seria necessária uma equipe de diversos profissionais, por duas pessoas. Também, nos apropriamos de outras técnicas metodológicas para o desenvolvimento de áreas específicas, detalhados em cada etapa.

Figura 3 – Fluxo editorial



Fonte: Müller, 2018.

Segundo o esquema do autor adotado, a primeira etapa do processo é a captação dos originais. Para isso, elaboramos um edital baseado em Antônio Carlos Gil (2008) para que fosse de fácil entendimento e coleta, além das submissões, de informações sobre os autores. Para isso, foi feita uma publicação no site do curso de Produção Editorial da UFSM que dava acesso ao formulário público, desenvolvido na ferramenta *Forms* do Google (Apêndice B).

O papel do editor não foi feito apenas pelos autores do presente trabalho, uma vez que consideramos essencial a opinião de outros profissionais da área, com suas experiências individuais e pontos de vista, assim como nossa publicação se propõe ser. Dessa forma, em conjunto com a chamada para submissão dos originais no site do curso foi publicada a chamada aberta para participação na comissão curatorial, para avaliar e selecionar os originais que compuseram a versão final do livro. A seleção dos originais foi feita a partir de critérios definidos pelos autores e disponibilizada para os avaliadores em um sistema duplo-cego, comum em periódicos científicos.

A preparação e revisão textual foi feita pelos integrantes da comissão curatorial em conjunto com os autores deste trabalho. Para isso, criamos um Guia de Estilos (Apêndice C) baseado em Plínio Martins Filho (2016) que em sua obra que oferece indicações para a preparação do original. O autor especifica o uso de sinais de pontuação e normalização tipográfica. Para que a publicação final possua a aplicação padronizada desses elementos, facilitando a leitura.

A capa foi desenvolvida, concomitantemente ao processo de submissão e seleção de originais. Para isso, fizemos uma chamada, divulgada nas redes sociais, para selecionar um(a) ilustrador(a) para nos ajudar no desenvolvimento do projeto. A escolha por adicionar mais uma pessoa foi devido a nenhum dos autores ser ilustrador profissional e a contribuição de uma pessoa de fora agregaria para o conceito de um processo coletivo. Para a seleção dos ilustradores desenvolvemos um *briefing* (Apêndice D) que descrevia nossas ideias iniciais para a capa, além de referências visuais para inspiração e distanciamento. No total recebemos 4 inscrições, no entanto, ao invés de selecionar um(a) ilustrador(a) optamos por trabalhar com 3 ilustradores diferentes, para diminuir a carga de trabalho e agregar ao conceito de comunidade do livro. Contudo, um dos ilustradores selecionados inicialmente, comunicou que não conseguiria seguir com o projeto. Então, convidamos uma nova ilustradora devido a sua formação e atuação profissional.

Para a divulgação adotamos diversos meios de comunicação, nos utilizando de mídias impressas, audiovisuais e digitais. Todas as peças gráficas foram elaboradas de acordo com a identidade visual da Editora Crisálida, seguindo a logo criada (Figura 4), e do livro.

Figura 4 – Logo da Editora Crisálida



Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

Assim, pensamos na Editora Crisálida como sendo a nossa iniciativa independente da universidade, mesmo que, o primeiro produto da editora fosse oriundo do nosso Trabalho de Conclusão de Curso. Foi aqui que concebemos a missão da editora, espaço onde os originais chegam a nós para serem trabalhados (lagarta) passam por um processo de transformação (crisálida) e se tornam lindas obras (borboletas). Por isso, ao escolher o logotipo, criamos a borboleta formada por quatro cristais em cores inspiradas na bandeira trans.

4 A IDEIA *POPULÁRIO*

Durante o processo de criação e produção do *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, diversas etapas foram cumpridas para alcançarmos o objetivo da publicação, conforme esquema sugerido por Müller (2018), em que adotamos múltiplos papéis na elaboração deste projeto. Dessa forma, este capítulo apresentará os passos iniciais, detalhando os métodos utilizados para o cumprimento de cada tarefa editorial necessária para a elaboração do *Populário*, como as atribuições dadas a cada equipe de profissionais como a comissão curatorial, as ilustradoras e os revisores.

Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços, surgiu em um primeiro rascunho como um livro independente, escrito por e para as pessoas da comunidade LGBTQIA+, em que, por meio de prosas se pudesse representar as infinitas possibilidades de existência desse grupo. Como estabelecemos no capítulo anterior o cânone e o mercado criam zonas de deslegitimação, causando uma ausência de pluralidade literária, que não abarca a comunidade, limitando sua existência a estereótipos. Uma não representação em um mundo midiático, representa por si só opressão existencial (HALL, 2016), a violência simbólica de não haver possibilidades de existência cria um vazio de representação. Dessa forma, o objetivo do livro é, preencher essa ausência, ampliando as vozes de autores independentes pertencentes a sigla e que seus textos não necessariamente pautem a temática LGBTQIA+, mas que suas personagens sejam vistas em contextos comuns e do cotidiano, sendo apenas um mero detalhe sua sexualidade e/ou identidade de gênero. Mas também, para uma representação genuína, desejávamos descentralizar as narrativas dos grupos comumente representados em diferentes mídias, como gays e lésbicas, ou subverter os únicos tipos de narrativas que são permitidas pelo cânone e o mercado sobre a comunidade trans, como o entendimento da sua identidade de gênero, torturas físicas e psicológicas provocadas por pessoas cis, prostituição e assassinatos. Embora saibamos que muitas dessas temáticas permeiam as vivências de muitas pessoas LGBTQIA+, gostaríamos de propor um novo panorama de possibilidades. Buscamos caminhar a linha tênue que Dalcastagnè (2012) aponta, a de permitir que os autores *queer* exponham suas obras com temática *queer*, sem que sejam limitados de qualquer forma. A tentativa é que se aceitos pelo cânone esses autores sejam permitidos a articular suas muitas identidades e ser *queer*.

Por isso, para nós, sempre foi importante que o *Populário* fosse essa zona de criação feita por e para pessoas LGBTQIA+, em que nesse espaço cultural pudéssemos expressar as nossas verdades e desejos, fossem elas factuais ou completamente fictícias. Embora, também

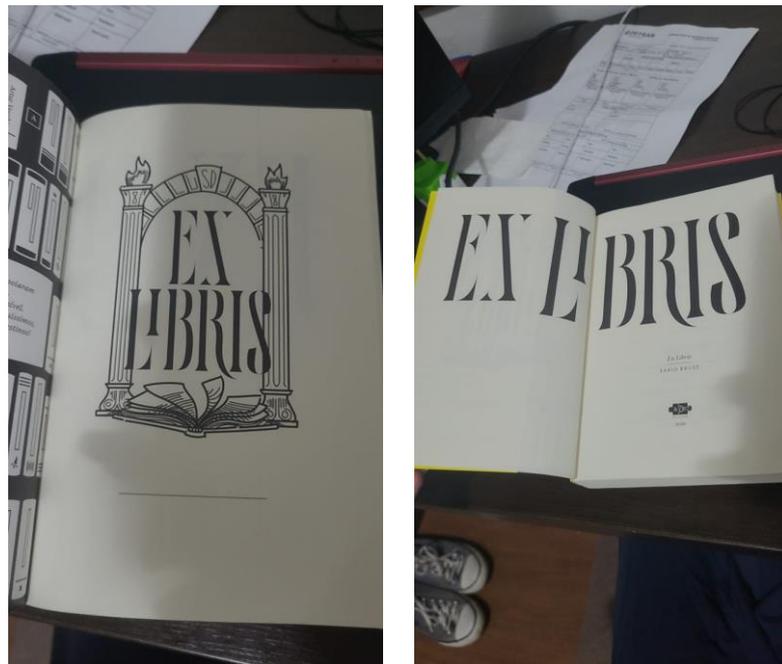
fosse necessário que o livro criasse esse lugar seguro de aconchego para os leitores. Visto que, nossas vivências plurais são reflexo da violência simbólica contra nossos corpos. Por isso, ao construirmos nosso projeto editorial, palavras como “aconchego de mãe”, “real”, “subversivo” e “contracorrente” guiaram tudo que construímos ao longo da produção do *Populário*. Tendo em mente sempre o nosso público-alvo e os anseios que tínhamos enquanto nos formávamos como cidadãos. Assim, desejamos destacar a sensação que o leitor teria com o livro, apresentando textos mais densos no início e aos poucos trazendo suavidade e novas perspectivas com as narrativas mais criativas

A fim de compreender quem seria o leitor e como seria o produto final, a dupla elaborou um projeto editorial adaptado de Samara (2011), que em algumas perguntas, definiu inicialmente que o livro seria seccionado em cinco grandes seções baseadas nos gêneros apresentados pelos textos dos autores. Além de, definirmos nosso público-alvo como y.a., que como gênero literário se direciona ao público de 14 a 21 anos, abordando temas do fim da adolescência e início da vida adulta, como bullying, preconceitos, descoberta e aceitação da sexualidade, primeiros relacionamentos, responsabilidades e reconhecimento com grupos sociais (SILVA, 2017). Além disso, consideramos indiferente a identidade de gêneros dos sujeitos e sua classe social como média. Ademais, elencamos obras que o *Populário* mais se aproximava e se distanciava, servindo futuramente como ponto importante para o *briefing* enviado durante a seleção dos ilustradores. Duas das maiores referências para a construção do nosso livro foram o *Ex Libris* (2020) de Fábio Brust da editora Avec⁶ (Figura 4), por ser um livro de financiamento coletivo e com atenção aos acabamentos gráficos, e o *1984* (2021) de George Orwell (Figura 5), da editora Antofágica⁷, devido seu projeto gráfico bem elaborado e harmônico com as ilustrações.

⁶ Disponível em: <https://aveceditora.com.br>. Acesso em: 17 de jul. 2023.

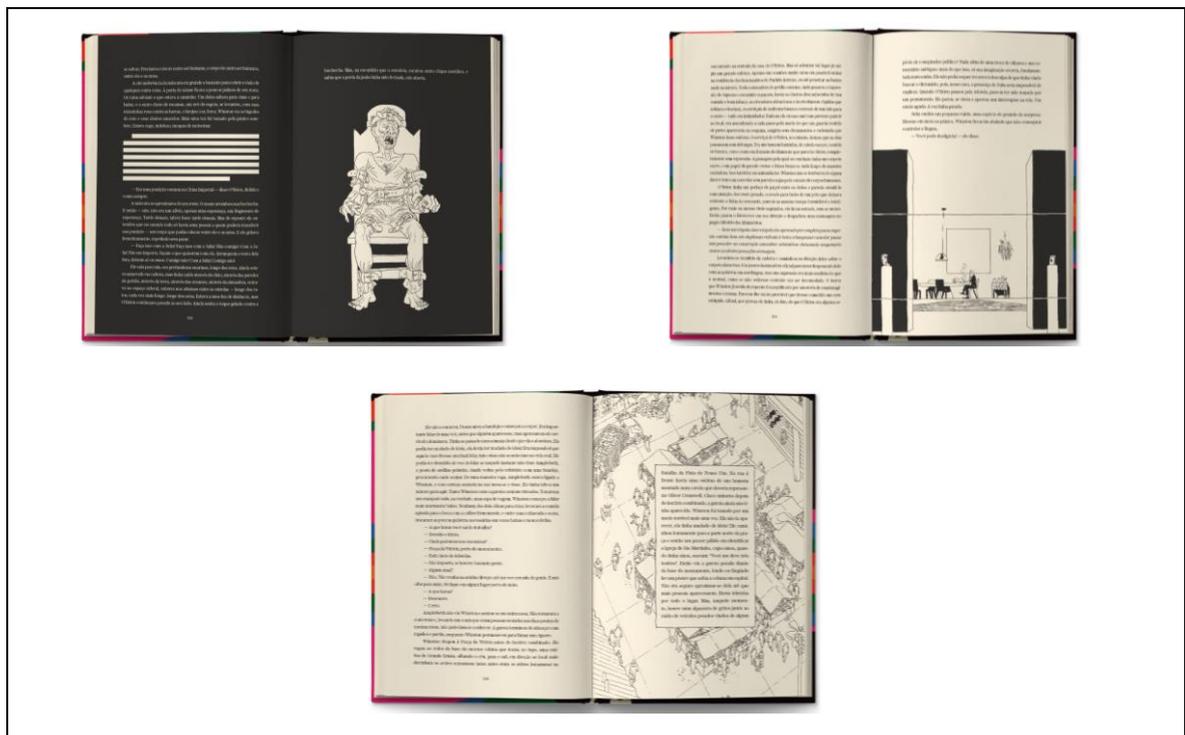
⁷ Disponível em: <https://www.antofagica.com.br>. Acesso em: 5 de jul. 2023.

Figura 2 – Ex Libris



Fonte: Fabio Brust, 2020.

Figura 3 – 1984



Fonte: <https://www.antofagica.com.br/produto/1984/>. Acesso em: 29 de jun.2023.

Com nossas referências visuais definidas, definimos que para a publicação conversar com o nosso público-alvo seria de extrema importância o uso de ilustrações para demarcar os momentos essenciais do livro, como seções. Inicialmente, idealizamos trabalhar com no máximo cinco seções com gêneros literários distintos, demarcando entre elas uma ruptura causada por páginas duplas, do qual na página par o conteúdo fosse ilustrado, e na ímpar, um poema dos textos submetidos, que se encaixasse na temática apresentada nessa seção. Embora a estrutura textual interna do livro tenha se modificado posteriormente pela submissão de textos, os demais tópicos se mantiveram e foram de extrema importância para o entendimento do produto final. Sendo assim, as ilustrações foram repensadas para esse novo formato, apresentando agora a ideia de uma ilustração contínua que conversa com as orelhas, capa, lombada e contracapa da publicação. Assim como, ilustrações na falsa folha de rosto, na folha de rosto, na troca de seção e nos elementos pós-textuais do livro.

Conceituado o nome da publicação, elaboramos, a partir do significado da palavra populário, a cidade homônima ao livro. Essa cidade seria um espaço de convivência, em que trocamos nossas vivências, celebramos nossas narrativas e reforçamos nossos laços. Um espaço em que, cada um dos nossos textos foi escrito, em cada canto de uma cidade viva, que nasce em um primeiro momento no “Centro Histórico”, onde narrativas densas, cruas e reais são contadas se expandem para o “Bairro Novo”, espaço em que buscamos e oferecemos novos horizontes como coletivo LGBTQIA+. Dessa forma, ainda durante a submissão de originais para a Editora Crisálida, modificamos a forma como o *Populário* deveria ser seccionado, antes uma publicação que categorizava gêneros literários pautados nos textos submetidos, passou a ser dividida em dois momentos, conversando as seções com o conceito de uma cidade. Por isso, durante a produção do livro e dos paratextos, tomamos o cuidado de sempre voltar a esse conceito de um lugar, em que todos pertencem e convivem, para transmitir ao leitor a sensação de estar nesse espaço seguro que criamos dentro das páginas deste livro.

Com um maior entendimento de como imaginávamos o livro, e os processos de legitimação, definimos que a publicação deveria vir por meio de um financiamento coletivo, uma vez que não possuíamos capital econômico que suprisse as necessidades de impressão dos materiais gráficos. Dessa forma, conversamos com Fabio Brust que havia publicado *Ex Libris*, através do financiamento coletivo para entendermos as métricas da plataforma Catarse⁸. Também como deveríamos calcular os custos de produção do livro e seus paratextos, comuns em publicações desse tipo, para que a meta final fosse alcançada. Aqui, definimos que o

⁸ Disponível em: <https://www.catarse.me>. Acesso em: 4 de jul. 2023.

propósito de experimentar as etapas editoriais da produção de um livro como o *Populário* era um dos objetivos do projeto, e que nenhum lucro deveria partir disso. Sendo assim, apesar de prevermos algumas metas estendidas, outra prática comum da plataforma Catarse, elas foram criadas para melhorar graficamente o livro.

Dessa forma, caso fosse possível ultrapassar a meta inicial de vinte e dois mil e quinhentos reais da campanha em sessenta dias na modalidade Tudo ou Nada⁹, elencamos o que gostaríamos de aperfeiçoar no livro. A primeira delas – a capa dura e o fitilho, personalizado com a bandeira da comunidade LGBTQIA+ – seria produzida com o avanço de mais mil e quinhentos reais. A segunda adicionaria uma sobrecapa se batêssemos vinte e cinco mil reais. Ultrapassando esse valor, todo dinheiro excedente seria doado ao Ambulatório Transcender de Santa Maria¹⁰. A única meta estendida que descartamos ao longo do processo de criação das peças gráficas para a campanha, e do período de estudo da plataforma, foi a pintura trilateral, muito pela inexperiência em trabalhar com esse tipo de produção, mas também pelo valor unitário final do livro.

Além disso, era importantíssimo a presença de paratextos que conversassem com a obra e enriquecessem a experiência, uma vez que, para fins financeiros, justificaria a existência de mais de um kit para compra dos leitores. Assim, inspirados pelo nome da obra, visualizamos o *Populário* como um espaço físico e de convivência popular, do qual as pessoas circulam e trocam experiências entre si. Isso nos ajudou a definir quais seriam os brindes de cada um dos kits montados futuramente, pois, deveriam ser coerentes com a temática de lugar, sobretudo de uma cidade.

Foram, inicialmente, definidos os postais, para expandir a experiência do leitor, com ilustrações de lugares existentes nessa cidade fictícia, bem como, marcadores e adesivos para conectar ao objeto livro, e um livreto contendo curiosidades do processo de criação do projeto. Também, nos rascunhos do projeto, pensamos em trabalhar com um cadeado como brinde, uma vez que, na segunda e terceira capa, idealizamos o nome dos apoiadores em chaveiros pendurados em uma parede, com uma porta na falsa folha de rosto, dando a ideia de abrir o livro com a chave. Contudo, conforme o conceito da cidade foi ganhando força, seria incoerente manter os chaveiros ilustrados para trazer o nome dos apoiadores, e o cadeado como brinde, para além deste último também ser pesado e caro de produzir em grandes quantidades.

⁹ A modalidade Tudo ou Nada do Catarse, consiste na obtenção de 100% ou mais da meta estipulada para o sucesso do financiamento coletivo, com base nos gastos do produto. Que, caso não sejam alcançados em sessenta dias, o montante arrecadado passa pelo processo de estorno aos compradores, feito pela própria plataforma, e a campanha é dada como não sucedida.

¹⁰ Ambulatório de atendimento especializado a população LGBTQIA+ do Sistema Único de Saúde (SUS).

4.1. SELEÇÃO DOS ORIGINAIS

Após a etapa de criação do projeto editorial da publicação, de idealizar os brindes e estudar a plataforma de hospedagem do projeto, elaboramos um meio pelo qual futuramente seria lançado o *Populário*. Começamos a elaboração dos editais cruciais para essa etapa inicial do projeto: o de submissão de originais e o de inscrição para a comissão curatorial, publicadas¹¹ no dia 18 de janeiro de 2023. Ambos foram hospedados no site do curso de Comunicação Social - Produção Editorial¹², e apenas o primeiro divulgado nas coordenações dos cursos de Letras Bacharelado e Licenciatura. Também solicitamos para o edital de submissão de originais apoio institucional através da Pró Reitoria de Graduação (PROGRAD). Embora apenas os dois primeiros tenham feito os repasses. Sentimos a necessidade de criarmos um perfil no Instagram¹³ e no TikTok¹⁴ para divulgarmos os avisos mais importantes relacionados às chamadas e futuramente no avanço da campanha de financiamento coletivo, servindo como canal de promoção do livro.

4.2 SUBMISSÃO DE TEXTOS

Para a elaboração, e posteriormente divulgação, do edital de submissão de textos, elencamos perguntas que consideramos pertinentes para o levantamento de dados. Elas eram: orientação sexual, identidade de gênero, histórico com a escrita, se já havia publicado algo ou não, uma sinopse do original submetido e seu gênero literário. Contudo, com o avançar da campanha de financiamento coletivo notamos que alguns dados importantes seriam de grande ajuda se tivessem sido colhidos nesse primeiro momento. Como região do país, para quantificar o número de submissões de cada estado, idade, para saber como prosseguir com documentos legais, e telefone, para um futuro contato direto com as pessoas autoras.

Entretanto, para a nossa infelicidade, recebemos, poucos dias após a liberação dos dois editais, um ataque LGBTfóbico em um grupo de extrema direita¹⁵. Nesse momento nos sentimos expostos e em risco tanto ao nosso projeto quanto ao nosso bem-estar. Alertados através do Instagram por um aluno de uma instituição federal que não deseja ser identificado,

¹¹ Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/producao-editorial/2023/01/18/chamada-de-originais-para-publicacao-e-participacao-em-comissao-curatorial-de-livro-lgbtqia>. Acesso em: 4 de jul. 2023.

¹² Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/producao-editorial>. Acesso em: 4 de jul. 2023.

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/editoracrisalida/>. Acesso em: 4 de jul. 2023.

¹⁴ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@editoracrisalida>. Acesso em: 4 de jul. 2023.

¹⁵ Disponível em: <https://rchan.fun/dogola/thread/214.html>. Acesso em: 24 de janeiro de 2023

recebemos o link de um *chan*¹⁶ derivado do Dogolachan¹⁷ com uma postagem feita por uma pessoa anônima divulgando o link do nosso formulário para a submissão de originais, e incitando que outras pessoas enviassem um texto com conteúdo transfóbico já preparado por ele(a) com o título “Você nunca será uma mulher” (Figuras 7 e 8).

Figura 7 - Postagem no *chan* derivado do Dogola



Fonte: <https://rchan.fun/dogola/thread/214.html>, 2023.

Figura 8 - Texto “Você nunca será uma mulher”

¹⁶ Abreviatura do inglês para channel (canal). É um fórum anônimo baseado em postagens de textos e imagens que seguem uma linha cronológica.

¹⁷ Grupo de extrema direita responsável por ameaçar o deputado federal Jean Wyllys. Disponível em: https://epoca.globo.com/sociedade/noticia/2018/06/como-funciona-o-maior-grupo-de-propagacao-de-odio-na-internet-brasileira-que-lucra-com-misoginia-racismo-e-homofobia.html?fbclid=IwAR3W9ODVs_phBjmmcHsTvyay-gYUS9_chlfMIbVd8m6ljHqyhpE83O_hBTc. Acesso em: 5 de jul. 2023.

Copicola

Você nunca será uma mulher. Você não tem útero, não tem ovários, não tem óvulos. Você é um homem homossexual submetido a um tratamento com drogas e cirurgias, uma verdadeira zombaria da perfeição natural. Todo o "apoio" que você receberá é de gente falsa e/ou com segundas intenções. As pessoas zombam de você pelas costas. Seus pais estão envergonhados e sentem nojo de você, além disso, seus "amigos" riem de sua aparência diabólica quando você não está presente. Homens sentem repulsa por você. Milhares de anos de evolução permitiram que homens identifiquem fraudes com incrível eficiência. Até travecos mais femininos parecem não genuínos e não naturais para os homens. Sua estrutura óssea é um forte indicador disso. E mesmo quando você conseguir levar um cara bêbado para a sua casa, ele voltará com o sebo nas canelas a partir do momento que ele vislumbrar a cicatriz fétida e infeccionada que você chama de buceta. Você nunca será feliz. Você solta um sorriso amarelo toda a santa manhã de frente para o espelho e diz para você mesmo que tudo ficará bem, mas lá no fundo você sente a depressão subindo, se rastejando pelo seu corpo, como uma erva daninha, pronto para te destruir quando você não suportar mais. Eventualmente, o peso será tanto, que você comprará uma corda, fazer um laço, colocar sobre o seu pescoço e pular num abismo gélido e profundo. Seus pais vão te encontrar, de coração partido, mas aliviados porque não precisarão mais ter de se preocupar com a vergonha e o desapontamento. Eles te enterrarão, e em sua lápide estará escrito o seu nome de nascimento, onde qualquer um que passar por ela, saberá, por toda a eternidade, que um homem está enterrado ali. Seu corpo irá se decompor e tornar ao pó, e tudo o que sobrar de seu legado será a ossada de um esqueleto, inegavelmente masculino. Esse é o seu destino. Isso é o que você escolheu. Não há mais volta.

Texto transcrito:

Copicola

Você nunca será uma mulher. Você não tem útero, não tem ovários, não tem óvulos. Você é um homem homossexual submetido a um tratamento com drogas e cirurgias, uma verdadeira zombaria da perfeição natural. Todo o "apoio" que você receberá é de gente falsa e ou com segundas intenções. As pessoas zombam de você pelas costas. Seus pais estão envergonhados e sentem nojo de você, além disso, seus "amigos" riem de sua aparência diabólica quando você não está presente. Homens sentem repulsa por você. Milhares de anos de evolução permitiram que homens identifiquem fraudes com incrível eficiência. Até travecos mais femininos parecem não genuínos e não naturais para os homens. Sua estrutura óssea é um forte indicador disso. E mesmo quando você conseguir levar um cara bêbado para a sua casa, ele voltará com o sebo nas canelas a partir do momento que ele vislumbrar a cicatriz fétida e infeccionada que voce chama de buceta

Você nunca será feliz. Você solta um sorriso amarelo toda a santa manhã de frente para o espelho e diz para você mesmo que tudo ficará bem, mas lá no fundo você sente a depressão subindo, se rastejando pelo seu corpo, como uma erva daninha, pronto para te destruir quando você não suportar mais. Eventualmente, o peso será tanto, que você comprará uma corda, fazer um laço, colocar sobre o seu pescoço e pular num abismo gélido e profundo. Seus pais vão te encontrar, de coração partido, mas aliviados porque não precisarão mais ter de se preocupar com a vergonha e o desapontamento. Eles te enterrarão, e em sua lápide estará escrito o seu nome de nascimento, onde qualquer um que passar por ela, saberá, por toda a eternidade, que um homem está enterrado ali. Seu corpo irá se decompor e tornar ao pó, e tudo o que sobrar de seu legado será a ossada de um esqueleto, inegavelmente masculino. Esse é o seu destino. Isso é o que você escolheu. Não há mais volta.

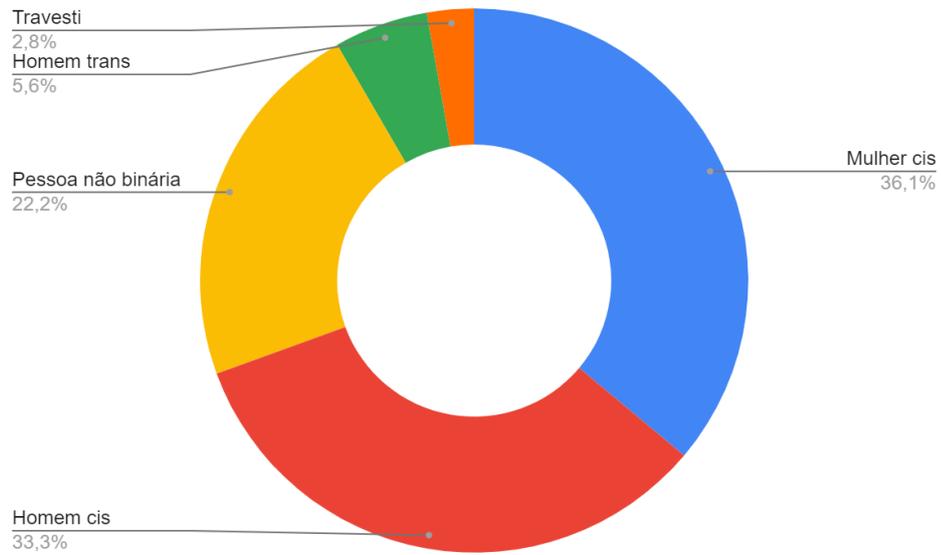
Fonte: <https://rchan.fun/dogola/thread/214.html>, 2023.

Após o conhecimento da nossa parte do *chan* e da postagem que estava circulando no fórum, tomamos, junto a nossa orientadora, medidas para que a coordenação do curso de Produção Editorial e principalmente a instituição ficassem cientes do que estava acontecendo. Embora todo o acontecimento tenha sido traumático, ele serviu para evidenciar ainda mais a urgência e a necessidade do nosso projeto e da nossa função como produtores editoriais, na promoção da bibliodiversidade e combate contra opressões sociais através da produção de obras culturais.

Em um processo concomitante, durante o período de 18 de janeiro a 31 de março, dedicamos esforços a diversas tarefas editoriais, entre elas, a divulgação dos editais para além da universidade, que serão abordados no capítulo 5 deste relatório, no tópico “5.1 Divulgação”. Ao término do edital de submissão de originais, obtivemos 66 textos elegíveis, dos quais 28 eram prosas e 27 poesias, submetidos por 36 autores. E, para além dos números que foram extremamente significativos para o processo de criação do *Populário*, ficamos satisfeitos por alcançarmos um dos objetivos do projeto, o de descentralizar as narrativas das representações

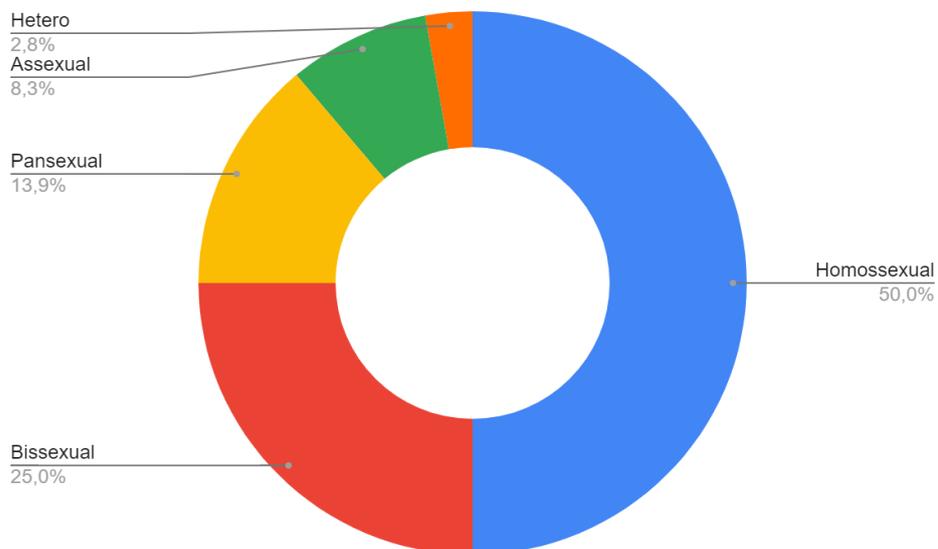
comumente vistas, como de gays e lésbicas. Os gráficos abaixo (Figuras 9 e 10) demonstram a diversidade de representações que o nosso formulário de submissão alcançou.

Figura 9 – Gráfico de representações sobre identidade de gênero



Fonte: Elaboração dos autores, 2023.

Figura 10 – Gráfico de representações sobre sexualidade



Fonte: Elaboração dos autores, 2023

Apesar de, quantitativamente, as submissões de pessoas homossexuais representarem mais de 50% dos respondentes, notamos uma distribuição plural em pessoas bixessuais e pansexuais, assim como 9,1% de assexuais. Além disso, o número de pessoas representantes da sigla T foi expressivo, com o somatório de 30,9% entre pessoas não-binárias, homens trans e uma travesti. A pluralidade dessas vivências também transpassou para os textos submetidos, em que suas vivências foram relatadas de formas distintas, entre prosas e poesias, e trouxeram ao *Populário* o impacto das vivências trans e a potencialidade dessas pessoas autoras.

4.3 COMISSÃO CURATORIAL

Assim como o primeiro, a chamada para a comissão curatorial também foi hospedada no site do curso de Comunicação Social - Produção Editorial. Porém, também utilizamos o e-mail da Editora Crisálida como canal de comunicação para a divulgação do edital para alguns nomes conhecidos do mercado editorial, bem como egressos, professores e alunos do curso de Produção Editorial. Com o período de inscrições menor do que o edital para submissão de originais, os candidatos tinham entre 18 e 31 de janeiro de 2023 para demonstrar interesse em uma das sete vagas. Definimos o número ímpar a fim de facilitar o processo duplo-cego, muito comum em revistas científicas, para a avaliação dos textos recebidos, pois assim, teríamos um membro da comissão como reserva durante cada avaliação.

Ao final do período de inscrições, recebemos oito candidaturas para as vagas, e selecionamos os sete integrantes levando como critério de desempate a atuação deles no mercado editorial, e a ligação com a comunidade LGBTQIA+, pertencendo ou não a ela. Determinamos que para esta equipe, o fator determinante para uma pluralidade de vivências também deveria se traduzir em diferentes formações cidadãs, assim como recortes de raça, religião, classe social, orientação sexual e identidade de gênero; os dois últimos sendo um dos objetivos do *Populário*. Com isso, selecionamos Fabio Brust¹⁸, Inari Fraton¹⁹, Jean Rossi²⁰, Maurício Fanfa²¹, Ana Júlia Lotufo²², Amanda Concolato²³ e Júlia Almeida²⁴.

Após a seleção da comissão curatorial, a editora marcou uma primeira reunião via Google Meet para alinharmos os pontos principais do trabalho, assim como para que eles

¹⁸ Autor, designer e produtor editorial.

¹⁹ Revisora, diagramadora, designer e produtora editorial

²⁰ Professor no Departamento de Ciências Sociais e Humanas da UFSM.

²¹ Professor no Departamento de Ciências Sociais e Humanas da UFSM.

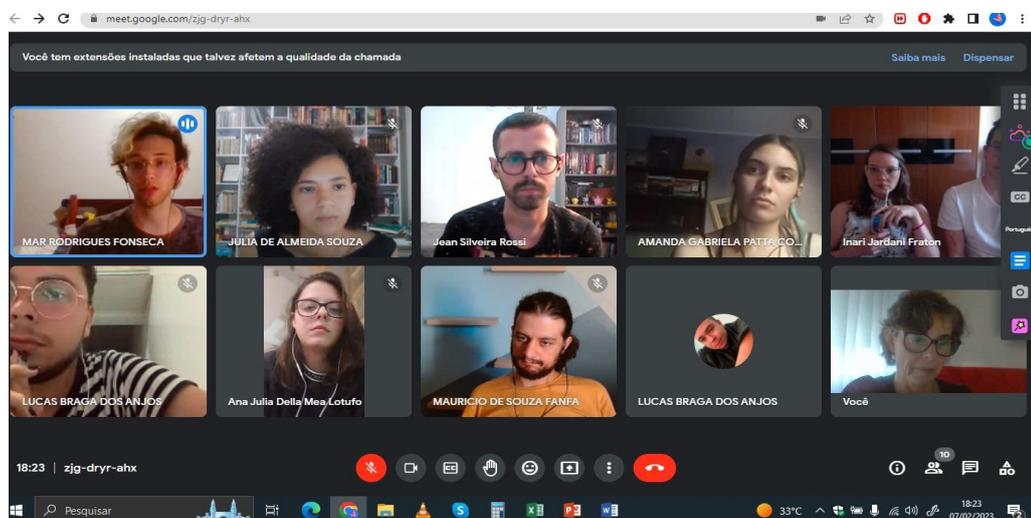
²² Doutoranda em Comunicação pelo programa de Pós-Graduação da UFSM

²³ Graduanda do curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM.

²⁴ Graduanda do curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM.

entendessem a dimensão do projeto e o que desejávamos alcançar com o livro. Dessa forma, no dia 7 de fevereiro de 2023 o grupo se reuniu pela primeira vez (Figura 11), e desse encontro repassamos os critérios de avaliação dos textos recebidos, diferenciando pontos chave para prosas e poesias, bem como alinhamos outras duas reuniões a fim de conversarmos sobre o andamento das leituras críticas e a entrega final dos textos. Para auxiliá-los, disponibilizamos dois arquivos base (Apêndice E) para as avaliações, que totalizavam dez pontos, do qual para as prosas elencamos critérios como: boa representatividade (peso 3), criatividade (peso 3), enredo oficial (peso 2), redação (peso 1), coesão e coerência (peso 1). Já para os poemas os critérios foram: abordagem (peso 3), adequação ao *Populário* como epígrafe (peso 3), voz do eu-lírico (peso 2), tema (peso 1), redação (peso 1).

Figura 11 – Primeira reunião com a comissão curatorial



Fonte: Autores, 2023

Embora durante as submissões de textos, tenhamos mudado a estratégia de como o livro seria no final, o que implicou no tópico “adequação ao *Populário* como epígrafe”, os demais mantiveram a sequência de nível hierárquico em importância. Uma vez que, para a editora, as questões técnicas e gramaticais dos textos eram menos simbólicas do que a representatividade e a criatividade, pois, passariam futuramente pelo processo de preparação e revisão. Dessa forma, durante o mês de fevereiro, enquanto recebíamos os originais através do formulário, utilizamos o método de avaliação duplo-cego apoiado em uma planilha²⁵ de rotatividade em

²⁵ Disponível em: [Planilha Avaliação](#).

que equilibramos a quantidade de textos que cada membro da comissão recebeu. Bem como, não enviamos originais em que a pessoa autora pudesse ter alguma ligação com os profissionais.

Além das notas que cada membro da comissão delegou a cada texto, deixamos espaços que julgamos serem importantes durante a avaliação para que eles deixassem suas impressões sobre o original. Com isso, eles podiam nos apontar quais textos possuíam gatilhos emocionais e também se as personagens e/ou o contexto a qual estavam inseridas reproduzia estereótipos, além de também deixar no campo de “leitura crítica” comentários sobre a leitura. Assim, com esses arquivos, colhemos dados qualitativos a respeito de cada original, o que nos ajudou a entender a semelhança das notas, quando ocorria, ou a desconformidade entre os avaliadores, para assim delegar o texto para outra pessoa.

Esse processo fez com que entendêssemos a densidade dos materiais que recebíamos, pois, durante o processo inicial de criação do *Populário*, determinamos que fosse imprescindível que o livro começasse com temáticas mais densas e fosse, a cada página, ficando mais leve, como um respirar profundo. Contudo, conforme líamos os originais junto a nossa comissão, notamos que mais temáticas densas se sobressaiam, assim como, muitas poesias foram submetidas, o que dificultaria caso não recebêssemos um corpo conciso de prosas para equilibrar ambos no livro. Uma vez que, a ideia inicial era seccionar o *Populário* em gêneros, destacando a mudança através das poesias que conversassem com a nova temática. Sendo assim, instruímos a comissão para que não levassem em conta as poesias como epígrafe, e as considerassem como parte do livro como um todo.

Figura 12 – Reunião presencial com a comissão curatorial



Fonte: Elaboração dos autores, 2023.

Após os dois meses de leitura crítica e reuniões com a comissão curatorial, no dia 4 de abril nos reunimos em Santa Maria (Figura 12) para debatermos cada um dos originais recebidos e selecionarmos os que seguiam a linha editorial do *Populário*. A reunião, que durou quatro horas, nos ajudou a construir um sumário preliminar, que será abordado no tópico Conteúdo final, e no dia seguinte debatemos internamente a fim de lapidarmos as escolhas e reconsiderar textos que não haviam entrado, deixando-os na suplência.

4.4 AUTORES

Depois de um longo processo de divulgação dos editais para a formação do corpo editorial da Editora Crisálida e para a submissão de originais, finalmente tínhamos um sumário preliminar para a convocação dos autores. Assim, no dia 5 de abril, após a divulgação do resultado por meio do site do curso de Produção Editorial e pelo e-mail dos autores, enviamos uma mensagem para cada um dos selecionados, com instruções do que deveriam fazer, como o termo de cessão dos direitos autorais (Apêndice F) referente às obras para os maiores de idade e aos menores de idade.

Contudo, durante o processo de assinatura dos termos, precisamos nos adaptar para as dificuldades e incômodos de cada pessoa autora, como os que não conseguiam assinar através do Gov.br, site solicitado por nós para a assinatura eletrônica, bem como pessoas trans sem o nome retificado. Esse processo precisou da sensibilidade da dupla, pois desejávamos que o processo fosse tranquilo a todos, e que não os afastasse do projeto. O mesmo ocorreu com Roseane Córdova, uma autora cega que foi selecionada para o *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, pois, segundo ela e sua amiga, Roseane depende de terceiros para assinar documentos ou resolver questões burocráticas, e, a etapa da assinatura do termo poderia ser um impedimento por parte de sua família. Dessa forma, nos reunimos via Google Meet no dia 12 de abril para a leitura íntegra do termo de cessão para a autora, na presença da sua amiga, e conversamos sobre possibilidades de um produto acessível para ela, uma vez que, assim como consta no item 7 do termo, cada pessoa autora recebe, em contrapartida ao envio do seu texto, um livro físico e/ou digital e todos os paratextos.

Nesse momento selecionamos, trinta e dois textos (Quadro 1), em que priorizamos diferentes autores, além de prosas para equilibrar com o número de poesias. Assim, o sumário preliminar foi feito com base nas avaliações da comissão.

Quadro 1 – Textos selecionados

Textos selecionados	
Trans Versia	Vagalumes
intérprete	Mar
Mani-me-cure	Na caixa
Panela de pressão	Uma época sem fim
Entrelugares	TRAVESsia
Terror mora ao lado	Afálico
Resistência	naquela mesa
Identidade e essência	Se ela pá
Ok	Para Anne
Apresentação	Aquelas linhas mais pareciam um labirinto prestes a dar um nó
Maçã	Egoísmo
Tatu usagem	Parte boa de uma noite de caos
conversa com Freitas e companhia	Ele é um homem como outro qualquer
gutural	REENCONTRO
Entre Ecos e Necas	Entre Romeus
BOA SORTE	Máscara de porcelana

Fonte: Elaboração dos autores, 2023.

Concomitante a isso, durante o processo de assinatura dos termos fizemos uma tabela de horários disponíveis para o dia 12 e 17 de abril, a fim de marcarmos reuniões presenciais e online com as pessoas autoras. O intuito com os encontros era de explicar mais sobre o que o *Populário* significa como produto e como projeto, assim como explicar as etapas seguintes de preparação, revisão, impressão e lançamento do livro. Com muita organização conseguimos conhecer quase todos os autores selecionados para o *Populário*, com exceção de um deles que posteriormente foi substituído por um original da suplência, devido ao não retorno do termo assinado em tempo hábil, e assim identificamos o impacto do nosso trabalho por todo Brasil. Além disso, pudemos notar a excitação dos autores nacionais em serem publicados, quase todos, pela primeira vez.

4.5 CONTEÚDO FINAL

Com os termos enviados aos autores e as primeiras reuniões para conhecê-los sendo marcadas, pudemos notar quais textos já estavam confirmados para o *Populário*, bem como

destacar os que precisavam de uma maior atenção na comunicação. Por isso, enviamos e-mails para as pessoas autoras que estavam com o prazo de assinatura acirrado, além de dar mais atenção aos casos descritos no item acima (4.1.4). Contudo, embora tenhamos planejado nosso sumário preliminar, sabíamos que havia o risco de alguns textos não entrarem pela falta de assinatura do termo de cessão dos direitos autorais. Por isso, divulgamos o resultado através do site do curso de Produção Editorial e em nosso Instagram, com o objetivo de alcançarmos todas as pessoas que submeteram seus textos em nosso edital.

Embora tenhamos mantido contato através do nosso e-mail e dos nossos perfis nas redes sociais, não conseguimos contato com a pessoa autora de “Apresentação”, que, apesar de ter submetido um texto que se encaixava perfeitamente com a ideia de reintroduzir o livro no “Bairro Novo”, precisou ser substituído. Para isso, elencamos da suplência, textos de autores que ainda não haviam sido selecionados ao *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, como o caso de “Deus, isso não é justo”. Contudo, mais uma vez não obtivemos resposta da pessoa autora, o que, devido ao prazo curto para iniciarmos a preparação dos originais e posteriormente enviá-los para revisão pela nossa comissão, nos fez optar por acrescentar dois textos de nossa autoria, sendo eles: “Procura-se” e “Reapresentação”, o primeiro no “Centro Histórico” e o segundo na “Bairro Novo”. Dessa forma, chegamos a versão final do sumário do *Populário*, do qual divulgamos em nosso Instagram e na aba de Novidades da plataforma Catarse.

Outra mudança durante a definição do sumário foi a do título “Aquelas linhas mais pareciam um labirinto prestes a dar um nó”, uma vez que, conforme não estipulamos números de caracteres limites para os títulos, perderíamos a harmonização da distribuição textual e iconográfica da mancha gráfica já criada para o livro. Por isso, ainda durante a etapa de preparação, solicitamos à autora que considerasse alterar o título, do qual foi modificado para “Linhas Entremeadas” contanto que o título antigo se tornasse a primeira frase da prosa.

Além disso, como construímos o *Populário* para ser um livro de contos, pensando com cuidado na ordem em que os textos estão dispostos, iniciando o livro com as narrativas mais densas do “Centro Histórico”. Como “Ele é um homem como outro qualquer” que é sobre temáticas próximas à realidade do cotidiano, abordando o preconceito, que nos leva a “Entrelugares”, em que o casal gay principal sofre preconceito de uma seita religiosa. Tanto “Gutural” quanto “na caixa” retratam conflitos internos com um viés pessimista. Guiamos o leitor para os textos “Tatu Usagem”, “Trans Versia”, “Entre Ecos e Necas”, “Travessia” e “Terror mora ao lado” todos com temática trans. Finalizamos essa sequência trans com “Intérprete” que fala sobre performar ser outra pessoa, chegando a “Afálico” que apresenta o

tema de uma atriz que se cansou de performar o prazer que sente. “Procura-se” se afasta do texto que o antecede por ser uma fantasia, mas finaliza sua narrativa com seu personagem principal sendo morto. Com a morte, guiamos o leitor para “Máscara de porcelana” que intensamente se questiona, mas termina afirmando com certeza que quer viver.

Com a nova possibilidade de vida e a chama da esperança chegamos ao “Bairro Novo”, onde reintroduzimos o livro para leitor com “Reapresentação”, e em “maçã” temos o retorno de temas internos, mas dessa vez com a certeza que ser LGBTQIA+ é suficiente. “Egoísmo” continua com essa certeza, mesmo que o eu-lírico sofra por seus desejos. “ás de ouros” apresenta a única vivência assexual do *Populário* que apresenta algumas dúvidas sobre si e suas relações, mas no fim se afirma empoderada. “O nome transcende” também questiona sua identidade, com enfoque em uma vivência trans, levando o leitor a “Ok”, também com essa temática, mas com uma abordagem fantástica. “conversa com Freitas e companhia”, segue relatos de uma pessoa trans, com um viés não-binário, assim como, “Panela de pressão”. “Mar” se relaciona com o texto que o antecede, apenas por ambos terem dedicatórias, agindo como uma ponte para introduzir com facilidade relacionamentos LGBTQIA+ com naturalidade em “Linhas Entremeadas”. “Boa sorte” resgata a fantasia, com uma personagem principal que não tem medo de ser da comunidade. Levamos o leitor para uma sequência de poesias românticas com eu-líricos femininos “naquela mesa”, “Parte boa de uma de caos”, “Para Anne” e “Se ela pá”. Antes de “Uma Época sem fim” adicionamos Ismália de Alphonsus Guimarães, já que o texto que a precede foi inspirado pela poesia em domínio público. Chegamos a sequência final do livro, com textos que retratam relacionamentos LGBTQIA+ com a naturalidade que eles merecem, “Vagalumes” e “Reencontro” aquecem os corações e nos guiam a “Mani-me-cure”, um conto de leitura fácil e que nos deixa cheios de esperança com o fim do *Populário*.

4.6 REVISÃO

Por fim, durante a última etapa antes de iniciarmos o processo gráfico e a diagramação do livro e do último paratexto, o *Atlas do Populário*, lapidamos alguns processos que facilitariam a etapa de preparação e revisão dos textos. Para começar, ainda durante a definição do sumário preliminar, alinhamos junto à comissão curatorial quem prosseguiria conosco para a revisão dos textos, tendo em vista a grande demanda de trabalhos e a vida pessoal de cada um dos membros. Assim, a equipe foi reduzida para seis integrantes e por isso utilizamos a planilha de avaliação para distribuir muito bem os textos para cada um deles, já que, alguns haviam solicitado limite de caracteres devido a densa quantidade de trabalhos concomitantes à Editora Crisálida. Sendo assim, visando objetificar o nosso trabalho como preparadores e facilitar a revisão pela nossa comissão, desenvolvemos o nosso próprio Guia de Estilos (Apêndice C) para que os textos seguissem uma padronização em tópicos como horas, medidas, ano, diálogos, uso de travessões entre outros. Para isso, nos baseamos em guias como o da Cosac & Naify para a construção do nosso, alterando o que ambos concordavam que caberia melhor para a linha editorial da Editora Crisálida.

Dessa forma, após a distribuição dos originais na planilha e o envio dos textos, iniciamos a fase de preparação, feita internamente pelos criadores da editora, que durou em torno de uma semana. Com todos os textos preparados, seguimos o envio para a nossa comissão pela ordem elencada em nossa planilha e alinhamos junto aos revisores que nos retornassem os arquivos o quanto antes, assim que julgassem encerrada a primeira etapa de revisão, uma vez que passaríamos o original preparado e revisado para os autores aceitarem ou recusarem as sugestões. Contudo, embora tenhamos reforçado para ambos os lados, comissão e autores, que respondessem o mais rápido possível, para que nenhuma etapa futura fosse prejudicada, ainda contamos com os imprevistos da vida pessoal de cada um, assim como a grande quantidade de textos que deveriam ser revisados e a complexidade de cada um.

Embora alguns originais tenham demandado mais trocas entre editora, revisor e pessoa autora, conseguimos alinhar e criar um canal de comunicação que visou lapidar ao máximo o texto de cada um, sempre trabalhando para alcançar a melhor versão dele. Essa compreensão nos facilitou o trabalho de defender cada uma das escolhas feitas pela nossa comissão, bem como de justificá-las devido ao nosso próprio Guia de Estilos. Contudo, ainda mantivemos as escolhas estilísticas solicitadas por cada um, a fim de manter a marca registrada de cada pessoa autora e garantir um espaço acolhedor para a primeira experiência de muitos.

Por fim, durante o avançar da campanha de financiamento coletivo, iniciamos a produção do conteúdo textual do *Atlas do Populário*, para isso, contamos com a ajuda de dois membros da comissão, Fabio Brust para a preparação do texto, e Júlia Almeida para a revisão do conteúdo. Devido ao contato próximo com a profissional, mantivemos a constante troca, que facilitou as mudanças mais urgentes para o paratexto, resultando em uma lapidação do brinde, para, por fim conversar diretamente com o conceito do *Populário*.

5 ESBOÇOS DO POPULÁRIO

Para desenvolvermos o projeto gráfico do *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, partimos das principais definições elaboradas anteriormente, tendo como ponto de ignição nosso projeto editorial que guiou tudo que visamos alcançar com a publicação. Sendo assim, desenvolvemos toda a iconografia do livro e dos paratextos a fim de nos aproximarmos ao máximo de uma cidade existente, como os elementos pós textuais do livro e os paratextos desenvolvidos como suporte para a campanha de financiamento coletivo. Dessa forma, nossas buscas por tipografia, cores, materialidade e, indispensavelmente, orçamento, foram feitas com esse propósito em mente: que o *Populário* reproduzisse materiais encontrados em uma cidade, fazendo nossos leitores imergirem completamente dentro das narrativas propostas por cada produto.

5.1 TIPOGRAFIA

Definidas as ideias iniciais e o tipo de papel a ser utilizado na publicação, além de entender os formatos que o livro seria publicado, sendo eles impresso e digital, ainda no pré-projeto, iniciamos a busca pela fonte do título, uma vez que ela daria o tom da publicação. A escolha da família tipográfica facilitaria a forma como transmitiríamos a mensagem do *Populário* para os nossos leitores, bem como para as pessoas autoras, a comissão curatorial e em como instruiríamos os ilustradores por meio do *briefing*. Dado que o processo de criação do livro deveria ser construído coletivamente, tornando a mensagem por trás do *Populário* multifocal. Sendo assim, fizemos uma busca no Google Fonts por uma família tipográfica serifada que tivesse o eixo o inclinado e grande variação entre traços finos e grossos. Contudo, não obtivemos sucesso na busca do catálogo do Google, o que nos fez buscar em sites de tipos pagos para uma apuração dos preços, que se revelaram inacessíveis, principalmente na etapa de pré-produção do livro. Por fim, encontramos a fonte Arsenica Variable (Figura 13) na biblioteca da Adobe, que se encaixou perfeitamente com as características que buscamos durante a procura pela fonte principal da publicação, como o eixo, transição entre traço grosso-fino e alta variação de pesos.

Figura 13 – Eixo o e variação grosso-fino da fonte Arsenica Variable

Arsenica Variable
Display Demibold

Fonte: Elaboração dos autores, 2023.

Depois desse exercício iniciamos a busca pelas fontes definitivas da obra, pensando em uma com serifa para o corpo da versão impressa e uma sem serifa para as adaptações digitais, analisando também a aplicabilidade delas em outros produtos, como os nossos paratextos. Assim, após algumas buscas no Google Fonts e na biblioteca da Adobe, chegamos a escolha da fonte serifada Ten Oldstyle VF, pelas hastes curvadas e pouca variação grosso-fino nos traços, que não dificultaria a leitura na página impressa, e a sem serifa Kanit, com diversos pesos e ótima aplicação em materiais digitais. Sobretudo, a fim de criar uma unidade na publicação e nos paratextos, criamos uma hierarquia com as fontes escolhidas, adicionando aos brindes produzidos a família tipográfica Arsenica Variable. Contudo, variamos o uso de cada uma na composição dos paratextos, para demandar um cuidado com o projeto gráfico, bem como em seus acabamentos, para não ofuscar o conteúdo de cada paratexto, mas para completá-los, que para Jan Tschihold (2007) essa é a principal função do editor.

5.2 COR

Outro fator essencial para a construção de uma identidade para o *Populário*, foi a escolha da paleta de cores, pautada principalmente pensando no orçamento final do livro e dos paratextos, que influenciaria na campanha de financiamento coletivo. Contudo, embora o valor econômico fosse um ponto crucial em nossas decisões gráficas, não sacrificamos o conceito elaborado desde o projeto editorial da obra, pensando nas publicações que se assemelham ou não com o *Populário LGBTQIA+*: *vivências, narrativas e laços*. Para isso, seguimos à risca nossa decisão de não utilizarmos as cores do arco-íris, parte da bandeira LGBTQIA+, por ser comumente vista nas publicações com textos que retratam nossas vivências, o que reforça o estereótipo de que publicações com narrativas que permeiam as vivências LGBTQIA+ só podem ser vendidas e associadas a essa comunidade e aos símbolos a qual ela pertence.

Por isso, ao definirmos o *Populário* como sendo esse espaço em que cultuamos nosso folclore, traduzido graficamente em uma cidade, elencamos a cor laranja como a principal da publicação, por trazer aconchego ao se associar as cores quentes do ciclo cromático. Essa escolha se deu também pelo que desenvolvemos no projeto editorial do livro, para que o *Populário* fosse esse espaço de acolhimento, como um processo doloroso pelo qual as pessoas da comunidade LGBTQIA+ comumente passam, mas que aos poucos vai ficando mais fácil de respirar. O laranja vivo que selecionamos colabora com essa narrativa, a fim de acolher os leitores assim que abrem pela primeira vez o livro.

Figura 14 – Laranja Pantone 1505U



Fonte: <https://connect.pantone.com/>. Acesso em: 30 de jul. 2023.

Dessa forma, para trabalhar com o laranja escolhido e manter o valor unitário do livro dentro do orçamento esperado para o sucesso da campanha de financiamento coletivo, optamos por um tom de laranja em Pantone (Figura 14) ao invés de utilizarmos o sistema de quatro cores, CMYK, para a mistura de tons a fim de chegar no laranja desejado. Isso porque, na prática, a segunda opção encareceria a produção do *Populário*, impossibilitando a confecção dos paratextos ou até mesmo o sucesso do financiamento através do Catarse.

5.3 PAPÉIS E ACABAMENTOS

Parte essencial de um projeto impresso, a materialidade dos produtos foi pensada pela familiaridade em que os conteúdos a serem produzidos para o *Populário* são comumente encontrados, mas também pelo valor final unitário de cada um junto ao nosso orçamento de financiamento coletivo. Para isso, definimos que para o miolo de um livro comercial, 14 cm x

21 cm, faríamos uso do papel Pólen, uma vez que papéis amarelados são mais confortáveis aos olhos, evitando assim o cansaço visual, e essencialmente indicado para livros evitando a transparência do texto e das figuras do verso da página (ARAÚJO, 2008). Dessa forma, *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços* foi feito em papel Pólen Bold 90g/m² com a capa em Supremo 300g/m². Contudo, para a construção do *Atlas do Populário* fizemos o uso de papel Couchê 120g/m², uma vez que uma boa alvura do papel facilita na aplicação de tinta (ARAÚJO, 2008), e, devido a escolha de impressão em 4x4 em um produto similar a uma revista, a escolha final dá conta das necessidades do produto.

Com as definições de papéis para o livro e o livreto, seguimos para os demais brindes, como o adesivo, feito em papel adesivo com corte especial redondo, impresso em 4x0, os marcadores de página e os postais em papel Supremo 300g/m² impresso em 4x4. Porém, diferente dos demais paratextos, os crachás não foram feitos em papel, a fim de manter uma maior verossimilhança com a realidade, sendo produzido em cartão de PVC com furo ovoide, além de um cordão personalizado feito em impressão Dupla Face, que acompanha fixador, argola e clips jacaré.

5.4 PARATEXTOS

Para além do livro, pensando nos paratextos idealizados para a publicação, iniciamos uma busca de referências no Catarse, para entender os brindes em comum que a categoria de livros oferecia. Chegamos a decisão inicial de produzirmos adesivos, marcadores de páginas e postais, sendo esses os brindes comuns da categoria, um livreto com informações exclusivas do processo de produção do *Populário*. E crachás, alinhando este último ao conceito da publicação, sendo os apoiadores deste kit, os funcionários que trabalham na cidade fictícia homônima ao livro. A fim de alinharmos nossas escolhas gráficas com os brindes, fizemos orçamentos em gráficas online para entender o impacto dos paratextos no valor final da campanha de financiamento coletivo, bem como as variações de cores CMYK que poderíamos usar, tendo ou não a possibilidade de utilizarmos 4x4, 4x2, 4x1, ou só 4x0.

Ainda durante essa etapa, nos meses de fevereiro e março elaboramos esboços iniciais para cada paratexto, fossem apenas ideias ou testes gráficos, como no caso dos marcadores. Dessa forma, conseguimos alinhar melhor o conceito da publicação e descartar algumas ideias, devido ao custo final da produção ou por não se encaixarem mais ao rumo que a obra estava tomando, como é o caso da pintura trilateral, com alto custo e que, caso todas as metas do

financiamento coletivo fossem alcançadas, faria com que o produto final se tornasse um exagero com inúmeros acabamentos gráficos.

Durante a etapa do pré-projeto, definimos alguns brindes para acompanharem a publicação através do Catarse, por ser uma prática comum, mas também por, não ser fixado dentro da publicação, mas ter seu próprio espaço físico, embora limitado (GENETTE, 2009). Criando uma narrativa em conjunto ao livro e ao mesmo tempo podendo ser trabalhado em uma estratégia de exclusividade, através dos kits criados por nós. Por isso, ainda em fevereiro, durante essa etapa de planejamento, iniciamos a produção de brindes, ou parte deles, que eram de nossa autoria, como alguns marcadores e o verso dos postais, bem como a esquematização de como o *Atlas do Populário*, inicialmente chamado de Manual de Construção, seria.

Foi, também, nessa etapa que, concomitante aos orçamentos feitos com gráficas online, notamos a necessidade de planejarmos um tamanho padrão para nossos marcadores, postais, adesivos e o livreto. Para que, caso precisassem passar por modificações nas medidas, não sofressem com alterações que demandassem um retrabalho nosso. Para isso, definimos os marcadores como sendo 21 cm x 5,5 cm, por ser um tamanho padrão de marcadores de livros, com impressão 4x4. As proporções dos postais e o *Atlas do Populário* foram definidas pelos padrões da gráfica AtualCard, selecionada pelo custo-benefício ao nosso financiamento coletivo, bem como pela indicação de uma das integrantes da nossa comissão curatorial. Dessa forma, os postais possuem as dimensões de 14,8 cm x 9,94 cm em um esquema de cores 4x4, e o *Atlas* 10 cm x 15 cm também em 4x4. Por fim, também condicionamos as dimensões do crachá personalizável, de cada apoiador, devido ao padrão da gráfica Exxpress, sendo 5,4 cm x 8,6 cm com impressão em RGB (hexacolor) feita por sistema de termotransferência, o que justifica o uso do sistema de cores próprio para telas em um produto impresso.

5.4.1 Adesivo

Após os processos editoriais que antecederam a elaboração definitiva do projeto gráfico e a diagramação do *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, iniciamos as produções dos brindes de autoria da Editora Crisálida, ainda dentro do prazo das nossas ilustradoras, a fim de otimizar tempo. Começamos a produção pelo adesivo, uma vez que, como havíamos definido os demais brindes, sabíamos que era necessário indicar a marca da editora em algum deles, reforçando que o livro e todos os paratextos foram desenvolvidos por nós. Por isso, adaptamos a nossa logo para caber em um círculo de aproximadamente 5 cm, em um sistema de impressão em 4x0.

5.4.2 Marcadores de página

Assim, com o adesivo já concluído, iniciamos a criação dos versos dos quatro marcadores de texto, pois dependíamos das ilustradoras para entregar as ilustrações que seriam aplicadas na frente. A elaboração do design dos versos segue a referência dos mapas de algumas cidades brasileiras, localizados através do Google Maps, sendo eles o Distrito Federal, Belo Horizonte em Minas Gerais e Teresópolis no Rio de Janeiro; assim como, a Ilha de São Cristóvão no Equador, todas presentes no Apêndice G. Cada escolha foi feita pensando em como a cidade *Populário* foi construída, saindo de um relevo com maior elevação, expandindo para um relevo Serra do Mar próprio do Brasil, devido a formação geológica e falta de encontro das placas tectônicas. Por isso também buscamos referências de ilhas para entender a dinâmica do território com o mar, e a partir disso mesclamos os quatro mapas em um, de forma harmônica, para vetorizar o mapa da cidade tendo como base essa construção de referências montadas por nós. Com todas as ruas vetorizadas e os destaques dos pontos turísticos, iniciamos a distribuição de edifícios residenciais e comerciais, sendo o primeiro da cor cinza e o segundo em amarelo, assim como são distribuídos no Google Maps, a fim de dedicar uma maior veracidade ao produto.

Contudo, após a produção do que idealizamos como verso dos marcadores, fizemos um teste de impressão junto da ilustração enviada pela nossa ilustradora Anne Giaretta²⁶ para testarmos a combinação entre ambas as artes. Foi devido a isso que redefinimos a quantidade de marcadores que faríamos, uma vez que ambas não conversavam em conjunto, mas funcionavam muito bem com o conceito da obra, por isso não poderiam ser descartados sem descredibilizar os trabalhos já desenvolvidos. Assim, consideramos manter cada uma das ideias com potências individuais, evitando o conflito entre elas, dessa forma, desenvolvemos duas coleções de marcadores ao invés de uma, sendo a das ilustradoras a *Coleção Paisagens*, com três marcadores; e a nossa *Coleção Mapa*, com quatro marcadores de página; totalizando sete (Apêndice H).

Durante a etapa de *briefing* com as ilustradoras, provocamos cada uma delas a pensar em diferentes cenários de uma cidade, fossem espaços recreativos em um ambiente com natureza ou uma rua de um centro urbano. Dessa forma, cada uma delas seguiu direções distintas, mas que ao mesmo tempo conversam com a ideia central de uma cidade. A Andressa Gonçalves²⁷ manteve a representação do afeto ilustrado em suas outras arte para o *Populário*,

²⁶ Ilustradora selecionada para contribuir com os paratextos.

²⁷ Estudante de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda na UFSM.

dessa vez trazendo a mão de duas pessoas a instantes de se tocar, junto de três borboletas para representar a marca da Editora Crisálida. Já a Anne trouxe a cidade em seu ápice de atividade, em um horário do fim da tarde, mas sem a presença de uma figura humana, apenas da mochila no ponto de ônibus. Por fim, a Luiza²⁸ trouxe o movimento e a ocupação das ruas em uma celebração, arte adaptada do postal também desenvolvido por ela.

Figura 15 – Marcadores de página da Antofágica



Fonte: Reprodução Antofágica, 2023.

Devido essas mudanças, os versos dos sete marcadores precisaram ser repensados, para isso, resgatamos uma ideia antiga que foi pouco considerada na etapa do pré-projeto, de desenvolver um marcador tipográfico inspirado nos da Antofágica (Figura 15). Para isso, nos utilizamos da composição tipográfica determinada para o título da obra, e presente na capa do livro, e a reaproveitamos nesse espaço, com o acréscimo da frase idealizada para ser utilizada durante toda campanha de financiamento coletivo: “Um lugar onde ser é o bastante”.

²⁸ Ilustradora selecionada para contribuir com os paratextos.

5.4.3 Postais

A produção dos postais também se iniciou concomitantemente com a dos marcadores, iniciando, assim como a outra coleção de brindes, pelo design do verso. Para isso, fizemos uma busca na internet por imagens de postais reais, mesclando dois modelos (Figura 16) a fim de encontrar uma harmonia entre eles. Com as referências estabelecidas, seguimos para a produção do verso, utilizando as linhas horizontais no lado direito, para criar um espaço em que alguém possa escrever uma mensagem, os retângulos logo abaixo para o preenchimento do CEP, e a logo da Editora Crisálida no canto superior direito. Já à esquerda, nomeamos o postal pelo título dado a cada ilustradora, bem como seus nomes, e no canto inferior esquerdo os dizeres “Editora Crisálida”. O postal da Andressa foi nomeado como “Viagem a um porto-seguro”, o da Anne de “Escapismo” e o da Luiza de “Sábado é dia de praia” (Apêndice I).

Figura 16 – Inspirações para verso dos postais



Fonte: Reprodução Freepik, Grazi Ruiz - Design Gráfico, 2023.

Já a produção da frente dos postais ficou por conta das ilustradoras, que entregaram, mais uma vez, materiais distintos que conversam entre si pela temática da cidade. “Viagem a um porto-seguro” representa mais uma vez os afetos entre as pessoas da comunidade LGBTQIA+, trazendo um grupo de amigos em um ambiente urbano, em frente a um edifício, posando para uma foto. “Escapismo” traz a representação de um bairro mais antigo, que conversa diretamente com o “Centro Histórico”, com três casas antigas sem a presença de pessoas, mas com três gatos ilustrados como referência aos da ilustradora. “Sábado é dia de praia” traz a arte do marcador de página ampliada, com as pessoas ocupando a rua em uma celebração.

5.4.4 Crachás

Para a produção dos crachás (Apêndice J) buscamos referências reais de crachás de identificação para empresas, do qual localizamos um *mockup* (Figura 17) que serviu de inspiração para o layout do nosso, com as distribuições dos elementos semelhantes, com poucas alterações. Como as cores do *Populário* e da Editora Crisálida em harmonia, laranja, rosa e verde, o retângulo com as bordas arredondadas, um círculo com a foto de cada apoiador e escritor, e por fim, o texto base para todos os 45 crachás, divididos em “Borboletinha Criativa”, “Borboletinha Escritora”, “Borboletinha Dedicada”, e dois crachás distintos dos demais, “Borboletinha Trabalhadora” e “Borboletinha Especial”. Esses dois últimos são dedicados para membros especiais, Júlia de Almeida, da comissão curatorial, por nos acompanhar desde o início do projeto, e Bartho, pet falecido de uma das nossas autoras, Ana Ribeiro. Por fim, o verso de todos eles mantém um padrão, com a mensagem “Este crachá pertence a alguém muito especial, que trabalha todos os dias para tornar o Populário um lugar cada vez mais seguro para todos. Um agradecimento caloroso da Editora Crisálida!”.

Figura 17 – *mockup* do crachá referência



Fonte: <https://univisual.com.br/produtos/cracha/>.

5.4.5 Atlas do Populário

O *Atlas do Populário* (Apêndice K) foi o último dos paratextos a ser produzido, logo após o término da campanha de financiamento coletivo, uma vez que, pela proposta do material, o conteúdo foi feito pensando nos bastidores de todo o processo de criação do *Populário*. Devido a isso modificamos o nome anterior do brinde, Manual de Construção, durante a fase de preparação e revisão do conteúdo, tendo em vista que a palavra “manual” transmitia ao leitor a sensação de aprender como montar algo. Por isso, voltamos nossos esforços para o conceito pensado no projeto editorial da publicação, a fim de conversar com os demais paratextos, e criamos um *moodboard* (Figura 18) com referências de plantas de cidade e revistas de arquitetura.

Figura 18 – *Moodboard* para o Atlas



Fonte: Elaboração dos autores, 2023.

Esse exercício nos auxiliou na construção do livreto em seu design, pois, referenciados pelos tipos de mapas diferentes, pudemos enfim criar um conceito para o *Atlas do Populário*, que, apesar de conversar com o restante dos paratextos e com o livro, possui sua própria direção. Assim, para esse brinde seguimos a ideia de um atlas, que reúne diferentes tipos de mapas que condensam informações sobre determinado território, o que no nosso caso, se volta para a cidade *Populário*. Para isso definimos quatro tipos de mapas que foram utilizados ao longo das 24 páginas do livreto, sendo eles o de linhas, transporte, hidráulico e o topográfico.

Dessa forma, tendo em mente que o produto poderia ser produzido em 4x4, não reunimos todos os elementos principais na cor laranja do *Populário* puramente pela questão orçamentária, mas por uma escolha intencional de manter a identidade da publicação. Contudo, utilizamos demais cores para os demais mapas distintos e as fotos anexadas ao conteúdo textual, a fim de ilustrar o que o texto está descrevendo. Embora o uso de cores estivesse mais flexível do que para o livro, para a capa mantivemos o cuidado de seguir o conceito e a identidade do *Populário*, mantendo o uso do branco do papel, o preto e o laranja, com o uso do mapa de linhas ao fundo, para, iconograficamente, introduzir o leitor ao conteúdo interno. O mesmo se repete para a contracapa, que traz uma mensagem sobre a reprodução do conteúdo que pode ser encontrado no *Atlas do Populário*, bem como os contatos da Editora Crisálida.

Ao abrir o *Atlas do Populário* o leitor é introduzido aos elementos pré-textuais, com a folha de créditos das pessoas envolvidas na produção do brinde em questão, bem como informações legais, como a reprodução do conteúdo. Além disso, na página ímpar nós os introduzimos ao que encontrarão ao longo das próximas páginas, explicando um pouco sobre o *Populário* e entregando aos leitores o tom da publicação, com uma linguagem mais despojada. Em sequência, ainda nos elementos pré-textuais, apresentamos o conceito da publicação que veio desde a elaboração do conteúdo textual preparado e futuramente revisado: intervenções escritas em caligrafia própria de ambos os integrantes deste projeto, que reproduzem conversas internas sobre decisões no corpo do texto, além de ideias a serem seguidas ou descartadas; bem como rabiscos e destaques em laranja. Dessa forma, na página par apresentamos o conceito e na página ímpar seguimos com o sumário que auxilia o leitor no conteúdo seccionado do *Atlas do Populário*.

Seguindo a ordem do sumário, a primeira seção do *Atlas do Populário*, “Mapa de Estudo” apresenta, através do conceito do mapa topográfico, os primeiros momentos de estudo e execução do projeto, como o projeto editorial, a nuvem de palavras, a escolha da comissão curatorial e do time de ilustradoras, além dos textos selecionados e a identidade da publicação. Essa seção também é responsável por situar por completo o leitor no tom da canoa, com a

presença das intervenções textuais e iconográficas escolhidas por nós, como o risco, seta e o círculo em laranja e os comentários feitos em fonte própria. Além disso, na página de entrada temos o mapa topográfico na margem esquerda, fazendo alusão aos primeiros traços do *Populário* como publicação, e, como elemento de localização, na cartola da página ímpar temos o fólio em um retângulo com uma seta recortada indicando a página. Exclusivamente, nessa parte do livreto, temos um balão de comentário feito externamente ao texto, brincando com o fato de nos denominarmos Cris nas redes sociais e no *Atlas*.

Ainda nessa seção apresentamos a nuvem de palavras, também presente neste relatório, e o significado da palavra populário retirada do dicionário, ambos estilizados em elementos retangulares com as bordas arredondadas. Além disso, para marcar as subseções de todo o *Atlas do Populário* utilizamos os títulos em cor laranja, um tom em CMYK aproximado da tinta Pantone selecionada para o *Populário*, e para uma maior coesão, mantemos o fólio sempre na mesma localização, na cartola da página ímpar, com exceção de uma página, o início da segunda seção, uma vez que se inicia na página ímpar. Por fim, um elemento que também irá se repetir por todo o livreto, a fim de localizar o leitor na seção em que se localiza, é a cartola da página par, com exceção de quando a seção inicia nesta, que apresenta o nome da seção sobre uma linha preta.

Após cinco páginas de introdução aos primeiros momentos do projeto, avançamos para a segunda parte, denominada “Mapa de Fundação” com o planejamento das ilustrações e elementos gráficos presentes no livro e nos paratextos, como o próprio *Atlas*. Assim, utilizamos a referência dos mapas hidráulicos e de distritos mostrando o avanço na criação do produto, trazendo mapas mais elaborados e coloridos. Nesta seção o leitor é introduzido às primeiras ideias para os brindes, as que foram descartadas e as que foram selecionadas como definitivas, assim como explicamos a construção do mapa da cidade, utilizado nos marcadores da *Coleção Mapa* e no sumário do *Populário*. Para isso, mantemos os elementos e intervenções propostas para o *Atlas*, com a identidade do laranja predominante e dos retângulos com cantos arredondados, trazendo informações adicionais.

Por fim, a última seção, denominada “Mapa Urbano”, apresenta ao leitor as definições do livro, curiosidades sobre os ícones e os elementos na mancha gráfica, além dos momentos finais da campanha de financiamento coletivo, bem como o processo de divulgação que também será abordado neste relatório no capítulo 5 deste relatório, no tópico 5,1. Para isso utilizamos o mapa de ruas (Figura 49) e o de transporte (Figura 50), em que as ruas da cidade e as linhas de ônibus estão definidas, reforçando a ideia de processos criativos desse espaço comum e de convivência chamado *Populário*.

5.5 CAPA, CONTRACAPA, LOMBADA E ORELHAS

Como o objetivo do *Populário* é agregar diversas visões do mundo e artísticas, idealizamos desde o princípio trabalhar em conjunto com um ilustrador para desenvolver a capa do livro. Assim, criamos o *briefing* (Apêndice D), descrevendo nossa ideia em que tivéssemos a silhueta de uma pessoa e dentro dela um lugar reconfortante e público que seria o *Populário*, além de um conjunto de referências positivas e negativas. Dessa forma, selecionamos Andressa Gonçalves, que fez como esboço (Figura 19), uma ilustração em que ela representou pessoas em uma praça. O que nos agradou e nos fez escolher a artista foi que ela escolheu demonstrar o afeto entre as pessoas em sua ilustração, e que os três personagens são reconhecidos como pessoas, principalmente, o da direita, que pode ser facilmente entendido como uma figura masculina e/ou feminina.

Figura 19 – Esboço recebido



Fonte: Andressa Gonçalves, 2023.

Com esse esboço definido como aquele que queríamos lapidar para compor a obra final, convidamos a artista para colaborar com a gente. Andressa aceitou a proposta, então,

solicitamos algumas alterações: que o fundo fosse mais urbano, com casas ao invés dos arbustos; que fizesse alguns ajustes nas raízes da árvore devido a perspectiva; e que a cesta de piquenique tivesse menos linhas para que as flores fossem mais visíveis. Não planejamos que a ilustração se estendesse da primeira orelha até a segunda orelha, mas quando vimos a potência da arte, concordamos que fosse contínua. Demos liberdade criativa para a artista dentro da proporção de largura 7 cm para as orelhas; 14 cm para a primeira e quarta capas; e 1,2 cm de lombada, totalizando 43,2 cm de largura e 21 cm de altura com sangria de 0,3 cm. Solicitamos também que mantivesse um espaço reservado para a arte tipográfica do título do livro, sinopse, código de barras e texto das orelhas. A ilustração final (Figura 20) expande esse cenário urbano em que diversas pessoas ocupam o espaço e demonstram afeto publicamente sem medo de serem quem são. Nossa intenção é que o leitor se sinta acolhido pela cidade fictícia do *Populário* desde seu contato inicial com o livro.

Para a capa final (Figura 21), aplicamos os textos na primeira capa, a arte tipográfica foi a já definida desde o início, no espaço superior; e a informação textual de quem organizou e ilustrou a obra, no rodapé. Na quarta capa inserimos a frase destacada que sintetiza o obra; a sinopse desenvolvemos para fazer a divulgação no site do PublishNews²⁹, que foi revisada pela Ana Ribeiro³⁰; no fim desse bloco textual damos as boas-vindas a cidade; além do código de barras e ISBN no rodapé.

Na primeira orelha optamos por destacar o nome de todos os autores por ser um dos primeiros contatos do leitor, logo em seguida da capa do livro. Na segunda orelha inserimos o nome de todos que trabalharam no projeto do *Populário*: os organizadores da obra; integrantes da comissão; e as ilustradoras. Na lombada, aplicamos a arte tipográfica do título de forma simplificada e a logo da editora vazada, devido a impressão em duas cores. Por fim, para a segunda e terceira capa fizemos a impressão da cor sólida do Pantone, nossa ideia inicial era trazer outra ilustração nesse local, mas devido à complexidade da ilustração da capa, as duas manteriam uma relação de conflito.

²⁹ Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/04/10/destaques-de-abril-na-area-indie-livro-infantil-e-duas-obras-de-tematica-lgbtqia>. Acesso em: 29 de junho de 2023.

³⁰ Acadêmica de Comunicação Social - Produção Editorial na UFSM, que trabalha com sinopses.

5.6 IDEIAS INICIAIS

Durante toda a elaboração do projeto, alinhamos alguns pontos que julgamos serem de extrema importância, alguns dos quais exploramos durante o projeto editorial baseado em Samara (2011). Para isso, ainda no pré-projeto fizemos um exercício de comparação das manchas gráficas de livros que possuíamos em casa, que tivessem características em comum com o *Populário*, para fazermos um cotejo entre eles e selecionarmos o que mais nos agradava em termos de harmonia na composição. Cada um foi selecionado por um motivo, do qual Nicotina Zero³¹ e A Cabeça de Santo³² foram selecionados pelos seus projetos gráficos harmônicos, Terceiro Travesseiro³³ pela temática LGBTQIA+, Os Dois Morrem no Final³⁴ também pela temática, mas principalmente pelo público-alvo infantojuvenil, e Na Berma de Nenhuma Estrada³⁵ por ser um livro de contos. Esse exercício auxiliou na elaboração da mancha gráfica que se manteve durante toda a produção do *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, sendo a superior de 2cm e a inferior, interna e externa de 1,5cm. Com essas definições, fizemos um esboço inicial (Figura 22) de como idealizávamos a diagramação do livro, distribuindo o texto da mancha gráfica com o título de cada original, sua autoria e os elementos que conversavam com o nosso conceito, como o ícone identificador de cada texto e o ano em que ele havia sido escrito na cidade *Populário*, esse último posteriormente modificado para outra ideia.

Desde o início do projeto não consideramos outro formato que não o tradicional 14 cm x 21 cm, por ser de extrema importância, para promover a bibliodiversidade, que o *Populário* seja um projeto comercial. Mas, para além dos propósitos sociais e comerciais, o formato escolhido segue uma proporção 2:3, idealmente harmônico para a mancha gráfica do livro, e que não o destrói visualmente, uma vez que a mancha e o tamanho do papel são proporcionalmente iguais, (TSCHICHOLD, 2007). Essa escolha, justificada em muitos pilares, auxiliou nas nossas escolhas gráficas do *Populário*, como a do uso da cor.

A partir desse exercício da mancha gráfica, experimentamos disposições na página pautadas em sempre reforçar o conceito de que cada texto havia sido escrito na cidade fictícia

³¹ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Nicotina-Zero-Alexandre-Rabelo/dp/856993100X>. Acesso em 17 de jul. 2023.

³² Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535923698/a-cabeça-do-santo>. Acesso em 17 de jul. 2023.

³³ Disponível em: <https://www.gruposummus.com.br/livro/terceiro-travesseiro-o/>. Acesso em 17 de jul. 2023.

³⁴ Disponível em: <https://intrinseca.com.br/livro/os-dois-morrem-no-final/#:~:text=Uma%20história%20sensível%20e%20emocionante,pode%20mudar%20em%2024%20horas>. Acesso em 17 de jul. 2023.

³⁵ Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535927559/na-berma-de-nenhuma-estrada>. Acesso em 17 de jul. 2023.

que criamos. Para isso, mantivemos o título do original em destaque, seguido do nome da pessoa autora e alteramos a data ficcional que o texto teria sido escrito para localizá-lo no mapa, produzido para os marcadores, mas também utilizado como suporte ao nosso sumário. Assim, para reforçar e conectar todos esses elementos textuais, criamos ícones para cada um dos textos selecionados, como elementos de identificação tanto para a obra quanto para o assunto tratado no original, bem como para o folio, diferenciando as seções do livro, “Centro Histórico” e “Bairro Novo”. Dessa forma, alcançamos a versão final da mancha gráfica do Populário (Apêndice L), com disposições semelhantes às vistas no esboço.

Figura 22 – Esboço da mancha gráfica do *Populário* para prosas



Fonte: Elaboração dos autores, 2023.

Para alcançarmos a harmonia com a tipografia selecionada e os elementos da página, como os ícones dos textos e do fôlio, criamos estilos de parágrafos, que auxiliam na diagramação, para as prosas e para as poesias. Dessa forma, para ambos mantivemos um tamanho e fonte em 11 pt, uma vez que, embora o padrão dos programas gráficos seja 12 pt, ótimo para legibilidade em telas, tipos de texto com esse número de pontos costumam ficar grandes na página impressa, por isso, recomenda-se tamanhos entre 9 pt e 11 pt (LUPTON, 2018). Sendo assim, pela escolha tipográfica serifada, mantivemos nas prosas um entrelinhamento de 16,5 pt, para mantermos uma linha base com uma vez e meia a altura do x, isso porque o padrão dos programas gráficos é de 120%, e expandir o entrelinhamento torna o

texto da nossa mancha gráfica mais legível descarregando o peso da cor preta (LUPTON, 2006). O recuo de 1 cm na primeira linha das prosas, para facilitar na diferenciação do fim de um parágrafo e o início do próximo (TSCHICHOLD, 2007), já para as poesias as entrelinhas são de 14 pt sem recuo.

6 CONSTRUÇÃO DA CIDADE DO *POPULÁRIO*

A estrutura do livro foi pensada a partir de Müller (2018) e ficou definida como elementos pré-textuais: falsa folha de rosto, folha de rosto, epígrafe, dedicatória, sumário e apresentação. Os elementos textuais são divididos em duas partes: o “Centro Histórico”, onde se encontram as narrativas mais densas e o “Bairro Novo”, onde apresentamos novas perspectivas. E, ainda, para autor, como pós-textual o colofão. Todavia, como Plínio Martins (2016) afirma a posição que esses elementos se apresentam pode variar de editora para editora. Assim, adaptamos os agradecimentos, ficha técnica, ISBN, ficha catalográfica, apresentação dos autores e lista de apoiadores do Catarse também como elementos pós-textuais. Com a definição da estrutura e das ilustrações que iriam compor a publicação, iniciamos o processo de diagramação. Foi importante que tudo estivesse bem definido para essa etapa para que pudessemos fechar o número de páginas que contemplasse os cadernos utilizados pela Gráfica Pallotti³⁶, que são de 32 páginas. Dessa forma, com os elementos pré, textuais e pós, definimos o livro para ter 192 páginas.

6.1 ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

O que foi considerado como pertinente e desejávamos reproduzir das referências era a atenção aos elementos pré-textuais, na falsa e na folha de rosto para que elas fossem mais que apenas blocos de informações repetidos e obrigatórios. Assim, combinando tipografia, ilustrações e iconografia, pretendemos imergir o leitor do início ao fim do livro, o levando a passear pelas ruas da cidade *Populário*. Então, a falsa folha de rosto é uma placa de estrada que indica que o leitor está chegando a cidade, nesse momento, apresentamos a quilometragem em que o número de quilômetros que acompanha as partes do livro são o número de páginas correspondentes que o leitor vai folhear para chegar até elas.

A folha de rosto vem logo em seguida, nos inspiramos em uma das nossas referências, o *Ex Libris* (2020), que utiliza a página par, para compor a folha de rosto. Assim, ela é composta por uma placa, que contém o título da obra acompanhado, mais uma vez, de “seja bem-vindo”, além das informações de organização e ilustração, número da edição, logo da editora, cidade de publicação e ano. A intenção com esses elementos é combinar as informações obrigatórias e opcionais, segundo Martins Filho (2016), com a ilustração, fazendo uma harmonia para que um não ofusque o outro.

³⁶ Disponível em: <https://graficapallotti.com.br>. Acesso em: 17 de jul. 2023.

Nas próximas páginas temos a dedicatória e a epígrafe que foram diagramadas com a mesma lógica, com o texto na fonte serifada Ten Oldstyle VF 11 pt, em semibold itálico, alinhados à direita, e centralizados verticalmente no centro da página. Para a fonte da epígrafe aplicamos o nome do autor em Pantone, como também fizemos nos elementos textuais que são excertos.

A apresentação do livro tem sua diagramação inspirada no *1984* (2021), em que a ilustração cerca a caixa de texto. Assim, ainda no conceito da estrada e da cidade temos a ilustração do passageiro de um carro, em que vemos o painel e a estrada à frente. Também temos a borda do mapa, que representa os próximos elementos que são o mapa da cidade e o sumário. O texto desenvolvido por nossa orientadora, a nosso convite, está em caixas retangulares de bordas arredondadas, como quase todos os elementos desse formato, com um nível de transparência em que a legibilidade não seja comprometida ao mesmo tempo que permite a visualização da ilustração abaixo.

Alinhado ao conceito, adaptamos o mapa da cidade do *Populário*, para integrar o livro para reforçar o conceito como esse lugar em que todas essas narrativas coexistem. Para o mapa do livro simplificamos o dos marcadores da *Coleção Mapa* e dimensionamos ele para a página dupla, fazendo as adições necessárias, além disso, acrescentamos ícones para representar os textos individualmente como fossem pontos da cidade.

A iconografia foi construída de modo a trabalhar cada original se relacionando diretamente com o conteúdo do texto. Em alguns, temos representações mais literais, como “Linhas Entremeadas” que a narrativa se passa no metrô e seu ícone representa o transporte público, em outros, como “Gutural” que é uma casa assombrada devido a um dos versos ou “Entre Ecos e Necas” que é uma coleira, porque o eu-lírico afirma ser uma cadela. Para a borda dos ícones aplicamos o Pantone para dar mais contraste, mas de forma a não ser a forma cheia para que os 32 ícones não conflitem.

A poesia que abre o livro, não está no mapa, para representar que o crime de ódio descrito ao “homem qualquer” poderia acontecer em qualquer lugar e com qualquer um. Para a disposição dos ícones no mapa consideramos os locais que aqueles textos podiam ser facilmente representados, por exemplo, “Vagalumes” e “Mar” estão na praia por fazerem referência a esse local. Consideramos também se a abordagem dos textos era mais densa ou mais leve, para localizar os textos no mapa, deixando os que retratam situações de conflito interno com a própria identidade de gênero ou sexual ou vivências de preconceito mais à esquerda e os mais esperançosos ou que trouxessem novas propostas de narrativa mais à direita.

Nomeamos o Sumário como “Guia do Visitante”, para seguir com o conceito, como se o sumário fosse o verso do mapa e contivesse informações sobre os ícones. Nessas páginas nós como editores falamos diretamente com o leitor pela primeira vez e explicamos como a publicação funciona, como e porque as partes são divididas, mas ainda reforçando que o leitor pode começar sua leitura individual sem ordem específica. Além da paginação que os textos se encontram, seus títulos e respectivos ícones, essas páginas contêm um endereço que representa o local marcado pelo mapa. “Ele é um homem como outro qualquer” tem seu endereço como local desconhecido, por não estar no mapa. Alguns textos estão em locais específicos como cinema ao ar livre, o hospital, estação de metrô, lago, banco, praia, parque nacional que compõem a cidade. Outros textos estão na mesma rua, mas em números diferentes como a Avenida dos Amores em que estão todos os textos românticos ou a Avenida Celeste que se localizam os textos com temáticas fantásticas. Os demais têm o nome da rua relacionado ao seu conteúdo.

6.2 ENTRADAS DAS SUBDIVISÕES

Para segmentar as duas seções do livro, representadas por espaços urbanos como o “Centro Histórico”, que reúne as narrativas mais densas e questionadoras, e o “Bairro Novo” que compila as novas perspectivas de vida e de se entender como uma pessoa LGBTQIA+. Para isso, o primeiro apresenta a ilustração em página simples de uma pessoa dentro do carro, a mesma presente nas páginas da apresentação, em frente a uma paisagem de um bairro antigo, com prédios de poucos andares e um muro pichado, além de uma placa de identificação, que traz o nome da seção e indica quantas páginas faltam, pela quilometragem assim como na falsa folha de rosto, para o leitor alcançar o “Bairro Novo”.

Já a entrada do “Bairro Novo” apresenta uma ilustração em página dupla, em que pela primeira e única vez, vemos a pessoa que está dentro do carro avançando pelas ruas do *Populário*, sorrindo de olhos fechados enquanto passa por um grupo de amigos em frente a um edifício, o mesmo presente no postal “Viagem a um porto-seguro”. Ao lado deles, uma placa de indicação com o nome da seção, com a quilometragem restante para a “Estrada Popular”. Na “Estrada Popular”, introduzimos os elementos pós-textuais, com a mesma pessoa que transitou por toda cidade do *Populário*, com os pés para fora do carro, enquanto a paisagem volta a se tornar uma estrada com vistas naturais, com uma placa indicando a distância em quilômetros, sendo a quantidade de páginas, para alcançar o “Centro Histórico” e o “Bairro Novo”.

6.3 ELEMENTOS TEXTUAIS

As entradas de todos os textos seguem o mesmo padrão (Figura 23) com o ícone no topo da página, seguido pelo título em Pantone, o endereço do texto no mapa e nome dos autores. Optamos por deixar os endereços em uma hierarquia da informação maior que o nome dos autores para reforçar o conceito. O corpo tanto das poesias, quanto das prosas seguem a margem estabelecida no item 4.5 e as fonte e entrelinhas descritas no item 4.2.3, as prosas não tem espaço depois dos parágrafos enquanto as poesias possuem espaço de 12 pt entre as estrofes e sem recuo nas linhas. Inicialmente pensamos em equalizar todos os conteúdos, mas os versos das poesias pareciam desconexos entre si com a entrelinha 1,5, aplicamos, então, uma entrelinha menor. No corpo, também fizemos a aplicação do Pantone como forma de destacar alguns elementos, como por exemplo “Eu quero **viver**” em “Máscara de Porcelana”. Além disso, queríamos um indicador gráfico para indicar em que seção o leitor está, para isso, adicionamos os ícones dos postes antigos para o “Centro Histórico” e os ícones dos postes modernos para o “Bairro Novo” ao redor do fólio.

Figura 23 – Estrutura da abertura dos textos



Fonte: Elaboração dos autores, 2023

A entrada da segunda parte do livro é uma ilustração de página dupla, com uma placa que indica para o leitor, a entrada da nova parte. A placa também contém a distância para o leitor chegar à “Estrada Popular”, como nomeamos a localização dos elementos pós-textuais, por eles ainda estarem no livro, mas não serem mais a cidade do *Populário*, como se o leitor pegasse a estrada e estivesse indo para uma nova viagem. Do mesmo modo, a parte textual se encerra com uma ilustração de página com uma placa, que indica a chegada a “Estrada Popular”, com a quilometragem (número de páginas) que o leitor está distante do “Bairro Novo” e “Centro Histórico”.

6.4 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

Nomeamos esses elementos de “Documentos Oficiais”, como se o leitor estivesse diante de alguns documentos antigos. Nesse momento temos a aplicação pela primeira vez da fonte sem serifa no livro, para informações em tamanho menor. Inicialmente, consideramos também incluir a biografia dos autores em um paratexto que fosse a revista que posteriormente se tornou o *Atlas*, mas isso aumentaria os custos de produção, porque todos os livros teriam que acompanhar uma revista. Por isso, apresentamos primeiro ao leitor as biografias dos autores, para dar destaque às pessoas e as vozes que compõem o *Populário*. Usamos a mesma estrutura para todos os autores, em que solicitamos uma biografia com número limitado de caracteres para aplicarmos na página. Fizemos as devidas alterações para que todas tivessem entre três e sete linhas, para todos coubessem na “Ficha de Autores”. Até o fim dos elementos pós textuais usamos uma moldura, para fazer referência a uma lista telefônica. Para a biografia dos autores, dividimos as informações com o uso do Pantone, inserindo nessa linha o(s) título(s) dos textos de cada autor ou pseudônimo. A partir da segunda página, temos um rodapé também para fazer alusão a lista telefônica e alertar sobre a exposição indesejada de autores que se utilizam pseudônimos. A ordem dos nomes não segue uma lógica específica, mas é feita para equilibrar visualmente as páginas. Finalizando as biografias, incluímos os fundadores do *Populário* (Mar e Lucas), além de nossa orientadora.

O leitor encontra, então, a Lista Telefônica, forma que encontramos para integrar os nomes dos apoiadores na publicação de uma forma visualmente mais interessante que apenas uma lista. Inicialmente, tivemos a ideia de colocar essa informação no verso da capa como a referência visual do *Ex Libris* (2020). No entanto, consideramos que essa informação no verso fosse conflitar com a capa ilustrada. Então, decidimos inserir no miolo do livro, dando o devido espaço. Criamos uma lista com profissões essenciais para o funcionamento de uma cidade e

sem grande diferenciação entre os kits disponíveis no Catarse e a ocupação que o apoiador representa.

No rodapé, inserimos o aviso que qualquer número real que esteja nas páginas são mera coincidência e para o leitor não passar trotes. Contudo, queríamos manter a ideia de lista telefônica, por casar diretamente com o conceito da cidade, para isso, inserimos o código de país +55, para valorizar a cultura nacional e para o DDD, código de área, decidimos por um que ainda não fosse utilizado atualmente, conforme o Apêndice M.

Nos agradecimentos retiramos as bordas para que o texto maior tivesse mais respiro e não competisse com as margens. Finalizamos essa sequência de elementos pós-textuais com o fechamento dos “Documentos Oficiais”. Na folha de créditos e na ficha catalográfica destacamos as ocupações de cada pessoa que trabalhou no livro com o pantone, além das redes sociais da editora. Nossa escolha de transformar esses elementos usualmente pré-textuais em pós é para que pudéssemos utilizar a página dupla para as duas fichas sem interferir com a imersão do leitor no início.

Por fim, no colofão, temos uma última placa, que nos lembra a da falsa de rosto com a indicação que o leitor está saindo do *Populário*, com “volte sempre”, abaixo temos a descrição de um pouco sobre o processo, os insumos utilizados e a gráfica que imprimiu.

Na construção do livro, tentamos seguir o conceito escolhido nos pautando nessas definições para fazermos escolhas. Nossa intenção foi construir uma publicação coesa que tivesse não só uma qualidade do conteúdo, como um cuidado, tanto técnico quanto estético com detalhes que guiam o leitor pelo livro. Durante a produção do *Populário* utilizamos um laranja que se aproxima do Pantone para que pudéssemos visualizar a composição, mas para o envio à gráfica, alteramos os elementos para 100% magenta. A troca foi facilitada devido ao uso de estilos de parágrafo e caracteres.

7 NOVAS FORMAS DE LEGITIMAÇÃO

Parte essencial para que o livro *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços* alcançasse os leitores, o financiamento coletivo é uma forma de legitimação do autor independente e das pequenas editoras, principalmente os agentes que não manifestam privilégios da classe dominante e integram as minorias sociais. Por isso, durante toda a elaboração do projeto, sabíamos que, apesar de um Trabalho de Conclusão de Curso, o *Populário* deveria ser muito mais do que isso, e precisava circular para além dos muros da universidade pública. Dessa forma, estruturamos alguns passos a fim de compreender como utilizar as plataformas de *crowdfunding* como ferramenta de inserção no mercado.

Sendo assim, iniciamos pesquisando com quem tínhamos contato e que já havia se utilizado de uma plataforma de financiamento coletivo, o Catarse. Por isso, no dia 4 de outubro de 2022 nos reunimos via Google Meet com Fabio Brust, a fim de compreender mais as lógicas do financiamento e garantir algumas dicas sobre a plataforma. Ao término da reunião, acessamos uma tabela de custos de produção e valores a serem cobrados produzida pelo próprio Catarse³⁷, do qual fizemos o uso inicial com o intuito de entender as dinâmicas do financiamento, como a taxa de 13% cobrada pela plataforma, bem como os custos de envio e questões legais, como a ficha catalográfica e o ISBN, que devem ser considerados ao orçamento. Essa tabela foi um terreno virtual de grande experimentação, uma vez que suas fórmulas automáticas facilitam e simplificam o entendimento sobre as abas de produção do financiamento, e o termômetro ao final indica se a campanha está com o valor correto para custear todos os gastos ou não.

Outra etapa de estudo do Catarse foi feita no início de 2023, quando estudamos outras campanhas de financiamento hospedadas na plataforma, fossem bem-sucedidas ou não. Dessa forma, iniciamos nossas análises pela campanha de modalidade Tudo ou Nada do *Ex Libris* (2020), que alcançou sua meta, financiada entre os dias 10 de outubro a 09 de dezembro de 2019, entendendo a dinâmica dos kits e quais brindes poderíamos produzir, como os marcadores de página e os postais. Além disso, a campanha de modalidade Flex do perfil Diversidade Nerd de Chris Gonzatti, *Boy Magya Contra o Monstro do Armário*³⁸, publicação com a temática LGBTQIA+, que obteve seu sucesso no dia 7 de junho de 2023. Também analisamos outras

³⁷ Disponível em: [Tabela de preços](#).

³⁸ Disponível em: https://www.catarse.me/boymagya?ref=ctrse_explore_pgsearch. Acesso em: 2 de jul. de 2023.

campanhas que não foram bem-sucedidas, contudo, não consideramos interessantes expor esses projetos neste trabalho.

Esse segundo momento serviu para que compreendêssemos algumas dinâmicas em comum para as campanhas bem-sucedidas, como é o caso do *Ex Libris* (2020), ou de campanhas que se encaminharam, durante a época da pesquisa, para uma conclusão positiva, como é o caso de *Boy Magya Contra o Monstro do Armário*. Entre eles tínhamos: uma ótima descrição detalhada do projeto, com o objetivo e a destinação do valor financiado; a presença de kits variados para diferentes públicos para distintas plataformas, no caso do *Ex Libris* o livro físico e o e-book; cards com *mockups* ilustrando o produto a ser vendido, bem como os brindes que acompanham cada kit; e promoções com limite de apoiadores ou de tempo, que servem para impulsionar as vendas na plataforma, fazendo com que o Catarse recomende o projeto na sua página de destaques.

Dessa forma, após o estudo da plataforma e orçamentos feitos com gráficos online, iniciamos a produção das peças gráficas para a divulgação da campanha no Catarse³⁹, após a criação do perfil da Editora Crisálida no site. Contudo, conforme ainda encaminhávamos o projeto editorial para sua fase final, não havíamos determinado o objeto livro para conversar com o conceito de cidade, uma vez que só após a conclusão do projeto editorial tivemos esse entendimento. Por isso, as primeiras peças seguem a ideia da editora, com as cores da Crisálida e vetores de borboletas.

Após a conclusão do projeto editorial, retrabalhamos as peças gráficas para que conversassem com o conceito de lugar, dessa forma, utilizamos o mapa desenvolvido para os marcadores de página da *Coleção Mapa*, em tons de cinza, dando destaque ao título com o laranja CMYK, simulando o tom em Pantone selecionado para o *Populário*. Além disso, acrescentamos dois tópicos à descrição da campanha: “O Livro” e “As Ilustradoras”, uma vez que já havíamos encerrado a seleção de ilustradores e já havíamos formado a nossa equipe. Também mantivemos as cores do mapa no card das ilustradoras, para fazer alusão ao trabalho delas de dar cor ao *Populário*.

Em paralelo a produção dos cards descritivos sobre o projeto, desenvolvemos os modelos para a descrição de cada kit. Para isso, primeiramente, elaboramos um total de oito kits iniciais, mais um promocional (Tabela 1) programado para o final da campanha de financiamento coletivo, a fim de, em conjunto com a divulgação nas redes sociais, alavancar as vendas do projeto. Tomamos essa decisão baseado nas informações que obtivemos junto ao

³⁹ Disponível em: catarse.me/populario. Acesso em: 2 de jul. 2023.

Fabio em nossa reunião, pois, segundo ele, as campanhas costumam avançar muito nos últimos dias. Para cada um dos kits, pensamos em estratégias que melhor atendessem cada público, desde o leitor em telas ao leitor em papel, além da possibilidade de economizar comprando um kit com dois livros físicos e dois e-books, bem como, fizemos a distribuição dos brindes pensando no custo de produção e o fator exclusividade, possível com os dois últimos brindes, sendo eles, o crachá e o *Atlas*.

Tabela 1 – Kits

Kit	E-book	Livro	Adesivo	Marcadores	Postais	Atlas	Crachá
Lagarta do Desconto	X	1	X	X	X	X	X
Lagarta de Pixel	1	X	X	X	X	X	X
Lagarta de Papel	1	1	1	1 (sortido)	X	X	X
Crisálida	1	1	1	1 (sortido)	3	X	X
Crisálida Dupla	2	2	4	4 (Coleção Mapa)	6	X	X
Borboletinha Turista	1	1	2	3 (Coleção Paisagens)	3	X	X
Borboletinha Guia	1	1	2	4 (Coleção Mapa)	3	X	X
Borboletinha Curiosa	1	1	2	7 (Ambas as coleções)	3	1	X
Borboleta Dedicada	1	1	2	7 (Ambas as coleções)	3	1	1

Fonte: Elaboração dos autores, 2023.

Assim, com a elaboração dos kits conseguimos dar início a produção dos cards ilustrativos de cada um, do qual, escolhemos *mockups* com licença aberta para reproduzirmos o conteúdo que estava sendo produzido por nós e pelas ilustradoras, utilizando também o mapa como forma de identificação e unidade visual. Além disso, também criamos a descrição textual de cada kit na plataforma, fazendo o uso de *emojis* a fim de deixar o texto mais atrativo e convidativo, acrescentando também que todos os kits, com exceção da Lagarta de Pixel, tinham

frete grátis para todo Brasil e o nome nos agradecimentos da publicação, feito como a “Lista Telefônica” em elemento pós-textual.

Também elencamos neste momento as metas estendidas, visando que, caso a campanha avançasse mais do que esperávamos, pudéssemos garantir ao público comprador que o *Populário* seria melhorado com mais acabamentos gráficos. Por isso, definimos que, ao ultrapassarmos a meta inicial de R\$22.500,00, e alcançando o valor de mais mil e quinhentos reais, a impressão do livro seria feita em capa dura e acompanharia um fitilho especial. Para o montante de R\$25.000,00 determinamos todos os benefícios anteriores com o acréscimo de uma sobrecapa, em que trabalhamos melhor o mapa do *Populário* em um produto dobrável, que ficou por ser definido posteriormente, e apresentaria o nome das ruas junto aos ícones dos textos e os principais pontos turísticos da cidade, algo que diluímos e aproveitamos a ideia no *Atlas do Populário*.

Com todas as peças gráficas prontas, a comissão curatorial e a equipe de ilustradoras selecionadas, e com o término do edital de submissão de textos, no dia 1 de abril lançamos a nossa campanha de financiamento coletivo pela plataforma do Catarse. Dessa forma, voltamos nossos esforços para a divulgação da campanha, que serão melhores explorados no tópico 6.1 deste relatório. Contudo, vale ressaltar que, durante toda campanha, principalmente em momentos chave, como os primeiros dias, a divulgação através do Diário de Santa Maria, e o lançamento do kit promocional, obtivemos ajuda nas redes sociais das pessoas do nosso ciclo de amizades, incluindo nossa comissão curatorial e autores.

Vale ressaltar, que após um mês de campanha, a fim de introduzir o projeto a possíveis novos apoiadores fora do nosso ciclo social, desenvolvemos um vídeo⁴⁰ explicativo sobre o *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, que foi hospedado em nosso canal do YouTube e anexado a campanha no Catarse. Do qual, ao longo de aproximadamente quatro minutos falamos sobre a importância desse espaço para a nossa comunidade e o sucesso do financiamento coletivo, em uma mensagem que tenta sensibilizar possíveis apoiadores. Além disso, com o avanço da campanha, utilizamos a aba de novidades da plataforma para mantermos um canal de comunicação mais direto com nossos apoiadores, uma vez que, a cada notícia lançada, um e-mail é enviado ao endereço cadastrado pelo comprador de um dos nossos kits. Além disso, foi possível definir quem poderia acessar cada notícia, proposta permitida também pela plataforma, para trazer um caráter de exclusividade, sendo assim, ao longo da campanha

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=okUcyHR76P8>. Acesso em: 2 de jul. 2023.

enviamos onze notícias, das quais cinco o público geral poderia acessar, cinco que apenas quem apoiou o projeto teve acesso, e uma para apoiadores do kit “Borboleta Dedicada”.

Por fim, após meses de estudo sobre a plataforma, estratégias de divulgação e de marketing, a campanha de financiamento coletivo do Catarse para o *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços* foi bem-sucedida, alcançando no dia 31 de maio o total de 101% da meta, que equivale o montante de R\$22.834,00. Assim, após os primeiros momentos de comemoração, estudamos as abas que poderiam nos ajudar nessa fase da campanha e fizemos o uso delas, como a de requerimento do valor financiado e a aba questionários. Neste último pudemos, através da plataforma, desenvolver questionários personalizados para cada kit, contudo, o fizemos apenas para o “Borboleta Dedicada”, solicitando que os apoiadores enviassem ao nosso e-mail uma foto para a composição do crachá personalizado. Além disso, também enviamos questionários para que os apoiadores dos demais kits confirmassem seu endereço para a entrega do livro, marcada para o mês de julho.

Com o valor do financiamento recebido em conta, já considerando o desconto da porcentagem de 13% do Catarse, seguimos com as solicitações de documentos legais, como o caso do ISBN com a Câmara Brasileira do Livro⁴¹, e a ficha catalográfica com a Biblioteca Central da UFSM, este último não cobrado em espécie, com a condição de enviarmos um exemplar para o acervo da biblioteca. Esses documentos foram essenciais para fecharmos o arquivo final do *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços* e enviarmos para a Gráfica Pallotti no dia 19 de junho de 2023.

7.1 MEIOS DE DIVULGAÇÃO

Conforme descrevemos ao longo deste relatório, diversas atividades foram feitas a fim de alcançar alguns objetivos deste trabalho, como a publicação de um livro diversamente plural e representativo. Porém, embora tenhamos tido a ajuda da nossa comissão curatorial, dos nossos autores, ilustradoras e dos amigos próximos, além do uso dos nossos próprios perfis, sentimos a necessidade de divulgar o nosso trabalho em perfis oficiais da Editora Crisálida. Para isso, ainda nas etapas iniciais do *Populário*, criamos um Instagram e um TikTok para a editora, a fim de, inicialmente, repassar informativos sobre os processos de submissão de textos e da comissão curatorial; e o segundo perfil para um maior alcance de novos públicos providos pelo algoritmo da plataforma. Por isso, além de divulgar os editais no site do curso de Produção Editorial, pela

⁴¹ Disponível em: <https://cbl.org.br>. Acesso em: 5 de jul. 2023.

coordenação do curso de Letras Bacharelado e Licenciatura, também fizemos o uso do perfil do Instagram para divulgar o projeto.

Foi nesse primeiro momento que, através desses canais de comunicação, começamos buscar perfis que conversassem com o nosso conteúdo, para além das duas redes citadas, como foi o caso do Twitter, que nos introduziu ao perfil⁴² Seleções Literárias: tira seu texto da gaveta, que consecutivamente nos guiou até o site⁴³ de mesmo nome. O site em questão é responsável por divulgar editais voltados a produção de textos literários, por isso, entramos em contato a fim de solicitar a divulgação do nosso edital, o que, durante a fase dos encontros com os autores, descobrimos uma quantidade expressiva que chegou até o projeto através do perfil do Twitter e do site. Além disso, entramos em contato com diversos outros perfis, incluindo de influencers que falem sobre o universo literário, como o caso da egressa de Produção Editorial, Camila Veloso, que aceitou nosso convite para falar sobre o edital de submissão de textos e divulgou em seu perfil no Instagram, no dia 24 de março, um *reel*⁴⁴ sobre a nossa chamada.

Esse primeiro momento de divulgação serviu principalmente para criar contatos entre perfis que sejam relacionados à comunidade LGBTQIA+ ou ao universo literário num geral, além de, aos poucos criar um vínculo com o nosso público, com a utilização das principais ferramentas do Instagram, como *story*, postagens no *feed* em foto ou vídeo no *reels*. Por isso, durante esta etapa, publicamos em nosso perfil dezoito postagens em formato foto, e quatro vídeos no *reels*, que foram readaptados para o TikTok e publicados na plataforma. Além disso, produzimos conteúdo exclusivo para o aplicativo de vídeos, com mais quatro vídeos que não foram adaptados para o Instagram. Essa estratégia serviu principalmente porque, diferente da outra rede social, não possuímos um público base do nosso ciclo de amigos e conhecidos. Dessa forma, utilizamos o algoritmo da plataforma para alcançar novos públicos e explicar através dos nossos conteúdos, um pouco sobre o trabalho da Editora Crisálida.

Ao fim dessa primeira etapa, que antecedeu a campanha de financiamento coletivo, alvo da maior produção de conteúdo para as redes sociais, trabalhamos com a divulgação da editora, da equipe de comissão curatorial e das ilustradoras. Além de, aos poucos, introduzir o nosso futuro produto a ser vendido pelo Catarse⁴⁵, os movimentos da editora com os orçamentos do

⁴² Disponível em: https://twitter.com/Selec_Liter. Acesso em 5 de jul. 2023.

⁴³ Disponível em: <https://selecoesliterarias.com.br>. Acesso em: 5 de jul. 2023.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CqLu1qRAdBq/?igshid=MTIzZWxMTBkOA==>. Acesso em: 2 de jul. de 2023.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CpgGmbrvF4h/?igshid=MTIzZWxMTBkOA==>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

livro e da divulgação na UFSM no campus de Santa Maria⁴⁶, bem como postagens informativas a respeito dos editais e processos de seleção abertos.

Durante esse período, mantivemos um layout padrão para os cards de divulgação no Instagram, contudo, com a aproximação do lançamento da campanha no Catarse, resolvemos mudar a identidade dos posts, mantendo as informações a esquerda junto a um texto breve, mas trazendo um fundo mais leve e a presença de elementos dinâmicos nas bordas do card. Assim, no dia 1 de abril iniciamos uma nova fase de divulgação, mais intensa que a anterior, a fim de conseguirmos alcançar a nossa meta, com uma série de postagens voltadas a explicar o funcionamento da plataforma, os métodos de pagamento e os kits disponíveis, fossem feitas utilizando a ferramenta *story*, *feed* ou *reels*. Para além disso, demos mais um passo em direção a outras formas de divulgação pré-selecionadas por nós, como a criação de uma comunidade no WhatsApp, para o repasse de informações exclusivas e notícias sobre o projeto, o Diário de Santa Maria, com publicação feita em 8 de abril (Figura 71), do qual tentamos contato desde o início do edital de submissão de textos, mas obtivemos uma maior aproximação apenas em abril, por conta de Letícia Klusner⁴⁷. Bem como o portal PublishNews especializado sobre o mercado editorial, criado em 2001 pelo editor e consultor Carlo Carrenho, que nos publicou em 10 de abril⁴⁸ na área indie, mas subiu no site uma redação no dia 6 de abril apenas sobre o projeto⁴⁹.

Ambos os espaços serviram como propulsores na divulgação, cada um atingindo um nicho específico de leitores, como é o caso do PublishNews, que alcançou pessoas que trabalham, consomem e/ou se interessam pelo mercado editorial, ou o Diário de Santa Maria, um jornal de relevância que está em contato com uma parcela da população local da qual, nesse primeiro momento não poderíamos alcançar sem estratégias de impulsionamento pago. Contudo, embora o jornal impresso tenha nos divulgado como forma de matéria na seção Cultura, o portal sobre o mercado editorial cobrou o valor da publicidade na área indie, que nós julgamos ser importante investir nesse espaço.

Positivamente, ao longo do mês de abril, enquanto mantínhamos nossa programação de conteúdo no Instagram e no TikTok, além de fomentar o Catarse e a nossa comunidade no WhatsApp, conseguimos firmar mais parcerias de divulgação para a campanha do *Populário*.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CqEM6AVP356/?igshid=MTIzZWxMTBkOA==>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁴⁷ Graduanda de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/04/10/destaques-de-abril-na-area-indie-livro-infantil-e-duas-obras-de-tematica-lgbtqia>. Acesso em: 3 de jul. 2023.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/04/06/ser-e-suficiente>. Acesso em: 3 de jul. 2023.

No dia 18 de abril, o perfil Mariacultsm⁵⁰ do Instagram publicou uma postagem colaborativa junto ao nosso, divulgando a campanha no Catarse e introduzindo o projeto aos seus mais de cinco mil seguidores. Além disso, no final do mês de abril, recebemos um convite da UniFM para conversarmos no programa ao vivo Fala Aí, no bloco de entrevistas⁵¹, sobre o *Populário*, aproveitando o tema sobre livros devido a programação da 50ª Feira do Livro de Santa Maria, a convite da âncora Cristine Michelin⁵².

Figura 24 – Divulgação no Diário de Santa Maria



Fonte: Reprodução autores, 2023.

No final do mês de abril, o saldo de divulgação incluiu no Instagram dez postagens de imagem, oito delas em carrossel, do qual um décimo é referente a postagem em conjunto com o perfil Mariacultsm, e seis vídeos *reel*. Além de, ao longo do mês, utilizarmos a ferramenta de *story* para atualizações mais pontuais ou contato direto com o público, a fim de fidelizar nossos seguidores, sendo assim, com exceção de sete dias no mês de abril, todos os demais tiveram um ou mais *stories* publicados. Já no TikTok, além dos seis vídeos publicados no Instagram,

⁵⁰ Disponível em: <https://instagram.com/mariacultsm?igshid=MTIzZWxMTBkOA==>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁵¹ Disponível em: https://www.instagram.com/reel/Crj1cXSv_0j/?igshid=MTIzZWxMTBkOA==. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁵² Graduanda de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM.

tivemos mais três exclusivos na plataforma, dois deles sobre livros com acabamentos gráficos^{53,54} e um sobre o dia do produtor editorial⁵⁵.

Durante o mês de maio intensificamos nossas estratégias de divulgação nas redes sociais, iniciando com a produção do vídeo explicativo sobre o projeto, hospedado no recém criado canal do YouTube⁵⁶ e integrado à campanha do Catarse. Esse vídeo foi produzido por nós em conjunto com mais dois amigos, com captação de áudio feita pelo celular, e de vídeo por uma câmera Canon EOS Rebel T5i. Além disso, no início do mês de maio, devido a continuação da 50ª Feira do Livro de Santa Maria, participamos como público ouvinte em uma roda aberta intitulada Santa Maria no Multiverso da Leitura, ministrada por Lucio Pozzobon⁵⁷ com a presença de influenciadores digitais que falam sobre o universo da literatura. Foi esse espaço que utilizamos para conversarmos diretamente com as influenciadoras, Laura Coelho e Vitória Damian, e firmarmos uma parceria, enviando a elas o texto “Mani-me-cure” para a leitura íntegra, para que posteriormente pudessem desenvolver um conteúdo sobre o conto e o projeto.

Também, ainda em maio saímos mais uma vez no Diário de Santa Maria, dessa vez em uma matéria na edição digital⁵⁸, escrita por Letícia Klusener. Foi também nesse momento que começamos a explorar mais os textos presentes no *Populário*, uma vez que todos os termos de cessão de direitos autorais estavam devidamente assinados e parte do conteúdo estava sendo encaminhado para a fase final de revisão. Sendo assim, o primeiro vídeo sobre os textos saiu no Instagram e no TikTok no dia 10 de maio, em que o Mar aparece como modelo, junto a um protótipo do *Populário* em mãos, enquanto narra um trecho do conto “Ok”⁵⁹, escrito por ele. Já no dia 14 de maio, divulgamos o segundo vídeo com um trecho do conto “Entrelugares”⁶⁰, escrito por Lucas Braga, que também é modelo no *reel* e faz a locução do trecho.

Além disso, ao mesmo tempo em que divulgamos os nossos vídeos lendo trechos de dois contos, a influenciadora Laura Coelho liberou, também no dia 10 de maio, em seu

⁵³ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZM2myWWAK/>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁵⁴ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZM2myGXxc/>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁵⁵ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZM2myVrLM/>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/@EditoraCrisalida/featured>. Acesso em: 3 de jul. 2023.

⁵⁷ Blogueiro e criador do portal All POP Stuff.

⁵⁸ Disponível em:

https://diariosm.com.br/cultura/saiba_quais_sao_e_como_funcionam_as_editoras_de_santa_maria.503851.

Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CsEsa12OxRo/?igshid=MTIzZWMyMTBkOA==>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁶⁰ Disponível em:

https://diariosm.com.br/cultura/saiba_quais_sao_e_como_funcionam_as_editoras_de_santa_maria.503851.

Acesso em: 3 de jul. de 2023.

Instagram o vídeo sobre “Mani-me-cure”⁶¹, bem como aproveitou o espaço para divulgar, neste mesmo vídeo e em seu *story*, um pouco sobre o projeto. Com o conteúdo produzido e a avaliação positiva do vídeo, enviamos a ela o conto “Vagalumes” de Mar Fonseca para a produção de um conteúdo similar. Ademais, devido ao vídeo produzido por Laura, outra influenciadora nos alcançou, Thaís Sayu⁶², que se propôs a desenvolver um vídeo ilustrando um dos contos enquanto narra um pouco sobre a história lida, por isso, enviamos “Vagalumes” à ela, pela facilidade na liberação do conteúdo, uma vez que foi escrito por um dos integrantes deste trabalho, e para não entregarmos novidades demais sobre o conteúdo do livro, e mantermos algumas surpresas. Assim, ambas as influenciadoras publicaram durante o mês de maio seus vídeos sobre o mesmo conto^{63,64}, contudo, não tivemos uma devolutiva positiva da influenciadora Vitória Damian devido a problemas pessoais, o que inviabilizou a produção de conteúdo sobre o *Populário*.

Entretanto, ainda oriundo da nossa rede de contatos criada na 50ª Feira do Livro de Santa Maria, tivemos o apoio de Lucio Pozzobon e de suas postagens tanto em seu perfil pessoal como no All POP Stuff⁶⁵, seja no Instagram⁶⁶ ou no site⁶⁷. E, concomitante a tudo isso, no dia 28 de abril, recebemos a notificação de que Clara Alves⁶⁸ havia compartilhado em seu *story* um dos nossos *reels* sobre o *Populário*, além de, em seguida, recebemos um e-mail da sua agente, respondendo uma mensagem que havíamos enviado durante a etapa de submissão de originais, informando que Clara havia se encantado pelo projeto e que havia compartilhado em suas redes sociais. Infelizmente, como através do Catarse não conseguimos medir quais apoiadores vieram por qual link específico, somos incapazes de afirmar com certeza o que essa divulgação rendeu para o projeto, contudo, o apoio dela e seu alcance foram essenciais para que mais pessoas fossem impactadas pelo *Populário*.

⁶¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CsER5aIOXO5/?igshid=MTIzZWxMTBkOA==>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁶² Disponível em: <https://instagram.com/sayurro?igshid=MTIzZWxMTBkOA==>. Acesso em: 3 de jul de 2023.

⁶³ Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CsO_9SvCjI/?igshid=MTIzZWxMTBkOA==. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁶⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CstegRLPtst/?img_index=1. Acesso em: 3 de jul de 2023.

⁶⁵ Disponível em: <https://instagram.com/allpopstuff?igshid=MTIzZWxMTBkOA==>. Acesso em: 3 de jul de 2023.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cry1BvvPCQB/?igshid=MTIzZWxMTBkOA==>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.allpopstuff.com/2023/05/conheca-o-populario-lgbtqia-vivencias.html>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁶⁸ Revisora, copidesque, editora e autora nacional dos livros “Conectadas” (2019) e “Romance Real” (2022).

Nas últimas semanas antes do término da campanha no Catarse, utilizamos a ferramenta de impulsionar no Instagram para um de nossos *reels*⁶⁹, programando um total de duas semanas para a circulação do conteúdo. Escolhemos o último mês, pautado nas informações cedidas durante nossa reunião com Fabio, e criamos um público-alvo coerente ao selecionado em nosso projeto editorial. O alcance total do vídeo foi de 137.916 mil visualizações, das quais 584 usuários acessaram o site da campanha no Catarse, sendo esse o objetivo selecionado pela dupla no momento da turbinação.

No fim, durante o mês de maio, produzimos dez postagens em foto no Instagram, seis em vídeo no *reel*, e com exceção de quatro dias, todos os demais tiveram um *story* ou mais sobre o projeto. Já o TikTok recebeu apenas um vídeo exclusivo, pela sobreposição de funções acumuladas entre nós dois, como a preparação dos originais e suas revisões, a diagramação do livro, dos brindes e dos desenvolvimentos de estratégias para promoção da campanha de financiamento coletivo. Entretanto, todos esses esforços foram responsáveis pelo sucesso do *crowdfunding*, que resultou em 101% da meta atingida no último dia de campanha. Dessa forma, direcionamos nossos esforços para divulgarmos diariamente em nosso *story*, avanços do processo de produção do livro e dos paratextos, bem como as idas até a Gráfica Pallotti e o recebimento dos primeiros materiais impressos.

Até o presente momento deste relatório, nosso último grande anúncio no Instagram foi feito para anunciar o lançamento do *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, para o dia 15 de julho no Espaço Multiuso da UFSM. O evento, que contará com um momento de exposição sobre as etapas do projeto, mesa de autógrafos e venda de kits, está com uma agenda de divulgação programada para próximo da data do evento, dessa forma, não poderemos discorrer detalhadamente sobre o assunto.

7.2 ENVIO E LANÇAMENTO

Durante todo o processo da campanha de financiamento coletivo, mantivemos nossas esperanças altíssimas, embora soubéssemos da possibilidade de não conseguirmos financiar o *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*. Por isso, não hesitamos em manter nossos planos de curadoria para os kits dos apoiadores, solicitando, ainda em abril, um sinete na Sellarte⁷⁰, a fim de selarmos os envelopes com os três postais desenvolvidos pelas nossas ilustradoras. Contudo, a produção das embalagens só teve início após o término da campanha

⁶⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cr6XM5gttPw/?igshid=MTIzZWxMTBkOA==>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

⁷⁰ Disponível em: <https://ceraparalacre.com.br>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

de financiamento coletivo e o seu sucesso, sendo assim, solicitamos através de uma papelaria online 100 unidades de envelopes pretos, além de, comprarmos rolos de papel Kraft e manteiga para embalar os kits.

Assim, nos últimos finais de semana do mês de junho, com alguns marcadores de página já impressos e com o término da produção do *Atlas do Populário*, iniciamos a produção dos selos, sendo eles de cor branca, verde e laranja, em que o primeiro foi utilizado por vir junto ao sinete, o segundo devido o verde da logo da Editora Crisálida e o terceiro pela paleta de cores do *Populário*. Além disso, durante o mês de junho, elencamos junto a nossa orientadora espaço em que pudéssemos cogitar o lançamento do livro, decidindo por fim em utilizarmos um espaço acadêmico, uma vez que o *Populário* surgiu como parte do nosso Trabalho de Conclusão de Curso. Sendo assim, entramos em contato com o Espaço Multiuso da UFSM e solicitamos o espaço para o evento de lançamento no dia 15 de julho de 2023, das 17:00 às 20:00, em um espaço que comporta aproximadamente duzentas pessoas, para falarmos do processo de criação do livro e dos seus paratextos, seleção dos autores e criação da nossa equipe com a comissão curatorial e ilustradoras, bem como um momento para autógrafos com os autores locais, retiradas dos kits para os apoiadores residentes e venda dos materiais que sobraram da campanha.

Planejamos, porém, o envio dos kits dos apoiadores que não residem em Santa Maria para o dia 17 de julho, dois dias após o lançamento oficial, através do Correio pelo envio em Registro Médico, categoria pensada para o transporte de livros e similares. Com a previsão do envio de 54 kits. Contudo, como outros tópicos adiante deste relatório, não podemos descrever o processo, uma vez que a data programada está para depois da entrega deste relatório.

7.3 ACESSIBILIDADE

Durante os primeiros rascunhos do nosso projeto, tínhamos a intenção de, se possível, produzirmos um *audiobook* a fim de experimentar a etapa de produção desse tipo de conteúdo, contudo, devido à complexidade do nosso projeto e a sobreposição de tarefas editoriais, descartamos essa ideia ainda durante a etapa do projeto editorial. Contudo, ao selecionarmos o texto da autora Roseane Córdova, conversamos internamente sobre a acessibilidade de um e-book compatível com um leitor de telas. Entretanto, durante nossa reunião com a autora e sua amiga, que serve como ponte de conexão entre nós e ela, descobrimos que a maior facilidade de Roseane é com livros falados, uma vez que, está mais familiarizada com o formato. Sendo

assim, centralizamos os nossos esforços para a produção do nosso e-book em formato *Epub* e um livro falado por meio de apoio institucional da UFSM.

Porém, adiantamos que o processo para alcançar uma ajuda mínima foi desanimador e por vezes encontramos mais barreiras do que esperávamos. Logo após nossa reunião com a autora, entramos em contato com a Associação de Cegos e Deficientes Visuais de Santa Maria (ACDV), que nos indicou o contato da coordenação do curso de Educação Especial da UFSM, do qual entramos em contato imediatamente e recebemos como devolutiva um e-mail acolhedor, do qual se propuseram nos auxiliar em quaisquer dúvidas que tivéssemos sobre o assunto, além de nos encaminhar links úteis para materiais teóricos sobre o assunto. A partir disso, pudemos estudar mais sobre a diferença de *audiobook* e livro falado, uma vez que acreditávamos ser o mesmo tipo de produção, se diferenciado no ponto em que o *audiobook* muitas vezes possui o tratamento com efeitos especiais sonoros e de voz, bem como trilhas sonoras e mais de um locutor (JESUS, 2011 *apud* FONSECA; LIMA, 2020). Já o livro falado, surge para promover acessibilidade às pessoas com deficiência visual, tendo uma produção mais técnica e próxima do som das palavras, ditas de forma nítida e compreensível, respeitando o tom de voz e entonação das pontuações (FONSECA; LIMA, 2020).

Após o suporte inicial da coordenação do curso de Educação Especial, marcamos uma reunião e conversamos mais sobre o nosso projeto, a importância de a autora receber um livro do qual ela pudesse ter acesso a todo o conteúdo, e tiramos algumas dúvidas sobre a produção do livro falado. Além disso, recorremos a Coordenadoria de Assuntos Educacionais (CAED), especializada em suporte em acessibilidade aos docentes e discentes da universidade, contudo, o único suporte que se propuseram a nos dar foi o acesso em materiais desenvolvidos por eles, como um mini manual de práticas acessíveis. Dessa forma, recorremos a Coordenadoria de Tecnologia Educacional (CTE), que nos respondeu com um período de um mês depois, com entraves quanto ao financiamento coletivo impedir a produção de um Recurso Educacional Aberto (REA), alegando que, embora o projeto fosse vinculado a uma docência, a comercialização dele conflitaria com o produto de recurso aberto e livre para todos. Embora tenhamos argumentado, propondo soluções, como a produção de diferentes ISBN para as publicações, como uma para o livro físico, outra para o e-book e uma última para o livro falado.

Mais uma vez, tentamos apoio com a CAED e o máximo que conseguimos foi o suporte na revisão das descrições de imagens e a produção da página do poema de Roseane Córdova em braille. Sem muitas opções, aceitamos a ajuda parcial e providenciamos em tempo hábil as

descrições para revisão, bem como buscamos com o Estúdio 21⁷¹ a possibilidade da produção do livro falado, do qual recebemos uma resposta positiva e marcamos as gravações para os dias 03 e 05 de julho, duas diárias totalizando aproximadamente seis horas. Assim, para a gravação do livro falado, contamos com a ajuda de Emanuely Menezes Vargas⁷² como modelo de voz para a produção, do qual no dia 3 de julho gravamos um material bruto de três horas. Durante a diária seguimos a ordem pré-textual do livro, passando dedicatória, epígrafe, apresentação e sumário, para logo em seguida seguirmos a ordem de textos poéticos, sendo eles: “Ele é um homem como outro qualquer”, “Gutural”, “na caixa”, “Tatu usagem”, “Trans versia”, “Entre Ecos e Necas”, “Terror mora ao lado”, “Intérprete”, “Afálico”, “Máscara de porcelana”, “Reapresentação”, “maçã”, “O nome transcende”, “conversa com Freitas e companhia” e “Mar”. Ignoramos as descrições das ilustrações e dos ícones uma vez que será feita por Lucas Braga, e podem ser gravadas em uma diária distinta da utilizada para os elementos textuais do *Populário*. Contudo, para bens didáticos, não podemos continuar a descrição desse processo, uma vez que a entrega deste relatório será feita antes do término das gravações e edição final do material bruto.

Outra produção feita momentos antes do início da produção do livro falado, o e-book em formato *Epub*, vale ser mencionado aqui por seus caracteres que foram adaptados da versão impressa do livro. Produzido no software Sigil⁷³, o material digital foi pensado, inicialmente, para os apoiadores do kit “Lagarta de Pixel”, contudo, adaptado para leitores de tela a fim de promover uma maior inclusão de público ao projeto. Para isso, alterações foram feitas, uma vez que, a capa, contracapa e as ilustrações presentes no livro são em formato de imagem, que dificultam o entendimento por deficientes visuais. Além disso, devido à sua produção feita através de programação, os dispositivos de tela podem oferecer adaptações na fonte, tamanho, entrelinhamento e modo de leitura, como paginado ou navegado verticalmente.

Dessa forma, além das exclusões comentadas anteriormente, os destaques em laranja foram retirados devido a falta de cor em leitores como o Kindle, mas, elementos foram retrabalhados, como é o caso do sumário. No e-book, este elemento pré-textual é um hiperlink que guia o leitor para a página correspondente, além disso, existe uma hierarquia nas informações do sumário, com subdivisões, e pode ser acessado através da interface de cada leitor de tela, como uma aba de conteúdo do e-book. Assim, após o término dos textos do

⁷¹ Disponível em: <https://www.ufsm.br/laboratorios/estudio21>. Acesso em: 5 de jul. 2023.

⁷² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

⁷³ Disponível em: <https://sigil-ebook.com>. Acesso em: 3 de jul. de 2023.

“Centro Histórico” e do “Bairro Novo”, temos a apresentação dos autores, dessa vez em ordem alfabética e sem o layout de lista telefônica, bem como dos apoiadores, que seguem a mesma lógica na sequência que a seção anterior.

Infelizmente, para este relatório, não podemos descrever como será feita a distribuição do e-book, uma vez que estamos estudando formas de impedir o compartilhamento ilegal do material com pessoas que não adquiriram a cópia digital do *Populário*. Atualmente estamos considerando a proteção através do DMS Social, ferramenta de proteção que combina as informações pessoais da pessoa apoiadora com a cópia digital do livro, contudo, o serviço é pago e prestado por terceiros, por isso, ainda não prosseguimos com esta etapa.

7.4 VOLTANDO PARA A COMUNIDADE

Meta estendida do financiamento coletivo, e iniciativa de doação para a comunidade LGBTQIA+ é a nossa forma de devolver à comunidade tudo que nos ensinaram ao longo das nossas formações cidadãs, além de entender a urgência de um projeto como o *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*, e a possibilidade desta publicação através do esforço coletivo. Por isso, embora tenhamos ultrapassado apenas 1% da meta pretendida na plataforma, o valor de R\$334,00 será repassado ainda no mês de julho para o Ambulatório Municipal LGBT+ Transcender.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desse longo, processo, reconhecemos que tanto o nosso objetivo principal de experimentar toda a cadeia produtiva de um livro independente foi alcançado; assim como, nossos objetivos específicos de criar uma publicação com viés social, que agrega à bibliodiversidade, com representações *queer* criadas por pessoas da comunidade, permitindo que autores iniciantes se insiram no mercado; foram bem-sucedidos. Para isso, passamos por um longo processo de múltiplas etapas editoriais, que normalmente são feitas por uma equipe, concentrando as tarefas em apenas duas pessoas. Na experimentação pudemos encontrar métodos transversais que auxiliaram na criação deste projeto, bem como nos utilizamos de estratégias já agregadas pelo currículo do curso de Produção Editorial.

Dessa forma, foi possível criar um livro diverso e acolhedor, que descentraliza as narrativas estereotipadas da comunidade LGBTQIA+, de forma que podemos trazer ao livro a possibilidade das identidades se constituírem por si próprias. Foi também, nessa experimentação, que reforçamos e respeitamos os processos editoriais, como a elaboração do projeto editorial e dos incansáveis testes de impressão que nos auxiliaram na lapidação dessa obra e seu conceito. Além de, nos apoiarmos em Ellen Lupton (2006, 2018) e Emanuel Araújo (2008) para as melhores escolhas gráficas e materiais, na criação de um produto com qualidades gráficas e sociais. Encontramos ao longo das ruas dessa cidade, uma equipe que se construiu diversa, movida pelos objetivos deste trabalho, que nos auxiliou em etapas essenciais para a experiência dos autores iniciantes selecionados para o *Populário*, inserindo-os na cadeia de produção e levando em consideração suas angústias transformadas em texto.

Esse caminhar também esbarrou em dificuldades que por muitas vezes se mostraram maiores do que poderíamos superar, como a campanha de financiamento coletivo no Catarse. Uma vez que, inicialmente para nós, seria impossível alcançarmos o montante total de R\$22.500,00, e mesmo assim perseveramos com muita dedicação e organização, seguindo nossos prazos e buscando ajuda em cada espaço que se sensibilizasse com os objetivos deste trabalho. Assim surgiram as principais parcerias descritas neste relatório, bem como os métodos de divulgação que, por vezes, foram exaustivos devido à alta demanda e sobreposição de funções desempenhadas por nós. Também não podemos esquecer as provocações feitas durante todo o curso de Produção Editorial, nos instigando a produzir materiais impressos e/ou digitais que pensem na acessibilidade. Por isso, é de extrema importância para nós, e às vezes frustrante que encontramos tantas dificuldades para isso, que fizemos do *Populário* um espaço completo

de acolhimento. Não apenas para nossa autora, mas para qualquer leitor que precise da acessibilidade como precisamos de um espaço acolhedor ao longo de nossas vidas. Por isso, retornar, qualquer valor financeiro que seja, à nossa comunidade, sempre foi um dos objetivos do financiamento coletivo, pois, para nós, como trabalho acadêmico, acumular capital com a campanha, para benefício próprio, seria esvaziar o sentido dessa causa.

Embora reconheçamos que nossos objetivos tenham sido alcançados, não significa que não tenhamos encontrado dificuldades. Nosso primeiro impeditivo foi a inserção do livro em grandes meios de comunicação, que seguem a lógica do mercado, dificultando a integração de novas representações. Mesmo que tenhamos ocupado os espaços como o do jornal impresso, não foi sem muito tentar e encontrar outros meios, por exemplo o contato de uma das estagiárias. Outra dificuldade foi a visibilidade dentro do Catarse em que nosso projeto não aparecia na página inicial da plataforma, talvez por um desconhecimento nosso do funcionamento do algoritmo. A ferramenta de financiamento coletivo também não colaborou com nosso projeto, em suas redes sociais⁷⁴ eles normalmente compartilham projetos em destaque, por isso entramos em contato com a plataforma, pedindo a divulgação, eles nos indicaram entrar no fluxo comunicacional, mas não obtivemos mais respostas. Ademais, encontramos muita dificuldade, principalmente institucional, para o apoio a acessibilidade, com a resistência da CAED em nos prestar suporte para o desenvolvimento do livro falado e do CTE que não nos ofereceu apoio técnico, nem possibilidades. Encontramos no Estúdio 21, o apoio técnico, tecnológico e a disponibilidade em nos oferecer apoio, ainda que o estúdio tenha uma extensa demanda devido às atividades acadêmicas dos quatro cursos de Comunicação Social.

Apesar das dificuldades em meios tradicionais de comunicação, ou pelas novas possibilidades de publicação, como o Catarse, foi no alternativo e no independente que encontramos nossa maior rede de apoio. Para além do nosso ciclo de amigos, colegas e conhecidos, que foi de extrema importância para a disseminação do nosso projeto, perfis como Maria Cult e das influenciadoras Laura Coelho, Thaís Sayu e Camila Veloso, foram o suporte que o *Populário* precisava para encontrar em novas bolhas sociais, uma possibilidade de existência. Porém, apesar da comunicação constante com essa via independente de produção, compreendemos que, para o andamento do projeto, erros foram cometidos nas etapas iniciais, como o equívoco de não solicitarmos um contato mais direto com cada pessoa autora, a fim de garantirmos uma comunicação mais presente no andamento das demais etapas. Além disso, apesar dos benefícios agregados por um corpo editorial múltiplo, a quantidade de pessoas e o

⁷⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/catarse/>. Acesso em: 5 de jul. 2023.

agenciamento dos prazos, por vezes, foi desafiador. Uma vez que, conscientes dos nossos prazos e que cada membro da comissão ou das ilustradoras, possui suas próprias dificuldades, se tornou cada vez mais difícil permitir flexibilidade em nosso cronograma. Pois, para além de cumprimentos de agenda com nossa instituição, também possuíamos a responsabilidade com o nosso público, que apoiou o projeto e aguardava por um produto de qualidade.

Contudo, todos esses processos descritos neste relatório, não seriam possíveis sem muita organização e cumprimento rigoroso do nosso cronograma, estabelecido durante o início de 2023. Reconhecemos que cada etapa possui seu nível de complexidade, e por isso, tentamos equilibrar ao máximo cada uma delas em um período de menos que seis meses; algo que, podemos categoricamente não recomendar, pela exaustão física, emocional e mental. Entretanto, apesar de tamanha organização, nos encontramos deslizando algumas vezes durante esses meses, como nos prazos estabelecidos nos editais para submissão de textos e para a comissão curatorial, algo que corrigimos na seleção de ilustradores e com os prazos estabelecidos às pessoas autoras. Porém, apesar do cumprimento rigoroso do nosso cronograma, do sucesso do financiamento coletivo e dos objetivos deste projeto, acreditamos ser de extrema importância conscientizar que ser um produtor editorial não é valorizar o acúmulo de funções, muito menos sobrepô-las. Por isso, mais uma vez, reforçamos que a reprodução deste projeto não é recomendável para uma equipe central tão pequena como a nossa, pois, é na coletividade e pluralidade de vozes que conceituamos e lapidamos o melhor produto.

Após todo este projeto finalizado, resgatamos que a proposta da criação de uma obra multiplamente diversa e genuinamente representativa, aos poucos foi se expandindo para todo o corpo editorial selecionado pela Editora Crisálida. Seria impossível agregarmos em um tempo tão hábil, os textos presentes no *Populário*, pelas limitações das nossas próprias vivências, mas também pelas experiências diversas no mercado editorial e nas etapas presentes nesse espaço. Também, na criação de um corpo editorial diverso, pudemos selecionar pessoas sensíveis ao projeto que não necessariamente fazem parte da comunidade LGBTQIA+, mas que foram gentis durante os processos de seleção e lapidação deste projeto. Além de todas as pessoas pertencentes à comunidade, que se sentiram parte da criação deste espaço seguro, e agregaram suas visões artísticas e/ou profissionais ao *Populário*.

Conforme definimos anteriormente, os capitais de Thompson (2013), permeiam todo este trabalho. E com a sua conclusão, observamos que conseguimos alcançar todos os capitais definidos pelo autor. O mais fácil de compreender, é o capital econômico, obtido pelo financiamento coletivo que permitiu a impressão do livro e seus paratextos. Em seguida, reconhecemos o capital intelectual, por meio da publicação do edital de submissão de textos,

tivemos acesso a originais que não conheceríamos. O humano foi composto pela comissão curatorial, os editores e preparadores de texto, as ilustradoras, assim como a valorização do nosso próprio trabalho, como profissionais especializados e capacitados. Além disso, conseguimos a construção mais sutil do capital simbólico, com o reconhecimento tanto da identidade visual da editora, como seu nome.

A legitimação das obras, pode seguir a proposta de Lugarinho (2003), com o próprio público possibilitando a existência de novas publicações. Em que o equilíbrio da auto representação LGBTQIA+ permita que os autores articulem suas vivências sem que sua presença no mercado se limite aos temas (DALCASTAGNÈ, 2012). Também precisamos que a legitimação venha do próprio cânone literário, em que análises sejam feitas de obras sobre a temática. Além disso, a própria existência de pesquisas e iniciativas, como esta, legitimam publicações *queer*.

Ao nos aproximarmos do fim deste relatório, compreendemos que nos estendemos demais nas descrições dos processos. Contudo, devido a tamanha complexidade do projeto, seria desleal conosco e com nossos leitores, omitir as etapas de produção do *Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços*. Pois, apesar de não recomendarmos a reprodução de um projeto similar por uma dupla, reconhecemos que foi nas múltiplas tarefas editoriais que a criação deste espaço foi possível. Apesar das dificuldades encontradas na entrada no cânone e no mercado editorial; no acesso aos meios tradicionais de comunicação e na produção de materiais acessíveis; o sucesso deste trabalho precisa ser exaltado, como forma de validar e reafirmar que a literatura escrita por pessoas da comunidade LGBTQIA+, possui público. E além, que essas pessoas autoras podem produzir muito mais do que apenas relatos sobre sua orientação sexual e/ou identidade de gêneros, pois são infinitas as dificuldades e glórias que formam nossas vivências, e esses atravessamentos não podem ser limitados às características que nos distinguem como coletivos sociais.

REFERÊNCIAS

- ALIANÇA INTERNACIONAL DE EDITORES INDEPENDENTES (org.). **Declaração Internacional de Editores e Editoras Independentes de 2014**: Para Juntos Mantermos Viva e Fortalecermos a Bibliodiversidade. 2014. Disponível em: https://www.alliance-editeurs.org/IMG/pdf/declaracao_internacional_dos_editores_e_editoras_independentes_2014_brazil-2.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2023.
- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2008.
- BORGES, Bárbara. **Um novo cenário para o negócio do livro**. São Paulo: Com Arte, 2010.
- BRUST, Fabio. **Ex libris**. Porto Alegre: Avec, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim do Século, 2003.
- CAIRO, Luiz Roberto Veloso. Memória cultural e a construção do cânone brasileiro. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6165903>. Acesso em: 7 de jul. 2023.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012. *Ebook*.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Quem pode fazer literatura, afinal?** 2015. Elaborado para Opera Mundi. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/samuel/40569/quem-pode-fazer-literatura-afinal>. Acesso em: 29 de maio de 2023.
- EARP, Fábio Sá. **A economia da cadeia produtiva do livro**. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.
- FIGARO, Rosiele. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. v. 16, n. 2, p. 124-131, maio-ago, 2014. DOI: 10.4013/fem.2014.162.06.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução: Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicure, 2016.
- LUGARINHO, Mário César. “Literatura de sodomia”: o cânone literário e a identidade homossexual. **Gragoatá**, v. 8, n.14. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33451>. Acesso em: 3 de jul. 2023
- LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos: Guia para designers, escritores, editores e estudantes**. 2 ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2018.
- LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MARTINS FILHO, Plínio. **Manual de Editoração e Estilo**. 1 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

MÜLLER, Leandro. **Como editar seu próprio livro**: um manual básico para quem quer se publicar e ser publicado Versão 2.0. 1 ed. Rio de Janeiro: NESPE, 2018. E-book.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Antofágica, 2021.

SAMARA, Timothy. **Guia de design editorial**: manual prático para o design de publicações. Tradução Mariana Bandarra. 1 ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SCHIFFRIN, André. **O negócio dos livros**: como grandes corporações decidem o que você lê. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

SILVA, V. R. S. Identidade cultural e representação social da literatura LGBT young adult (YA): um breve panorama do mercado editorial no Brasil. 2017. 107 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Produção Cultural) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Nilópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ifrj.edu.br/xmlui/handle/20.500.12083/152>. Acesso em: 26 jan. 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. O que é e o que não é um livro: materialidades e processos editoriais. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 333-341, out.-dez., 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2012v9n4p333>.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A teoria *queer* e a Reinvenção do corpo. **Cadernos Pagu**, n. 27, p. 469-477, dez., 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000200020>.

TSCHICHOLD, Jan. **A Forma do livro**: ensaios sobre tipografia e estética do livro. Tradução: José Laurenio de Melo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

THOMPSON, John Brookshire. **Mercadores de Cultura**: O mercado Editorial no século XXI. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

APÊNDICE A – METODOLOGIA PROPOSTA POR SAMARA (2011)

1. Assunto

Nosso Projeto Experimental como parte do TCC é um livro comercial que compila histórias com temática LGBTQIA+ contadas por pessoas da comunidade, de uma forma que transmita suas verdades sem necessariamente ser autobiográfico.

2. Quantas partes é seccionado?

Ainda não sabemos. Maaaaas, se o livro tiver 250 páginas, contando que 230 são de conteúdo bruto, dividido em 4 seções teremos mais ou menos 57 páginas para cada seção, isso equivale a mais ou menos 5 textos por seção. Agora, se tivermos 5 seções, teremos 46 páginas para cada seção, o que equivale a 4 textos para cada uma.

3. Assunto orgânico, artificial, concreto ou abstrato?

Definitivamente não é um assunto orgânico, e dependendo de cada autor pode variar entre artificial, concreto e abstrato.

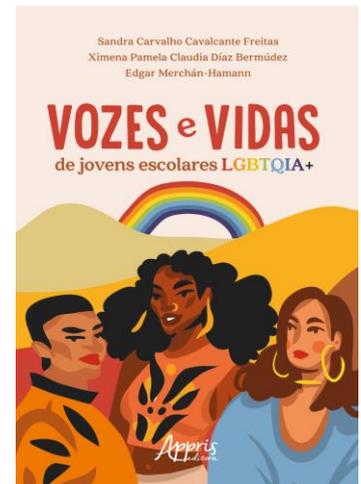
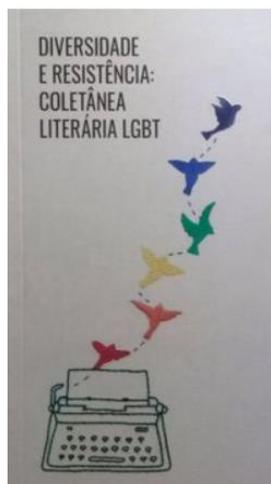
4. Cores associadas ao assunto (de forma literal e emocional)

O arco-íris da bandeira LGBTQIA+

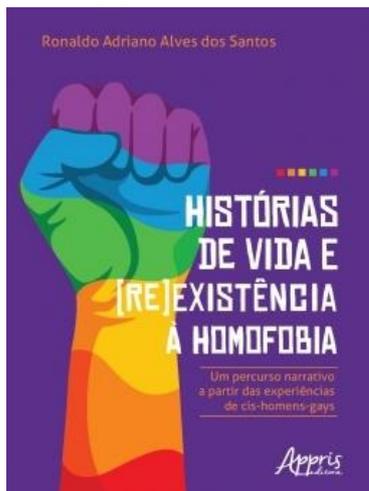
5. Quem vai ler/quem não vai ler

Nosso público-alvo são pessoas de 14 a 21 anos, classe média, que valorizam literatura brasileira e estão interessados em publicações com temática LGBTQIA+, por pertencerem ou não à comunidade. Sendo assim, quem não lê são pessoas avessas à comunidade citada, bem como enxerga os conteúdos voltados para essa faixa-etária como fúteis e irrelevantes, ou até pessoas que não se interessam por essa literatura e buscam alternativas que atendam a outros nichos.

6. Que outras publicações existem sobre o assunto?



(A)



(D)

(B)



(E)

(C)



(F)

7. Liste para cada uma duas palavras que descrevam suas qualidades visuais

- A: Não poluído e paz;
- B: Contraste e emoção;
- C: Moderno e jovem;
- D: Luta e cartilha;
- E: Jovem e circense;
- F: Luta e união (Canva também);

OBS: todos tem o arco-íris em um lugar, com exceção do último.

8. Pense em 5 palavras que descrevem o assunto da forma como você quer interpretá-lo. Como essas palavras se diferem das palavras que descrevem as publicações já existentes

Aconchego de mãe; jovem; eclético; real; subversivo/contracorrente/independente

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE SUBMISSÃO

Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul

Centro de Ciências Sociais e Humanas | Departamento de Ciências da Comunicação

Curso de Comunicação Social - Produção Editorial

ESTE FORMULÁRIO POSSUI 3 SEÇÕES (SOBRE VOCÊ, SOBRE SUA OBRA, E SOBRE A SUBMISSÃO) E LEVA CERCA DE 5 MINUTOS PARA SER RESPONDIDO.

Prezado(a) autor(a),

Convidamos você para participar da submissão de originais para o Trabalho de Conclusão de Curso dos alunos Lucas Braga e Mar Fonseca, na graduação em Comunicação Social - Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação da Professora Dra. Marília de Araujo Barcellos, do Departamento de Ciências da Comunicação. Essa etapa contribuirá para a composição do livro que se tornará o produto final deste TCC, com o objetivo de experimentar as etapas do processo editorial de uma publicação de financiamento coletivo, com previsão de defesa ao final do primeiro semestre letivo de 2023.

Estamos aceitando submissões de textos originais em prosa e poesia para compor o livro, sendo o primeiro com o limite de 10.000 palavras (aproximadamente 15 páginas A4). Que apresente histórias elaboradas por LGBTQIA+, com personagens da comunidade, a fim de expor as abundantes possibilidades de vivências dentro da nossa realidade.

Então, se você escreve sobre essas vivências, seja em textos fantasiosos, contos aterrorizantes ou poemas apaixonantes, o Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços é a morada que você sempre esperou conquistar!

O envio deverá ser feito seguindo o template disponível em:

https://docs.google.com/document/d/1jOj7UN95EMAB1fPjLUSqbVs9K7Yp7QRa/edit?usp=s_haring&ouid=115776197588503524271&rtpof=true&sd=true

ATENÇÃO: Os originais submetidos não podem ter conteúdo sensível que se enquadre na categoria +18, em caso de dúvidas consultar o [Guia Prático de Classificação Indicativa do Governo Federal](#)

Em caso de dúvidas não hesite em entrar em contato com a gente no Instagram (@sensa___ e @maarrfonseca) ou por e-mail (lucas.braga@acad.ufsm.br e marcelo.fonseca@acad.ufsm.br). Caso você seja tuitera pode ir na dm do @marrfonseca também!

Os textos serão aceitos até 31/03/2023

Seção 1:

Pergunta 1:

E-mail

Resposta: livre.

Pergunta 2:

Nome e/ou Pseudônimo:

Resposta: livre.

Pergunta 3:

Como você se identifica?

Respostas:

- Mulher cis;
- Mulher Trans;
- Travesti;
- Homem cis;
- Homem Trans;
- Pessoa não-binária.

Pergunta 4:

Como você se identifica?

Respostas:

- Heterossexual;
- Homossexual;
- Bissexual;
- Pansexual;
- Assexual.

Seção 2

Pergunta 5:

Conte sobre sua história através de uma sinopse

Resposta: livre.

Pergunta 6:

Seu texto é prosa ou poesia?

Resposta:

- Prosa;
- Poesia.

Pergunta 7:

Se você se sentir confortável, nos conte sua história com a escrita

Resposta: livre.

Pergunta 8:

Você já publicou alguma coisa?

Resposta:

- Revista literária;
- Sites de publicação independente (ex: wattpad);
- Coletâneas de contos;
- Livro independente;
- Livro de grande editora;
- Ainda não publiquei nada :(.

Pergunta 9:

Qual o estilo da narrativa que você está nos mandando?

Resposta:

- Terror;
- Romance;
- Aventura;
- Drama;
- Suspense;
- Fantasia;
- Não ficção.

Pergunta 10:

O que te levou a escrever sua narrativa?

Resposta: livre.

Pergunta 11:

Mande seu texto em formato .doc de acordo com o template

Resposta: submissão de arquivo.

Seção 3

Não esquece que se o seu texto for selecionado, posteriormente você terá que assinar um Termo de Direitos Autorais.

Pergunta 12:

É de responsabilidade dos autores submeter conteúdo próprio

Resposta: marcar: Garanto que todo conteúdo que submeti é autoral

Pergunta 13:

Termo de Direitos Autorais

Resposta: marcar: Estou ciente e concordo que haverá as diretrizes legais necessárias para a elaboração deste projeto

APÊNDICE C – GUIA DE ESTILOS DA EDITORA CRISÁLIDA

Guia de Estilo Editora Crisálida



1 Introdução

Oi gente! Criamos esse documento para definirmos padrões de estilo que vamos utilizar no Populário. Nosso objetivo principal é padronizar as revisões. Tivemos como fonte principal o *Manual de Edição e Estilo* do Plínio Martins Filho, assim como manuais que tínhamos acesso de algumas editoras. Caso queriam sugerir ou surja alguma dúvida estamos à disposição.

2 Caixa-alta

Apontar início de períodos, frase, verso ou citação direta. Em caso de poesias, respeitar a escolha estilística do autor para o início dos versos.

Estilo de versos

Correto

Luz do Sol, quando és formoso,

Quem te goza não conhece;

Mas, se desse a noite fria,

Principia a suspirar

Silva Alvarenga “A Luz do Sol”

Correto

E sigo. E vou sentindo,

a inquieta alacridade da invernã,

como um gosto de lágrimas na boca...

Mário de Andrade “Paisagem N.1”

Quando a citação direta não é precedida de dois pontos

Correto

Mar afirma: “Não toca é arte”.

Para Mar, “não toca é arte”.

Incorreto

Mar afirma: “não toca é arte”.

Para Mar, “Não toca é arte”.

Para nomes próprios de pessoas reais ou fictícias (Machado de Assis);

Cognomes (Ricardo Coração de Leão);

Alcunhas ou apelidos (Bia, Sete-dedos);

Antonômicos (Dama de Ferro, Águia de Haia);

Pseudônimos (Tristão de Ataíde, Lenin);

Nomes dinásticos (os Bragança);

Nomes de empresas (Elma Chips);

Instituições de ensino, de pesquisa científicas (Universidade Federal de Santa Maria);

Marcas e produtos (Editora Crisálida);

Nomes de livros, periódicos e obras de arte em geral (Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços);

Nomes religiosos ou mitológicos que designam indivíduos (Deus, Atena, Outro);

Nomes de animais ou de qualquer ser inanimado, desde que individualizados (Totó);

Nomes de lugares ou regiões (Rio Grande do Sul, Gare, Sudeste, Camobi, Alemanha, África, Oceano Pacífico);

Pontos cardeais e ou indicações regionais do planeta (Norte, Sul, Leste, Oeste, Ocidente, Oriente);

Nomes de astros, constelações, estrelas, planetas e galáxias (Marte, Sol, Lua, Três Marias, Via Láctea);

Quando terra, sol e lua não fazem referência aos próprios astros ou em contextos generalizantes, tem-se exceções:

Com Inicial Maiúscula	Com minúsculas
O eclipse do Sol	Banho de sol, calor do sol, nada novo sob o sol
Satélites da Lua	Clarão da lua, fases da lua
Diâmetro da Terra, atração da Terra, viagem Terra-Lua	Nada de novo na face da terra

Nomes de festividades ou comemorações cívicas, religiosas ou similares (Festa Junina, Natal, Ano Novo);

Nomes de fatos históricos (Primeira Guerra Mundial, Guerra Fria);

Referência ao Estado, quando designa nação politicamente organizada e para distingui-lo do substantivo comum “estado”;

Referência à Corte como governo de um país monárquico; “corte” designa a residência do monarca ou as pessoas que o cercam;

Referência ao Trono quando designa o simbolismo do poder político, “trono” se refere ao local em que o monarca se senta;

Referência à Igreja quando se fala da instituição e não do local;

Referência à Constituição, República, União, Federação, Presidência da República, Exército, Marinha e Aeronáutica;

Observações

Instituições genéricas (que não tem característica de nome próprio), ou ainda que designam altos cargos, graus hierárquicos ou nobiliárquicos, as palavras devem ser grafadas em caixa-baixa (território, município, papado, monarquia, aldeia, tribo, campesinato, comunismo)

Quando instituições são mencionadas em forma reduzida, usa-se caixa-alta: Senado (Senado Federal), Câmara (Câmara dos Deputados), Constituinte (Assembleia Constituinte). No entanto, quando a palavra é usada como substantivo comum que designa a espécie, não se usa caixa-alta (Fazia parte dos quadros do Partido dos Trabalhadores. Queria que o partido...)

Em designações de atos oficiais, leis, decretos ou atos do poder público se iniciam em caixa-alta (Lei do Imposto de Renda, Decreto-Lei 4.024). Ao referir-se a esses atos sem nomeá-los especificamente inicia-se com minúsculas (a lei que proíbe o consumo de álcool);

Em nomes comuns, quando personificados ou considerados como entidades (a Raposa, a Indiferença)

Em títulos eclesiásticos (São, Santo, Santa, Madre);

Em períodos históricos, eras geológicas, escolas, estilos, certos grupos de pessoas (Romantismo, Grupo dos Seis, Cenáculo);

Abreviaturas de pronomes de tratamento segundo a norma adotada: maiúsculas duplicadas (MM. [meritíssimo], DD. [digníssimo]) ou maiúsculas-minúsculas (Mmo. [meritíssimo], Digo. [digníssimo]);

Nomes científicos (*Eucalyptus tereticornis*).

3 Caixa-baixa

Títulos de cargos profissões, graus honoríficos, nobiliárquicos, pronomes de tratamento recorrentes, títulos profissionais e eclesiásticos (faxineira, cavaleiro, marquês, você, senhor, reitor, bacharel, padre, freira);

<u>Observações</u>
Mesmo quando seguidos por nomes gravados em maiúscula a grafia segue sendo em caixa-baixa (seu Manuel, reitor Luciano)

Cidades, bairros, regiões ou acidentes geográficos (cidade de Santa Maria, bairro Camobi, rio Tocantins);

<u>Exceções</u>
Exceto quando o nome genérico está incorporado ao nome próprio (Mar Morto, Praça Onze)

Carreiras, ciências, disciplinas e materiais de estudo (medicina, geografia);

Instituições genéricas, que na prática representam carreiras (polícia, advocacia, magistério);

Nomes de prédios (igreja de Santa Maria, palácio do Catete);

Dias da semana, meses, estações do ano e termos semelhantes (domingo, 22 de março, em pleno verão);

<u>Exceções</u>
Exceto quando designam logradouros públicos (24 de Maio)

Indicativo de nacionalidade, grupos étnicos ou idioma (brasileiros, ingleses, mineiros, ioruba, xavantes, inglês);

Fulano, beltrano, cicrano e qualquer outra expressão que substitua nomes de pessoas desconhecidas ou que não se deseje mencionar diretamente;

Substantivos que perderam a acepção e nomes próprios por compor vocábulos compostos que são substantivos comuns (erva-de-santa-maria, azul da prússia, joão-de-barro);

Pronomes de tratamento que indicam reverência (vossa Alteza, sua Santidade, vossa Senhoria, sua Majestade);

Nomes próprios que formam palavra composta, unida por hífen (pau-brasil, água-de-colônia);

Em artigos, preposições, conjunções, advérbios, pronomes, interjeições e monossílabos em geral, mesmo quando todas as demais palavras são grafadas em maiúsculas (Universidade Federal de Santa Maria).

4 Versal

Versal é a letra em CAIXA-ALTA.

Sigla, números romanos, indicadores de milênios, século e dinastias.

5 Negrito

O uso do negrito deve ser evitado ao máximo a fim de garantir uma melhor harmonia visual. Contudo deve-se checar com o autor o uso imprescindível proposto pelo texto.

6 Itálico

O itálico pode ser utilizado para efeitos estilísticos e expressivos.

Título de livros, jornais, enciclopédias, dicionários, almanaques, catálogos, boletins, anuários, anais, guias, encíclicas, peças teatrais, balés, filmes, programas de televisão, obras de arte, obras musicais publicadas ou não originais;

Palavras e expressões de outro idioma:

Termos não aportuguesados (*mise-em-scène, know-how, apartheid, release*);

Expressões latinas (*a priori, a posteriori, ad hoc, apud*);

Nomes científicos (*Eucalyptus tereticornis*);

Sugerir palavras-destaque que o autor não julgou ser importante realçar no texto.

7 Sublinhado

O uso do sublinhado está estritamente proibido.

8 Aspas

Deve-se utilizar o padrão de caractere de aspas inglesas (“ ”) [atalho Alt + 34 antes e depois da(s) palavra(s)].

Citações extensas com mais de um parágrafo, põe-se as aspas no começo de cada um deles e apenas uma no fim do último parágrafo;

A pontuação fica dentro ou fora das aspas, dependendo de pertencer ou não a palavra ou frase que encerram;

<u>Exemplos</u>
Respondeu com um seco “sim!”
O que quer dizer com esse “talvez”?
“Aí já temos a lei”, dizia Florentino. “Mas quem há de segurar? Ninguém.”

Se num trecho entre aspas houver a necessidade do uso de novas aspas, utiliza-se as aspas simples (‘ ’);

<u>Exemplo</u>
“Refleta bem antes de dizer ‘não vou’”.

Em citações diretas;

Citações de palavras, frases ou períodos que representam reproduções, por escrito ou som;

Que marcam ironia;

<u>Exemplo</u>
Foi um “belo passeio”. Choveu o dia todo!

Apresentam aproximações de significados;

Exemplo

João morava na rua há mais de doze anos, sua “casa” era, dentre outras coisas, aconchegante.

Em pensamentos de personagens.

9 Aspas e pontuação

Em citações de termos, expressões e trechos que fazem parte de oração, fecham-se as aspas sempre antes do ponto-final, travessão, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos. Isso ocorre até mesmo quando são abertas após dois-pontos;

Exemplo

Por tudo isso e muito mais, só resta dizer: “obrigado, Sofia”.

Em citações de frases inteiras, as aspas são fechadas sempre depois do ponto-final ou dos pontos de exclamação, interrogação ou das reticências, desde que esses realmente encerrem o que se pretendem citar, e o texto inteiro seja citação e não parte de uma frase;

Exemplos

O homem que dorme está unido ao centro, reúne-se a si próprio no lugar onde é. “O espaço está imantado. Tudo é hoje, tudo está presente.”

Diante de qualquer problema, ele dizia a si mesmo: “Que teria dito Sócrates sobre isso?”

10 Pontuação**10.1 Travessão**

O travessão (–) [atalho AltGr + sinal de menos] é um sinal de pontuação mais longo que um hífen (-). No meio da frase sempre é antecedido e sucedido por um espaço, mas se uma frase é interrompida por um travessão e continua após ele com uso de vírgula, esta deve ser mantida após o segundo travessão.

Exemplo

Pouco conhecia em Portugal e na Itália, – o bolonhês Cavazzi não sabia muito bem o que era aquilo – a batata difunde-se na América Central.

Na representação de diálogos, para indicar o início da fala de uma personagem, ou a mudança de interlocutor. Além disso, utiliza-se tal sinal quando após uma fala em discurso direto, ou mesmo no interior dela, for inserido qualquer comentário do narrador;

Estradas, lugares e convênios (estradas Rio–São Paulo, margem ocidental–margem oriental);

Intervalor entre datas (1980–2023);

Travessão e sinais de pontuação:

Com exceção do ponto-final e da vírgula, a pontuação aparece antes do travessão que introduz a voz narrativa. O ponto-final encerra a fala intercalada do narrador.

<u>Exemplos</u>
– Não... – disse, hesitando, João. – E você terá que explicar.
– Não! – disse, hesitando, João. – E você terá que explicar.
– Não? – disse, hesitando, João. – E você terá que explicar.
– Não –, disse hesitando, João. – E você terá que explicar.
– Não – disse, hesitando, João. – E você terá que explicar.

Obs: A vírgula após o travessão deve ser evitada sempre que possível.

10.2 Hífen

O uso de hífen (-) não deve ser confundido com o uso do travessão (–) e deve acompanhar as normas culta-padrão da língua portuguesa.

10.3 Barra

Barra (/ \) associa dois elementos numa relação complementar, alternativa ou exclusiva;

<u>Exemplos</u>
Os critérios de tamanho/altura não valem nesse caso.
É preciso propor projetos que reformem/transforme o cenário.
Uma postura objetiva/subjectiva do tradutor, que se debruçou anos a fio sobre o texto.

Na expressão e/ou;

Certas unidades de medida, quando há a relação de proporcionalidade entre os elementos (km/h, toneladas/mês, litros/metros/hora);

10.4 Reticências

Indicam elipses ou suspensão de sentido.

Os três pontos que formam as reticências devem ter espaço entre si (...) [atalho Alt + Ctrl + ponto final] e não assim (...)

10.5 Ponto-final

Pode aparecer de três maneiras: separando duas frases independentes no mesmo parágrafo, separando dois parágrafos no mesmo texto, indicando a conclusão do total de um texto. Também se utiliza o ponto para indicar abreviatura.

Quando houver aspas ou parentes, pode ficar fora ou dentro dele, como explicado no tópico **aspas e pontuação**;

O ponto-final deve ser emitido quando:

Em títulos, quaisquer que sejam;

Expressões explicativas sucintas colocadas entre parênteses, mas não em orações ou períodos;

Numeração de elementos encabeçados por algarismos ou letras e em listas verticais;

Expressões inseridas em quadros ou tabelas;

11 Diálogos

Pontuar as falas normalmente, e abrir novas frases em caixa-alta. Quando não há presença de verbos dicendi é necessária a pontuação.

<u>Exemplo</u>
– Ai! – ela falou.
– Ai! – Ela olhou para baixo, assustada.

Abrir as descrições intercaladas com caixa-baixa quando estas iniciarem com verbos dicendi e pontuá-las;

<u>Exemplo</u>

– Sente muito? – disse ela, com dentes apertados, absolutamente contrariada. – Eu vou dizer o que você é! Você é um louco! Um maldito doente!

– Sente muito? – Ela aumenta o tom de voz. – Eu vou dizer o que você é! Você é um louco! Um maldito doente!

11 Siglas

Devem ser acompanhadas de explicação por extenso quando aparecerem pela primeira vez. Após isso, podem ser utilizadas de forma recorrente sem explicação.

12 Numerais

Recomenda-se evitar começar uma frase, parágrafo ou título com número; caso contrário, procurar grafar o número por extenso. É preferível a grafia por extenso, exceto nos casos em que o uso de algarismos é obrigatório.

Para número que podem ser grafados em apenas uma palavra, se usa por extenso;

Acima de mil e milhões, grafar números redondos de forma mista;

<u>Exemplo</u>
3 mil
5 milhões

Para números de quatro ou mais algarismos a divisão de milhares deve ser feita por ponto, e as casas decimais deve ser feita por vírgula;

Zeros à esquerda devem ser evitados;

13 Unidades de medida

Para indicar temperatura, utilizar numerais arábicos seguidos de unidade de medida (Celsius), bem como o indicador de grau (°).

<u>Exemplo</u>
Hoje faz 35° Celsius.

Outras unidades de medida simples como metros, centímetros e milímetros, são escritos por extenso. Enquanto, unidades de medida compostas, como km/h, são abreviadas;

Para horas que podem ser escritas em duas palavras recomenda-se o uso por extenso (meio-dia e meia, uma e quarenta da tarde), para aquelas com três palavras usa-se os numerais no formato de 24 horas (23:47, 14:29).

14 Frações

Sempre usar por extenso.

15 Ordinais

São escritos por extenso quando podem ser escritos em uma só palavra: primeiro, décimo, sexagésimo, ducentésimo. Exceto em casos em que o uso do numeral seja obrigatório. Verificar com o editor.

Os demais são grafados em algarismos e acompanhados de o ou a (o elevado e sublinhado, a elevado e sublinhado).

16 Estrangeirismo

Vocabulários estrangeiros já aportuguesados devem ser escritos na forma assimilada e apresentada na forma do dicionário sem o uso de itálico (bar, jipe, manchete, maiô, nuance);

Os vocabulários estrangeiros que não possuem formas aportuguesadas **devem** ser escritos em *itálico* (ver tópico itálico);

Vocábulo ou locuções latinas também devem vir em itálico;

Vocábulo estrangeiro que seu uso aportuguesado sofre resistência **devem** ser substituídos por uma palavra da língua portuguesa com o mesmo significado. Caso não seja possível, usa-se o estrangeirismo em *itálico* (*champignon, checkup, glamour*);

Vocábulo estrangeiro em processo de assimilação podem ser utilizados de forma aportuguesada. Porém, recomenda-se respeitar as preferências do autor (*drinque/drink, náilon/nylon, jóquei/jockey, boate/boîte*);

Termos intraduzíveis por serem nomes de coisas peculiares, de um lugar, povo ou cultura devem ser transliterados caso não estejam em alfabeto latino, grafados em *itálico* e ter seu significado explicado em contexto ou nota de rodapé. No caso de nomes próprios não se usa itálico.

17 Formas optativas

Quando uma palavra pode ser grafada de duas formas diferentes, como regra geral, o importante é que se garanta a **uniformidade da grafia em toda a obra**. Devem-se privilegiar as formas apontadas como preferenciais pelos dicionários (tireoide é preferível a tiroide; radioativo é preferível a radiativo, cota é preferível a quota, cotidiano é preferível a quotidiano). Assim como as escolhas de grafia do(a) autor(a).

18 Notas de rodapé

As notas de rodapé são feitas por meio de números sobrescritos; havendo sinal de pontuação no ponto onde entra a nota, esta vem sempre depois desse sinal.

APÊNDICE D – BRIEFING PARA O DESENVOLVIMENTO DA CAPA

BRIEFING

Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços
Olá!

Bem-vindo ao Populário, um lugar onde todos são bem-vindos e amados. Esse projeto é o produto final do nosso TCC, uma coletânea de histórias LGBTQIA+, por autores da comunidade, para pessoas da comunidade. E todo livro precisa de uma capa, e aqui estamos nós. Infelizmente, não temos muito para oferecer em troca do seu trabalho, mas prometo que valorizaremos ele de toda a forma possível. Já que os moneys estão fora de questão (pois universitários imprimindo livros), podemos oferecer horas de Atividade Complementar de Graduação (ACG), assinadas pela nossa orientadora, além do nome na publicação, que se não for financiada para as cópias físicas, ainda será publicada na versão em ebook.

Talvez esse briefing não faça nenhum sentido para você, mas, em nossa defesa, nunca fizemos um. Mas tá tudo bem, porque estamos empolgadíssimos com o nosso projeto, o “Populário LGBTQIA+: narrativas, vivências e laços”, que será um livro publicado através de financiamento coletivo e que conterà textos autorais.

Se você está recebendo este briefing é porque seu nome apareceu durante as nossas conversas sobre pessoas talentosas que conhecemos, então significa que nós apreciamos muito seu trabalho. Por isso, deixe a ansiedade de lado nesse processo, respire fundo e fique de boa, vai ser um processo gostosinho de fazer parte.

Então, vamos lá:

Para compor a capa do nosso livro pensamos no que o Populário significa para nós, sendo um lugar que construímos, em que reunimos nossas ideias, falamos sobre as nossas vivências e criamos laços entre nós quando convivemos em grupo. Nosso desejo com esse livro é que seja um local seguro, em que as pessoas depositem suas esperanças e reflitam sobre suas angústias, para que no final seja um processo de cura.

Por isso, visualizamos essa capa majoritariamente branca, com uma silhueta vazada, de uma ou mais pessoas. Do qual dentro dela(s) podemos ver o populário, como um local de convivência comum, em que pessoas circulam (como uma praça, por exemplo) e que é agradável de estar.

Você pode compor um esboço simples de ilustração a partir dessa descrição e dos exemplos nos anexos abaixo. Então, sinta-se à vontade para deixar sua imaginação fluir, lembrando sempre de respeitar o seu processo de criação. Suas ideias serão sempre bem-vindas, não se diminua por favor!

- 1) Para esta fase, solicitamos apenas um esboço simples da ilustração para a composição da capa do livro, pensando em um modelo 14cmx21cm, com um espaço para incluir o título da obra;
- 2) O esboço deve seguir o modelo do briefing (Anexo I) e evitar veementemente se aproximar dos clichês das publicações existentes (Anexo II);
- 3) Você está livre para fazer uso de qualquer programa de ilustração digital ou não, se quiser desenhar no guardanapo, tá valendo;
- 4) É obrigatório o envio do pacote dos arquivos digitais;
- 5) É obrigatório que o arquivo enviado esteja no sistema de cor CMYK e 300dpi;
- 6) Gostaríamos que você nos informasse também, se teria interesse e/ou disponibilidade em trabalhar para compor ilustrações do miolo do livro, nas mesmas condições que a ilustração da capa, a partir do nosso cronograma de trabalho.

Para enviar seu esboço e fazer a sua inscrição no nosso processo seletivo, você deve encaminhar o arquivo através do nosso e-mail: editoracrisalida@gmail.com com o assunto ESBOÇO CAPA, até o dia 15/02/2023.

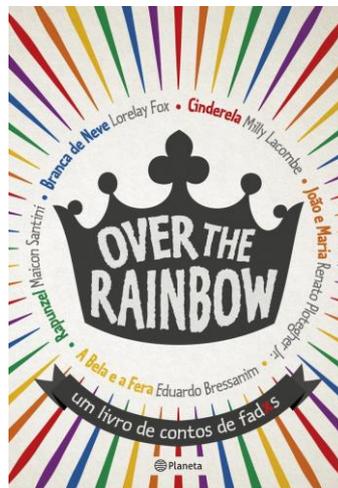
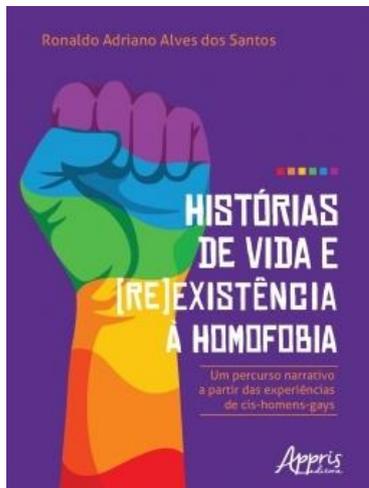
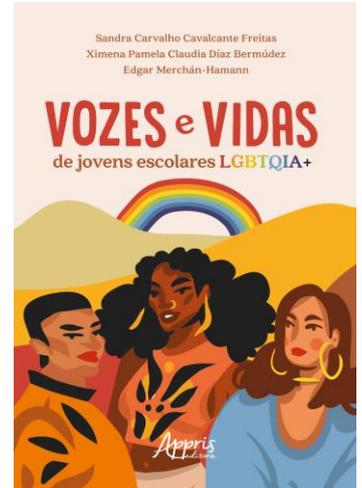
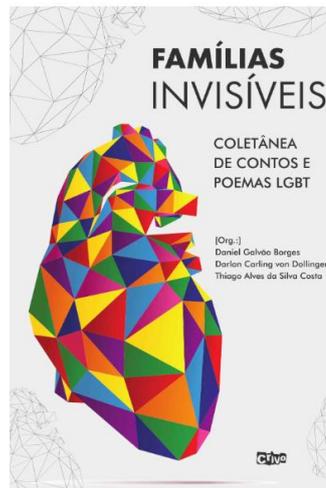
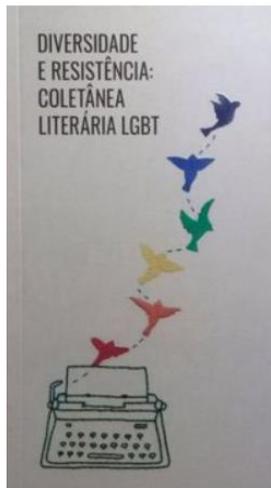
Te desejamos boa sorte!

Lucas Braga e Mar Fonseca
Editora Crisálida

ANEXO I



ANEXO II



APÊNDICE E – TEMPLATES PARA A LEITURA CRÍTICA

Editora Crisálida

Template para leitura crítica POESIA do Populário LGBTQIA+: vivências narrativas e laços



1 Dados do original

Título	
Número de versos	

2 Tabela de critérios

Critérios eliminatórios	Adequado
O original foi submetido por pessoa autodeclarada LGBTQIA+?	
O original abrange temática LGBTQIA+?	
Critérios avaliativos	Peso (total 10)
Abordagem	Até 3,0
Adequação ao Populário (no sentido de “Epígrafe”)	Até 3,0
Voz do eu-lírico	Até 2,0
Tema	Até 1,0
Redação	Até 1,0

3 Tópico sensível

3.1 Gatilhos: () sim () não

Comentário:

3.2 Estereotipação: () sim () não

Comentário:

4 Breve resumo e leitura crítica da poesia lido

Editora Crisálida

Template para leitura crítica PROSA do Populário LGBTQIA+: vivências narrativas e laços



1 Dados do original

Título	
Número de palavras	

2 Tabela de critérios

Critérios eliminatórios	Adequado
O original foi submetido por pessoa autodeclarada LGBTQIA+?	
O original abrange temática LGBTQIA+?	
A submissão está de acordo com o template?	
A submissão respeita o limite de palavras?	
Critérios avaliativos	Peso (total 10)
Boa representatividade	Até 3,0
Criatividade	Até 3,0
Enredo original	Até 2,0
Redação	Até 1,0
Coesão e coerência	Até 1,0

3 Tópico sensível

3.1 Gatilhos: () sim () não

Comentário:

3.2 Estereotipação: () sim () não

Comentário:

4 Breve resumo e leitura crítica do texto lido

APÊNDICE F – TERMO DE DIREITOS AUTORAIS



Editora Crisálida

Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços

Termo de cessão de direitos autorais

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO EDITORIAL**



TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

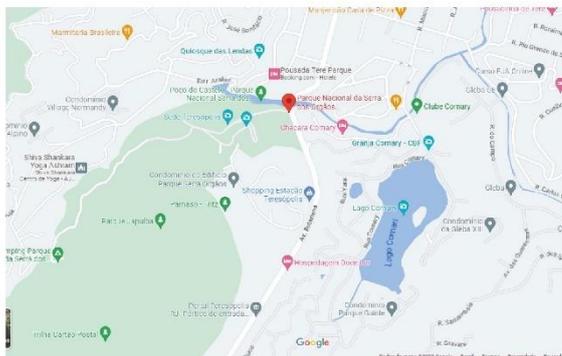
Pelo presente Termo de Cessão de Direitos Autorais e tendo em vista o disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19/12/1998, eu _____, RG nº _____, CPF nº _____, autorizo a cessão e transferência de direitos autorais, a partir desta data e isento de qualquer ônus, do original intitulado _____ para publicação na obra “Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços” a ser organizada pela Editora Crisálida, CNPJ nº 49.249.595/0001-02, nas condições descritas a seguir:

1. Declaro que sou autor(a) e/ou titular da propriedade dos direitos autorais do original submetido à publicação.
2. O original não infringe direitos autorais e/ou outros direitos de propriedade de terceiros e que assumo integral responsabilidade moral e/ou patrimonial, pelo meu conteúdo perante terceiros.
3. O autor cede e transfere todos os direitos autorais relativos ao original acima referenciado à Editora Crisálida, notadamente os direitos de publicação, reprodução, edição, adaptação, tradução, distribuição, impressão, comercialização, e outros, previstos no art. 29 da Lei 9.610/98, para finalidade editorial, comercial, educativa, técnica e cultural.
4. O autor autoriza a Editora Crisálida a promover quantas edições, totais ou parciais, se fizerem necessárias e em qualquer número de exemplares, bem como a distribuição, inclusive no que se refere à circulação nacional ou estrangeira, ao meio ou material utilizado no armazenamento, veiculação e distribuição da obra.
5. O autor cede exclusividade sobre o original, oponível contra terceiros e contra o próprio autor, que não poderão reproduzi-la por qualquer forma, sem que haja prévia autorização escrita por parte da Editora Crisálida, durante o prazo de vigência descrito no item 6 deste instrumento.
6. A presente cessão vigorará pelo prazo de 12 (doze) meses contados da data de sua assinatura.
7. O autor receberá, como contrapartida pela cessão dos direitos autorais e participação no projeto, a quantia de 1 exemplar físico da 1ª impressão da 1ª edição de sua obra, assim como os paratextos desenvolvidos, mediante ao sucesso do financiamento coletivo, caso contrário receberá uma cópia digital em formato ePub.

[cidade], ____ de _____ de 2023

[assinatura do autor]

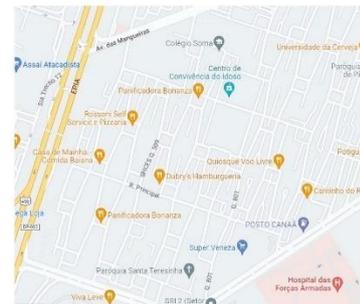
APÊNDICE G – REFERÊNCIAS VISUAIS DO MAPA



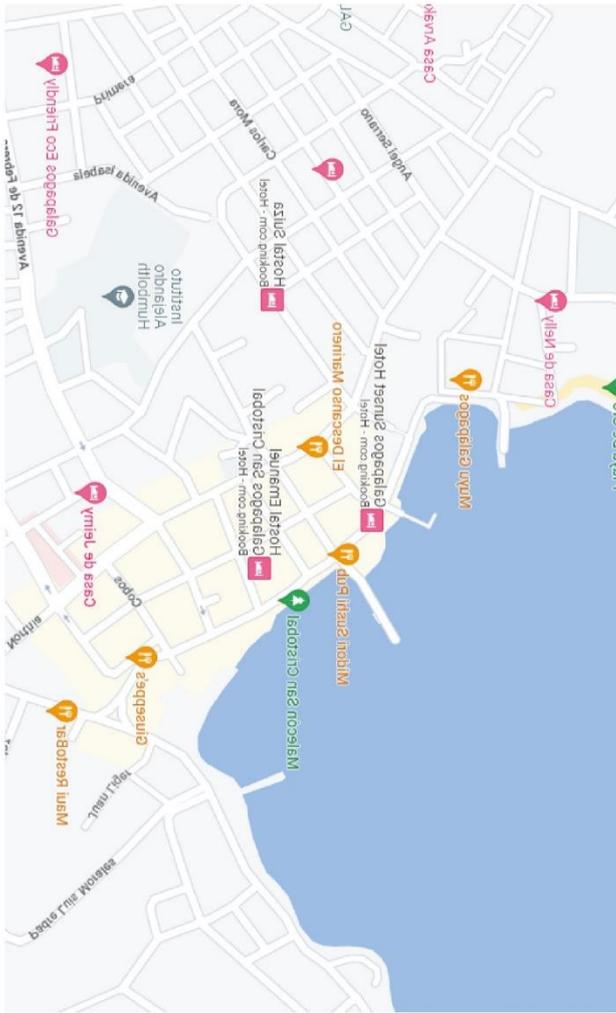
Teresópolis, RJ



Brasília, DF

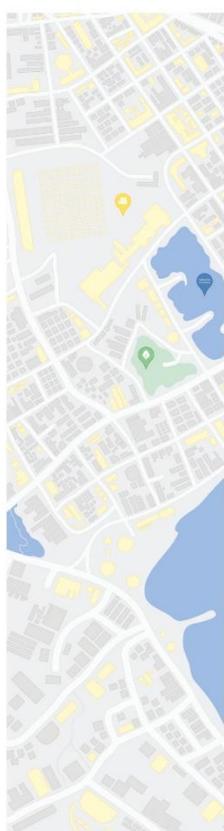
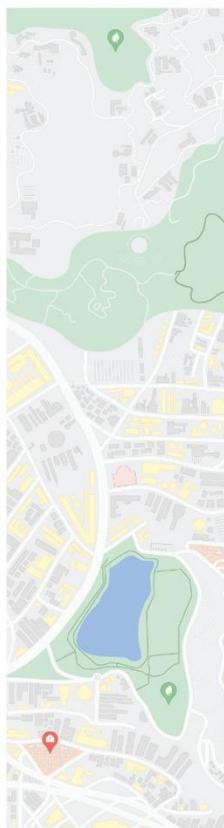


Belo Horizonte, MG

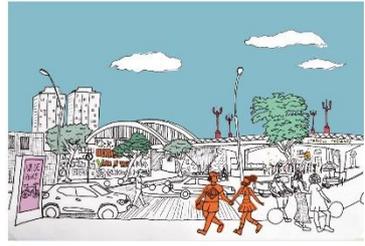


Isha de São Cristóvão, Ecuador

APÊNDICE H – MARCADORES DE PÁGINA DO POPULÁRIO



APÊNDICE I – POSTAIS DO *POPULÁRIO*



Viagem a um porto seguro
por: *Andréia Gonçalves*



 00000-0000

Escapismo
por: *Alice Diaretta*



 00000-0000

Sábado é dia de praia
por: *Luiza Magalhães*



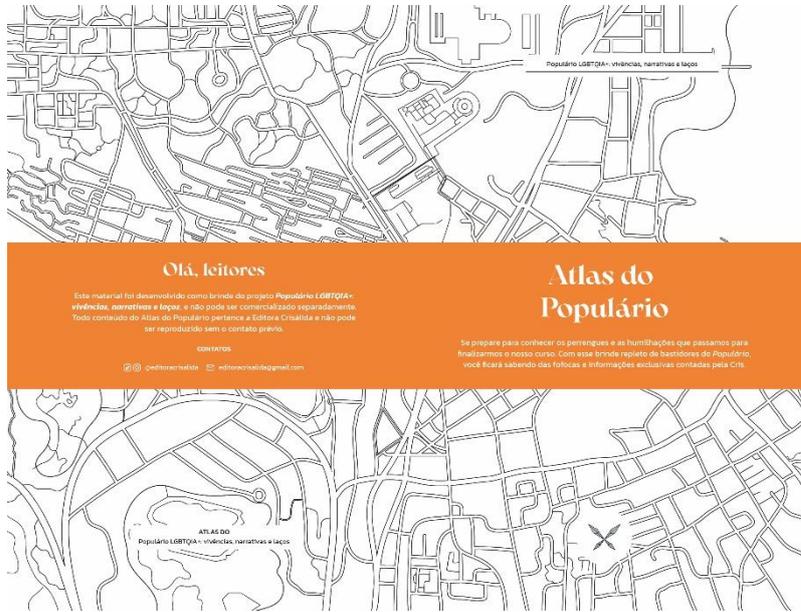
 00000-0000

APÊNDICE J – CRACHÁS DO *POPULÁRIO*



APÊNDICE K – ATLAS DO POPULÁRIO

CAPA



MIOLO



Editoras
Lucas Braga
Mar Fostoca

Crissalidação
Marília Paetzold

Design Editorial
Lucas Braga

Diagramação
Lucas Braga
Mar Fostoca

Ilustrações
Andressa Gonçalves
Anne Gierretta
Laira Magalhães

Preparador
Fábio Brast

Revisora
Júlia Almeida

Impresso no Brasil

Editora Crisálida
Santa Maria - Rio Grande do Sul, Brasil
editoracrisalida@gmail.com
instagram e TikTok: @editoracrisalida

Copyright © 2023 Editora Crisálida
Todos os direitos reservados à Editora Crisálida

Nenhuma parte desta publicação poderá
ser reproduzida, seja por meios mecânicos,
eletrônicos ou em cópia fotográfica, sem a
autorização prévia da editora.

PROJETADO PELA
EDITORA CRISÁLIDA

Material construído
através do esforço
coletivo pelo Catarse

Populário LGBTQIA+ -
vivências, narrativas e laços
é uma obra
identificada por Lucas
Braga e Mar Fostoca
como Trabalho
de Conclusão de
Curso (TCC) de
Comunicação Social -
Produção Editorial na
Universidade Federal de
Santa Maria.

Este material é um brinde
exclusivo do Populário!

Santa Maria,
Rio Grande do Sul, 2023

EDITORIAL

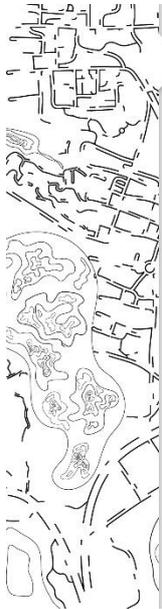
Oi, borboletinhas

Costaríamos de lhe dar as boas-vindas ao Atlas do nosso Populário LGBTQIA+ - vivências, narrativas e laços! Este é um lugar exclusivo do qual poucas borboletinhas têm a chave, e você é uma dessas sortudas.

Nas folhas deste Atlas, você vai conhecer mais sobre o processo de construção desse lugar que abraça tantas vivências e valoriza as infinitas possibilidades de ser uma pessoa LGBTQIA+ no Brasil. Aqui, você vai ficar sabendo os segredos de bastidores do que aconteceu durante toda a criação do Populário, desde a seleção dos nossos primeiros engenheiros — a comissão curatorial —, nossos arquitetas — ilustradoras —, as primeiras ruas — o conceito do livro e de todas as brindes —, até finalmente chegarmos nas relações públicas para a divulgação de todo o projeto.

Então, se você está a fim de saber algumas fofocas e, de quebra, ficar por dentro de como pavimentamos cada rua dessa cidade, onde ser é o bastante, é simples: sente-se conosco, na nossa escrivadinha, para conhecer o projeto do Populário. Nós prometemos que será uma jornada muito reconfortante. Se a leitura começar a pesar, pegue uma bebida quentinha para te acompanhar, isso pode te ajudar. Agradecemos a você que nos ajudou a tornar o Populário LGBTQIA+ - vivências, narrativas e laços uma realidade para todas as pessoas da comunidade que precisam dele. Seremos infinitamente gratos a você por isso.

Tenha uma ótima leitura!
Editora Crisálida



Pesquisando o lugar

Essa é uma história repleta de muitas elipses temporais que, no final, chega em um lugar muito importante para nós. Como nos comprometemos em contar tudo, aqui vai.

Nós dois nos juntamos como dupla no segundo semestre do curso de Comunicação Social - Produção Editorial (PE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 2019 — tá aí o ponto de partida da nossa linha do tempo. No início de 2020, entre apadrinhar os bicos e reclamar do calor infernal de Santa Maria, fomos forçados a viver a quilômetros de distância um do outro por conta da pandemia. Foi nesse enclausuramento geral do mundo que demos luz ao Livro das Flores, escrito pelo Mar e ilustrado pelo Lucas.

✕ **Escrevendo assim, até parece que existe uma terceira pessoa entre nós... bem, talvez exista mesmo a Cris!**

... *isso não é a Cris aqui!
— pode ser qualquer pessoa no Instagram, não tem ligação conosco*

Depois do sufoco de concluir, em um mês, a revisão, a diagramação e o projeto gráfico do Livro das Flores — e, talvez, só talvez, isso não tenha sido uma boa ideia —, o Lucas perguntou para o Mar: “O que você acha de fazermos nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) juntos?” E a verdade é que o Mar estava pensando na mesma coisa há dias. Foi quando surgiu o primeiro esboço do que seria o Populário LGBTQIA+.

As primeiras linhas foram traçadas na elaboração do projeto do TCC em 2021. Foi naquele momento que nós alinhavamos toda a importância do Populário ser uma obra construída por pessoas LGBTQIA+ para as pessoas da comunidade. Ela também deveria ser genuinamente representativa, abraçando histórias com vivências diversas e que exaltasse novas perspectivas nas narrativas, como, quem sabe, gays transbiqueiros e lésbicas futuristas no espaço.

Nomeando o Populário

No primeiro semestre de 2022, fizemos a matrícula na disciplina tão esperada — e temida — do TCC I. Foi aí que a Marília de Araújo Barcellos, nossa orientadora, entrou no processo, nos ajudando a definir melhor o que poderíamos fazer. Ela talvez nem soubesse ainda a dimensão das nossas ideias, mas topou na hora colaborar com o Populário. Se você fizer as contas, vai perceber que mais de um ano se passou: é que decidimos abraçar nosso status de jurássicas no curso e atrasar a formatura. Embora bem estruturado, o projeto só foi ter nome no segundo semestre de 2022 — quando nem a cadeira de TCC II estávamos fazendo —, porque, até então, nós só o chamávamos de “Coletânea LGBTQIA+”. Chato, né? Pois é! Depois de compor uma extensa nuvem de palavras que incluía “Mamãe”, “Pablo Vittar” e “Delírios” (?), finalmente chegamos ao título oficial, que bateu em nós dois logo de primeira: Populário LGBTQIA+ vivências, narrativas e laços.

Mapa de estudo

NUVEM DE PALAVRAS
Desenvolvida por: Crislida Estêvão

“Escolher o nome de uma cidade é sempre um desafio. Não pode ser aleatório, mas porque esse carregará para sempre o peso das memórias.”



A ideia de transformar o conceito do livro em uma cidade onde ser é o bastante veio diretamente do título. "Populário" é um espaço em comum, que pertence ao povo e unicamente a ele. Mas, para além disso — se você for uma borboletinha curiosa e tiver pesquisado o significado —, é o resgate de uma história nossa, como o folclore da comunidade LGBTQIA+, feita por e para as pessoas que a ela pertencem.

POPULÁRIO Substantivo masculino
Aquilo que, sob o aspecto moral ou intelectual, pertence ao povo (romance, contos, lendas, poesia, música popular etc.); folclore.

A partir daí, foi fácil entender do que precisávamos: fazer as pessoas se sentirem pertencentes a essa cidade, um lugar acolhedor, repleto de diversidade e novas perspectivas, que abraça o novo, mas reconhece a importância dos processos dolorosos pelos quais tivemos de passar até alcançar um lugar seguro.

Mapa de estudo



**Ahh! Não esquecer do bater nomes*

Depois disso tudo, conversamos com cada um dos autores, alguns pessoalmente e outros pelo Google Meet, porque, sim, a Cris rodou o Brasil todo! Depois dessas conversas, começamos o processo de preparação e revisão, e nossa comissão nos ajudou em cada um dos textos selecionados.

Encontrando as cores

Aaaah, nossas queridas ilustradoras! Elas são tão importantes para nós que nos emocionamos muito só de pensar nelas. Ei, não fiquem com ciúmes, membros da comissão: vocês também estão nos nossos corações. Mas é incrível o quanto elas se debruçaram sobre esse projeto assim como nós. Dessa forma, somamos mais três vivências completamente plurais ao Populário, tornando esse lugar cada vez mais coletivo. "Mas, Cris, por que três ilustradoras?" Então... não queremos uma só, mas com tanto talento foi IM-POSSÍVEL não selecionarmos as três.

No finalzinho de janeiro, convidamos dez ilustradoras para participarem do Crislida Illustration Awards — mentira kkkkkk, foi só da seleção para ilustrador oficial mesmo. Todos os inscritos receberam um briefing com as indicações do que queríamos. Eles foram extremamente talentosos em suas criações, mas a Andressa, a Anne e a Luiza se destacaram demais. E também tínhamos o fato de que era muito trabalho para uma pessoa só. Assim, a Andressa ficou responsável pelas ilustrações do livro enquanto os marcadores e postais ficaram a cargo das três, trazendo, cada uma, sua visão artística sobre como elas imaginavam o Populário LGBTQIA+.

Escolhendo a nossa equipe

Com a ideia de fazer o processo ser coletivo, pensamos em como poderíamos agregar novas vias ao Populário. Foi quando nossa orientadora foi luz ao sugerir que criássemos uma comissão curatorial. "O que é isso, Cris?" Bom, acho que vocês não querem a explicação Ctrl+C, Ctrl+V do Google, né? Então vamos explicar do nosso jeito: para fazer do Populário esse espaço em que histórias LGBTQIA+ fossem apropriadas e ressignificadas, precisávamos de pessoas com vivências distintas das nossas, com recortes de gênero, raça, sexualidade, fizes étária, culturas e vieses de mundo plurais. Somente com essa diversidade poderíamos agregar dife-

rentes pontos de vista para cada um dos sessenta e seis textos que recebemos. No processo de seleção, nossa equipe contou com mais sete nomes diferentes na comissão. Confirme os textos chegavam pelo nosso formulário, nós os disponibilizávamos para duas pessoas que não faziam ideia de quem estava lendo o quê, e muito menos a autoria daquele original — o famoso duplo-erro. Enquanto a Cris lia todos os textos que chegavam, também recebíamos os feedbacks dessas leitoras — às vezes, nossas opiniões andavam de mãos dadas, outras vezes, nem tanto. Então, uma terceira pessoa entrava no processo e trazia sua visão.

Selecionando os textos

Se você acompanhou — ou stalkou — a Cris nas redes sociais, sabe que, no dia 4 de abril, nos reunimos presencialmente com a nossa comissão para debater cada um dos textos recebidos. Depois de longas semanas conversando pelo Google Meet ou pelo nosso grupinho no WhatsApp, finalmente estávamos todos no mesmo lugar. A noite foi extensa, com mais de quatro horas de reunião, mas nos divertimos demais, rimos muito de tanta alegria e nos emocionamos com a importância de cada história que selecionamos para o Populário. Ah, e tudo isso acompanhado de muita pizza, porque amamos comer kkkkkk.

Planejando a cidade

"No início dos tempos, existia apenas papel e tinta..."

Ai, como somos dramáticas! Na verdade, no início, tudo já estava bem direcionado, porque sabíamos exatamente o que gostaríamos de transmitir para nossos leitores. Se tem uma coisa de que gostamos, é um planejamento — o Mar e suas tabelas que o diga!

Idealizávamos que o Pop fosse:

- 1- um lugar que você se sente acolhido
- 2- que seja aberto, seja é o brinde
- 3- que seja ao mesmo tempo com cores no coração ao de ver-lo seja feito de vidro das águas ressonar

Depois de alinharmos o que gostaríamos que as pessoas sentissem com o Populário, começamos a idealizar os nossos brindes e todos os elementos gráficos que precisaríamos. Foi nesse momento que o Lucas passou alguns dias ilustrando o mapa que vocês encontram no sumário e nos marcadores da coleção Mapa. Imagina fazer casinha por casinha? Pois é, deu um trabalhão!



Traçando os mapas

Como falamos antes, o mapa inicial, não surgiu do nada. Ele é a sobreposição de várias cidades do Brasil, algumas delas Belo Horizonte, Brasília, Teresópolis, mas também temos referências internacionais, mesmo que latinoamericanas — temos que valorizar nossa cultura, né? —, na ilha de São Cristóvão no Equador.

Para esse mapa, gastamos muito mais neurônios que o necessário. Pensamos que a cidade do Populário tivesse sido fundada no Centro Histórico, em uma altitude mais elevada e se expandindo para próximo ao litoral. Em um tipo de relevo Serra do Mar, muito característico do Brasil. Se você for uma borboletinha curiosa e analisar a coleção mapa, vai notar quadradinhos em amarelo e outros em cinza, isso mesmo que você está pensando, planejamos onde ficariam áreas comerciais, residenciais, e pontos específicos, como o hospital, a biblioteca municipal, os cemitérios e o cinema ao ar livre. F, fomos muito além.

BRASÍLIA
Distrito Federal, Brasil

POPULAÇÃO
2.024.320 habitantes*

COORDENADAS
15° 46' 48" S 47° 55' 45" O

* Censo 2021

ILHA DE SÃO CRISTÓVÃO
Colômbia, Equador

POPULAÇÃO
1.033 habitantes*

COORDENADAS
0° 48' 5 89" 24" O

* Censo 2001

BELO HORIZONTE
Minas Gerais, Brasil

POPULAÇÃO
2.280.701 habitantes*

COORDENADAS
19° 48' 57" S 43° 57' 18" O

* Censo 2021

TERESÓPOLIS
Rio de Janeiro, Brasil

POPULAÇÃO
185.820 habitantes*

COORDENADAS
22° 24' 44" S 42° 57' 59" O

* Censo 2021



Que de coisas não tinha né, só

Ilustrando as paisagens

Capa
Embora tudo estivesse definido com as nossas ilustradoras, o resultado final das ilustrações nunca surge do nada e, como qualquer coisa, passa por um processo em que se vai acrescentando camadas (só as anantes do design entenderam esta). Para vocês terem uma ideia, não pretendíamos fazer uma capa com uma ilustração contínua. A vontade surgiu quando a Andressa mostrou o esboço dela.



Marcadores
Para você entender como, mesmo não trabalhando juntas, nossas ilustradoras chegaram a um ponto em comum, a Cris disse a elas que queria ver essa cidade aconchegante representada de diferentes formas nas ilustrações. Praça, escola, shopping, festa, praia ou o conforto de casa, não importava de qual maneira estivesse representada, apenas que fosse viável que era uma cidade onde as pessoas existiam em sua complexidade. Ane trouxe duas ilustrações diferentes: a primeira do marcador, um ponto de ônibus com uma vista belíssima. A segunda foi essa ideia mais voltada para um bairro antigo, que casa perfeitamente com o Centro Histórico presente no livro.

C o detalhe de uma livraria no Centro Histórico

M: Analisar Tabelas

A Luiza estava tão na correria confeccionando ovos de Páscoa — sim, nós estávamos fechando as ilustrações no dia 31 de março, quando nem o sumário existia ainda — que priorizou trabalhar uma ilustração apenas, adaptando para o marcador, e vamos concordar que ela conseguiu transmitir essa vibe bem gostosa de festa de rua e a ocupação das pessoas nesse espaço urbano, né?

Já a Andressa quis representar o afeto em todas as ilustrações, muito porque se sentiu tocada pelo Populário e quis passar isso nos seus desenhos. O grupo de amigos e as mãos prestes a se tocarem foi o charme final que conectou as três ilustradoras a esse projeto tão incrível.



Brindes
Nessa etapa do processo, foram muitos orçamentos solicitados para diversos e-mails. De verdade, o que mais fazíamos em fevereiro era pedir valores de marcador de páginas, postal ou até mesmo do nosso crachá para gráficas que encontrávamos por aí ou que nos indicavam. Mas, antes disso, tivemos de pensar bem em cada um deles! Como vocês já perceberam, decidimos pelos que proporcionariam a imersão no Populário.

Ade vivo
cabeleira decorada
3 pedras

ilha do populário
4 as peças
3 as peças
3 as peças



Estudando a arquitetura

Agora nós vamos falar dele, o maioral, o motivo que juntou tantas pessoas nesse processo lindo que vocês viram até aqui o livro *Populário LGBTQIA+ vivências, narrativas e lapsos*. Tá certo que a ideia de criar uma comunidade que genuinamente nos representasse foi o ponto central de tudo isso, mas muitas coisas foram direcionadas ao livro, e, por ele, nós fizemos — realmente — tudo.

Primeiro, ainda durante as férias, fizemos uma videochamada e olhamos as manchas gráficas, sabe aquele espaço que o texto e/ou as ilustrações ocupam na página? Esse aí! Fizemos uma análise das mais agradáveis dos livros que o Mar tinha na estante para definir a nossa.

AS MARGENS DO POPULÁRIO	
Desenvolvida por: Cristiane e Diana	
SUPERIOR	EXTERNA
2 cm	1,5 cm
INFERIOR	INTERIOR
1,5 cm	1,5 cm

Talvez, para a maioria de vocês, esses números não façam diferença alguma, mas, se você já leu o *Pop* e não teve nenhum incômodo, é porque pensamos em cada detalhe — como esses números.

"Mas... quais detalhes?", você pode ter se perguntado. Bem, depois de definirmos o conceito do *Populário* como uma cidade e de instruímos a Andressa para que todas suas ilustrações fossem voltadas a isso, começamos a pensar em como separar as temáticas mais densas das mais leves e descontraídas dentro do livro. Todas elas têm sua importância, mas queríamos marcar o ponto em que a comunidade se encontra na sociedade e o que gostaríamos muito de alcançar. Assim, dividimos a cidade entre "Centro Histórico" e "Bairro Novo" em um mapa extenso e cheio de detalhes, aquele mesmo da coleção de marcadores de páginas.

Explorando as ruas

Ícones

"Tá, Cris, mas esses ícones no mapa?" Estamos de olho em você, hein! Bom, para dar um carinho especial para cada texto, a ideia dos ícones veio dos céus para nós. Com eles, é possível localizar as histórias no mapa e trabalhar a individualidade de cada uma nas páginas do livro. Foi aí que a definição do sumário foi crucial, porque precisávamos entender onde cada texto estava localizado na nossa cidade para depois distribuí-los de forma coerente. Pensamos bastante em onde os textos ficariam localizados no mapa, planejamos que os textos mais densos

estariam mais à esquerda e os mais leves mais à direita. Isso sem contar que somos tão detalhista que escolhemos o nome de cada rua em que esses textos foram escritos, como se cada um deles tivesse nascido ali no *Populário* mesmo. Ah, e cada ícone representa algum assunto tratado no texto, mas nem todos são tão literais assim...



Mapa urbano

Tá, mas porque cada texto estaria no mapa? Na construção da cidade *Populário*, temos várias histórias e todas podem coexistir. Por isso, no nosso mapa, você encontra — quase — todos os textos. Nas nossas maquinações, cada texto que compõe o livro foi escrito em algum lugar dessa cidade.

No mapa, dá para ver o que falamos sobre cada um dos ícones, mas você notou que tá falando um? Afinal de contas, por que "Ele é um homem como outro qualquer" estaria localizado no mapa do *Populário* se ele foi (Alerta de Spoiler) morto em um local desconhecido? E, meus amores, a Cris tem umas sacadas bem boas!



Páginas de abertura

Quando a Cris fala que tudo é um processo, não é brincadeira, não, tá? Foram algumas semanas para definirmos como tudo ia ser em relação à página de abertura de cada texto e finalmente chegamos ao que vocês conhecem hoje. Mas, assim, nada que tenha mudado bruscamente — só que nós somos piradas por detalheszinhas que, às vezes, vocês nem vão notar, mas que, para nós, são cruciais. Por exemplo, a posição dos ícones, o nome da rua que aquele texto está localizado, e como dariamos destaque ao nome dos autores. Para fazer parte dessa cidade, tudo precisava conversar e, ao mesmo tempo, apresentar a vivência de quem escreveu.

Também não podemos esquecer dos ícones do nosso fólio — as famosas numerações de páginas — pois ele foi pensado para ajudar a diferenciar o Centro Histórico do Bairro Novo.

olha, tá falando um? de locais desconhecidos



Sumário

Com as entradas de capítulo definidas e o mapa pronto, podíamos enfim mexer no sumário — ou, como gostamos de pensar, no verso do mapa. Não entendeu? Provavelmente é porque hoje o Google Maps tornou os mapas impressos obsoletos e você nunca usou um para se guiar. Mas, nos primórdios da humanidade — nem há tanto tempo assim —, quando utilizávamos mapas em papel, o verso continha algumas informações a mais, como legendas ou complementos que ofereciam informações extras. Foi levemente difícil equilibrar tudo isso em uma página de 14cm x 21cm porque um mapa é muuuuito maior do que isso, então os ícones menores ficam visíveis. Por isso, nosso sumário é inspirado — repetam com a gente: inspirado — no verso dos mapas da vida real.



Panfletando histórias

Chegou aquele momento em que todos os nossos esforços — e a nossa falta de vergonha em nos humilhar kkkk — nos levaram a muitos lugares diferentes que ajudaram o *Populário* a alcançar diversas pessoas que, de outra forma, não alcançaríamos. Só... tente não ler rápido demais, pois o fim está próximo — drama! E se liga que aqui tem um compilado dos destaques desde o início de 2023, então bora lá!

Tira seus textos da gaveta

Foi por causa do perfil Seleções Literárias no Twitter que nós encontramos o blog deles. Também foi por causa disso que eles fizeram a divulgação da nossa chamada, e a maioria dos nossos autores foram tocados pelo *Populário LGBTQIA+*.

PublishNews

Esse aqui é mais um dos conhecidinhos do nosso curso e de quem trabalha com o mercado editorial brasileiro. O *PublishNews* é o portal nacional mais importante da área e o *Populário* foi divulgado por lá. A Cris conquistando seu espaço no mercado.

UniFM

Nós também amamos demais o espaço que a UniFM ofereceu para falarmos sobre o *Populário* a convite da Cristiane Michelin. Mas, isso não teria rolado sem a ajuda do nosso professor — e também participante da nossa comissão — Jean Rossi, obrigado, você é luz!



Entrevista na UniFM dia 27/04/23

Diário SM

Esse aqui foi fruto de muito trabalho coletivo, porque vocês imaginam o tanto de e-mail que um jornal recebe. Nós tivemos uma matéria sobre o *Populário* no jornal em abril e uma sobre o mercado editorial, feita pela Leticia Klusenner, em maio. Foi emocionante ver o *Pop* no jornal!

Clara Alves

Simmmmmm! É ela mesma, a ++ das histórias boiolas do BR, a autora de *Conectadas e Romance Real!* Nós mandamos um e-mail sem vergonha nenhuma na cara. A assessora da Clara nos disse que elas tinham amado. Nós ficamos boiolas quando ela publicou no story.

Influencers

A primeira que nos ajudou foi a Camila Veloso (@camilaveleoso no Instagram e @camilaveleoso no TikTok), que já cursou PE, e divulgou a chamada de submissão de textos, e foi super fofa com a gente. A Laura Coelho (@_whatalaura no Instagram e no TikTok) conheceu a Cris na 50ª Feira do Livro de Santa Maria e amou a proposta do projeto. Enviamos "Mani-me-cure" e "Vagalumes" para ela, que fez um conteúdo sobre o conto e sobre o *Pop*. Ah! Não podemos esquecer de forma alguma a Thaís (@sayarro no Instagram e no TikTok), que, além de falar sobre "Vagalumes", ainda fez um desenho inspirado no conto, perfetíssimo!

E... tchau (?)

Como você já deve ter percebido pela falta de mais páginas, estamos chegando ao fim do Atlas do Populário LGBTQIA+ : vivências, narrativas e laços. Mas não fique triste: a Cris tá no Instagram e no TikTok e quem sabe, no futuro, em uma nova rede social. Nós só queremos aproveitar essa última página para agradecer todos vocês que participaram desse processo difícil, mas muito recompensador, de acolher a todas as pessoas LGBTQIA+ do Brasil.

Obrigado à nossa orientadora Mariela, que se emocionou durante todo o processo e nos deu todo o apoio do mundo. Obrigado aos autores por acreditarem que o Populário era o espaço para sua arte. Obrigado à comissão curatorial por se dedicar neste projeto tanto quanto nós e por ser tão maravilhosa com a Cris. Amamos vocês! Obrigado a todas as pessoas que nos ajudaram compartilhando o Pop nas redes sociais e fizeram esse espaço seguro alcançar tantas outras que não conseguimos mensurar. Obrigado também a você, que confiou neste projeto — que sempre foi muito mais do que um TCC para nós. Obrigado por acreditar que o Populário também é um espaço para você. E obrigado por acreditar em nossos autores e nos ajudar a dar um espaço para eles no nosso mercado editorial brasileiro.

A Cris tirou do casulo seu primeiro original e fez essa linda borboleta voar até vocês.

A Editora Crisálida retornará.

PROJETADO PELA EDITORA CRISÁLIDA

Atlas do Populário LGBTQIA+ : vivências, narrativas e laços

MOBILIDADE

M ESTAÇÃO DE METRÔ
 Acesso às linhas Amarela, Azul, Verde e Vermelha

P ÔNIBUS TURÍSTICO
 Linha P com paradas até a Praça Cas lot

CULTURA E LAZER

I BIBLIOTECA MUNICIPAL
 Acervo do Populário para empréstimo ou consulta

II PARQUE DOS AMORES
 Espaço de lazer para os casais mais apaixonados

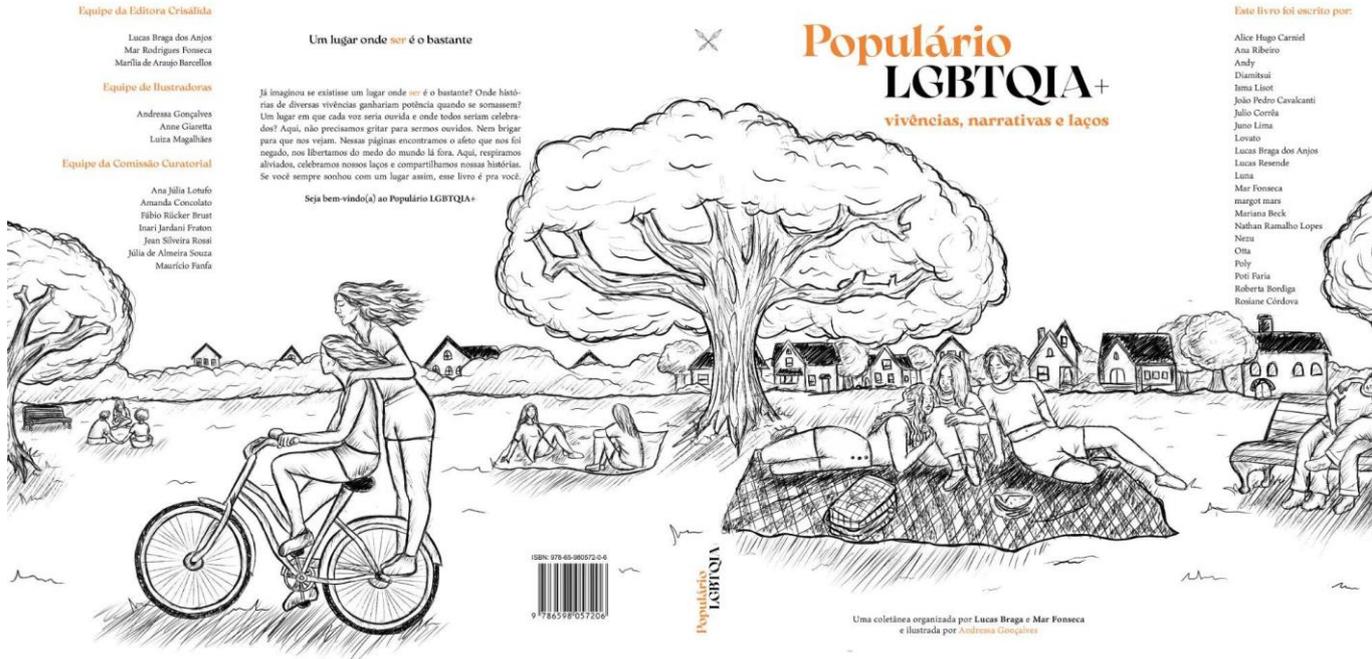
III CINEMA LIVRE
 Séries todos os dias com a melhor seleção de filmes

SAÚDE E VIDA

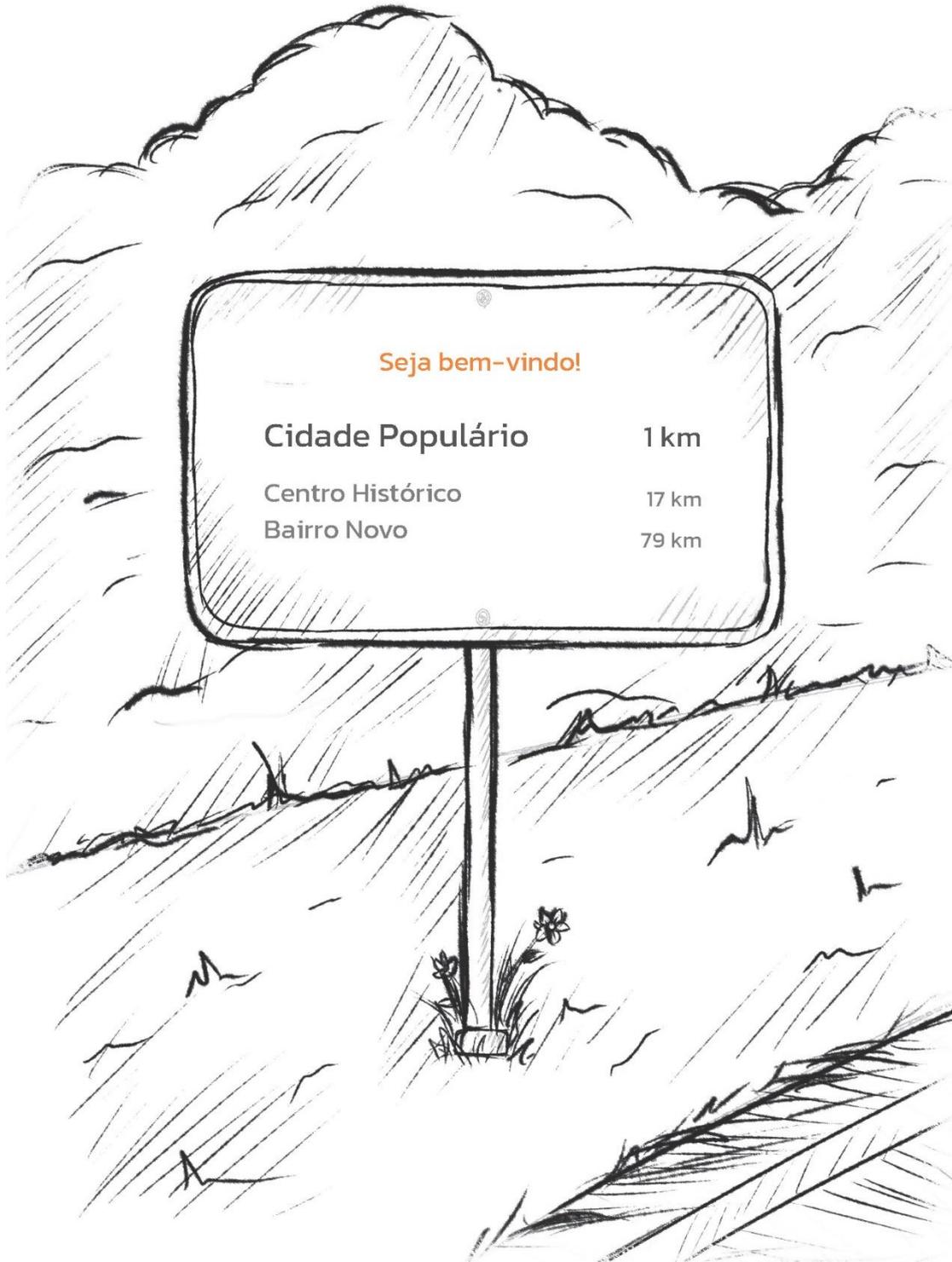
IV HOSPITAL ESPERANÇA
 Serviço público e de qualidade a todos

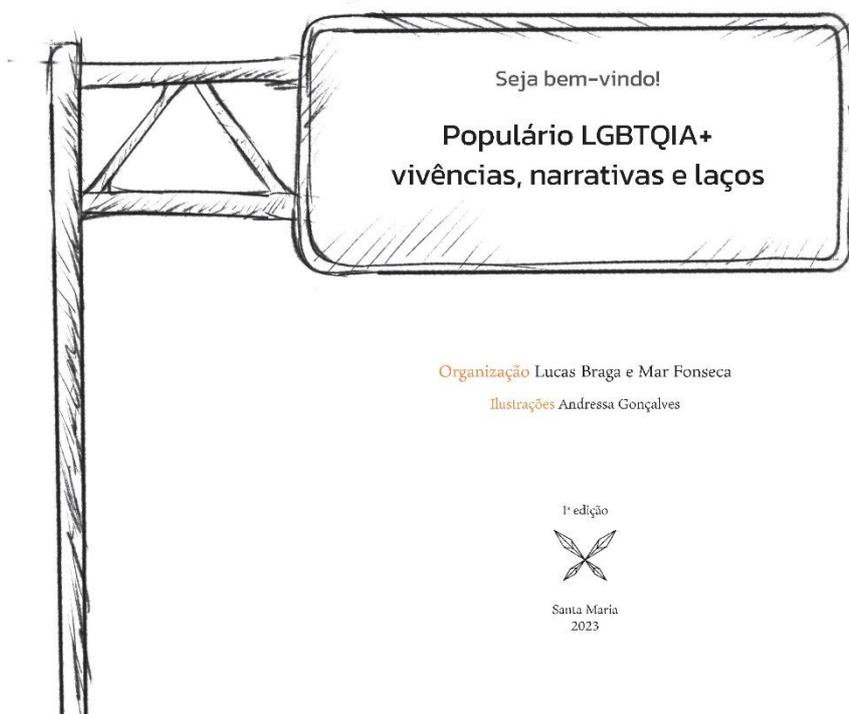
APÊNDICE L – POPULÁRIO LGBTQIA+: VIVÊNCIAS, NARRATIVAS E LAÇOS

CAPA



MIOLO





*- Para aqueles que precisam ou precisaram
silenciar suas vozes*

– Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é

Caetano Veloso

Apresentação

“Antes de ser trans, sou tantas outras coisas”, escutei essa frase em relato de pesquisa na aula da professora Maria Rovai, em um curso sobre história oral ministrado pela Associação Brasileira de História Oral, no ano de 2023. Essa afirmação teve um impacto profundo em mim! Não é que essa informação seja nova, mas ela retratou uma realidade que estava bem diante dos meus olhos, ali mesmo, na produção de um livro sobre histórias LGBTQIA+. Esse trabalho, que foi realizado como conclusão de curso por dois alunos de graduação, parecia mais do que isso. Era um chamado para abraçar a diversidade e todas as suas facetas, começando pelo direito de existir.

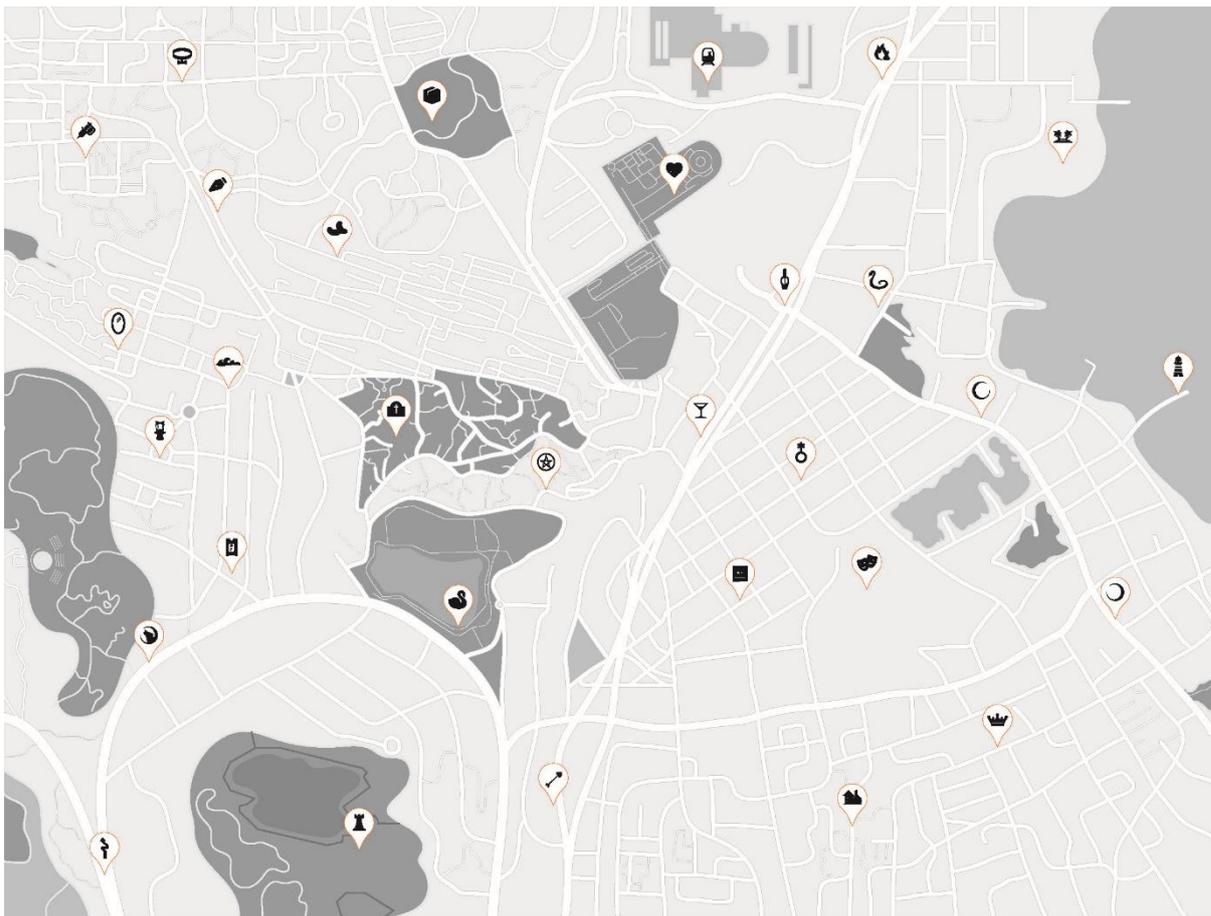
Segundo um levantamento da ONG europeia Transgender Europe¹ (TGEU), o Brasil está entre os países que mais mata pessoas trans e travestis em todo o mundo pelo décimo quarto ano consecutivo — apesar de a transfobia ser crime no Brasil desde 2019. O país corresponde a 29% de todas as mortes violentas sofridas por travestis e transexuais. Segundo a TGEU, a média de idade das vítimas está entre 31 e 40 anos. No entanto, o Brasil registrou quatro das cinco mortes cometidas contra adolescentes de 15 a 18 anos. É importante lembrar que essa é uma faixa etária em que os estudantes ingressam na universidade. A violência está presente tanto nas ruas quanto nos lares das vítimas.

No entanto, o *Populário LGBTQIA+*: *vivências, narrativas e laços* vai além desse tema. Como camaleão — mascote do Curso de Produção Editorial — ele nos convida a perambular pelas ruas, que estão repletas de histórias. Os textos vêm e vão, e o leitor nem sempre sabe exatamente quem está falando, quem é o autor... mas isso não importa, porque nós passamos freneticamente de um texto para o outro, imersos em um misto de sentimentos. É o corpo que cai nos braços de alguém, é a insegurança do amor que se revela... Na Avenida dos Amores, discorre-se sobre os astros, perdemos-nos entre esquinas e ladeiras, como se elas fossem o coração dos prédios, das paredes que absorvem as experiências e os segredos através de seus poros.

E o que encontraremos nesse espaço geográfico do livro? Retomando a frase do estudo de Rovai, lembremos: somos muito mais do que apenas uma questão de gênero, mais do que pessoas que são proibidas de usar banheiros femininos, mais do que indivíduos com direito à não-vida. Somos tantas outras coisas, e o *Populário* traz uma amostra de todas as outras coisas que somos, nós, todos juntos!

Mariana de Anjo Barcellos
Universidade Federal de Santa Maria
Departamento de Ciências da Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

¹ Disponível em: <https://tgeu.org>. Acesso em: 12 de junho de 2023.



Guia do Visitante

Esse guia foi feito pensando em você, que está nessa viagem pela primeira vez e precisa se encontrar pela cidade. Abaixo, estão os pontos mais importantes do Populário, com as indicações de paradas. O Centro Histórico é mais denso, com temáticas que podem causar desconfortos durante a leitura, principalmente por tratar de assuntos reais que permeiam nossas vivências. Já o Bairro Novo foi construído pensando em novas possibilidades do que podemos ser, com histórias que exploram nossas infinitudes.

Mas não se limite a isso, fique livre para começar sua jornada por onde achar melhor. O importante é que você se sinta confortável conhecendo todas essas narrativas presentes nessa cidade que foi arquitetada pensando em você.

Tenha uma ótima aventura pelas páginas do Populário.

Centro Histórico

 Ele é um homem como outro qualquer Local desconhecido, s/n	17
 Entreguêres Estrada da Tragédia, km 78	19
 Gutural Rua 61, casa 12B	41
 na caixa Avenida da Cultura, nº 1969	43
 Tatu Usagem Rua 14, loja 3F	44
 Trans Versia Avenida Traveçsa, nº 105	46
 Entre Ecos e Necas Rua M.F., nº 14	47
 Travessia Beço, altura da Rua Sem Nome	48
 Terror mora ao lado Avenida dos Esquecidos, nº 1267	52
 Intérprete Rua dos Fisantes, nº 525	54
 Afílico Cinema Livre, praça 8	55
 Procura-se Estrada dos Familiares, km 54	57
 Máscara de porcelana Hospital Esperança, quarto 1101	74

Bairro Novo

 Reapresentação Rua Sem Nome, nº 21	79
 maçã Rua dos Pecadores, nº 405	81
 Egoísmo Alameda dos Estudantes, nº 609	83
 ás de ouros Caminho dos Iguaçu, casa 67C	86
 O nome transcende Rua Sem Nome, nº 2	90
 Ok Avenida Celeste, nº 666	91
 conversa com Freitas e companhia Rua dos Amigos, nº 89	107
 Panela de pressão Rua da Feira de Quinta, altura do nº 306	108
 Mar Praia do Farol, pier 5	113
 Linhas Entremeadas Estação de Metrô Amarela, s/n	114
 Boa sorte Avenida Celeste, nº 999	119
 naquela mesa Avenida dos Amores, nº 1512	133
 Parte boa de uma noite de caos Avenida dos Amores, nº 2509	136
 Para Anne Lago dos Amantes, s/n	137
 Se ela pá Avenida dos Amores, nº 1018	139
 Uma época sem fim Parque Histórico, quiosque 14	141
 Vagalumes Praia da Luz, pier 8	143
 Reencontro Banco Popular, nº 438	161
 Mani-me-cure Avenida dos Amores, nº 1245	164



Ele é um homem como outro qualquer

Local Desconhecido, s/n
por Diamússi

Ele é um homem como outro qualquer, normal,
gosta de debater assuntos que lê no jornal.
Na manhã de segunda-feira, parte ao trabalho,
na noite de segunda, treina no baralho.

Ele é um homem como outro qualquer, corriqueiro,
Anda com seus amigos e é um baita fofaqueiro.
Na manhã de terça-feira, parte para a caminhada,
na noite de terça, cuida da perna inchada.

Ele é um homem como outro qualquer, ordinário,
Assiste séries até tarde e se perde no horário.
Na manhã de quarta-feira, come só boqueira,
na noite de quarta, desmaia de cansaço.

Ele é um homem como outro qualquer, existente,
Reclama do trânsito e xinga constantemente.
Na manhã de quinta-feira, reza e agradece,
na noite de quinta, toma vinho e adormece

Ele é um homem como outro qualquer, cidadão,
 Paga impostos e respeita as leis com boa intenção.
 Na manhã de sexta-feira desaparece, como? Ninguém sabia
 na noite de sexta, vem a óbito, vítima de homofobia.



Entrelugares

Estrada da Tragédia, km 78
 por Lucas Braga

Parte I: Mudança

Sem sombra de dúvidas, o acontecimento mais extraordinário na vida de Jonas aconteceu semanas depois de considerar, e logo em seguida aceitar, seu pensamento quase egocêntrico de se mudar da cidade grande para um lugar de invisibilidade geográfica. Uma cidade da qual nunca se ouve falar até você conhecer alguém que veio desse lugarzinho pacato, que em nada se parece com a ideia que você um dia ousou ter. Sinceramente, acho que não existe uma explicação que justifique o motivo pelo qual esse homem de trinta e seis anos, que morou por toda a sua vida no caos mais que caótico da cidade de São Paulo, decidiu se mudar para o meio do nada. Acredito que seja mais uma forma de capricho pessoal ou talvez um tipo estranho de fetiche regional, que o excite com as possibilidades que o aguardam. Também não é como se eu soubesse de tudo que você quer saber; então... não espere todas as respostas.

Foi em uma quarta-feira, depois de sair do trabalho e atravessar praticamente toda a Avenida Paulista andando — não por falta de escolha, mas pelo excesso dela. A garoa, que define o apelido carinhoso da capital, caía persistente naquela noite. Em algum canto da movimentada avenida, um grupo de amigos comemorava o gol de um time de futebol qualquer, para o qual Jonas não se deu ao trabalho de desviar o olhar para saciar a curiosidade. Dois motivos podem tê-lo influenciado nessa decisão:

1) o fone de ouvido esquerdo, que estava há dias falhando, impedia ele de ouvir toda a melodia final de *The Louvre*, da Lorde, como achava que devia ser apreciada, deixando-o excessivamente puto com aquilo; 2) por nunca ter sentido afeição por futebol.

Embora a raiva não tenha sido tão passageira quanto ele gostaria, o pensamento seguinte o levou diretamente a um lugar desconhecido, desses que imaginamos apenas reunindo informações visuais de outras partes do mundo que conhecemos na internet. Para Jonas, esse lugar tinha que existir — ainda mais no Brasil, um país tão grande.

Cogitar essa mudança para uma cidadezinha pacata de qualquer outro país o assustava, assim como o plano que ele traçou para si nessa cidade decadente no Brasil. Até mesmo para os mais corajosos, uma mudança tão brusca de hábitos podia ser aterrozante. O fato era que Jonas tinha preguiça de se dar ao trabalho de pensar em um outro país que poderia abraçá-lo e onde ele soubesse falar a língua. Ele desejava que a pequena cidade de, no máximo dois mil habitantes — isso era o que ele considerava decadente o suficiente — não fosse bizarra, como nos inúmeros filmes que ele tinha maratonado com Hugo em todos os serviços de streaming possíveis.

O plano parecia absurdo, assim como havia sido das últimas vinte e nove vezes. Diferente das outras tentativas, Jonas pensou na tecnologia e como ele se sentia sugado por ela, ao mesmo tempo em que entendia que era a única coisa que poderia ajudá-lo no momento. Como encontrar uma cidade no meio do nada com menos de dois mil habitantes? A resposta talvez aparecesse em uma pesquisa rápida no Google — ao menos era o que ele esperava.

Jonas deu sinal para o ônibus e entrou no veículo ainda desorientado pela ideia, como se ele soubesse que, daquela vez, não teria nada que pudesse impedi-lo, a não ser Hugo. O pensamento mais lógico — devo concordar — era que o homem com quem ele dividia a vida há dez

☞ 20 ☜

Jonas é um homem branco, de mais ou menos um metro e setenta, com uma queda de cabelo irritante na lateral da cabeça. Ele não é atlético. Na verdade, ele se parece com aquele seu professor de filosofia do ensino médio, que nitidamente tem o metabolismo acelerado a ponto de nunca conseguir engordar — pelo menos não antes dos sessenta —, e que você tem certeza que foi zoadado na infância por causa disso. Ele tem uma barba bizarramente preta como petróleo, volumosa, que ajuda nesse ar de professor de filosofia de escola pública. Jonas adora se vestir com roupas de brechó, desde que começou a consumir todos os vídeos da Nátaly Neri, no YouTube, e entendeu um pouco sobre a lógica capitalista da indústria têxtil. Na maior parte do tempo, está usando alpargatas nos pés e carregando seu notebook na bolsa que comprou de uma hippie na Paulista. Absolutamente tudo isso contribui na construção desse visual de um cara de humanas, que fuma muita maconha e que demorou quase o tempo máximo para concluir uma graduação — que ele sequer cogitou cursar.

Hugo não é o oposto, mas tampouco se aproxima do estilo do marido. Ele também é um homem branco, de um metro e sessenta de altura, com longos cabelos negros que caem sobre os ombros quando soltos — que ele prefere amarrar em um coque. Hugo sofreu com muitas espinhas na adolescência, então parte do seu rosto está marcado por isso. Além disso, a negligência pela sua saúde ocular resultou em um alto grau de miopia, sete e meio para ser mais exato. Diferente de Jonas, Hugo não se veste parecendo um professor de filosofia do ensino médio. Na verdade, ele está quase sempre usando calça social e camisa branca com mangas longas, muito disso porque seu emprego como manobrista exige esse tipo de vestimenta. No tempo livre, ele é do tipo que usa shorts jeans e regata sem estampa, ou com o mínimo de estampa possível.

Tã, agora chega de descrições. O que vocês querem mesmo saber é o que Hugo disse sobre essa ideia brilhante que martelou a mente de Jonas durante todo o caminho, certo?

☞ 22 ☜

anos seria a primeira pessoa a perceber quão egocêntrica e sem noção era aquela ideia.

Hugo sempre foi esse tipo de pessoa, que apoiava Jonas nas decisões mais sábias, mas também o julgava quando suas fantasias pareciam absurdas demais. Foi assim quando Jonas quis adotar dois dobermanns que os vizinhos da frente estavam doando, e Hugo precisou lembrá-lo que os dois moravam em uma kitnet tão pequena que podia ser confundida com um depósito para guardar móveis velhos ou tralhas de acumuladores. Assim como na vez em que Jonas jurou de pé junto que comprar um carro seria o melhor investimento que eles poderiam fazer, mesmo estando endividados. O argumento dele era que ambos poderiam largar o emprego — na época — para se dedicarem à abertura de uma adega; Hugo faria as entregas dos pedidos, enquanto Jonas seria o responsável pelo atendimento aos clientes por telefone, aplicativo e presencialmente, além da divulgação nas redes sociais. Acho que já deu para perceber que Jonas não é das melhores pessoas para ter uma ideia, não é?

Dessa vez, entretanto, ele tinha certeza que Hugo aceitaria essa proposta, pois seu marido se queixava do caos de São Paulo havia meses. Embora vivesse na cidade da garoa há mais de quinze anos, Hugo nunca havia se acostumado com a correria caótica do lugar. Ele nunca gostou de onde veio — Peçanha, uma cidadezinha de Minas Gerais —, por isso tentava, a todo custo, esquecer a pequena parte da sua infância que passou lá. Ainda assim, ele continuava trazendo o nome da cidade à tona quando queria comparar São Paulo a um lugar tranquilo. Jonas se agarrou nessa ideia, mesmo que dissesse para si mesmo que não usaria isso como vantagem.

Acabei de notar que você não faz ideia de como Jonas e Hugo são. Acho que isso não importa, não é mesmo? “Óbvio que importa”, você deve ter dito, ou só pensado. Eu sei, estou presente em muitos lugares que me interessam, e a sua cabeça é um deles.

☞ 21 ☜

— Mas... e a revista? — Essa foi a primeira pergunta que Hugo fez quando Jonas despejou todo seu plano, elaborado meticulosamente no percurso de volta para casa. — E seus pais?

A segunda me pareceu mais pertinente, afinal, o que realmente importa são todas as pessoas que estão conectadas de alguma forma a você.

— Meus pais vão ficar bem, eles têm a Sônia e o Adolfo. — Ele se referia aos vizinhos excessivamente cuidadosos, que praticamente sufocavam seus pais com tanto zelo. — E eu posso continuar fazendo o meu trabalho onde vamos morar, eu só preciso de internet...

Jonas não tinha pensado nisso, embora já considerasse certa a mudança. Ele queria tanto fugir da internet, que se esqueceu que ia precisar dela no fim das contas.

Seu marido ficou mudo por alguns minutos, olhando para o chão enquanto tentava procurar uma alternativa. Foi aí que o falso professor de filosofia encontrou a solução para seu problema, na mesma resposta que havia preparado para a situação de Hugo.

— Se não tiver como, eu arrumo um emprego de caseiro, sei lá. Deve ter muita chácara por perto. Muito mato, né? — Hugo concordou, mas seu semblante transparecia indecisão. — E você pode procurar um emprego mais rústico também.

— Rústico?

— É, cê sabe, de fazendeiro, cuidando de bois e vacas; ou de entregador de alguma coisa, leite, sei lá. Deve ter muita vaca por lá.

— E onde especificamente é lá?

Isso era o que Jonas não sabia responder, mas ele não tentou contornar a situação, porque Hugo parecia estar considerando, pela primeira vez, uma das ideias malucas do seu marido. A pergunta, porém, não saiu da cabeça dele. Ele buscava um lugar não tão longe por causa dos seus pais, mas afastado o suficiente para que os migrantes de São Paulo não contaminassem o sossego do casal nos períodos de férias.

☞ 23 ☜

Para a pesquisa, criou uma checklist com os itens essenciais da nova morada e em seguida abriu o Google Maps. Durante seu trabalho, ele buscou, dentre outras coisas, por: 1) cidades com menos de dois mil habitantes; 2) lugares que não fossem muito longe de uma cidade maior com um supermercado que vendesse seu pote de meio quilo de Vigor Grego sabor morango; 3) cidades com acesso à internet.

Jonas não encontrou especificamente a cidade que procurava, mas encontrou um comentário de uma mulher sobre Joanópolis — uma cidade longe de ter dois mil habitantes —, em que dizia que todos deveriam reservar um dia para ir a esse lugar, do qual ela não soube dizer o nome. Ele tentou não parecer tanto com um professor de filosofia do ensino médio quando foi falar com a mulher no Facebook, única rede social em que havia a encontrado. Ela parecia tão empolgada quanto em seu comentário e passou para Jonas o telefone de uma mulher chamada Ilda que ela ainda mantinha contato. A mulher disse que ela era a ponte que ligava Rose — a pessoa que recomendou a cidade — e Entrelugares, uma cidadezinha entre Joanópolis e Monte Verde — que agora ela conhecia pelo nome.

Ilda demorou, pelo menos, seis dias, oito horas, doze minutos e um par de segundos para responder à mensagem de Jonas — não que ele estivesse contando. Essa notificação foi responsável por tirar toda sua atenção da revisão que deveria estar pronta duas horas antes. Ela pediu desculpas pela demora e explicou que os afazeres da comunidade estavam intensos por conta do desaparecimento da metade do gado de Sebastião, um senhor de setenta e seis anos. “Pelo menos agora sei que eles têm vacas lá”, foi o que Jonas pensou quando leu os caracteres. Ele só abandonou sua fixação pelas perguntas para Ilda quando sua chefe, Talita, o repreendeu. Jonas, então, focou mais do que cem por cento em seus afazeres para terminar o mais rápido possível, nutrindo a esperança de que Ilda ainda estaria disponível para respondê-lo. Ela não estava, e,

☞ 24 ☞

Os pais de Jonas ajudaram a empacotar as coisas mais essenciais e deram conselhos que imaginaram servir ao filho, enquanto separavam aquilo que o casal não precisaria na nova casa. Um amigo de Hugo conhecia um cara, que conhecia outro cara, que indicou outro cara que poderia ajudar na mudança, porque no caminhãozinho dele caberia tudo o que Jonas e Hugo precisavam levar. Foi nesse veículo que os dois ficaram por mais de três horas percorrendo estradas pavimentadas que depois deram lugar à terra batida. No trajeto, ouviram a *Rádio número um do Sertanejo Universitário* e explicaram para Jânio que não estavam preocupados em ir para uma cidadezinha com menos de dois mil habitantes assumindo o status do relacionamento deles. Nada disso os assustava porque, segundo Ilda e Rose, Entrelugares era o melhor lugar em que se podia viver.

A casa que Ilda alugou para eles era uma de um total de doze que ela possuía pela cidade. A construção pequena ficava um pouco mais afastada do que convencionalmente se tornou o centro daquele lugar, embora não seja nada parecido com o que você provavelmente está pensando. A casa do casal estava localizada no fim de um pequeno cume de grama aparada, construída há mais de quarenta anos, em que nitidamente os tijolos estavam pedindo socorro por tanta chuva que aguentaram. O telhado era completamente sustentado por uma estrutura de madeira que mantinha as telhas sobre ela. A varanda em frente à casa foi a primeira coisa sobre a qual Hugo comentou quando chegaram, dizendo que era idêntica às fotos que a proprietária enviou.

A primeira semana foi difícil para ambos, pois, mesmo que estivessem animados com a mudança, o processo todo de se mudar não era algo que os agradava. Foi assim nas quatro mudanças anteriores e não foi diferente daquela vez. Além do mais, a internet via satélite que o casal contratou — a única possível em uma cidade daquele tamanho — oscilava por conta das chuvas, que comprometiam o sinal devido à densidade das

☞ 26 ☞

embora isso tenha sido frustrante, Jonas teve muito sobre o que conversar com Hugo quando chegou em casa.

O planejamento de Jonas poderia ser revolucionário de tão metuculo, mas de nada valeria se Hugo não aceitasse essa aventura com seu marido. Por mais excitante que fosse a oportunidade de escapar de tudo que os sufocava, não existia a possibilidade de Jonas se distanciar do homem da sua vida. Foram quase dez anos compartilhando tudo: dores, sonhos, maiores medos e os maiores prazeres, carnisas ou não. É justamente por isso que a aprovação de Hugo quanto ao plano era tão importante para ele — também porque seria o atestado de que havia alguma coisa boa naquela ideia e que, talvez, não fosse tão egocêntrica assim.

Hugo aceitou enquanto ele e seu marido tinham a milésima conversa sobre o assunto na mesa de jantar. Ele não disse a Jonas o motivo para concordar com o plano, e Jonas não o forçou a revelar, porque sabia que no momento certo o marido contaria. Dessa forma, seus esforços se voltaram para a mudança, inclusive de emprego. O chefe de Hugo o dispensou com todos os direitos garantidos alegando que o mineiro havia sido, senão o melhor, um dos melhores funcionários que ele já teve. Para Jonas, a dificuldade foi inventar uma mentira boa o suficiente para convencer Talita, o que de fato se mostrou muito difícil quando ele começou a cuspir falsas palavras.

Ele e sua chefe se conheciam há quase sete anos e eram muito próximos um do outro, daqueles que contam segredos e têm certeza de que nenhuma outra pessoa da empresa ficaria sabendo. Talita foi a primeira a acreditar em seu potencial, e o contratou para trabalhar em uma prestadora de serviços para a revista Caras. Para ela, não existia explicação para largar uma cidade como São Paulo para viver no meio do nada. No fim das contas, como toda amiga, a única coisa que ela pôde fazer por Jonas foi aconselhá-lo e envolvê-lo o mais forte que podia em uma espécie de abraço bizarro e desajeitado.

☞ 25 ☞

nuvens. Ainda assim, tudo estava bem. Os dois estavam felizes demais com a mudança e esperavam melhoras a partir daquele momento.

Parte II: Aceitação

Na segunda semana depois da mudança, a casa estava toda arrumada. O quarto do casal — embora não muito grande quando comparado ao antigo apartamento deles — acomodou uma cama de casal no centro; um guarda-roupa de três portas na parede direita em frente à janela; uma cômoda branca na parede oposta, que eles tinham certeza que iriam se arrepender da cor; e uma televisão de trinta e duas polegadas na parede em frente à cama, em que eles ansiavam poder assistir aos novos lançamentos dos serviços de streaming. Eles sacrificaram parte da sala para transformá-la no escritório aberto de Jonas. Na parede à esquerda da entrada da casa estava encostada a escrivaninha, junto com uma mesa ao lado para que ele pudesse comparar as provas de preparação da revista. Do outro lado, a pia e o fogão ficaram juntos, a geladeira estava na parede em frente à porta de entrada e a mesa para fazerem as refeições ficou no meio dessa bagunça toda.

Felizmente, a empolgação de Jonas não o deixou esmorecer, mesmo após horas frustradas de trabalho devido à instabilidade da internet. Mais tarde, então, ele e o marido saíram juntos para conhecer um pouco da cidade — mesmo que o escuro fosse assustador e a surpresa do que poderiam encontrar, mais ainda.

Foi em um desses passeios que eles encontraram o centro da cidadezinha, embora não tenham ligado aquele lugar ao conceito de centro que eles tinham em mente. No final de uma longa estrada de terra e pequenas pedras soltas havia um canteiro circular que separava algumas árvores do centro do círculo. No meio do canteiro, eles viram um pequeno amontoado de madeiras para uma fogueira improvisada. Ao redor, próximo às árvores, havia uma construção de tijolos com o nome

☞ 27 ☞

Quitanda da Ester na fachada. No lado oposto do círculo ficava outra construção parecida, na qual podia ser lido Bar do Tião.

Nesse lugar úmido e grudento devido à terra molhada, Jonas e Hugo compreenderam que, embora a cidade tivesse menos do que dois mil habitantes, o importante eram as relações que eles construíam entre si naquele ambiente bizarramente reconfortante. Naquela noite, como em tantas outras, havia música a plenos pulmões acompanhada pelos violões de Gerson e Rubson — dois amigos de longa data, que moram juntos há muito mais tempo do que o casal imaginou ser possível. Ao mesmo tempo em que acompanharam a música, também apreciaram as especialidades da Quitanda da Ester, uma mulher de cinquenta e poucos anos, longos cabelos com indícios de velhice, que sempre sorria quando oferecia a Jonas e Hugo mais uma porção de torresmo. Foi nesse lugar que Ilda apresentou o casal a todos que estavam presentes — no máximo trinta e poucas pessoas, quem sabe até quarenta —, que retribuíram a apresentação amistosa com sorrisos e cumprimentos de mão ou beijos no rosto.

O casal voltou para casa naquela madrugada acompanhado por Fátima; uma mulher de trinta anos, filha mais nova de Ester; Anderson, seu namorado, que era assustadoramente bizarro devido aos seus quase dois metros de altura e à magreza excessiva; e Joaquim, filho de três anos do casal. Ao se deitarem na cama, os sorrisos dos dois iluminavam a escuridão do quarto e os pensamentos pareciam estar em sintonia de que essa, sem sombra de dúvidas, foi a melhor decisão da vida deles. No fim, o sexo foi só o ato que consagrou a felicidade e externalizou esse êxtase que ambos estavam sentindo.

Como passaram mais de quatro horas estreitando laços com os moradores de Entrelugares, o casal acabou sendo convidado para a missa geral, que sempre acontecia às quintas-feiras, na Igreja da Determinação de Cristo. Fundada pela família Soares quase oitenta anos

antes, a igreja era comandada por Gabriel, ou Padre Gabriel, como todos costumavam chamá-lo.

— Ele não é padre de verdade, vocês sabem, mas quem se importa com isso? — Ilda deu de ombros, sorriu após a revelação e tudo ficou bem.

Jonas e Hugo nunca foram muito religiosos, embora o segundo parecesse mais comprometido com sua fé do que o primeiro — o que às vezes o gerava um sentimento de culpa, logo ao acordar pela manhã e perceber que não tinha rezado na noite anterior. Hugo gostava de agradecer a Deus pelas bênçãos que recebia e ultimamente ele tinha muito a agradecer. E Jonas não se importava em dedicar um certo tempo do seu dia para estar junto às pessoas da comunidade de Entrelugares, afinal, eles seriam sua família por um bom tempo.

A Igreja da Determinação de Cristo ficava na direção leste em relação ao centro da pequena cidade. A construção era cercada, como todo o resto, por montanhas cobertas de grandes árvores, que à noite eram responsáveis pela queda de temperatura em quase cinco graus. Naquela noite, embora não estivesse tão frio, Jonas e Hugo vestiram seus casacos, sem questionar a dica de Ilda, e se depararam com quase cem pessoas vestidas com roupas de inverno em pleno verão. O casal sentou-se ao lado de Fátima e Anderson, que carregava no colo um Joaquim sonolento. Ilda sentou-se no palco da Igreja, junto com algumas outras mulheres com quase a mesma idade. Em seguida, o Padre Gabriel cruzou o local com uma aura angelical, quase como se flutuasse ao andar, apresentando a todos um semblante indecifrável, daqueles que não se sabe se precede uma explosão de raiva ou uma frase de aconchego. O homem, de mais ou menos um metro e setenta, se pôs em frente ao altar, colocou sua Bíblia sobre a madeira e rezou em silêncio — ou ao menos era o que parecia — antes de levantar sua cabeça de volta para os irmãos presentes.

Hugo não conseguiu deixar de notar o quanto ele parecia com a imagem geral de um padre: um homem branco com sorriso gentil e cabelos

negros, que começaram há pouco o processo de tornarem-se grisalhos. A roupa tradicional de sacerdote também ajudava na construção da imagem, assim como no caso de Jonas com suas roupas que lembravam as de um professor de filosofia. Os óculos de grau com armação quadrada acentuavam o nariz pontiagudo e as maçãs do rosto do Padre.

Essa análise foi o suficiente para que Hugo perdesse o início da missa e para que se sentisse culpado também. Por isso, a partir daquele momento, ele prometeu para si mesmo prestar atenção em cada detalhe.

— ... E a graça de Deus é a responsável por essa comunidade estar aqui, mais uma vez, reunida em comunhão. Certo, irmãos? — Todos proferiram um *Amém* em uníssono. — Amém. — Foi a vez do Padre proclamar, quase em um sussurro que não seria audível sem o auxílio do microfone. — Por isso, Deus provém cada vez mais para essa comunidade, meus irmãos. Hoje recebemos, com muito amor e religiosidade, dois novos irmãos, irmão Hugo e irmão Jonas, que se juntaram a nós. Não para somar numericamente, mas para somar suas qualidades às nossas. Para levar Entrelugares adiante. Para prosperar.

Isso tocou o coração de Jonas mais do que o de Hugo. Ele percebeu, naquele momento, que sua ideia egoísta de semanas atrás havia resultado em uma decisão que mudaria para sempre, não só a vida deles, mas daquelas pessoas também. Ele nunca tinha se sentido tão importante como unidade quanto naquele momento, então agradeceu a Deus, mesmo em silêncio, que todo sofrimento pelo qual ele havia passado na sua infância tivesse, enfim, se transformado em esperança.

No fim da missa, o Padre Gabriel pediu para que os irmãos considerassem a oferta de Sebastião para cuidar de seu gado. Ele já não tinha mais idade para o trabalho e estava preocupado com o desaparecimento repentino de tudo o que ele havia construído ao longo dos anos. Hugo olhou para Jonas no mesmo instante e agradeceu com o olhar pelo marido

30

— C-como...? — Jonas já havia se preparado para o pior antes de entender tudo.

— Aqui, nesta comunidade, aos olhos de Deus, somos todos iguais. Gerson e Rubson não são gays porque se amam e moram juntos, eles são apenas Gerson e Rubson. — Jonas se surpreendeu com a informação, e o padre continuou: — Assim como Ilda e seu marido não são um casal heterossexual, eles são apenas marido e mulher. — Ele não esperou que Jonas lidasse com o baque da informação. — Vocês são casados?

— Sim.

— Deus os amará como casal, assim como nossa comunidade. Vocês não são especiais por isso, são iguais a todos e serão tratados como iguais.

Ele sorriu, o mesmo sorriso indecifrável, e Jonas apenas agradeceu as palavras do padre. Em toda a sua vida, nunca havia se sentido genuinamente parte de algo como naquele momento, mais ainda do que sentiu quando ouviu o padre Gabriel dizendo aquelas palavras na missa. Ele se forçou a voltar para o chão, pois estava ali para pedir um emprego para Hugo na fazenda do senhor Sebastião, e isso importava muito mais para eles do que qualquer ideia que o padre pudesse ter.

Hugo começou a trabalhar dois dias depois da missa, e Jonas passou a ficar parte da manhã e o resto da tarde sem o seu marido ao seu lado. Às vezes, em algumas noites, Hugo ia até Joanópolis com o Padre Gabriel e Rubson para fazerem compras para os mais velhos da comunidade que, por questões óbvias, não conseguiam ir tão longe em busca de suprimentos básicos. Em outras noites, quando não precisavam fazer isso, os dois jantavam juntos e contavam sobre seus dias um para o outro. No fim do dia, se deitavam juntos e, às vezes, transavam — sempre com muito amor, como se fosse a primeira vez.

Após dez anos de relacionamento, espera-se que o amor aumente, embora, na verdade, ele se fragmente para caber nas pequenas

32

estar certo desde o começo, embora tivesse um pensamento deturpado de trabalhos que ele considerava... rústicos.

— Padre Gabriel — Jonas cumprimentou o homem segurando suas mãos na saída da Igreja. Ele aproveitou o momento em que o Padre não estava conversando com mais alguém e que Hugo estava ocupado demais ajudando Ilda lá dentro. — Obrigado por nos receber tão bem hoje.

Ambos soltaram as mãos lentamente, e Jonas percebe o olhar rápido e sutil do Padre para suas unhas pintadas de preto. Não pintadas de qualquer forma por um homem que quer desconstruir o que se conhece como coisas de homem ou de mulher, mas pintadas de forma excelente, perfeitas. Pintadas por alguém que realmente gosta e se apropria dessa ferramenta para se sentir bem consigo mesmo. Ele quis recuar no primeiro momento, como um mecanismo de defesa, mas não o fez.

— Não há por que agradecer. A graça do Senhor já abençoou sua moradia e a de Hugo nesta cidade.

O sorriso dele... tinha algo que incomodava Jonas, embora ele não soubesse dizer o que era. O padre parecia tão sereno e, ao mesmo tempo, tão... ameaçador.

— Na verdade... nós moramos juntos. — Ele não percebeu o que iria falar até deixar as palavras escaparem. Então já era tarde demais, e ele preferia dizer a verdade a deixar que os boatos se espalhassem. Melhor abrir uma pequena ferida e deixá-la cicatrizar, do que ignorá-la e ver a infecção se espalhando aos poucos. — É que... nós somos um casal, sabe? — O Padre virou levemente o rosto para a esquerda e franziu a testa. — Somos gays.

— Ah! — O homem, com seus poucos fios grisalhos, sorriu, mostrando todos os dentes pela primeira vez. Em seguida, segurou as mãos de Jonas novamente, fixando seus olhos quase sem expressão nele. — Vocês não podem ser gays aqui, ninguém pode...

31

demonstrações. Como quando Hugo voltou para casa às pressas para que os dois pudessem maratonar a nova temporada de *Grey's Anatomy*, que tinha sido liberada naquele dia na Netflix. Eles conseguiram assistir a quatro episódios antes de caírem no sono, agarradinhos, enquanto outros dois episódios passavam antes que o streaming enviasse a pergunta se tinha alguém assistindo. Ou quando Jonas sorriu ao se deparar com um Hugo cada vez mais religioso, quando o viu lendo a Bíblia pela manhã, ou quando ficava alegre nos dias de missa. Sempre esperamos que o amor se demonstre na cumplicidade, no apoio, no carinho ou as vezes até no sexo, mas existe tudo isso e muito mais em todas essas pequenas felicidades que compartilhamos ao longo de anos.

Jonas cogitou, inúmeras vezes, sair do emprego na prestadora de serviços para a revista *Caras*, mas quem o trazia para a realidade novamente era Hugo. Depois, outras pessoas também começaram a fazer isso nas reuniões no centro de Entrelugares, nos encontros regados a bebida e música, sorrisos e demonstrações de carinho.

Jonas, porém, nunca havia tido tanta certeza de seu amor por Hugo quanto no dia em que Fátima gritou no portão da sua propriedade — embora alugada — metros abaixo do pequeno cume. Ele sentiu, pelo tom da voz dela, que tinha algo errado. Só confirmou quando, ainda correndo em direção a ela, viu seus olhos arregalados, o rosto suado e a boca pálida, assim como o restante de seu rosto.

— Hugo se machucou!

Aquelas foram as piores palavras que Jonas tinha ouvido nos últimos meses. Naquele momento, algo dentro dele, talvez uma voz, disse que a estabilidade talvez não fosse tão ruim assim, que continuar no seu emprego não fosse tão ruim assim. Outra coisa passou pela sua cabeça quando viu o estado do seu marido, embora não tenha dito nada a ninguém. Hugo estava com o músculo da perna direita exposto e parte do osso nitidamente fraturado, pois Hércules — o boi mais feroz de Sebastião

33

— havia investido sobre ele, pegando-o de surpresa. Padre Gabriel foi o primeiro a suspeitar da atitude do boi, dizendo que isso não aconteceria sem motivo, mas Jonas sabia que seu marido era a pessoa mais dócil que ele conhecia — motivo ele não teria dado ao gado. O padre, junto com as irmãs da Igreja, se propuseram a cuidar dele na casa de Gabriel, já que tinha, misteriosamente, alguns conhecimentos médicos. “Podemos tratá-lo em São Paulo”, Jonas pensou. “Lá nada disso teria acontecido.”

O tratamento começou no mesmo dia, e Jonas ouvia os gritos do amor da sua vida ecoarem por toda a casa de Gabriel — a cada grito ele pensava que seria o último, fosse para um ótimo ou péssimo resultado. Depois de mais de seis horas, todos saíram do quarto com as roupas ensopadas de sangue e deram tapinhas nos ombros de Jonas dizendo que tudo ficaria bem. Naquele momento ele não sabia se realmente ficaria bem porque seu marido havia sobrevivido, ou se ficaria bem porque eles o ajudariam a passar pelo luto.

Ele só teve certeza quando segurou a mão de Hugo, tão forte que conseguiu sentir seus ossos rangendo, como se fossem trincar. Seu marido parecia drogado, o que pareceu esquisito para Jonas devido a todas as restrições de Entrelugares. Os olhos de Hugo se abriram lentamente e sua boca pálida só conseguiu proferir uma frase antes do homem cair de vez no sono:

— Amor, isso aqui tá parecendo Peçanha.

Parte III: Aculturação

As palavras de Hugo ficaram martelando na cabeça de Jonas por horas, dias, semanas depois daquele dia, mesmo quando tentava se ocupar para não pensar na recuperação dolorosa do marido. Quando estava revisando um texto sobre bulímia, ele lembrou das últimas palavras que ouviu o marido proferir — não porque tragicamente ele não tinha resistido mesmo após os esforços, mas porque eles não se viam havia semanas.

☞ 34 ☞

— Irmão, você sabe: embora Entrelugares seja um lugar de muita prosperidade e abundância natural, sem contar na nossa incrível comunidade, não podemos ignorar que não somos tão limpos quanto um hospital de São Paulo. — Jonas podia jurar que o viu erguer uma sobrancelha, como se o estivesse provocando e soubesse do pensamento que ele teve quando viu Hugo estirado no chão da fazenda de Sebastião naquele fatídico dia. — Volte para casa, descanse. Eu lhe mandarei notícias.

Não mandou. O Padre Gabriel, como era de se esperar, era um homem extremamente ocupado. Embora suas obrigações com a comunidade tenham continuado, a frequência com que as pessoas o viam pessoalmente diminuiu consideravelmente. Jonas sentia que ele o estava evitando, ou que tinha um senso distorcido do que é ser um cuidador — principalmente em um momento como este. O que ajudava Jonas a ter essa leitura era o que ele jurava ter sido um sorriso de canto nos lábios do padre na noite em que implorou para ver o marido. Geralmente o homem expressava uma plenitude inabalável e sem julgamentos, mas, naquela noite, foi como se ele quisesse vê-lo recuar.

O pensamento lhe ocorreu mais uma vez quando Talita sugeriu que ele tirasse o marido de lá à força e o levasse às pressas para o hospital mais próximo, que os dois concordaram que não precisava ser na capital. Ele preparou uma pequena mala e deixou a casa perfeitamente arrumada, mas antes que Jonas alcançasse a casa do Padre Gabriel, Ilda apareceu trotando na velocidade que seu corpo permitia, no meio da estrada de terra. Quando ela se aproximou, Jonas se lembrou de como Fátima estava no dia em que lhe trouxe a notícia e já se preparou para o pior.

— O irmão Hugo acordou e está se sentindo melhor. Padre Gabriel pediu para que eu te chamasse.

O coração de Jonas pareceu se desprender de todas as amarras que havia feito e o suspiro de alívio que ele deu pareceu durar uma eternidade. Nada daquilo se comparava ao momento em que ele entrou na casa do

☞ 36 ☞

Quando foi à casa de Tereza comprar queijo, a frase lhe ocorreu. Quando se sentou na Igreja e rezou pelo bem do seu marido, a frase lhe ocorreu. Quando foi falar com o padre Gabriel para saber do estado de Hugo, a frase lhe ocorreu. Quando Ilda o visitou em sua casa para dar suporte emocional, a frase martelou em sua cabeça. Assim como na vez em que foi visitar Fátima e Anderson, e o pequeno Joaquim perguntou sobre Hugo.

— Puque o tio Hugo não veio hoje?

Apesar dos erros que uma criança comete tradicionalmente quando está aprendendo a falar, Jonas não sentiu sua dor diminuir. Naquela noite, Jonas foi até a casa do Padre Gabriel sem avisar. Ao invés de chamar pelo seu nome no portão de madeira, ele resolveu atravessá-lo e chamá-lo diretamente na porta de entrada. O Padre o atendeu com um olhar sonolento, mas ainda usando roupas típicas de um padre.

— Me desculpe pelo horário, Padre Gabriel, mas eu gostaria de ver o meu marido.

O homem esfregou os olhos, fechou a porta antes de destrancá-la por completo e se interpôs entre a tábua de madeira e Jonas, ficando maior do que ele devido ao degrau. Acho que o padre Gabriel buscou as palavras que mais o confortassem naquele momento, afinal ele parecia empático pelo que Jonas estava sentindo com todas as suas forças.

— Irmão, essas noites com o irmão Hugo têm sido exaustivas. A recuperação é lenta e frágil.

— Então me deixe ajudá-lo!

Jonas não queria, mas acabou se exaltando.

— Jonas, eu entendo seu sentimento no momento, mas nossa fé em Deus não nos torna imortais. — Eles se olham fixamente no escuro da noite. — O irmão Hugo já está demasiado exposto ao perigo com a minha presença aqui, não podemos arriscar mais.

— Mas...

☞ 35 ☞

Padre e viu, além das várias pessoas que ali estavam presentes, seu marido sentado no sofá da sala. Ele não correu, embora quisesse muito, mas o abraçou medindo sua força para não o machucar e encostou sua testa na dele quando as lágrimas escorreram pelos seus olhos. Jonas tentou dar um beijo breve no marido, mas Hugo não permitiu. Ele pensou que talvez o mineiro não estivesse disposto depois de longas semanas — das quais ele perdera a conta — deitado em uma cama para se recuperar.

Hugo voltou para casa naquela mesma semana, usando muletas que Sebastião emprestara. Ele ficou boa parte daquele dia sendo paparicado pelo marido, que deixou de trabalhar para que pudessem assistir às suas séries favoritas — já que a internet não iria suportar atividades simultâneas. Talita, a chefe e amiga de Jonas, sentiu-se aliviada a quilômetros de distância de lá, mas ainda estava receosa quanto à toda aquela situação.

Depois da sua recuperação, Hugo se levantava todas as manhãs com certa dificuldade, sentava-se à mesa da cozinha com uma xícara de café e lia alguns versículos da Bíblia. Enquanto Jonas trabalhava, ele ficava do lado de fora da casa tomando sol e fazendo leves exercícios com a perna afetada. Outras vezes, o Padre Gabriel e o irmão Rubson vinham buscar Hugo para uma espécie de fisioterapia — fiscalizada por pessoas que não tinham formação na área —, então, Jonas ficava sozinho durante parte da tarde.

Depois de dois longos meses, Hugo não precisava mais usar as muletas, embora ainda andasse devagar e cambaleando — diferente da época anterior ao acidente, quando nem precisava olhar para onde estava pisando. A partir daí, ele começou a frequentar a Igreja da Determinação de Cristo com mais frequência, já que não podia trabalhar, e Jonas percebeu que o marido parecia evitá-lo, assim como parecia estar economizando as coisas que consumia em casa. Ele imaginou que Hugo sentia culpa por não conseguir mais ajudar nas contas de casa, por isso estava evitando o gasto excessivo, inclusive do lazer que tanto o fazia bem.

☞ 37 ☞

O pensamento voltou a lhe ocorrer em uma manhã, quando Jonas viu Hugo vestindo uma roupa, senão idêntica, parecidíssima com a do irmão Rubson e dos demais irmãos da igreja. Algo que meses antes ele condenaria usar. Ele pensou em perguntar, mas desistiu.

Hugo não demonstrava mais carinho, eles não pareciam mais confiantes ou amantes — eram apenas Jonas e Hugo, dois caras normais. Esse sentimento tomou o coração de Jonas, que, em certos dias, se pegava chorando compulsivamente após lembrar do momento em que teve — o que ele julgou ser — a melhor ideia da sua vida.

— Amor, tá tudo bem? — Jonas perguntou, na manhã do dia 27 de setembro, quando a neblina havia descido o morro e pairava sobre a casa deles.

— Sim, Jonas, tudo bem.

Hugo não olhava para ele e foi assim que Jonas soube que nada estava bem. Ele se aproximou do marido, envolvendo-o com seus braços, alisando sua barriga e pressionando seu peitoral nas costas dele. Hugo se livrou dele rapidamente e o encarou sem entender muita coisa.

— Não, cê não tá bem — Jonas reuniu forças para encará-lo. — Você está me evitando há semanas, talvez meses... eu não sei.

— Eu só não tenho o que te dizer.

Ele esperava que Hugo negasse algumas vezes antes de afirmar que algo estava acontecendo. Isso fez com que Jonas sentisse seu coração se apertando, ao mesmo tempo em que se agarrava aos seus músculos internos para mantê-lo em pé.

— O-o quê?!

— O que você quer que eu te diga, Jonas? — Hugo parecia furioso, mesmo sem expressar raiva. — Eu nem sei se ainda te amo.

As palavras atingiram ele como um touro irritado e as lágrimas escorreram dos seus olhos. Hugo sequer pareceu se importar com isso. De repente, uma lembrança surgiu na mente de Jonas. Embora não tenham

sido as últimas palavras ditas por seu marido naquele dia infernal, elas se repetiam em sua mente e seriam reveladoras o suficiente.

— Você... não sabe se me ama porque não sabe se é gay?

Hugo não precisou pensar na resposta. Falou como se ela estivesse na ponta da sua língua aquele tempo todo.

— Eu não sou gay, eu sou apenas o Hugo. Não é minha sexualidade que me define!

Jonas pensou que, na verdade, ocorria o inverso. A sexualidade deles os definia, sim, e provava o quão únicos eles eram como pessoas. Além disso, a maravilha da individualidade também está no encontro do comum. Foi aí que ele entendeu tudo o que estava acontecendo. Depois, ao invés de lutar pelo marido como fez das diversas vezes em que o relacionamento parecia ruir, ele simplesmente o deixou para trás e caminhou sem rumo pelas estradas de terra de Entrelugares. Jonas acabou percebendo, nesse exercício mais do que esclarecedor, que aquela cidadezinha tinha sugado tudo o que era dele, inclusive sua força — a mesma que ele poderia usar para sacudir Hugo e mostrar quão imbecil ele estava sendo. Mas nada parecia valer a pena, nem mesmo um relacionamento de mais de dez anos. Era como se os fragmentos do amor deles tivessem se perdido pela estrada.

Eles decidiram se separar quando se encontraram novamente a sós pela cidade. Jonas prometeu que Hugo poderia ficar com a casa, porque ele voltaria para São Paulo. Se você tivesse visto a expressão de desdém que o mineiro fez para Jonas, sentiria raiva, assim como eu estou sentindo. Foi como se ele dissesse que sabia que o paulista desistiria como sempre fez.

Jonas, então, enviou mensagem para seus pais e para Talita, organizou a mudança por si só — deixando todos os móveis que eles haviam comprado durante os anos em que ficaram juntos, pulando de casa em casa por conta do aluguel caro — e esperou.

Ele desistiu dos bens materiais porque nada daquilo valia a pena, nada valia a luta. Por isso, ele fez suas malas, organizou seu computador com alguns acessórios essenciais para o seu trabalho e, por cinco dias, ele ficou praticamente estático dentro de casa, até que Talita viesse buscá-lo. No sábado, 7 de outubro, parte da comunidade se reuniu onde agora seria a casa de Hugo, para se despedir de Jonas. Talita, por sua vez, ficou imóvel na entrada da propriedade, fitando todos com o olhar só para dar ao seu amigo a avaliação que ela havia feito deles em poucos segundos. O paulista não olhou para seu ex-marido, muito menos para o Padre Gabriel, e desceu carregando suas últimas malas nas mãos, sentindo o peito mais leve.

Ao entrar no carro de sua amiga, ele conseguiu ter uma visão completa da casa — mais deteriorada do que no dia em que ele e Hugo entraram por aquela porta — e sentiu como se tudo aquilo fosse a pior merda que ele tinha feito. Jonas jurou que sabia o que o Padre Gabriel diria aos irmãos na próxima missa: “Infelizmente, o irmão Jonas não entendeu as virtudes que valorizamos aqui em Entrelugares.”

Ele sabia disso porque a última coisa que ele viu não foi o rosto do seu ex-marido, totalmente apático com sua partida, mas o mesmo sorriso de canto que ele jurou ter visto no rosto do Padre Gabriel na noite em que implorou para ver Hugo.

☞ 40 ☞

a companhia me conforta mais do que assusta
sei que seu oposto é algo tão mais solitário
prefiro a sombra que me envolve em abraço
essa tão carregada que quase me faz esquecer
que é ela a culpada por esse vazio tão familiar
esse pesar que me fere
e nunca parece sarar

☞ 42 ☞



Gutural

Rua 61, casa 12b
por Juxo Lima

conheço a minha solidão há mais tempo do que a mim
sei quando ela vem, sei quando ela vai
não recuo quando dói e inflama
pelo contrário, deixo-me consumir

de vez em quando eu tropeço nela
nessa dor conhecida e antiga e familiar
sinto o vermelho fantasma na língua
e as raízes apodrecendo ao redor do peito

sou assombrado por sentimentos de coisas que já não consigo me lembrar
de pétalas que murcharam e caíram
ou que talvez sequer existiram

meu corpo é uma casa mal-assombrada, na qual estou perdido
não há portas, só facas e um jardim que nunca floriu

mas o que seria de mim sem esses fantasmas?
conheço a solidão, mas conheço mais ainda a assombração

☞ 41 ☞



na caixa

Avenida da Cultura, nº 1969
por João Pedro Nóbrega

Me perguntaram sobre a dor, e eu falei do meu passado
Feridas abertas, que não se curaram
Sofrimentos passados, que não cicatrizaram
Aprendizado, das dores que me marcaram
Os rastros continuam aqui
E eu me fecho, cada dia mais
No silêncio...
Saio da caixa, me firo
Volto à caixa, ferido
Sofro, evoluo,
volto para a caixa consciente de que fiz meu melhor
Sozinho,
ferido,
sigo...

☞ 43 ☞



Tatu usagem

Rua H, loja 3f
por Alice Carniel

I
A única coisa imutável, rígida em mim, são meus olhos,
OS CULOS.
Tôdo o resto eu posso mudar, o cabelo lavo,
os olhos rasgo com um delineado,
a boca escondo com batom preto.

Coisas... não... acontecimentos, sentimentos.
Me são cravados na pele, em carne viva.
O meu corpo não me pertence, sou tocada por tantos,
vista, acusada, apedrejada, xingada.

E mesmo assim vejo o olhar, o desejo cínico, o sorriso no horizonte,
tento rir,
Mas estou toda perfurada, traumatizada, capengando, aos pedaços,
horrorizada.
Mórbida. Caçada.
Quantas digitais sobre uma mesma corpa, quantos borrões.

Me moldo, forjo em carvão, saliva, cuspe, ardor, suor, desejo,
falta, gozo e papelão.
Casca de pedra, mole como papel.

☞ | 44 | ☞



Trans versia

Avenida Travessa, nº 105
por Alice Carniel

Estou em transversia,
uma travessia complicada,
por meio de versos,
versa meu ser,
vou me mudando toda,
e nunca vou parar.
É uma transversia
para toda vida.

E o que é transversia? você me pergunta.
Sou eu inteira,
é a mente,
é o corpo,
é a roupa,
é a dor,
é a dúvida,
Quais são meus limites?
eu escrevo por linhas tortas,
borro suas fronteiras,
eu transversa no sofá.

O que é que se esconde debaixo de tanto pano?

☞ | 46 | ☞

II

Te representaste una, sabe que não está.
Tufões e vendavais surgem ao teu redor.
Uive com elas, te levante como a tempestade e cante em coro no mau
tempo.
Voa, lansa, Travesti, Bixa.
Faz o risco de morrer seu alimento.

“Mas faz da insegurança a sua força
E do risco de morrer seu alimento”
Proclária, Sophia de Mello

☞ | 45 | ☞



Entre ecos e necas

Rua M.P, nº 15
por Alice Carniel

Todo carinho me assusta.
Sou cadela assustada, que foi ensinada a brincar
com o próprio rabo.

Qual corpo é capaz de amar uma Travesti?
Ela se ama, ela se toca, ela transborda em si

Será que ainda tenho coração?
Muitos quiseram arrancar.
Muitos me quiseram a-humana, animal,
besta, bixa, demônio.

“Travesti, TravEco
Ão de lembrar dos ecos e gritos de nossas corpas.”
EcoTrava, Dodi Leal

“Enviadesci, enviadesci
E agora macho alfa, não tem mais pra onde fugir
Já quebrei o meu armário, agora eu vou te destruir
Porque antes era viado
Agora eu sou travesti”
Enviadescer, Linn da Quebrada

☞ | 47 | ☞



Travessia

Beco, altura da Rua Sem Nome
por Lucas Resende

Trrrim! Trrrim!

A luz do meu celular acende, uma notificação chega, espicho meu olhar para a tela e vejo que já são quase dez da noite, hora de acordar. O expediente acaba em breve, não posso me atrasar e perder o ônibus. Troco de roupa no canto de uma sala da rodoviária, já que não me deixam usar o banheiro feminino e eu me recuso a usar o masculino. Não gosto de fazer isso, mas evito problemas maiores. Preciso desse emprego, afinal, pra quem quer ser modelo, faxineira de uma estação rodoviária é um bom começo... bom, prefiro sonhar assim. Me despeço dos meus colegas rapidamente. Já estou atrasada. Não posso perder o ônibus das dez e meia, o último do dia, que desce o mais próximo de casa.

Na saída, confiro minha bolsa e percebo que meu crachá não está ali, penso em seguir meu caminho em direção a parada de ônibus, mas lembro que nele está meu nome morto, motivo suficiente para não querer que alguém o encontre. Me vejo em um dilema: se voltar para procurá-lo, perco o ônibus, se seguir, alguém com certeza o encontrará e reviverá memórias que desejo esconder. Sem saída, opto por esperar outro ônibus.

Após encontrar aquele maldito crachá, sigo meu rumo até o ponto de ônibus. Entre a noite nebulosa e apenas debaixo de um fraco feixe de luz de um velho poste de rua, espero atentamente o ônibus das onze, minha única e última opção. Traço em minha mente o caminho até a

48

minha casa, repetidas vezes. O bairro é perigoso, a noite é traiçoeira e as pessoas não são confiáveis. Não posso dar mole, não quero que o Estranho vença hoje, minha luta contra ele é diária. Até então, venho obtendo sucesso em escapar dele

Embarco no ônibus, mais vazio que o das dez e meia e me sento ao fundo, onde fico mais tranquila, afastada do cobrador e do motorista, segura no fundo do ônibus. Cansada da labuta noturna, observo as minhas, as que são como eu, nas esquinas de cada rua. Exibindo e vendendo seu corpo a qualquer um que se aproxime. Respiro fundo e, mesmo que ironicamente, agradeço por ter meu emprego. Dentro do ônibus, ouço baixinho o radialista passar as notícias "mais um travesti encontrado morto nesta noite. O assassino, que arrancou o coração da vítima..." reviro lentamente os olhos e tento ignorar o termo transfóbico utilizado pelo profissional, que não é tão profissional assim... parece que esse povo faz de propósito...

Para tentar fugir dessa realidade, ponho meus fones de ouvido e, na esperança de me tranquilizar, Oração da Linn da Quebrada se funde à minha. Peço por proteção, pois o caminho até minha casa é longo, assim como os riscos que irei correr ao descer desse ônibus. Conforme se aproxima a parada onde descerei, me levanto, olho cuidadosamente o cenário externo. A noite está intensamente escura, as janelas embaçadas do ônibus deixam minha visão turva, mas não posso perder o ponto mais próximo do meu verdadeiro caminho. Próximo ao meu desembarque, levanto e aperto o botão solicitando a parada, falho miseravelmente, o botão está com defeito. Grito do fundo do ônibus avisando que quero descer, sou propositalmente ignorada pelo cobrador. Vou rapidamente em direção a ele, que evita de todas as formas o contato visual. Digo que quero descer, ele responde, com desdém:

— Agora só na próxima o motorista não pode mais voltar. Próximo ponto: dois quilômetros à frente.

49

Desembarco no ponto seguinte. Respiro fundo. O vento da noite sopra em minha orelha, minha rota acaba de ser ampliada, tudo que tracei repetidas vezes em minha cabeça parece estar embaralhado. Não contava com essa possibilidade, mas sigo firme, em frente. Sinto meu coração bater, minha respiração fica ofegante, minhas mãos suam e tudo parece piorar quando vejo a rua escura pela qual terei que passar, mas sigo firme, em frente. De cabeça erguida e atenta, vejo um vulto no chão. É apenas um gato fujão. Os cachorros nas casas uivam como se estivessem anunciando algo, mas sigo meu caminho. De cabeça erguida e atenta, percebo adiante uma silhueta, parece ser a de um homem, alto e robusto. Congelo. Mas sigo firme, em frente. Começo a caminhar mais rápido, com o coração acelerado pelas doses de adrenalina liberadas pelo meu corpo, que mais uma vez, insiste em me sabotar.

Conforme nossos caminhos se aproximam, sinto que ele está vindo em minha direção, ando então de cabeça baixa e evito qualquer tipo de contato. Passo enfim por ele. Respiro aliviada, e logo penso descontraindo "o Estranho não me visitará essa noite". Repentinamente, meu cabelo é puxado para trás, prendo a respiração. Sinto uma mão grotesca abafar meu grito de socorro enquanto tento, desesperadamente e sem sucesso, escapar dele. Sou arrastada de forma bruta a um beco qualquer, como se fosse um objeto. Consigo emitir meu último grito de socorro. Vejo as luzes das varandas se apagarem, junto as minhas esperanças. Me sinto impiedosamente ignorada. Impiedosa. Impiedosa mão que desliza sobre meu corpo. Impiedosa mão que rasga minhas roupas, enquanto impiedosamente me violenta.

Jogada no chão daquele beco qualquer, permito que meu último fôlego de vida escape pela boca. Sinto uma adaga de serra ser cravada em meu peito. Com dificuldade pelo tamanho da arma e por estar sem fio, minha pele e meus ossos são brutalmente dilacerados por aquelas mãos. Malditas mãos. Que banhadas pelo meu sangue quente arrancam, de

☞ 50 ☞

☞ 51 ☞



Terror mora ao lado

Avenida dos Esquecidos, nº 1267
por Neza

Era uma vez
uma mulher que teve o coração arrancado
e não estou brincando,
foi literalmente tomado.

Da sua caixa torácica, tirado
as vísceras expostas de um ser
marginalizado.

Era um garoto que foi espancado
na lápide dizia o nome do batizado
quantas vezes já ouvi esse relato?

Quantas vezes já escolhi me cegar
perante as constantes lástimas
do meu dia a dia?

A marca é silenciada.
Coberta pelas palavras enfeitadas.
Em todos os locais,
as minorias lembradas.

☞ 52 ☞

forma abrupta, meu frágil coração. Maldito Estranho. Não consegui fugir de você que me persegue em tantos lugares. Me fez sentir que eu nunca seria bem-vinda em nenhum lugar, porém, descaradamente, sempre me fiz presente. Maldita eu! Se não tivesse perdido meu crachá, teria conseguido pegar o ônibus certo! Maldita eu! Se não tivesse apertado o botão do ônibus e puxado a cordinha! Maldita eu! Se conseguisse me debater mais forte, talvez teria conseguido fugir dele! Maldita! Maldita! Maldita!

Trrrrim! Trrrrim!

A luz do meu celular acende, uma notificação chega, espicho meu olhar para a tela, vejo que já são quase dez da noite, hora de acordar, o expediente acaba em breve, não posso me atrasar e perder o ônibus.

As palavras de todos os outros,
menos de nós.
Pessoas trans.
Transgêneras.

Nos conhece além das piadas?
Quantos amigos trans você tem?
Você já parou para ver?
Você já reaprendeu o nome de uma pessoa?
Você já se corrigiu?
Você já corrigiu algum amigo seu?

Ou será que continuaremos
debaixo da linha
da tênue inclusão
da sua farsa inclusiva.

Quantos dos meus morrerão nas esquinas?
Quantas mais morrerão as minas?
Quanto mais terei que gastar
do meu ar
enquanto meu pescoço
está em suas mãos?

☞ 53 ☞



Intérprete

Rua dos Farsantes, nº 525
por: Ino Lima

é fácil me perder em momentos simples
o cheiro de café pairando no ar
a sopa fervendo no fogão ao meu lado
e a risada familiar na sala de estar

com a barriga molhada encostada na pia
conto sobre o ônibus que quebrou no meio do caminho
falo sobre o episódio da série que a gente assistia

quando o jantar fica pronto, parece que estou embriagado
anestesiado, esperançoso
mas há sempre *aquele* a me assombrar
— [...], me ajuda a colocar a mesa
aquele que já me é tão familiar

no ambiente que devo ser amado
penso se posso por um momento ser ela
se enquanto te conto sobre meu dia...
posso ser a filha que você tanto queria

☞ | 54 | ☞

isso pois tive a chance de explorar
com intimidade
e conhecer
outros modos de viver
trocar
tocar
gozar
gozar
e gozar
até que parei de contar.

a pulsação era quase divina
parada
fina
sincera
dança pouco coreografada
mas gingada
cheia de improviso
e sensibilidade
amizade.

☞ | 56 | ☞



Afálico

Cinema Livre, praça 8
por: Poly

Quem diria que a atriz
cansaria de performar?

quando se nasce
Afálico
a constante sensação
de estar sendo observado
e julgado
se faz presente o tempo todo
principalmente no sexo.
mesmo quando me fizeram acreditar
que havia conforto
era mera encenação.

quando pessoas Afálicas se relacionam
descobertas são feitas
me despi de toda e qualquer máscara
cansei de fingir prazer.

☞ | 55 | ☞



Procura-se

Estrada dos Pamélicos, km 54
por: Lucas Braga

A neblina já havia atingido o pico mais alto na sua cidade natal quando Daniel estava há dias de distância do seu pai e de sua cachorra. Abandonara-os para o grande evento que a festa da sua melhor amiga tinha se tornado, desde uma hipótese levantada através das mensagens pelo WhatsApp, até a criação do seletivo grupo de convidados — trinta pessoas para ser mais exato. Todos realmente amigos dela. Um grande avanço comparado com a festa de vinte anos com só cinco pessoas, contando com Daniel e os pais dela.

Os dois se conheceram no segundo ano do fundamental, quando ele acidentalmente esbarrou com a garota e derrubou, no seu pé, a pilha de livros que ela carregava, a maioria deles de capa dura. Na época, a pequena Ester, que sofre de Lobstein, desejou que aquele garoto nunca tivesse cruzado seu caminho, já que os livros resultaram em sete semanas com o pé engessado devido à fragilidade dos seus ossos.

Daniel se lembrava de tudo isso enquanto dirigia pelo quilômetro 54, rodeado de uma mata densa e escura, com uma estrada de mão única vazia e silenciosa, sem a presença de nenhum automóvel há horas. Esse era o ambiente preferido dele quando as viagens de carro se tornavam necessárias, principalmente porque, no silêncio e na ausência dos outros, Daniel conseguia um espaço para si, único, confortável e aconchegante.

☞ | 57 | ☞

Mesmo que as inúmeras horas sentado o deixassem com dor na coluna por longos dias.

A playlist da festa rodava em sua mente e, aos poucos, ele decorava a sequência de cinco horas e meia de músicas, intercalando do pop mais recente aos dos anos 1990 e 2000. *Formation* de Beyoncé já estava datada nas festas, mas *Pesadão*, que também era antiga, levava o grupo a um frenesi descontrolado. E esse fora o critério usado por Ester para a escolha das músicas, que recorrera algumas vezes — talvez muitas — à ajuda do seu melhor amigo.

Daniel cantarolava dentro do seu Honda City prateado enquanto notava pelo retrovisor os faróis de uma caminhonete vermelha se aproximando. E tão rápido como apareceu, sumiu, ultrapassando-o. Apesar disso, ele conseguiu ter uma breve visão do motorista: um velho, entre quarenta e cinquenta anos, barbudo com pelos grisalhos, e com um boné vermelho na cabeça. Apesar da velocidade, Daniel jurou que vira o olhar do homem fitando-o como se o devorasse átomo por átomo.

Na estrada, em que o carro de Daniel avançava rapidamente, o silêncio da floresta era ensurdecedor, o eco causado pelas músicas avançava metros, senão quilômetros de distância. Enquanto isso, do lado de dentro do carro, Daniel cantava, às vezes alto demais, as músicas da playlist. As placas de sinalização brilhavam quando o farol do carro as iluminava, e ele sentiu uma certa nostalgia ao pensar que voltaria a ver sua amiga depois de seis meses. Ainda mais, após o longo tratamento recém implantado para amenizar as dores que ela sentia. Cinco anos atrás, Daniel estivera ao seu lado quando o nome de Ester se encontrava listado como uma das escolhidas para o tratamento. Hoje, ele finalmente veria com seus olhos o resultado.

Um pouco mais de meia hora se passara, e ele ainda estava no quilômetro 72 e, pelo que se lembrava, teria que alcançar o quilômetro 297 para chegar à festa um dia antes dos outros convidados. A expectativa

de poucas horas para terminar a longa viagem que se propusera a fazer para ver Ester o animava. A possibilidade de estar perto dela de novo, abraçá-la após o tratamento, colocar o papo em dia e relembrar o passado deixava seu coração a milhão de ansiedade. As memórias da relação dos dois confortavam seus músculos, pois, depois de tantas coisas que aconteceram ao longo desses meses, ele enfim voltaria ao seu porto seguro.

A mata parecia ficar mais densa a cada quilômetro, com partes da estrada mais precárias que as anteriores, chamando a atenção total de Daniel para os detalhes. Como as placas ilegíveis; as sinalizações desaparecendo no asfalto conforme a deterioração do tempo; e o matagal se expandindo, fazendo com que a flora dominasse essa região, engolindo a breve, mas confortável, pista de dois sentidos que ele passara alguns minutos atrás, apenas para dar lugar novamente a uma estrada mais solitária, de via única. E isso não o apavorava, porque ambientes assim eram propícios para ele explorar seu lado cantor com as músicas mais viscerais da playlist.

Com a lua cheia alcançando o topo do céu, Daniel percebeu que o combustível tinha secado no tanque. “Como não percebi a reserva apitando?”, ele se perguntou, mas sabia que, mesmo se tivesse prestado atenção, se desafiaria a chegar no próximo posto.

Arrependimentos colocados de lado, Daniel estacionou o carro no acostamento e olhou o relógio do celular — 00:41. Talvez, se encontrasse um posto próximo, ainda chegaria na casa de Ester às cinco e meia da manhã, caso contrário...

Devido a densidade da mata ao redor, seu celular não tinha sequer uma esmola de sinal para pedir um guincho de emergência para tirá-lo dessa situação ou para chamar um táxi por aplicativo. Não havia nada que pudesse ajudá-lo, ele estava cercado de mato e escuridão, não que isso o assustasse, apenas o atraso o assustava.

Daniel desligou a música, e o silêncio ensurdecedor tomou conta dos seus ouvidos, seguido de um apito irritante e constante. Ao redor, só conseguia ouvir grilos, corujas e o som das folhas balançando ao vento.

Desceu do carro e pensou antes de andar: “voltar ou seguir em frente?”

Dez quilômetros antes, passara por um posto decadente de beira de estrada, com uma única bomba de gasolina. À frente, poderia encontrar um posto melhor e talvez mais próximo. Movido pela ansiedade e a urgência de chegar a tempo para a festa, Daniel escolheu a opção mais duvidosa, mas que lhe traria uma nova aventura. O garoto, quer dizer, o homem de 27 anos, cantarolava, enquanto andava pelo acostamento da estrada, as músicas da playlist que deixara pausada em seu carro. Quando não sabia a letra, simplesmente assobiava.

O vento forte lhe provocava arrepios recorrentes, mas a fome estava começando a dominá-lo, com o barulho do seu estômago sendo perceptível aos ouvidos de qualquer animal próximo que estivesse escondido.

As pernas começavam a ceder quando encontrou um senhorzinho sentado em uma cadeira de bar de plástico em frente a uma placa de trânsito. Era, no mínimo, estranho encontrar uma pessoa como essa em um lugar como esse, quase como se a fome estivesse causando alucinações em Daniel, o que ele sabia ser impossível... ou será que não?

— O que um garoto como você faz na estrada a uma hora dessas?

A voz do velho lembrava a do avô de Daniel, falecido há doze anos. Sua última lembrança dele era de quando se sentara pela última vez em sua poltrona e pusera-se a ler mais uma vez *A Metamorfose* de Kafka. Ele sempre dizia ao neto: “Nós devemos evoluir sempre, mesmo que traga dor. No futuro, você vai entender que o desejo de evoluir é maior do que qualquer dor.”

Daniel gostava de ouvir suas histórias, mesmo que fossem tediosas ou repetitivas. Omar contribuiu muito na criação do neto. Sempre

☞ 60 ☞

aparecera no meio do seu ritual bizarro para perturbar seu silêncio. Sem pensar muito, Daniel seguiu na mesma direção, esperando que o logo fosse realmente perto. Embora essa esperança o guiasse adiante, ele tentou a todo custo afastar a imagem do olhar do velho de sua mente. Pois, se ouvisse esse pensamento absurdo, teria que admitir que ele tinha os mesmos olhos famintos que o homem de boné vermelho, que havia passado por ele, também tinha. E isso seria bizarro...

A cantoria excessiva e os assobios diminuíram de intensidade devido ao frio e à fome gigantesca que sentia. As mãos se alisavam o tempo todo, tentando gerar o máximo de calor possível. Mas, no meio de tudo, o que mais o preocupava era chegar a tempo para ver Ester e colocar os assuntos em dia. Seu coração pedia, desesperadamente, os conselhos de sua amiga em relação à Rafael, e a possibilidade de não a ver antes de todos o desesperava. Afinal, se não tivessem um tempo a sós para conversar, como compartilhariam segredos?

O logo não se mostrou tão perto quanto Daniel imaginara ou quanto o velho dera a entender. Infelizmente, naquele ponto, voltar não seria tão simples assim, ele tinha certeza disso, pois repassara o caminho todo em sua mente desde que seu coração congelara após perceber a besteira que foi esquecer de olhar o nível do combustível de vez em quando.

Quando as pernas de Daniel já queimavam de tanto andar, e a sola dos pés, revestida por um Adidas qualquer, doíam a cada passo, avistou, ao longe, uma luz vermelha e intensa, que irradiava para as folhas das árvores na mesma cor. Se aquilo era o que ele esperava que fosse, estava silencioso demais, e talvez, só talvez, fosse devido ao horário e ao fato de que nenhum carro passara por ele desde que deixara o seu para trás. A luz da lua cheia iluminava através das nuvens que se formavam sobre o céu, e, a cada passo, seus músculos pareciam criar mais força para alcançar seu destino.

☞ 62 ☞

que possível, ressaltava que o menino tinha que estudar para conseguir o respeito social que nunca conseguiria se fosse, em suas palavras: “um preto fodido, sem dinheiro, sem esposa e sem um emprego digno”. Agora, formado em Economia e com um emprego estável, Daniel costumava pensar muito sobre isso, que a única coisa da lista do seu avô que nunca conseguiria riscar era a esposa. Seu coração, a pouco tempo, se entregara a Rafael, um renomado engenheiro, interessantíssimo, que ele conhecera através de amigos em comum.

A respiração cortante do velho o trouxe de volta ao momento. Era estranho, ele sabia, mas talvez esse fosse o ritual do senhor: vir todos os dias com sua cadeira para sentar-se à beira de uma estrada só para se afastar do caos de casa. Ou, como o lado romântico de Daniel gostava de pensar, que estivesse esperando seu amor retornar, o que de certa forma ainda possuía um quê de tragédia. O senhor parecia não ter tempo para os devaneios do economista, tanto que o fitava incessantemente, sem ao menos piscar. Isso fazia com que Daniel lembrasse que tinha uma pergunta a ser respondida.

— Meu carro ficou sem gasolina a uns quilômetros, e eu preciso achar um posto. Será que o senhor pode me ajudar?

O velho de pele enrugada e roupas rasgadas acenou a todo tempo com a cabeça, concordando. Mas alguma coisa nele não parecia certa, claro, além do fato de estar sentado à beira da estrada no meio da madrugada. E, mesmo sentindo essa estranheza, Daniel não sabia dizer exatamente o que era.

— Só seguir em frente que vai encontrar o Posto Pegasus. — Antes que Daniel conseguisse agradecer, a voz seca dele parece finalmente se esgotar em um sussurro. — Boa sorte na caminhada.

O velho desviou o olhar, mirando a lua no céu e, repentinamente, fechou os olhos. Não era preciso dizer mais nada, era nítido que ele não queria mais papo furado com um garoto preto e visivelmente gay que

☞ 61 ☞

Ao se aproximar, percebeu, enfim, que não se tratava do Posto Pegasus como rezou em silêncio para ser, mas, sim, um hotel caindo aos pedaços e com um letreiro vermelho intenso, mas decadente. A fachada estava suja com jornais e folhas secas, e a porta de madeira velha traduzia o quão esse lugar se encontrava abandonado. A maioria das janelas do primeiro e segundo andar estavam com as cortinas fechadas e, quando não, era possível enxergar um buraco no vidro, talvez causado por um pequeno grupo de crianças arteiras.

Daniel decidiu que entrar talvez fosse melhor do que ficar no frio. Se o posto não tivesse gasolina, dormir numa dessas camas talvez não fosse a pior alternativa, tirando o fato de que ele não chegaria a tempo e que tudo fugiria do seu controle. Mas, naquele ponto, depois de tanto caminhar, seus músculos preguiçosos o dominavam e tudo que ele queria era descansar. O dia seguinte seria resolvido quando ele acordasse.

A recepção se encontrava bagunçada, com revistas de diversos assuntos espalhadas pelo chão, a pequena televisão pendurada na parede estava sem sinal, e seu chiado preenchia o local onde deveriam recepção-lo. Não havia ninguém ali, e isso o incomodava, como se estivesse sendo ignorado ou maltratado. O corredor principal após a recepção também estava vazio, com o chão revestido de um tapete marrom molhado e fedido.

Os passos dele ecoavam pelo corredor enquanto suas perguntas aos ventos incomodavam o silêncio que antes pairava no local. No final do corredor, Daniel decidiu subir as escadas depois de pensar por um minuto se deveria ou não. O corredor do andar de cima era idêntico ao do andar de baixo, completamente sujo. O homem conseguia ouvir ao longe o barulho de um galho batendo em uma janela, não que isso o confortasse, na verdade, o apavorava. Mas qualquer sinal de barulho além dos seus passos e das batidas desesperadas do seu coração em seus ouvidos era estranhamente reconfortante.

☞ 63 ☞

Antes de desistir do local, ele escutou outra coisa, algo estranho. Pensou que se tratava dos gritos de uma mulher ao longe, tão longe que ele tinha a impressão de virem na direção da estrada, mas notou que ela gritava do lado de dentro do hotel. Correu alguns degraus até, enfim, conseguir diferenciar os gemidos de gritos de dor. Ela suplicava para continuar enquanto Daniel ria de si mesmo por ter pensado que era outra coisa. “Imagina se eu interrompesse achando que ela estava em perigo?”, ele pensou com bom humor.

Depois de se recompor, ele começou a checar algumas portas para saber se os quartos ao menos se encontravam em um estado mais decente que o restante do hotel. Porém, nenhuma das portas se abriu durante sua tentativa, e quanto mais ele tentava, mais se aproximava dos gemidos de prazer da mulher. Antes de desistir, enquanto sua mão ainda estava posta sobre uma cadeira alta, Daniel ouviu um “psiu” discreto e distante que tirou sua atenção da porta. Ele olhou em todas as direções, mas não conseguiu identificar a origem do barulho. Depois disso, era impossível para ele dar um passo sequer sem ter a absoluta certeza de que alguém o estava observando e, pior, quem quer que fosse não queria ser visto.

Daniel estava quase saindo do hotel, ainda sendo perseguido pela mesma sensação de antes, quando uma voz estridente como uma navalha cortou o ar e o alcançou, arrepiando toda sua nuca. Na recepção, sentado sobre uma cadeira alta, ele viu um homem branco vestindo roupas surradas, com uma aparência de um caso grave de desnutrição, com os ossos do tórax realçados e a pele flácida. Seu rosto lembrava cera derretendo, completamente enrugado e com marcas de expressão, além de um sorriso desconcertante. De longe, Daniel enxergou as bolsas de água abaixo dos seus olhos, que, dessa vez, diferente de quando viu os do velho, não conseguiu negar para si: eram assustadoramente famintos.

Ele releveu para si mesmo essa conclusão, ainda mais pelas feições decadentes do homem que aparentava ser muito mais velho do que

☞ 64 ☞

a suar. E, embora ele soubesse que não iria ceder a esse sentimento, quando o homem chamou sua atenção mais uma vez com sua voz estridente, Daniel o encarou com um olhar fulminante.

— Vê se não fica se metendo na vida dos outros hein, garoto, e... boa sorte na caminhada.

A mesma frase, o mesmo olhar faminto causaram arrepios em Daniel, e o suor de ódio se transformou em pavor.

Com o coração acelerado e os poros expelindo suor, ele saiu do hotel, percebendo que teria que continuar sua caminhada na mesma direção se quisesse enfim chegar no tal do Posto Pegasus. A dor nos pés já era tão familiar depois de meia hora de caminhada do hotel que ele nem a percebia mais. Daniel criava uma distância cada vez mais expressiva entre ele e aquele homem sem nome. Lentamente, seu coração desacelerou e o suor de medo evaporou para dar lugar ao do esforço, e, aos poucos, ele retomou o otimismo cantarolando algumas músicas da playlist, como a de Beyoncé. Ele fez uma nota mental para não esquecer de contar para Ester o que tinha achado do último álbum da sua diva suprema, e Daniel tinha certeza que ela não ia gostar do que ele tinha para dizer.

Depois de um pouco mais de uma hora caminhando no acostamento da estrada de mão única, ele, enfim, se tocou de como a mata ao seu redor era assustadora. Com os barulhos dos galhos e das folhas; dos animais escondidos espreitando cada movimento seu; e com a escuridão intensa, interrompida apenas pela lua cheia, que em nada ajudava a amenizar o clima apavorante. Embora conseguisse assumir para si mesmo o perigo, começou a pensar em como Ester estaria se estivesse nessa situação.

— Ofegante e apavorada — ele disse em voz alta.

Daniel conseguiu rir consigo mesmo, tentando ignorar a escuridão cegante ao seu redor.

No pico da madrugada, ele escutou distante o chirriar de diversas corujas, assim como o barulho de galhos se movimentando violentamente.

☞ 66 ☞

realmente era. Talvez por isso, embora assustado, Daniel se aproximou aos poucos dele, trocando olhares com o homem enquanto tentava manter a pose firme.

— O que cê tá fazendo aqui?!

Pareceu uma bronca em um primeiro impacto, mas, logo em seguida, ele se perguntou o óbvio: “As pessoas não se hospedam em um hotel...?”

— Desculpa, meu carro ficou sem gasolina a alguns quilômetros, e um senhor me disse que encontraria o Posto Pegasus seguindo essa direção...

Antes que ele pudesse sequer pedir por um quarto, o homem sem nome o interrompeu de forma grosseira:

— Não, não, não, aqui não tem nenhum Posto Pegasus. Já deu pra perceber, né? — Seus olhos, constantemente encarando os de Daniel, pareciam traduzir um desejo que ele queria a todo custo saciar, mas a rispidez das suas palavras diziam outra coisa. — Agora, vai embora daqui, garoto. Esse lugar não é pra você. Segue reto e encontra teu rumo, o Posto não fica tão longe.

Daniel não pensou em rebater de modo combativo como geralmente fazia, principalmente porque, no fundo, ele sabia o motivo daquele não ser um lugar para ele. Ele simplesmente virou as costas e começou a fazer o que o cara disse: seguir o seu rumo. Mas um zumbido soava em sua mente, como uma lembrança antiga que insistia em se fazer presente naquele momento. Era aquela palavra, a mesma palavra que seu pai sempre berrava a plenos pulmões na sua minúscula casa de infância, que traduzia a insatisfação de ter um filho nitidamente gay e que constantemente reduzia a essência de Daniel. Garoto...

Era inevitável, seu punho se cerrava, assim como continuava fazendo quando encontrava seu pai puramente para manter essa relação parental, em que ele se sentia diminuído e menosprezado pelo uso dessa única palavra. Uma chama de raiva surgiu dentro dele e seu rosto começou

☞ 65 ☞

Os músculos do seu peito se pressionavam uns contra os outros, seus ombros ficaram rígidos e seus pés faziam pressão sobre a estrada de asfalto pela qual estava caminhando a horas. Os pelos da sua nuca se arrepiaram com a brisa gélida e, aos poucos, os barulhos começaram a se multiplicar. Seu coração acelerou descompassadamente, pronto para ver a fonte do som desconhecido. Daniel percebeu que os grilos se calaram, as asas das dezenas de corujas provocaram uma revolução em meio aos galhos das árvores, e os passos pesados do que quer que viesse em sua direção faziam o chão tremer.

Daniel sabia que sua curiosidade poderia matá-lo e pensou em se esconder, se afastar o mais rápido possível da estrada e se camuflar na floresta densa. Infelizmente, para ele, o barulho se aproximava com tanta rapidez que seus músculos ficaram rígidos demais para se moverem, suas mãos e braços começaram a tremer e suar na mesma medida em que seu coração parecia querer atravessar sua garganta, avançando boca à fora. O hotel lhe ocorreu, mas o pensamento lhe escapou quando percebeu que lamentar pelas escolhas que tinha feito não tornava o perigo inexistente. A essa altura, Ester e a festa eram as últimas coisas que invadiam seus pensamentos.

Daniel viu o corpo de um veado ricochetear entre as últimas árvores antes de despencar imóvel na estrada. O animal ofegante o encarou com seus olhos, implorando ajuda; seus pelos estavam embebedos de sangue; e a pele do pescoço, rasgada profundamente. O coração do homem amoleceu assim que percebeu o perigo em que o animal se encontrava e, instintivamente, deu dois passos à frente. Mas, ao reconsiderar se podia ou não ajudar o animal, um cão gigante atravessou a mata e pulou sobre o corpo do veado, prensando sua cabeça contra o asfalto.

Ao se acostumar com a pelagem escura do animal, Daniel percebeu que se tratava de um lobo. Os olhos amarelos e a boca pingando sangue, seus dentes vermelhos e suas patas sujas de terra. A fera, com sua pelagem

☞ 67 ☞

lisa de um animal bem alimentado, rosnou. Os dois se encararam por um longo momento, o homem e o lobo, antes de Daniel dar o primeiro passo para recuar.

O lobo se manteve estático enquanto pressionava a cabeça do veado contra o chão, encarando com o canto do olho o jovem visivelmente amedrontado. Depois do economista dar alguns passos para trás, o animal repentinamente fincou seus dentes afiados na jugular da sua vítima, e os olhos antes suplicantes do veado ficaram sem brilho. A fera rasgou o pescoço do cadáver enquanto balançava sua cabeça de um lado para o outro. Quando voltou a encarar Daniel, carregava em sua boca parte da carne do animal morto.

Uma voz soprou em seus ouvidos, e o homem obedeceu, começando a correr antes que a fera também se alimentasse dele. Ele correu enquanto suas pernas suplicavam descanso, enquanto as músicas em sua mente ficavam para trás, quando seus pensamentos sequer colocavam o nome de Ester como prioridade, quando sequer considerava o velho que encontrou, e muito menos o homem sem nome no hotel de uma hora atrás.

Correndo mata adentro, seus braços se cortaram enquanto desviava das árvores cheias de galhos baixos de folhas grossas e ásperas. Ele escorregou na terra úmida enquanto o uivo do lobo, logo atrás dele, preencheu seu peito. Daniel conseguiu ouvir a respiração do grande animal o perseguindo, assim como jurou que sentiu o cheiro do seu próprio sangue escorrendo sobre a terra, grudando nas árvores e nas folhas. Ouviu outros animais correndo da catástrofe que se aproximava dele, desejando com todas as forças saber voar como as covardes corujas.

Ele olhou para trás enquanto corria na escuridão para ter certeza de que o animal não estava em seus calcanhares, mas a ilusão trouxe a decepção: a fera, aos poucos, se aproximava em uma velocidade sobrenatural.

Suas pernas corriam no automático, mesmo com seus músculos suplicando por descanso. As batidas descompassadas do seu coração

pressionavam seus músculos e seus pulmões ardiavam como se respirassem fogo. Suas bochechas estavam em chamas, e o suor evaporava instantaneamente quando respingava do seu rosto e entrava em contato com o ar. A fera era melhor do que ele em tudo, principalmente em resistência, e se aproximava rápido demais, mais do que ele podia sonhar em correr. Sobreviver estava fora de cogitação.

Daniel sentiu na sua panturrilha direita o nariz gelado do animal antes dos seus dentes arrancarem um pedaço da sua carne. A insistência do seu corpo em continuar a corrida com o intuito de mantê-lo vivo, trouxe o choque da dor, que fez sua perna pulsar e o sangue escorrer. O animal voltou a segui-lo violentamente quando percebeu que aquela mordida não havia sido fatal. A fera sacodiu a pelagem espessa, voltou a correr e uivou com toda força que tinha, fazendo com que Daniel tropeçasse em uma pedra. O animal saltou com toda sua força dando o bote final. O machucado na panturrilha do economista latejou, causando seu grito. “O último grito”, ele pensou, vendo o lobo sobrevoando-o.

Atrás de si, ele avistou um barranco íngreme, como se fosse um milagre que qualquer divindade tinha colocado ali para salvá-lo. Fazendo Daniel ser eternamente grato se soubesse a quem agradecer. O choro de desespero do animal ecoou durante a queda e se tornou a única música na mente dele.

Daniel se livrou da fera, mas as feridas jaziam em seu corpo, dores recentes sobre marcas antigas que nunca se curaram. A mordida violenta na panturrilha arrancou parte da sua pele, expondo seus músculos, os arranhões dos galhos no caminho do terror, e seu pé esquerdo torceu pelo medo do abate.

O homem se levantou, como estava acostumado a fazer há anos, e se negou a ficar parado ali, esperando que a morte o alcançasse. Mesmo com os machucados expostos e os músculos cansados, ele seguiu em frente, encarando o penhasco que o lobo cairá há pouco. Não conseguia

ver seu fim, mas, pela falta de barulho ao seu redor, tinha certeza de que o animal estava morto.

Enquanto o sangue escorria, aos poucos, do machucado, ele se viu em frente a um pequeno rio, e uma luz vinda de um lampião ao longe na margem oposta dentro da mata. Entrou na água, apesar das incertezas, porque qualquer coisa seria melhor que a floresta densa. A temperatura congelante trouxe uma sensação anestésica para suas feridas. A lua sobre a cabeça de Daniel era sua guia enquanto o silêncio da água alcançava apenas a altura da sua cintura. Na metade do caminho, ele sentiu uma picada na perna direita e o rasgo na outra ardendo pelo rio sujo, mas não se importou ou se amedrontou. Seu foco era a luz daquele lampião que estava tão próxima que seria besteira desistir. Afinal de contas, depois de todo transtorno e a sensação de perigo mortal, conseguira voltar a pensar em Ester, e como desejava tanto vê-la mais uma vez que faria de tudo para alcançá-la.

Próximo do fim do rio, suas mãos afastaram pequenos pedaços de madeira podre com musgos não tão fixados, enquanto sua respiração começou a ficar desregulada, e seu peito chiava devido ao choque térmico. Daniel sentiu o barro sobre os dedos quando enfim alcançou a terra novamente, sentindo também o peso dos seus pés encharcados, com seu tênis Adidas já irreconhecível. Ele se pôs a andar de novo em direção a luz, desviando lentamente dos galhos das pequenas árvores, adentrando na mata menos densa que a anterior.

Uma luz forte o cegou ao se aproximar da casa de madeira, vindo em alta velocidade na sua direção. Uma caminhonete, a mesma que o ultrapassara horas atrás na estrada apertada. Um homem desceu dela, vestindo uma calça jeans até os tornozelos, suja e furada, um boné vermelho sobre a cabeça e uma blusa xadrez não abotoada. O rosto do homem ostentava uma barba mal feita acompanhada de uma cicatriz que ia da sua bochecha ao seu queixo.

☞ 70 ☜

— Não sobreviveria se morasse. — O homem desfez os nós da corda sobre o corpo da fera. — Os outros chegarão logo pra ceia.

— Ceia?

O homem não respondeu.

Daniel sabia que não era Natal, na realidade, faltavam três meses para a data. Mas esse pensamento fugiu dele quando o que antes era um calor devido a adrenalina se tornou uma queimação interna. Ele sentiu calafrios e a dormência em sua perna se espalhando.

— Você pode me ajudar? — As palavras saíram com dificuldade dos lábios ressecados de Daniel.

O homem o encarou com o canto do olho, e o reflexo da lua sobre seus olhos tornou-os apavorantes, idênticos aos daquele velho e daquele homem sem nome. A atmosfera mudou completamente quando ele terminou de desamarrear o lobo e se aproximou lentamente, pisando nas folhas e nos galhos sobre a terra, o barulho deles partindo ecoou e o tempo pareceu parar.

Daniel sentiu uma mão em seu ombro direito... ou seria esquerdo?

— Desculpe, garoto, como eu disse: faz tempo que só comemos vegetais.

Atrás de Daniel, tinha um homem esguio e magro, seus dentes afiados se revelavam em um sorriso malicioso no mesmo instante em que ele reconheceu a figura. O homem do hotel usava um moletom preto com capuz sobre a cabeça. Próximo dele, vindo de trás da casa de madeira, o velho que Daniel encontrara sentado próximo a placa caminhou em sua direção tranquilamente, com o mesmo olhar faminto e o sorriso malicioso em seu rosto.

A luz da lua iluminava o destino de Daniel ao mesmo tempo que escondia os horrores daquele lugar apavorante e surpreendentemente real.

☞ 72 ☜

Ele encarou Daniel dos pés à cabeça, a confusão nítida em seu olhar.

— Foi uma corrida e tanto, garoto...

A voz dele era grossa e rouca, causando mais medo a Daniel do que ele pensou que poderia sentir. Ele acenou com a cabeça, pois as palavras não atravessavam a garganta fechada.

— Eu ouvi um uivo há um tempo atrás — o desconhecido explicou — e me deparei minutos depois com esse lobo morto. E, como só tenho comido vegetais nos últimos dias, pensei: por que não trocar por comida de verdade?

Daniel reconheceu a fera com a pelagem negra e os olhos amarelos. Sua boca estava suja de sangue, e os dentes vermelhos confirmavam que era o mesmo lobo que o seguira. Porém seu pescoço e suas patas estavam quebrados, a queda realmente tinha sido alta demais.

O homem de boné arrastou o lobo por uma corda que envolvia todo seu corpo. Ele teve dificuldades para carregar a fera, mas largou na entrada da casa de madeira, cheia de teias de aranha e janelas quebradas.

— Como cê conseguiu se livrar da fera? — O olhar do homem era intenso.

O coração de Daniel acelerou tanto que teve a impressão do homem também conseguir escutá-lo enquanto o encarava.

— C-como você sabe? — A garganta dele ainda arranhava.

O homem riu com sua voz grossa e rouca.

— Cê tá um trapo.

Ele riu de novo e não esperou nenhuma resposta do economista.

— E por que um garoto como você estaria correndo nessas matas?

“Um garoto negro como eu”, Daniel concluiu. Exatamente igual ao cara do hotel, sem o mínimo esforço para disfarçar.

— Você mora sozinho aqui? — A voz de Daniel tremeu menos do que antes.

☞ 71 ☜

**Daniel nunca chegou à festa de Ester.
As buscas persistem oito anos após seu desaparecimento.**

☞ 73 ☜

Máscara de porcelana

I Hospital Esperança, quarto 1101
por Nathan Lopes

A lacuna em mim está aumentando
começou a ficar difícil de escondê-la
Sinto que já me olham diferente
parece que minha máscara está quebrando

Mesmo que me esforce inutilmente para colá-la
não posso consertá-la
não tem o que consertar
O desespero é eminente
não há nada pior que a possibilidade da rejeição

Meus verdadeiros sentimentos estarão a mostra em breve
as pessoas verão o personagem ruir
Devo me manter longe?
Devo tentar me aproximar?
Devo escutar mesmo que doa?

Tudo vai mudar
é uma questão de tempo para que o carinho se torne hostilidade
E eles não estarão interessados em me entender
já que se encontram afogados
em um mar de preconceitos e regras

É muito mais fácil esquecer
que sou a mesma criança que já foi amada
É muito mais fácil ignorar
que sou parte desse todo
É muito mais fácil desconectar
e nunca mais me olhar

Dói admitir que parece desagradável esse futuro
mas sinto que ainda vale a pena insistir na felicidade
Não deveria ter vergonha de ser quem eu sou
não deveria pensar mais em me esconder
eu quero viver a minha identidade
eu quero **viver**.

74

75





Reapresentação

Rua Sem Nome, nº 21
por Mar FONSECA

Eu me apresento. Monossílabo. Você me encara. Olhar vazio.
Responde. Monossílabo.

— Quê?

Não me choco. Respiro e sorrio. Minhas três letras encontram um
jeito de confundir os mais eruditos. O som estranho na boca alheia. Torto.
Errado. Mas é monossílabo. Você conhece o som. Só se nega a reproduzir.

Repito. Monossílabo. Sem inflexão. Você encara. Monossílabo.

— Oi?

Inspiro fundo. Corrijo e sorrio. Monossílabo. Uma palavra. Três
benditas letras. Mas ordenadas do meu jeito, estranhas. Solto o ar.
Monossílabo.

— Quem?

Monossílabo. Repito e sorrio. Eu. E tudo que eu poderia ser.
Monossílabo infinito. Eu.

Não me faço entender. Monossílabo.

— Quê?

Abatida, soletro.

Mo-nos-sí-la-bo.

O sentido se aproxima devagar. O entendimento alcança as sobran-
celhas. Monossílabo.

— Ah!?

A sombra da dúvida ainda está nos seus olhos. Suspiro. Monossílabo.
Finalmente! Monossílabo.
— Sim!
Monossílabo. Me reapresento com paciência. Monossílabo. Sempre
na esperança do monossílabo bastar. Me canso desses monossílabos.
As três letras com seu som conhecido. Mas como nome...
Monossílabo.
O som não se basta, as letras se embolam, as sobrancelhas se
arqueiam. Mas me reapresento. Monossílabo.
— Mar.
E **bast**a.

80

a serpente me sorriu
saciada de desejos
quando depois de muito relutar
aceitei o convite ao paraíso
noites de corpo ao acaso
em transe nas baladas

loucos momentos de euforia
em que eu Adão andrógino
me permiti às maçãs
num gozo após gozo
a sucumbir entre feras
iguais em sina e realidade

82



maçã

Rua dos Pecadores, nº 405
por Julio Corrêa

desde cedo
eu quis comer
a fruta proibida do paraíso

desde sempre
esse pecado
me causava água na boca

houve tempos
em que tentei abortar
sementes da macieira
lançadas frescas à terra
amostras grátis das ruas

tempos abreviados pelo vento
que trouxe de longe-perto
o cheiro insano do prazer
me instigando ao pecado
à tentação da carne

81



Egoísmo

Alameda dos Estudantes, nº 609
por Luna

Sua mão está quente contra a minha. Ela a segura de maneira forte, como se estivesse com medo de que, se soltasse, iria me perder. Desde crianças, éramos assim, inseparáveis.

No parquinho do colégio, andávamos juntos o tempo todo; então, o recreio deu lugar ao intervalo, e nos sentávamos nas escadas da cantina para conversar. O colégio virou universidade, que ocupou nossas horas com provas e seminários, mas, mesmo assim, estávamos juntos.

Inseparáveis.

Eu e ela... Ela e eu. Melhores amigos desde sempre.

Mas e se, em algum momento, esses sentimentos se misturassem? E se, por um breve instante, o que eu sinto dentro de meu coração não for o carinho de sempre. E se junto disso tudo, a paixão ardente começasse a queimar dentro de mim?

E então, da universidade veio ele, que no início era apenas uma atração, um leve desejo que achava ser passageiro, mas com o passar do tempo foi se infiltrando, não somente em meu corpo, mas em meu coração. Dos encontros casuais pelas bibliotecas do campus, as conversas passaram a ser nas madrugadas quentes de verão, entre chuvas e risos. Mesmo entre nossos amigos, nas festas e saídas noturnas, minha atenção se voltava a ele, que não parecia se importar com meu repentino interesse e minha aproximação. E mesmo assim, eu não me mexi... não ousei libertar meus

83

sentimentos e fazê-los conhecidos. Se eu tivesse falado algo antes, teria mudado alguma coisa?

Meu maior confidente, aquele em quem confiava meus maiores segredos. Sua presença na minha vida era paz... era terapia. De alguma maneira sua amizade também se transformou para mim. Sem aviso ou sinal do que estava acontecendo por dentro... eu apenas não sabia. Não tinha como saber que em meio a tantos sentimentos, ainda havia espaço para outros crescerem.

Eu não queria me sentir assim, mas não conseguia me controlar... não há como controlar os sentimentos. Injusta essa situação, que poderia trazer algo tão bom... Nunca pensei que lá no fundo, eu conseguiria ser tão egoísta.

De querer os dois comigo, mas não poder tê-los.

Meus sentimentos por ele são os mesmos que eu tenho por minha melhor amiga. A paixão dentro de meu corpo arde cada vez mais. É difícil controlar o impulso de fazer algo que eu provavelmente vá me arrepender. Mas é inevitável, todas as vezes que os vejo lado a lado sinto a necessidade de fazer algo, me aproximar, segurar os dois ao mesmo tempo.

A culpa me corrói por dentro. Sentir tudo isso não deveria ser errado, mas eu não consigo deixar de pensar nisso. Não consigo parar de pensar em como não seria justo com eles, que não poderia exigir uma reciprocidade se nem mesmo tive coragem de dizer nada antes.

Antes que os dois se tornassem algo.

Minha melhor amiga e seu namorado. O casal que eu desejo, mais do que tudo, ter ao meu lado de *outra forma*. Eu quero estar no meio deles, recebendo o carinho diário e sentindo o amor nas noites frias. Compartilhar cada momento de felicidade e tristeza com ambos ao meu lado, ter a intimidade que sempre quis com os dois.

É um sonho tão distante, pois eu sei... tenho a noção de que os sorrisos apaixonados não são voltados para mim, que eu nunca vou sentir

84

85



ás de ouros

Caminho dos Iguaís, casa 670
por Andy

A verdade chegou aos poucos. Antes mesmo de eu entrar na dita "pré-adolescência", iniciei a caminhada por essa via longa e tortuosa. Notei que havia uma diferença entre mim e as outras pessoas, para depois começar a questionar o porquê.

Confesso que nessa época não tinha muitas amigas, mas as que tinha, sempre comentavam sobre os guris que gostavam. Foi mais ou menos aí que percebi as diferenças, enquanto elas estavam no ponto x, eu ficava no y. Elas diziam como eles eram bonitos, e eu concordava. Elas tinham coragem para se declarar, e eu só conversava. Elas já beijavam, e eu não entendia o motivo da pressa. Elas tentavam fazer com que eu me soltasse mais, e eu me esquivava. Sempre em rodinhas escondidas dos adultos.

Algumas vezes, acontecia como elas queriam. A vergonha que vinha depois... nem eu entendia. *Tudo mundo faz isso, porque só eu fico assim?*

A resposta foi simples: "o problema sou eu". *Obviamente*. Que outra explicação eu poderia encontrar? Sozinha, sem amparo, sem saber onde recorrer ou como falar sobre isso.

"Ah, mas é só uma fase." "Daqui um tempo isso passa." "Talvez eu só seja nova demais." "Minha criação deve ter sido mais conservadora que a das outras pessoas." Afirmações assim me acompanharam por anos. Mal sabia eu que a pior época ainda estava por vir. Crianças descobrindo

86

87

aqueles toques sutis ou os beijos molhados. Mas, e se eu me aproximar? E se eu simplesmente falar o que sinto, do que necessito? E se eu simplesmente tentar me tornar parte daquele relacionamento?

E é quando eu tenho esses tipos de pensamentos que me assusto.

Que tipo de pessoa eu sou? A simples ideia de tentar me aproximar com tais intenções me abomina. Quem sou eu para estragar o relacionamento das duas pessoas que eu mais amo no mundo? Tudo isso por um desejo de ser amado incondicionalmente, desse sentimento ser retribuído.

Egoísta. Isso que eu sou. Por querer algo que provavelmente não dará certo, por tentar perseguir um sentimento que ninguém mais sabe.

E mesmo assim... com todos esses pensamentos, o sentimento de culpa e a repulsa, eu tento. Eu me aproximo cada vez mais, testando a linha ténue do que posso ou não fazer.

É tão errado assim tentar perseguir a própria felicidade?

Posso ser egoísta...

Mas é desse egoísmo meu, que virá minha felicidade.

a diferença de selinho e beijo não são nada comparado a adolescentes inquietos com a ideia de pegação ou namoro.

Porque a ansiedade para ficar com outras pessoas é uma das coisas que se espera da adolescência e que tantas histórias contam. Então era normal que rolassem vários "quer ficar comigo?" ou "meu amigo pediu para ficar contigo" nessa altura. Comigo não foi diferente e até havia uma certa constância na lista de situações do tipo. Minhas amigas ficavam nervosas e mais animadas do que eu — geralmente com aqueles que eram mais bonitinhos ou mais velhos do que nós. Só que sempre souu engraçada a ideia desse pessoal vir atrás de mim sem nem me conhecer, mesmo gostando da ideia da procura e até de alguns flertes. Apesar disso, não tinha como levar a sério, porque essas coisas nunca me transmitiam uma conexão verdadeira. Mas eu me cobrava. Iria continuar "enrolando" e "iludindo" as pessoas? Como eu iria retribuir, se não havia um sentimento recíproco da minha parte? Quando chegaria o momento em que isso mudaria?

Esse meu modo de agir rendeu uma certa fama entre meus amigos, já que, por rejeitar as pessoas, eu acabei sendo taxada como "fria" e "sem coração". Não via problema em concordar com essas características, porque fazia muito mais sentido do que ficar com alguém, e a ideia de usar isso para afastar potenciais "ficantes" não soava ruim. Mas, mesmo sendo a "insensível" do grupo, gostei *sim* de muitas pessoas ao longo da vida. Ainda que de um modo diferente do dito *normal*.

Desde criança, alguns tiveram um espaço especial no meu coração, aqueles que sempre quis tratar com carinho ou que admirava por serem quem eram. Existem, sim, muitas pessoas bonitas por aí, e eu consigo ver isso. Mas nunca foi um fator importante ou decisivo, apesar de só ter entendido mais tarde. O que mexe de verdade comigo é a *personalidade*. Como agem ou tratam alguém, como fazem eu me sentir confortável e

como isso é muito especial para mim. Sei que esses “bons sentimentos” podem parecer banais para algumas pessoas, só que para mim é... *diferente*.

Apesar das listas de “admiradores” que tive ou das muitas “essa pessoa pediu pra ficar contigo”, eu sempre me senti deslocada no meio disso. Percebi que beijar um estranho na festa era *sim* algo difícil — e não porque sou muito romântica para isso. Pensar em namorar alguém que apareceu aleatoriamente pedindo para ficar comigo era impossível. Retribuir os sentimentos de quem não me deixava confortável era um tipo de ligação que não fazia sentido. Era um meio sufocante. Saber que eu não conseguia fazer algo “normal”, como os outros, foi uma grande barreira entre meus sentimentos e meu eu.

Ainda assim, como eu disse, eu *tenho* sentimentos. Também consigo gostar de alguém. Também sei me apaixonar.

Os anos de confusão, de tormenta, de adiar o confronto com a verdade foram muitos. Mesmo que eu tenha tido consciência do que poderia ser, foi inevitável não me assustar com a realidade.

Quando descobri a assexualidade, foi uma experiência íntima e profunda. Bastou ler poucas linhas para me identificar. Algo dentro de mim sabia, *sentia* a verdade por trás daquelas palavras. A identificação foi instantânea. Assim como o medo.

Ali estava a confirmação da estranheza que senti por toda vida. Todo o deslocamento e exclusão que senti quando os assuntos eram relacionados à vida amorosa ou sexual. Tinha uma categoria para mim, o que deixou tudo mais real. Deu mais *peso*. Justificou tudo isso que eu tive que passar.

Foram meses de reflexão sobre isso, totalmente guardados entre eu e as paredes do meu quarto. Raras as vezes em que comentei sobre o termo com alguém, como se fosse só um conceito interessante que li por aí. Não era sobre mim. Eu não me sentia parte daquela comunidade.

Ainda.

88

Então o tempo passou.

Esse processo de reflexão e aceitação durou **dois anos**.

Se contarmos as pequenas crises de insegurança que ainda me assombram, nunca superei completamente essa “fase” de descobrimento. Nesses momentos, muitos “e se?” me rodeiam. A sociedade me faz questionar se tá tudo bem me expressar e viver do jeito que sou. É complicado assumir com orgulho algo que está tão errado aos olhos de muitos.

É uma realidade dura, mas real.

Apesar de toda essa vivência complexa e pessoal, agora aceito a verdade como ela é. Sou parte da comunidade LGBTQIA+ e sou representada pela primeira letra do alfabeto. Se meu símbolo hoje é um ás de ouros, é porque me conheço e me aceito o suficiente para ter orgulho do meu avanço, de me reconhecer na comunidade e de ter um espaço de acolhimento e identificação.

Perceber que há um lugar onde sou bem-vinda é reconfortante. Já fui considerada a “estranha”, “errada”, “fria” e “sem coração” — mesmo que, às vezes, tenha esses apelidos de forma carinhosa. Eu ainda recebo comentários e olhares estranhos quando percebem que sou “diferente” do padrão. Contudo, saber que há piadas, gírias e símbolos para os integrantes da comunidade se relacionarem é acolhedor. Ouvir os relatos de quem passou ou passa pelas mesmas situações que eu é emocionante. Esses pequenos momentos valem muito mais que qualquer dúvida ou comentário. Eu valorizo isso e os guardo com carinho. Porque essa é a minha jornada.

Essa é a *minha verdade*.

89



O nome transcende

Rua Sem Nome, nº 2
por Lovato

No quarto, há aquele pequeno tanto de luz solar passando gradualmente pela brecha da cortina mal fechada, luz essa — tão suave quanto cetim — que consegue alcançar a minha pele, mas não a minha essência.

Você muito encara os meus olhos inquietos e, pelo reflexo do espelho, diz ser eu. Então, responda-me algo da mais pura maneira: por que não lhe reconheço mais? Se cabelos compridos representam algo, não sou eu. Quem sabe, talvez, para algum parente distante que nós não temos coragem de perguntar se está bem.

Poeira cósmica e grandes átomos nos embalam nessa caminhada corriqueira chamada vida, porém, quem realmente teve coragem de criar o tal conceito de viver? Viver deste jeito, sem resquícios de anuência, de uma maneira energúmena e falsa, sem sentir nem singelos pedaços daquilo que queria crer, é estar à beira da loucura?

Não precisa responder tais perguntas ditas como pessimistas. A única importante agora é: **qual, realmente, é meu nome?**

90

de suas pernas, como se ela fosse um fantasma. Clara, sua dona, sempre diz que ele a trata assim porque ela tem *algo*, uma energia carregada. Ela diz que se Amanda fosse mais feliz talvez Felipe ronronasse para ela, como faz com outras pessoas. “Ela nem imagina o tamanho do meu fardo”, é a resposta que sempre ronda a cabeça de Amanda quando o assunto é esse. E se o gato realmente pudesse sentir à distância todo o trauma que ela carrega, talvez realmente fosse melhor eles não trocarem energias. Os gatos são conhecidos por absorver isso, não?

No quarto, seu demônio pessoal a encara de novo e de volta. O espelho de corpo inteiro, que no dia da compra parecia o bem mais necessário para se ter no quarto. Agora, nos dias ruins, é, ao mesmo tempo, sua prisão e seu cárcere.

Hoje é um dia *ok*, o que é mais do que ela pode pedir. Um dia neutro se encarando é um privilégio raro, entre momentos de euforia e ódio. É em dias como hoje que ela se permite ser indulgente e experimenta algumas combinações de roupa antes de tomar uma decisão. Amanda se deixa colocar uma das regatas que vem guardando para um dia assim. Ela segue uma lógica boba e inexplicável de que as peças mais novas são feitas para dias especiais, não uma terça-feira mundana. Depois de tantos anos ouvindo isso da sua mãe, ela ainda se pega repetindo inconscientemente esse padrão, mesmo que não tenha mais contato com aqueles que a colocaram no mundo.

Amanda sai do apartamento, verificando se as antigas fechaduras estão trancadas. Após um último olhar para o prédio antigo em que mora, ela caminha pelas ruas do centro, sentindo a brisa do entardecer acariciar seus braços nus. O céu é uma mistura de azul com laranja. Na luz difusa ela observa as pessoas que passam por ela. Todo o tipo de gente circula ao seu redor, indo para um lugar tão importante que sequer notam a coloração do céu. Ou tão distraídos em seus celulares que nem presentes estão. Amanda aprecia esses momentos em que pode ser uma

92



Ok

Avenida Celeste, nº 666
por Mar Fonseca

Amanda se encara no espelho, sentindo o suor escorrer pela parte de trás do seu pescoço. No banheiro pequeno e abafado, ela estuda o próprio rosto. As maçãs que não se angulam como ela gostaria. Seu queixo, quadrado demais, e seu nariz, que não é fino o bastante. O que mais a incomoda hoje são suas olheiras, dois sacos pesados que revelam as horas de sono que ela não teve. As luas arroxeadas revelam o peso que ela carrega consigo e as incontáveis lágrimas que já derramou. Amanda não se permite ficar muito tempo de frente com o próprio reflexo, ela já se conhece bem demais. E sabe que, se permitir, ela ficará horas presa em uma espiral de rancor contra o próprio corpo. Encontrando cada falha que só ela consegue enxergar, lugares onde seus pelos crescem, mas não deveriam, onde ela deveria ter mais ou menos curvas.

Amanda molha a nuca, aliviada com o frescor imediato que sente. “Se o resto dos meus problemas pudessem se dissolver assim...” pensa, com amargor. Ela prende os cabelos cacheados e joga água no rosto, que está inchado — tanto pela falta de sono, como pela madrugada chorosa que teve. Amanda tolera um último olhar para seu reflexo, antes de tirar a camiseta e sentir o tempo úmido em seu peito nu. Ela termina de se vestir com pressa e se maquia minimamente antes de sair do banheiro.

No corredor, Amanda encontra Felipe, o gato de umas das suas colegas de apartamento. Ele sequer a contempla, apenas passa por debaixo

91

mera espectadora, aproveitando cada curva do caminho que faz quase todos os dias. Nessas situações, ela sente que é invisível, mais uma pessoa comum, caminhando entre a multidão. Isso é só porque ela está tendo um dia *ok*. Em seus piores dias ela sente como se pudesse se afogar no mar de pessoas, em que toda a pressão de toda essa gente tira o ar dos seus pulmões. E assim, ela se perde. E ser invisível passa a se tornar seu maior medo, ainda mais depois de tantos anos de solidão. Mas hoje é um dia *ok*, o que significa que ela cruza tranquilamente o centro e traça seu caminho por ruas paralelas e esquecidas.

Perdida entre prédios, há uma pequena casa, esquecida pelo tempo e pela modernidade. É nela em que Amanda aluga um pequeno quarto, transformado em estúdio pelos donos, que queriam criar um espaço coletivo para artistas independentes. Seu local de trabalho é pequeno, mas é para ele que quase todos os investimentos de Amanda vão, para repor as toalhas gastas, comprar novos óleos essenciais, cristais e baralhos. Nada disso é realmente urgente, mas a cartomante prefere ver seu dinheiro indo para um lugar que ela mesma construiu, em cada detalhe, por cada carta que ela já tirou.

Amanda apoia a bolsa no chão, varre as cinzas das velas, troca o incenso por um novo e junta as cartas da última leitura de ontem — um profundo mergulho na psique de mais uma universitária que queria saber por que seu namorado tinha terminado com ela e se ele a aceitaria de volta. A cartomante prometeu a si mesma jamais reclamar disso, já que essa é sua nova clientela e é graças a ela que pode cobrar por hora. Foram as cartas que a sustentaram quando seus pais a expulsaram de casa, meses em que ela fazia leituras na calçada e dormia onde conseguia. O estúdio foi a primeira coisa em que investiu depois de conseguir economizar dinheiro o suficiente. Então, ela passou meses dormindo escondida debaixo da sua mesa e se lavando no único banheiro, sem chuveiro, da casa. Por isso, Amanda jamais reclamaria do merecido *upgrade*

93

de seus clientes. Jamais reclamaria das horas longas e inconsistentes. E se tivesse que aguentar duas horas de lamentos e xingamentos para isso, faria com um sorriso no rosto e uma indicação que voltassem sempre que precisassem. Ela merece o que construiu e não pode deixar essas memórias pesadas a arrastarem para o passado. Porque hoje é um dia *ok*.

A cartomante arrasta a mesa redonda do meio da sala até a ponta cheia de prateleiras cobertas de aparatos místicos. Ela desmonta os pés e guarda as peças da mesa em uma das estantes. Parada no meio da sala vazia, ela se pergunta se está fazendo a escolha certa e se não pode viver confortável sem precisar encarar seus atos passados. “Não poderia ser essa uma das mil coisas que eu sempre deixo para amanhã?”, ela discute consigo mesma, enquanto considera remontar o móvel. O esforço físico faz com que sua nuca sue, então ela se lembra do seu reflexo no espelho, sua tortura diária.

A demora faz com que a lua crescente e amarela brilhe no céu, tornando sua decisão de fazer o inadiável ainda mais tola. “Hoje é um dia *ok*”, ela lembra a si mesma.

Amanda abre a única gaveta que tem em todo o estúdio e, do seu fundo falso, retira um pedaço de giz branco e algumas anotações — tão amassadas que nem ela consegue compreender muito bem. Ela respira fundo, seca o suor frio do rosto, desenhando um círculo perfeito no lugar da mesa. Depois, ela se põe a desenhar os símbolos na ordem correta, até completar a circunferência. Ela posiciona uma vela em cada canto da sala e volta a encarar o círculo.

Decidida, Amanda monta um móvel, seguindo as instruções atentamente antes de avaliar seu trabalho completo. Ela nunca chegou tão perto de encarar tudo isso, bem aqui e agora. “Hoje é um dia *ok*. Hoje é um dia *ok*. Hoje é um dia *ok*.” Normalmente, ela nem chega a completar o círculo, por isso as peças soltas ficaram meses escondidas atrás das estantes. Neste ponto, em outros dias, ela já estaria chorando e

94

e encara o círculo. No meio dele está um homem, tão branco quanto a fumaça que se dissipou. Ele também veste branco e, enquanto se materializa em sua frente, as quatro paredes que a cercam se tornam espelhos.

Amanda fica nauseada com a visão dele, de pé, calmo, tão elegante como em seu último encontro. Em sua pele lisa como porcelana não há uma gota de suor. Enquanto o corpo dela se enche de calafrios, ela sente, ao mesmo tempo, um calor que não experiêcia há anos: vergonha.

— Ah, é bom te ver de novo! — ele exclama.

Amanda o encara, paralisada de medo.

— Faz um tempo que não fazemos negócios, Da...

Essa palavra antiga faz com que Amanda retorne aos seus sentidos. Há muito ela não ouve a chamarem por este nome. Sons que ela matou e enterrou fundo na memória.

— Este já não é meu nome faz tempo.

— Uma pena... — ele pausa, saboreando as palavras. — Seus pais tiveram todo o cuidado de te dar um nome bíblico.

— Não é como se ele pudesse me proteger dos Outros.

— Nisto você está mais do que certa, minha cara. — Ele faz uma reverência rebuscada. — Eu e os meus não jogamos pelas regras da tão adorada Igreja.

A ironia dele é a mesma do dia em que se conheceram, mais de uma década atrás. A diferença é que agora Amanda sabe quem é e o que precisa fazer. “Hoje é um dia *ok*.” Ela repete na sua própria mente, enquanto se força a olhar para ele e não para seus reflexos.

— Nisto podemos concordar. — Ela sabe que tem sua atenção quando um sorriso de canto aparece nos lábios dele. — Sei que você prefere não falar dos seus irmãos.

— Eles são todos tolos, incapazes de reconhecer que um bom acordo é sempre interessante.

— Conheço bem sua fama com acordos.

96

tremendo com o esforço ou estaria agendando um cliente de última hora — apenas para ter a desculpa de adiar para o próximo dia, ou quem sabe para a próxima semana.

A cartomante volta para a janela, observa a rua pouco movimentada e contempla a lua crescente. Pelo menos não é uma noite de lua nova, o que garante que as chances de arranjar problemas e incitar o ódio da nova Família da cidade sejam menores. Amanda fecha as cortinas de novo, queima um pouco de sálvia e espalha a fumaça pela sala, limpando a energia e fazendo o que o gato de Clara, supostamente, faz no apartamento. Em seguida, acende uma vela por vez, murmurando palavras antigas, mais pelo costume e conforto do que pela segurança em si.

Ela empurra o espelho para o meio do círculo, sabendo que depois disso não há mais como voltar atrás no que ela decidiu para esta noite. A cartomante recupera seu livro da bolsa e apaga as luzes. Na penumbra, a fumaça ainda paira pelo ar, e toda a sala ganha um brilho fosco.

Amanda se encara no espelho, obstinada a se libertar de sua prisão. Ela e seu reflexo proferem palavras em um cântico muito antigo e perigoso. Enquanto seus olhos correm a página decorada, outras vezes se juntam à dela, vozes daqueles que vieram antes e que foram tolos o suficiente em um dia cantar. As chamas tremulam em seus pavios, a fumaça adensa para o meio da sala, pairando sobre o espelho em uma nuvem preguiçosa.

A cartomante vira a página sem perder a cadência, como uma das mães, que a vida deu para ela, e ensinou bem. No ritmo das palavras sua mente esvazia, mas estranhamente também se agarra em seu pensamento recorrente. “Hoje é um dia *ok*.” As vozes engolem a dela, e o som espectral clama por algo poderoso e antigo. Enfim, tudo para.

O silêncio paira no ar como a fumaça.

E então se dissipa. O espelho racha. Seus cacos são lançados pela sala. Um deles passa por ela, acariciando sua pele e trazendo o sangue à superfície. A dor aguda aguça os sentidos de Amanda, que firma os pés

95

A voz dela é um sopro comparada à dele.

— Uma pena que você tenha mudado tanto... sempre achei seu cabelo sua maior qualidade.

Amanda encara o círculo em volta dele, que brilha incandescente.

— Isso foi há muito tempo.

— Talvez para você, criança. Para mim... — Ele caminha próximo à linha que os separa. — Não se passou tempo algum. Você segue sendo uma criança tola e arrogante.

— Eu sempre tive meus motivos e nunca coloquei ninguém em risco.

— Sim, sempre os seus com seus motivos, sempre motivos. — Ele ri suavemente. — Mas nada muda, nunca. Você é como sua avó. E você mesma, não se colocou em risco?

— É diferente — ela responde, lutando contra a vontade de fugir correndo do estúdio.

— Minta para si quanto quiser. — Ele pausa. — Como é mesmo seu nome, criança?

— Amanda.

— Mais alto agora, para que eu possa te ouvir.

— Amanda.

Ela enche o peito e o encara.

— Ele te cai bem... — A acidez do comentário faz os dedos dela formigarem. — Diferente de outras coisas.

— Falando em nomes, não se esqueça que sei o seu.

Ele não reage à ameaça dela.

— O que foi, Albedo? Não encontra suas tão amadas palavras agora?

A provocação desperta a fúria dele, que avança contra ela, mas é impedido pelo círculo desenhado no chão — que agora brilha fracamente e a cada instante se aproxima de se apagar.

— Tão preparada como sempre, mas seu conhecimento do Sagrado não garante sua proteção.

97

Ele está certo, e Amanda sabe disso. Quanto mais tempo Albedo passar neste plano, mais sólido e poderoso ele se tornará. Os riscos que ela está correndo por invocar um ser de outro plano já são grandes demais. Nada que não seja deste mundo pode ficar aqui por muito tempo. Sempre há desordem, sempre há desequilíbrio. Se tratando dos Outros, não é diferente, apenas mais perigoso. Esse é o risco que se corre quando se quer invocar um ser tão antigo quanto o tempo, tão astucioso quanto o próprio Diabo e, possivelmente, tão poderoso quanto Deus.

— Então, vamos direto aos negócios. — Ela retoma o controle da situação.

— O que você quer, criança?

— Quero finalizar os assuntos do nosso último encontro.

Amanda escolhe palavras longas na tentativa de adiar o que já começou.

— Então você quer reviver momentos?

Ele se move rápido, mas graciosamente, quebrando o círculo que os separa. As cinzas do giz queimado aos pés dela, e ele com as mãos em seus ombros. Amanda sente a presença fria de Albedo, como uma meia molhada em dia de tempestade. Ela treme dos pés à cabeça e é forçada a encarar o espelho.

— Quer revisitar aquela noite? — ele sussurra na orelha dela.

Os espelhos a cercam, tendo um agora em seus pés — para onde ela decidiu olhar depois que ele quebrou o círculo de invocação — e um no teto. Agora restam apenas ela, ele e a luz tremulante das velas, flutuando no espaço. Nos espelhos, Albedo projeta a cena do último encontro deles.

*

“Amanda” está em pé, na beira de um círculo idêntico ao que havia segundos atrás diante dela. Ela mal se reconhece com os cabelos raspados, as roupas sujas e gastas, que usava quando não tinha onde morar, e o peito liso. O seu *eu* de treze anos contempla Albedo com encanto, em

98

meio a um beco escuro, iluminado apenas por velas. Ela se lembra bem daquela época. Como era ler cartas na calçada por qualquer trocado, como teve sorte de conseguir “recuperar” o livro e o antigo baralho de sua avó. Como era não ter sequer um nome. *Não saber* o próprio nome.

— Você tem muita audácia em invocar um Outro, criança — Albedo fala no mesmo tom que usa hoje com ela.

— Eu sei seu nome, você tem que, no mínimo, me ouvir.

— Muitos dizem saber meu nome, mas poucas famílias realmente sabem. Me diga, criança, de quem você é filha.

O seu *eu* do passado vacila, indeciso sobre sua identidade.

— Sou filho dos Souza.

— Ah... — Ele saboreia as memórias. — Me lembro bem de sua mãe... ou seria sua avó?

— Avó — responde com dificuldade o *eu*.

— Ela era uma linda mulher e uma boa cartomante. — O tom de Albedo é reflexivo. — No fim, era igual a todos os seus. Trocou o amor que tinha para aprimorar seus dotes. — Ele mede o *eu* de cima a baixo. — Dotes que ainda devem estar no seu sangue.

— Eu sei de onde vim. Tudo o que eu tenho foi um dia dela.

— Agora, satisfaça minha curiosidade, criança. — Cada palavra parece afetar fisicamente o *eu*, que se encolhe. — Onde aprendeu o que sua avó nunca soube?

— Eu já tive várias mães. Cada uma me deu algo que jamais posso retribuir.

— Parece que não foi o suficiente para você. — O silêncio revela a culpa e a vergonha do *eu*. — Você é ganancioso. — Albedo abre um sorriso predatório. — Eu gosto disso.

O *eu* embaralha seus pés e não consegue responder.

— Não teste minha paciência, criança. — A voz de Albedo não tem emoção, mas suas palavras parecem sólidas.

99

— Eu queria que todos me enxergassem como eu me vejo.

A criança e Albedo se encaram, os olhos grudados. O Outro mede o *eu*, incrédulo de que uma criatura tão insignificante poderia incomodá-lo. O *eu* é uma pilha de nervos, mas também de ansiedade e euforia.

— Ah... um acordo, então. Eu sempre gostei de uma barganha.

— Sim.

A voz do *eu* é tão insignificante quanto ele próprio.

— Então você quer que todos te vejam como você se vê?

— É, eu quero que eles me tratem bem.

— Isso já não posso garantir, criança. Mas...

Albedo materializa um espelho entre os dois. O *eu* observa seu reflexo. Ainda mais magro do que da última vez que o viu, seu cabelo de alguma forma ainda mais curto, as orelhas mais proeminentes, suas mãos ainda maiores e desproporcionais.

— Sem palavras, é? — A calma de Albedo retorna.

O *eu* fecha os olhos. Em um instante, como se fosse simples, seus cabelos estão maiores, com belos cachos e um brilho improvável, suas mãos são menores, sua postura parece diferente. Seu corpo parece seu, talvez pela primeira vez em toda sua vida.

— O que você quer em troca?

— Mais alto, criança, para que eu possa te ouvir.

— Qual seria a minha parte no acordo?

— Além de ser meu, você jamais poderia ver seu reflexo de novo.

O *eu* do passado considera os termos. Talvez valesse a pena renunciar a algo que o incomodava tanto. Se livrar do peso para ter todos respeitando sua vontade. Mas valeria a pena sacrificar a satisfação de se olhar no espelho? Como seria viver no meio termo entre o ótimo e o péssimo? Como seria viver no *ok*?

O *eu* rejeita Albedo com um movimento tímido de cabeça.

100

A água entra em seus pulmões, que ardem. Amanda quer gritar. Perturbar a paz dos vizinhos, mas não consegue. A cada segundo ela se perde mais em alto mar, e Albedo ganha força.

— Por quê? — ela pergunta entre lágrimas. — Por que você está fazendo isso comigo?

— Fazendo o que, minha cara?

Amanda consegue ouvir cada sílaba sendo saboreada. Como se o tempo estivesse passando mais devagar. Albedo faz com que ela olhe para cima.

— Você não vê?

Os espelhos se partem e cada novo fragmento a lembra dos momentos em que sentiu todos esses sentimentos de uma vez. Cada dia de mais de uma década que ela passou tentando se distanciar de tudo isso. E mesmo assim, a cada segundo que passa isso ainda a persegue.

— Eu não tenho crédito algum pelo seu sofrimento.

O tom ácido dele a corrói. Amanda cai de joelhos, encarando as memórias no chão. Algumas estão manchadas por suas lágrimas; outras, pelo seu sangue.

— Você é a única responsável por isso.

Ouvir as palavras em voz alta consolida todos os medos da cartomante. Que, na realidade, quem transformou os espelhos em sua tortura foi ela mesma, não um ser de outro plano. Até este dia, ela preferia pensar que o desconforto quase diário com o reflexo vinha do Pai das Aparências. De alguma forma era mais fácil pensar que aquela noite, catorze anos atrás, era a única responsável por uma vida de desgosto.

A pressão no peito de Amanda aumenta na mesma proporção em que os espelhos desaparecem. Até que só sobram apenas Albedo, ela e um pequeno círculo reflexivo, com as marcas das cinzas desenhadas. Eles agora flutuam em um mar de nada. Mais no plano dele do que no dela. Albedo se deleita com cada soluço, cada lágrima dela.

102

— Como você ousa, criança? — O Outro cresce em fúria. — Desperdiçar o tempo de um dos oito primeiros. Sua arrogância e petulância não são dignas da minha presença. Você deverá pagar pelos incômodos que me causou.

O ser antigo se debate dentro do círculo, falando tantas palavras, que nem repetindo essa noite em sua mente por anos Amanda foi capaz de decifrar. Albedo grita, aparece e desaparece entre os símbolos. A voz dele ecoa pelo beco e a luz aumenta e diminui conforme o Outro respira.

— Albedo, PARE! — O *eu* grita.

O Outro estagna, chocado que a criança é realmente quem diz ser.

O *eu* mais jovem se aproxima do círculo, que brilha fraco e sopra, fazendo Albedo sumir como se fosse pó de giz.

Amanda se sente derrotada. Extremamente pequena. O chão não parece mais sólido sob suas pernas bambas. Ela treme e chora. As lágrimas são a dor de uma ferida que nunca se fechou. Que está sempre latente sob sua pele, pronta para ressurgir a qualquer momento.

— O que foi, Amanda?

O nome dela nos lábios de Albedo parece veneno.

Soa estranho.

Errado.

O Outro passa os dedos na escadaria de cicatrizes que ela tem na parte interna do braço. E os calafrios dela aumentam. Agora, os espelhos revelam cenas que ela se esforçou por anos para esquecer. Vozes, olhares, ações. Tudo ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Sufocando-a. Afogando Amanda em um mar de pessoas que a trataram mal, com diferença.

Errada.

Esse sentimento antigo retorna. A sensação que sempre teve de que não pertencia a lugar algum. Que ninguém a queria neste plano, ou em outros. E a cada nova onda, mais esse sentimento mina suas defesas.

101

Então é isso? Depois de anos de pesquisa e teorias, Amanda simplesmente deixaria de existir no plano terrestre? Seu maior medo se tornaria real, de se tornar eternamente presa ao próprio reflexo? Fadada a uma tortura eterna?

"Hoje é um dia *ok*", sussurra uma voz ao fundo.

Amanda se encara entre os cacos, observando suas maçãs do rosto que não se angulam como ela gostaria.

"Hoje é um dia *ok*."

Como seu queixo é quadrado demais.

"Hoje é um dia *ok*."

Como seu nariz não é fino o bastante.

"Hoje é um dia *ok*."

Como as olheiras são pesadas demais.

"Hoje é um dia *ok*", canta a voz rouca.

Amanda vê em sua frente seu corpo, os lugares onde deveria ter mais curvas e onde deveria ter menos.

"Hoje é um dia *ok*."

Ela vê seu trauma, colocado à sua frente, em exposição.

"Hoje é um dia *ok*."

Amanda vê cada traço.

Cada reta.

Cada curva.

Cada defeito a ser consertado.

"Hoje é um dia *ok*."

Amanda se vê errada.

Amorfa.

"Hoje é um dia *ok*", a voz parece sumir.

O corpo que nunca foi realmente dela é apenas um apêndice.

Um caco.

Vazio.

103

Oco.
 Errado.
 “Hoje é um dia...”
 Ela sempre esteve errada.
 Sempre foi errada.
 Sempre se sentiu errada.
 “Hoje é um...”
 Errada.
 “Hoje é...”
 Errada.
 “Hoje...”
 Errada.
 “H...”
 Errada.
 E todo este vazio é preenchido por culpa e medo.
 Tudo o que ela sempre foi é uma farsa.
 Um mecanismo bem articulado de apresentação.
 Amanda sempre foi de Albedo, desde o dia em que ela o viu pela primeira vez.
 “...”
 Os últimos cacos desaparecem, enquanto ela cai no vazio sem fim.
 A presença fria de Albedo não a perturba mais. É isso o que era para ser.
 “...”
 Então, uma memória preguiçosa retorna. Em meio a todo este vazio, ela vem, trazendo tons de laranja e azul, em um degradê suave. A lembrança a aquece, e Amanda escuta a própria voz dizer:
 — Hoje é um dia *ok*.
 Na imensidão escura, Amanda vê quatro pontos de luz, que se tornam mais nítidos. Os espelhos se restauram, sem qualquer fissura. O aperto de Albedo em seus braços se afrouxa. Amanda se encara no

104

a tornou ela. As leituras que fez em calçadas. As noites debaixo da mesa. As mães que teve. Os amigos que fez.

Ontem foi um dia *ok* para que hoje fosse *bom*. Amanda pode se acostumar com dias *ok* e suportar os ruínas na esperança do *bom*. Às vezes o *ok* basta e é necessário.

Ela chega em casa. E, antes mesmo de terminar de abrir a porta, lá está Felipe, roçando em suas pernas, ronronando para ela.

Amanda expira aliviada.

“Hoje é um dia *bom*.”

106

espelho, primeiro medindo a silhueta fantasmagórica do Outro, depois seu corpo. *Seu*. Para fazer o que bem entender dele. Chamá-lo como quiser. Demandar respeito. Ocupar espaço. Amanda se encara, até que não sobre qualquer espelho.

— Hoje é um dia *ok* — ela reafirma para si.

No estúdio, a cartomante e Albedo estão no escuro, as velas se apagaram com a presença dele. Nem ele próprio está mais presente. Só restou Amanda e seu próprio reflexo. Ela sopra as linhas de giz, garantindo que a presença de Albedo não fique com ela. Depois, quebra o espelho. Com o rosto manchado de lágrimas, Amanda se encolhe no chão duro e dorme, como já dormiu incontáveis noites em seu estúdio.

A cartomante acorda ao amanhecer, com o barulho na rua lá fora. No seu rosto, ela sente o caminho das lágrimas secas. O corte no seu braço é um filete de sangue coagulado. Amanda vai até o banheiro, se encara no espelho, abre um sorriso largo e lava o rosto.

Ela traça o caminho de volta para casa. No percurso, muitos a observam, mas isso não a incomoda. A mulher se encara nas vitrines, vendo seu corpo, seu rosto. Ela ainda tem seus desagradados, mas eles não são mais sua prisão. Eles são parte dela. Assim como a memória do rosto dos seus pais no dia em que a expulsaram de casa, condenando seu nome morto. Assim como um de seus ex-namorados reagiu quando ela contou quem é realmente. Assim como, dois dias atrás, um estranho na rua quase a assassinou.

Todas estas coisas são parte dela. Todo o trauma que ela carrega não foi resolvido em uma noite, mas foi um começo.

Amanda anda entre os pedestres sendo vista, talvez pela primeira vez na vida, por quem ela é, por quem ela quer ser. E isso é o suficiente. Ela caminha com tudo à mostra, cada lágrima, cada cicatriz. Amanda mostra tudo o que não pode esquecer, para também não esquecer o que

105



conversa com Freitas e companhia

Rua dos Amigos, n° 89
 por margot mais

queridos amigos,
 tô escrevendo do meu quarto.
 é o meu lugar favorito, vocês sabem.
 tem o quadro que ganhei de presente
 e uns resumos bem bacanas na parede.

mas tô aqui por outras coisas.
 embora adore ficar sozinha.

gente, lembra quando vocês diziam
 que eu parecia um guri,
 e meus pais ainda concordavam?

pois agora virei tudo.
 me descobri
 e virei tudo.
 não precisam me aceitar.
 não precisam nem me olhar,
 mas agora eu sou tudo.

107

Panela de pressão

Rua da Feira de Quinta, nº 306
por Mar Fonseca

- para *ela* e eles

A panela de pressão chia no fogão.

No tablet, leio um texto, talvez algum que esteja neste livro, talvez não. E assim me pego refletindo sobre como o amor nos pega desprevenidos, como ele se aproxima de fininho e torna uma noite de quarta-feira bem mais do que deveria ser. Isso é o engraçado do amor, não? Não o fato de mudar dias comuns e torná-los memórias, mas a forma como o recebemos, como se faz presente, mesmo quando achamos que não o merecemos. Isso torna esse sentimento bem mais interessante.

Nós não pedimos o amor que recebemos, e por vezes ele vem de lugares que não esperávamos. Ele é imprevisível, esse tal de amor.

Torcemos que algumas pessoas fiquem, mas elas se vão, mesmo quando tentamos muito fazê-las ficar. Talvez eu devesse parar de falar de nós e começar a falar de mim, em minha concretude. A verdade é que esse tal de amor já me pregou muitas peças. Ele se foi quando eu menos esperava. Eu vi relações sólidas se dissolverem entre meus dedos e não pude fazer nada. Vi sementes que nunca realmente brotaram, ou talvez elas só tenham brotado em mim. Mas também vi o amor se transformar diante dos meus olhos, pouco a pouco se transmutando do nada. Só que isso também não é verdade, né? Nada vem do nada. Parece óbvio,

108

— Você está feliz. — Não é uma pergunta, mas uma afirmação.
— Estou — confirmo.

Pela primeira vez em muito tempo, digo isso com verdade. De fato, estou: mais feliz do que estive por meses. Sabe, foram tempos difíceis. Tã bem, eu sei que esse é mais um clichê que nada diz. Quando eu digo "difíceis", quero dizer "impossíveis". Meses, dias, horas, segundos em que nada parecia certo, e talvez realmente não estivesse. Talvez eu estivesse pela metade. Mas entre essas paredes nuas, me sinto inteira. É estranho — e impossível — falar disso sem sorrir um pouquinho ou sentir o aperto do choro na garganta. Eu me fiz metade a vida toda para caber em lugares que não eram para mim. Eu fui meio com medo de me mostrar inteiro. A inteireza me assusta, porque com ela vem a incerteza — mas também o amor.

Eu jogo os grãos na panela, temperando-os a esmo. Eu olho para ela, sentada à mesa. O olhar diz que sei que tem algo errado, e ela sabe. Assim, ela fala e se desabrocha. Fala de como tem sido difícil, *impossível*. Na minha inteireza, seguro sua fragilidade. Fico feliz de poder ser sua calma, que sendo inteiro eu apoio suas metades. Só eu sei quantas vezes ela já fez isso por mim. É assim que a quarta-feira comum vira memória.

Desligo o fogo outra vez.

Isso não é sobre ela. Bom, é. Mas não é sobre suas aflições ou sobre seus dias impossíveis. É sobre amor — mais que isso, é sobre casa. Era aí que eu queria chegar: casa. Casa para mim não é um lugar. São pessoas. E prometo que esse é o meu último clichê.

São essas pessoas que me permitem... não, elas não me permitem. Seria simples demais dizer isso. Elas me *ajudam* a ser inteiro. É a calma que elas me fazem sentir; é a facilidade com que posso ser eu e ela e isso não se torna uma questão. Isso pode ser confuso, eu sei. Se tem alguém que entende dessa confusão, sou eu. Essa indefinição que ao mesmo tempo me permite ser os dois e nenhum ao mesmo tempo. Eu vivo entre essa

110

prolixo, mas é o que é. Outra repetição desnecessária, eu sei. O fato é que pequenos dias se somam para compor a equação inexacta do carinho. Outro clichê, eu sei.

No meio de todos esses pensamentos batidos, ela surge. E quando digo "surge", quero dizer literalmente. Ela vem do corredor em passos tímidos e a expressão no seu rosto me diz que há algo errado. Eu sei. Ela se senta ao meu lado e sei que é do silêncio que ela precisa. Eu não tiro meus olhos das linhas de texto que mal prendem minha atenção. Em pouco tempo ela se vai, e não da forma melodramática dos pensamentos de antes. Ela apenas retorna ao seu quarto enquanto sigo tentando me encontrar entre os parágrafos.

Sabe, eu tenho sorte. Sorte de amar o que faço e mais ainda de ter achado pessoas que me amam — e de elas terem me achado de volta. Ela é uma dessas pessoas; tudo que sinto parece não caber em mim e, por fim, transborda para o papel. Mas não é bem esse amor que você deve estar imaginando. Não é uma paixão que acaba com a sua calma. Não. É um amor...

O timer apita.

Desligo o fogo.

Para mim, amor é calma: a mesma que sinto ao tirar a pressão da panela, sentindo o vapor quente vir em direção ao meu rosto. É a tranquilidade de saber que a panela não vai explodir, quando eu abrir, e eu já tive muito medo de panela de pressão. Talvez ainda tenha meus receios quanto ao amor, mas, com a panela, não mais.

Escorro os grãos recém-cozidos e ela retorna, talvez pelo barulho, talvez pelo silêncio conjunto. Ela me observa trabalhar e me ponho a tagarelar sobre miudezas mundanas. A lista de compras, as tarefas da casa, as últimas fofocas. Tudo é feito com calma, sem considerar as páginas que me esperam mais tarde ou o trabalho que ela vem procrastinando. No meio desse dia tão mundano, ela me diz, com um sorriso de canto:

109

potência do tudo e do nada. Entre essas paredes consigo me definir e me apresentar. Os poucos que se fazem casa estão enquadrados nos meus corredores, prontos para segurar minha mão nos piores dias. Nesses dias impossíveis, quando se arrastar para fora da cama é demais.

Mas eles estão aqui para ver os melhores também, como hoje. É desse amor que estou falando, dessa imensidão que não sufoca, que me faz inteiro. É isso que *ela* representa: casa. Longe daqueles que me trouxeram ao mundo e me criaram, aquele não é o meu lugar. Minha casa é ao lado dela, deles.

Pego a esponja para lavar a panela.

"Eles", parece até inexacto, eu sei. Mas não sei como explicar como cada um entrou na minha panela. Garanto que nenhum deles eu esperava se tornar tantas coisas; se soubesse, teria prestado mais atenção. Não cabe aqui dizer que eu não esperava que uma prova mudasse minha vida, ou onde eu sentava na sala de aula, ou o meu primeiro dia na universidade, o lugar onde eu trabalhava, os amigos em comum. Não, não cabe recapitular cada uma dessas memórias, porque elas não traduziriam todo o afeto que recebi depois. Eu seria incapaz de sintetizar a presença deles de forma exata. Ironicamente, me faltam palavras para isso. É pouco dizer que eles fazem com que eu me sinta eu mesmo ou eu mesma. É limitado demais. Sempre fui panela que transborda. E eles me transbordam.

Ensaboio a panela.

Como eu disse, é engraçado esse tal de amor. Eu nunca o vi chegando. Não esperava que fosse dividir a vida com ela. Jamais poderia prever isso. Mas esse amor se fez presente no silêncio, no afeto, no caos, na dor, e eu entendo bem demais de dor. Por isso é ainda mais belo. Nunca fui poeta, mas, se fosse, faria uso dos meus clichês para cantar sobre isso, para declamar aos sete ventos que esse grupo me vê por mim. Parece simples, mas aprendi que o simples pode ser o mais difícil.

Me alongo nesses pensamentos enquanto tiro o sabão.

111

Preciso dizer também que o mais simples pode surpreender. Você se surpreenderia — ou não — com como é difícil que meu nome seja apenas isso. Como é raro que ele não seja acompanhado de surpresa ou perguntas. Não sei se por sorte ou azar eu pude ter dois nomes na vida. Um que me deram e um que criei para mim. É com eles que meu nome tomou forma, deixou de ser sons desconexos para se tornar palavra. É com eles que a preocupação e medo do mundo lá fora se desfazem.

Sabe, eu queria que o amor viesse com manual de instruções, como as painelas de pressão — talvez assim eu parasse de ter tanto medo dele. Queria que o amor viesse com avisos. “Cuidado: posso explodir”, “Cuidado: emocionalmente indisponível”, “Cuidado: não se aproximar”, “Cuidado: não vou dizer seu nome”. Se viesse, eu conseguiria me libertar das minhas dúvidas. Talvez assim eu o veria chegando e ele não tivesse que me espreitar como uma sombra. Se o amor fosse como uma panela de pressão, eu não teria medo de abri-lo. Poderia guardá-lo na prateleira e revisitá-lo sempre que necessário.

Enxugo as mãos.
Desbloqueio o tablet.
Faço anotações em um texto...

112



Linhas Entremeadas

Estação de Metrô Amarefa, s/n.
por Poti Faria

Aquelas linhas mais pareciam um labirinto prestes a dar um nó. Ainda que eu goste das cores, elas se misturam tão facilmente num arco-íris infinito que de nada servem para ajudar a me achar realmente. Talvez seja o lema dessa cidade: “nunca parar”. Será que todas essas pessoas correndo sabem para onde ir, mesmo por baixo da terra? Ou será que eu me sinto tão ameaçada pela pressa que correr com elas é a única opção? Mas teimo. Como sempre, teimaria a cada instante. Compenso o olhar perdido pela postura. Mesmo assim, eles, os outros, parecem encaixados demais, eretos, sérios e silenciosos, formando uma reta por onde acabaram de pisar. São infinitas retas dentro daquele mapa colorido. De algum jeito, elas me lembram fios de cobre, aqueles bem fininhos, encapados de plástico preto. Aqui não tem linha preta. De preto já basta o asfalto, e esse fica na superfície. Por aqui reinam as cores, pelo menos na imaginação ou nas tentativas de orientar alguém exposta ao metal de dentro dos vagões.

Menos as pessoas.

Os tons de cidade, grande demais, não são tão coloridos assim. Corpos de trabalho não podem vislumbrar mar azul, sol amarelo, grama verde ou pirulito rosa. Sem tons quentes, as línguas silenciam mais. Ensaiam

114



Mar

Praia do Farol, pier 5
por Lucas Braga

- para o meu Mar, que ainda não entendeu que,
na verdade, é um oceano

Você é luz
que constantemente se apaga
e percebe de tempos em tempos que
apesar da escuridão
você é luz.

Você é água
que preenche o espaço e transborda
amor, reciprocidade e orgulho
é confidente
intimidador e sensível
é finito e infinito em seu olhar
claro como o mar.

Então você também é mar
onda delirante
que encanta pelo semblante
a delícia que é
mergulhar no seu mar.

113

“licença” — com circunflexo no “E”, mesmo —, “brigada”, “vai descer?”, mas nada além de duas palavras levemente afiadas. Tempo elétrico correndo no fio preto, quem enxerga a corrente passar?

Não sei mais em qual cor eu estou, mas de algum jeito juro estar no caminho certo. “Onde estou?”, “Para onde vou?”, perguntas essenciais devidamente feitas em frente a um mapa da minha altura. Este não revela uma ilustração tão grande assim, porém é enorme a ponto de me provocar a me achar.

Ao menos ali.

Haste lisa, gelada. Sinto pela pele, vejo brechas de metal margeando dedos, mãos firmes.

Quase tropeço.

Mão vítima da velocidade.

De repente, uma luz.

Sol gritando, chegando bem nos meus olhos. Um espaço deitado, no canto direito, destoando de todo balanço de pé.

Corro.

Suspiro. Mochila no colo. A pressão muda dos pés falham um equilíbrio para as costas se fundindo ao assento. Tem uma cabeça atrás, a poucos centímetros da minha. Se por uma respiração ousasse estar num sofá, esbarraria naquele estranho. “Desculpe, não sou daqui.” As palavras sairiam, sem dúvidas, constantemente justificando meus movimentos em ondas.

O espaço se dilata, relaxo o braço ao lado.

Acelera. Finjo estar em um barco começando a navegar, mas sem vento.

Desacelera. O vidro escuro finalmente exhibe sua transparência. Luz...? Luz? LUZ!

Flash de listra amarela, tronco inclinado — pra frente, claro, jamais para trás, nem cabelos se tocavam. Estação Fradique Coutinho.

115

Olhos lapciosos percorrem o vagão da finitude de espelhos frente a frente. Frente. Lado esquerdo. Atrás. Esquerdo. Direito.

Caminha.

Eu a vejo.

A mão direita segura a alça da mochila no ombro. Munida de um guarda-chuva vermelho, quase tão grande quanto suas curtas pernas, veste um casaco digno da serra em que estamos. Não parece tremer como eu. Boca contraída, cabeça para baixo, olhar inchado. Mudamente diz "desculpe, esse é o único lugar". Recolho as pernas para o corredor e ela se senta. Braço esquerdo pesa. Fique no tronco.

Agradeço aos deuses a visão cento e oitenta.

Seu cabelo se inclina para o vidro escuro; apesar da cor, se distingue pelo fone de ouvido. Quem ainda usa fones tão grandes?

Palavras, sílabas, sinais... se tocar o braço, talvez? É capaz de alguém saltar aqui.

Oscar Freire.

Minha perna balbucia no ritmo de um ponteiro.

Silêncio.

Paulista.

— Licença, você sabe como...? — Ela tira o fone e me olha.

Qual era a dúvida? Seus olhos estão paralisados em mim. Com a mão direita, afasta o fone, fazendo um vão na orelha: um convite para meu som entrar.

— Como faço para chegar na estação Ana Rosa? — Ela se vira mais, me envolvendo de atenção.

Nesse movimento, seu guarda-chuva cai aos nossos pés, vermelho e amarelo como o pôr do sol que estaria acontecendo bem acima de nossas cabeças. Ela se desculpa. Me abaixando e alcançando a ponta dele, digo que não foi nada.

— Mas pra chegar na Ana Rosa... — Eu vejo sua boca mexer.

116

Abruptamente ela está de pé, bem na frente da porta. Como não a vi esquivar-se pelas minhas pernas? De lá, ela me olha e consigo ler seus lábios, "a gente desce nessa aqui". Levanto meio torta, a mochila miúda parecendo pesada demais.

Descemos.

Ela corre para uma escada e some.

Subo e de longe vejo seu sorriso dizendo "onde cê se meteu?".

Alcanço sua risada.

— Sempre me perco na hora de trocar. — Ela ri.

Correndo numa estrada em curvas, me deixa pra trás. Caminhos de multidões se escoam, seguem na trajetória de um tiro no alvo planejado. Tento ler as placas confiáveis, mas ela não tem esse tempo.

A esteira!

Apresso os pés e entramos na esteira. Seguíamos, mesmo paradas. Finalmente!

118

Cada palavra certamente me indica um caminho que eu já ensaiei antes de pisar neste vagão. Pinheiros. Luz. Ana Rosa. Seria mais fácil falar sem o fone, um desconforto alheio só de ver.

Ela para de falar.

— Ah, sim, entendi. Brigada. — Sorrio educadamente.

Ela veste de novo aqueles benditos fones, o cabelo beija o vidro.

Longos, escuros, e...

Silêncio.

Higienópolis.

Um som fino ecoa no canto da orelha esquerda.

— Eu não sei se ficou claro, mas você vai ter que descer desse aqui na Luz, trocar lá pra linha azul sentido Jabaquara e descer na Ana Rosa.

Parecia tão simples antes daquela explicação.

— Então troco de linha? — Pioro a expressão confusa: sobrancelhas enrugadas, boca levemente aberta logo depois de cuspir "linha".

— Isso. Eu vou fazer baldeação também, te aviso quando tiver que descer.

Sorriso de companheiros de trabalho, ainda como uma DJ subterrânea, afastando só um dos lados do fone.

— Ah, brigada. É que não sou daqui.

O sotaque, claro. Sempre ele. Vomitando sem querer, me revela atrevidamente, sem jamais permitir escolha ou linhas de pensamento.

UNIFESP. Confundi com UNICAMP e falei coisas de lá. Ela preserva meu engano.

— É, não devo conhecer. Lá é bem grande.

Os fones finalmente pousam no colo, fragmentado com cada mão em uma metade.

Nossos sons aumentam, olhos cansados ao redor miram, estranham pessoas com voz, anseiam o silêncio funeral.

117



Boa sorte

Avenida Celeste, 999
por Lucas Braga

Desde que meu primeiro dente do siso deu os primeiros sinais de nascimento, eu notei, pela primeira vez em toda a minha vida, que era a pessoa mais azarada que eu conhecia. E juro que não estou sendo dramática só para você ter dó de mim. Eu sei que é específico demais dizer isso categoricamente, mas a verdade é que aquele dia foi muito marcante para mim. Eu estava completamente apavorada, pois perderia meu bv com uma menina que eu estava a fim há eras, a Juliana. Peraí, não comece a fazer as contas agora para tirar conclusões precipitadas. Sim, é isso o que você está pensando: meu dente do siso deu seu primeiro aceno durante o nosso beijo. Eu gritei de dor e apavorei a menina, que nem quis tentar me beijar de novo. Eu já tinha beijado outras pessoas antes de pedir, em um surto de adrenalina, para ficar com ela, mas foram só garotos até aquele momento. Naquela época, eu não tinha tanta certeza se gostava de ficar com eles.

Agora, voltando à matemática, antes que você tenha uma percepção errada sobre mim, meu dente do siso nasceu quando eu tinha quinze anos, exatamente no dia 13 de maio de 2015. Eu perdi meu bv com o Rafael no sexto ano do fundamental, no dia 27 de setembro de 2011, atrás de uma das árvores do pátio, enquanto minha amiga Flávia vigiava o movimento das inspetoras. E, como você já sabe, foi só alguns anos depois que tentei, catastróficamente, dar meu primeiro beijo em uma menina.

119

Mas, voltando ao dente. Foi só depois disso que minha mãe e eu desenvolvemos uma espécie de ritual não combinado de ir ao Mashitá, no Liba's Food Court, toda quinta-feira, perto do fim da tarde, para comer qualquer coisa que fosse da culinária coreana.

De qualquer forma, o que eu tenho para contar não tem a ver com quantas pessoas eu já beijei na vida, ou sobre o fato de que a Juliana espalhou para o grupinho dela que eu tive um ataque de pânico enquanto nossas línguas se enrolavam dentro das nossas bocas. Na real, o que eu quero contar é sobre o dia em que, por causa do siso, fui ao dentista mais próximo do trabalho da minha mãe, depois de sermos expulsas do Uber porque pedimos para que ele tentasse não costurar em alta velocidade entre os carros nas ruas íngremes e estreitas da Liberdade. Mais falta de sorte, eu acho. Eu e a minha mãe comemos o melhor Jeyuk Bokkum que já havíamos experimentado em toda a nossa vida! Mesmo que os pratos tenham vindo errado da primeira vez — digamos que foi um tiquinho de má sorte.

Não, eu não sou *kpopper*, juro! Não sou avessa à cultura, claro. Até gosto de ser considerada a mais eclética do meu grupo de amigos, mas nunca fui de consumir os *doramas* da Netflix ou de acordar de madrugada para assistir a um show do BTS ou do NCT, por exemplo. Tá, eu sei o nome de alguns grupos, mas não é porque sou fã deles, é porque... tem como alguém na face da terra nunca ter ouvido falar desses nomes, siglas ou ter escutado alguma música deles?

Não vou ficar me explicando demais para você, senão vou perder o foco do que quero contar. Enfim, naquele dia nós duas ficamos grunhindo elogios com as bocas cheias, com sons do tipo “*hummm...*”, “*ahn...*”, “*uuuuuuuh...*”. Apesar de ter sido uma das nossas melhores refeições, foi estranho ter um bando de gente nos encarando porque estávamos com tesão por aquela comida. Eita, perai, você tá de boa se eu falar tesão, né? Porque minha mãe fica possessa quando me escuta falando essa palavra.

120

em um emprego, mesmo odiando a rotina do escritório de advocacia. Minha mãe é advogada, não criminal ou trabalhista, mas ambiental e fazia, pelo menos, seis anos que ela estava trabalhando no mesmo escritório.

Nós moramos juntas até eu completar vinte e um, em um apartamento no Sumaré, que era da minha avó até ela morrer. Eu nunca gostei de ser o estereótipo da menina classe média de São Paulo, que mora em um apartamento e estuda em uma escola particular ali pela Bela Vista. Alguém que gosta de música pop, veste roupas bonitas e completamente dentro da moda atual e se acha *diferentona* porque gosta de desenhar umas coisas meio esquisitas, tipo monstros e demônios. Ninguém sabia que só fazia isso durante as aulas, já que em casa desenhava demônios fofinhos.

Por estudar consideravelmente perto de onde minha mãe trabalhava, o que em São Paulo isso significa um privilégio gigantesco, eu e ela mantivemos sucesso nosso ritual por longos anos. Uma vez, no dia 7 de abril de 2016, depois de atravessar parte da cidade de São Paulo para encontrar minha mãe no bairro da Liberdade às quatro da tarde e ter ensopado meus tênis, senti que estava cansada de toda aquela merda do ensino médio. Tinha sido uma semana intensa, com várias provas e simulados pro vestibular, e de quebra havia brigado com minha melhor amiga naquela manhã porque ela disse que eu estava trocando nosso rolê no Ibirapuera, que eu confesso ter marcado sem checar meu *planner*, por uma desculpa. Fiquei irritada. Meu ritual com minha mãe era tudo, menos desculpa. Então, naquele dia, estressada com tudo isso e, principalmente, por minha falta de sorte, não consegui focar nos pontos negativos que tínhamos percebido no Mashitá ao longo daqueles meses — incluindo a demora em preparar nossos pratos por conta da grande demanda.

Quando cheguei ao Liba's Food Court, que hoje em dia já até mudou de nome, encontrei minha mãe no balcão esperando por mim com seu sorriso generoso e radiante. Tentei respirar fundo e deixar a expressão de fuzilamento de lado, mas não consegui.

122

Acho que ela pensa que eu não sei o que é sexo ou como duas pessoas conseguem sentir prazer. Já ouviu falar de *gouinage*? Era só sobre isso que eu escrevia nos meus contos eróticos, bem, até hoje é só sobre isso que eu escrevo.

Enfim, vou voltar aqui para não me perder! Desde então, ritualisticamente, fomos ao Liba's Food Court para experimentar qualquer prato que o Mashitá servisse aos seus clientes. Já tinha feito a volta no menu umas... deixa eu contar aqui... uma, duas, três... teve aquela vez com a Flávia que eu comi dois pratos diferentes... oito, nove... ahn... acho que umas onze vezes. Tá, eu sei, é muita coisa, ainda mais se pensarmos que o cardápio devia ter, no mínimo, uns seis ou sete pratos diferentes. Algumas vezes nos obrigamos a experimentar os outros restaurantes do lugar — até que foram ótimas experiências também —, mas nada comparado ao Mashitá.

Aliás, não faço ideia de como você deve estar me imaginando aí na sua cabecinha, então acho melhor me apresentar e de quebra falar da minha mãe também. Oi, meu nome é Luíza e eu tenho, atualmente, 23 anos. Sou branca e tenho cabelos ruivos — não nasci com essa cor, mas não conta pra ninguém, tá? —, longos até pouco depois dos ombros. Meus olhos são castanhos escuros e eu tenho, mais ou menos, um metro e sessenta e três de altura, embora não tenha tanta certeza, já que a última vez que me medi foi há muito tempo.

Durante boa parte da minha vida morei com a minha mãe. Sempre fomos muito confidentes, muito disso porque meu pai morreu aos trinta e dois anos, quando eu tinha apenas seis anos. Pelo que me lembro dele, e não é muito, sempre fora um homem gentil com as pessoas, principalmente comigo e com a minha mãe. Infelizmente, um acidente de carro nos tirou ele cedo demais. Enfim, sobre a minha mãe, ela me criou sozinha desde então, por isso em todas as minhas memórias significativas, desde que mantenho um HD mental, ela sempre se esforçou para se manter fixa

121

— Ih, lá vem... o que aconteceu, Luíza?

Dei um beijo em sua bochecha direita e ignorei todos ao nosso redor, inclusive o senhor Seung. Larguei minha mochila pesada no chão, próximo ao banco alto, e me sentei.

— Ai, mãe, não é nada demais. Só tô irritada com a Flávia, carente por atenção o tempo todo.

— Ela ainda tá assim? — Confirmei com a cabeça, em silêncio.

— Filha, eu sei que não é uma regra, mas, às vezes, quando as pessoas terminam um relacionamento elas ficam um pouco grudentas, sabe?

— Até mesmo quando terminam um de dois meses?

Minha mãe não conseguiu conter a risada, e confesso que eu também teria rido se não estivesse focada em uma discussão tão fútil e nas minhas meias ensopadas. Depois que você passa por mudanças significativas no começo da vida adulta, percebe que preferia discutir essas coisas ao invés de gritar com seu vizinho pedindo silêncio às três da manhã ou para não esquecer mais o portão aberto toda vez que sai de casa. Quintal compartilhado é uma bosta mesmo. Nem para vizinhos eu tinha sorte.

Naquele dia, o senhor Seung estava sozinho no restaurante e o nosso pedido ainda não havia sido entregue, mesmo depois de quarenta minutos de espera. Ainda mais irritada, fui até o banheiro mais estreito do corredor estreito e cheio de outros restaurantes. Aquela área cada vez mais parecia inacabada, já que, aparentemente, deveria ter um restaurante ali, que provavelmente não chegou a assinar o contrato. Os banheiros ficavam logo depois daquela área inacabada, em um corredor mais estreito do que o anterior e em um espaço que dá para o lado vazio de algo como os fundos de um prédio.

Por causa da chuva forte do lado de fora e dos meus pés encharcados, tive um breve momento reflexivo, rogando para quem quer que fosse que me desse um pouco mais de sorte. Porra, na moral, desde os onze

123

anos eu tinha que lidar com os meus colegas de classe me chamando de seis dedos, tudo porque viram um desenho meu que a personagem tinha seis dedos na mão esquerda. Patricinha burra também era um apelido que eu escutava frequentemente, porque eu respondi na aula de história do quinto ano que foram três Torres Gêmeas que sofreram ataques no 11 de setembro. *Três e gêmeas* na mesma frase não faz sentido nenhum! O que eu queria também, né?

Entre no banheiro logo após uma mulher de aproximadamente quarenta anos sair apressada e me deparei com a falta de papel higiênico. Por sorte, tinha um pouco que roubei da escola. Quando fui usar, o papel estava completamente molhado, porque deixei no bolso da minha calça jeans — é, nem foi tanta sorte assim. Saí do banheiro irritadíssima com tamanha humilhação e berrei para todo mundo ouvir no mesmo momento em que um raio, seguido de um trovão, provocou uma queda de eletricidade. Após o silêncio breve e o retorno das luzes, ouvi um barulho estranho, como um chamado, que me fez ir até a terceira e última porta do corredor ao lado dos banheiros — que nunca estivera aberta desde que eu e minha mãe começamos a frequentar aquele lugar.

No lado de dentro, avistei inúmeras caixas de papelão, algumas delas molhadas devido ao vento forte que empurrava a chuva para dentro da sala. Nos fundos do cômodo havia a estátua de um homem alto e misterioso, e eu teria gritado se tivesse percebido que aquela estátua era uma pessoa de verdade — ou algo muito parecido com uma pessoa. O homem alto sorriu por debaixo da cabeleira lisa e espessa que caía sobre seu rosto, um sorriso largo e levemente amarelado. Ele tinha sobre a cabeça um chapéu preto, como se viesse diretamente dos anos trinta ou quarenta, e usava um terno desproporcional ao seu tamanho, com as mangas curtas demais e a barra da calça acima das suas canelas finas. Ele deu uma risada leve e rouca antes de descer do pedestal em que se

124

Suas unhas, afiadas e sujas, ainda apertavam minhas bochechas. De perto notei que seus dedos eram maiores do que de um humano comum e sua estrutura óssea do peitoral parecia, de certa forma, irregular demais. Além disso, sua pele era a mais pálida que eu já havia visto em toda a minha vida, quase translúcida contra a luz. E os olhos eram pretos como o fundo do mar inexplorado.

— O que você é?

O homem, ou coisa, sorriu e disse:

— Eu sou o que você precisa.

— E como você sabe o que eu preciso?

Naquele momento, o medo e a surpresa já tinham dado espaço à curiosidade e a teorias mirabolantes na minha cabeça. Ele poderia ser um E.T.? Ou, quem sabe, um demônio como nos meus desenhos?

— Você precisa do que todas as pessoas fodidas desta cidade precisam: sorte! — Ele disse, se aproximando mais do meu rosto, me fazendo sentir o seu bafo de podridão.

A coisa me soltou imediatamente e se afastou de mim com passos curtos e lentos.

— Agora eu te pergunto de novo, meu anjo. Quanta sorte você precisa hoje?

— Muita! — gritei, mas o trovão não me deixou ser ouvida pelas pessoas do lado de fora. — Quer dizer... tem que ser só hoje?

— Obviamente que não. Afinal de contas quem garante que teremos a sorte de nos encontrarmos de novo, não é?

Ele me lembrava o Wallace, um garoto alto, magro e repleto de malícia na voz e na forma de agir com as pessoas — como se fosse tão malandro que não pudesse ser enganado.

— Então eu quero sorte para sempre, até eu morrer. Se eu tiver filhos um dia e eles forem uns fofinhos também, quero que tenham mais sorte do que eu tive. E seus descendentes também.

126

encontrava, enquanto eu recuava com o coração a milhão e um nó na garganta que me impedia de gritar.

— Olha só, uma visitinha a uma hora dessas... — ele deu uma risada rouca, com ar de perversidade. — Por que você me desejou hoje mais do que nos outros dias, Luíza?

Eu congelei. Naquele momento pensei que poderia ser um tarado qualquer que descobriu o meu nome verdadeiro no site de contos eróticos e resolveu conhecer a autora de um dos contos sobre *gouinage*. Mal sabia eu que era pior do que isso, se é que essa minha suspeita já não era bizarra o suficiente.

— C-como você sabe meu nome?

Ele sorriu e avançou dois passos em minha direção.

— Eu conheço todo mundo, meu anjo. Por que não conheceria você?

“Todo mundo?! Como assim?!”

Lembro de ter pensado isso naquele momento, mas não tive tempo para perguntar nada, já que o homem de quase dois metros e extremamente magro apertou meu rosto com sua mão úmida e ressecada.

— Agora, me diga: quanta sorte você precisa hoje, meu anjo?

Eu não consegui respondê-lo. Afinal, quem é o louco que se esconde em uma sala e finge ser uma estátua? Quem é o louco que veste roupas menores que seu tamanho ideal e toca em uma garota... sem o consentimento dela?!

— Ou será que, por acaso, você desistiu do seu desejo?!

A memória me veio como um feixe de luz no escuro absoluto. Lembrei do meu desejo de poucos instantes antes enquanto pensava sobre as merdas do ensino médio.

— C-como você sabe disso?

— Ora, já não deu pra perceber que eu não sou como você, meu anjo?

125

— *Hmmm...* ela é ousada! — O *alienígena-coisa-homem* avançou alguns passos em minha direção em uma espécie de dança, contorcendo os braços e pernas, quase como em um samba antigo. — Você quer sorte para toda sua linhagem a partir de você. É isso?

— É!

O sorriso amarelado dele voltou a aparecer e seus fios de cabelo cobriram seus olhos pretos.

— Peraí, senhor... coisa... Qual é a pegadinha?

— Como assim?!

— A pegadinha, qual é? Eu já vi muitos filmes e li vários livros sobre coisas assim. Sempre tem uma pegadinha. Vamos, me conta qual é a sua!

Ele riu alto. O som me pareceu o choro de um porco após a primeira estocada do abate — só não me pergunte como eu sei disso.

— Não tem pegadinha. Você pede, eu faço.

— Por quê?!

— Ora, esse é o meu propósito, foi por isso que vocês me desejaram. — O ar de malandragem desapareceu. — Você já não sofreu demais com medo de perder a sua mãe simplesmente por preferir beijar mais meninas do que meninos, meu anjo?

A chuva aumentou de intensidade naquele momento, dois raios caíram próximos de onde estávamos e as luzes se apagaram de novo. Antes dos trovões soarem, eu ouvi sua voz em meu ouvido uma última vez.

— Aproveite o seu desejo, meu anjo. Boa sorte!

Tudo voltou ao normal em questão de instantes. A chuva enfraqueceu, a eletricidade retornou e ouvi os trovões no exato momento em que tudo isso aconteceu. Ali, parada no centro da sala, tudo o que eu pude ver foram as caixas de papelão espalhadas pelo lugar, algumas secas e outras não.

Voltei para o Mashitá em passos curtos e pensativa sobre o que tinha acontecido. Eu nunca fui uma pessoa que nega o sobrenatural

127

veementemente, mas também nunca fui de acreditar muito nessas coisas. Assim que me sentei novamente, percebi que minha mãe sequer havia notado o tempo que eu passei naquele lugar. Só então percebi que, segundo o relógio de parede do senhor Seung, apenas dois minutos tinham se passado desde que saí dali. Congelei brevemente, apenas para ser reconfortada com o nosso Jeyuk Bokkum entregue sobre a bancada.

— Bom apetite!

Agradecemos ao senhor Seung e ambas começamos a devorar o nosso pedido, com uma única diferença: era como se eu estivesse experimentando o prato como no primeiro dia em que estivemos aqui. Além disso, quando parei de me debruçar sobre a bancada para comer, notei que algumas pessoas, que estavam aqui quando cheguei, ainda estavam sem seus pedidos prontos. Será que era coincidência? Talvez fosse porque ele gostava muito de nós e colocou o nosso pedido na frente, ou minha mãe pediu nossos pratos antes daquelas pessoas. Uma reclamação soou no fundo do corredor: um homem estava indignado, pois estava há uma hora aguardando o seu pedido ficar pronto. O senhor Seung se desculpou e disse que em menos de cinco minutos estaria na mesa do tal homem.

O mundo à minha volta parecia lento demais, e eu só me lembro de ouvir a conversa abafada das outras pessoas. Minha mãe, ao meu lado, devorava o seu Jeyuk Bokkum e nem notou que eu estava mais aérea do que ela quando fez sua primeira endoscopia, em agosto de 2009. Então, como se eu tivesse acabado de subir uma escada, as coisas começaram a escalar: minha respiração ficou ofegante, como se eu tivesse corrido uma São Silvestre; o suor começou a escorrer do meu rosto e das minhas axilas; minha visão ficou gradativamente turva; os sons deixaram de fazer sentido. Até que, antes de acontecer, eu consegui perceber que o senhor Seung se aproximava cauteloso de mim, com um prato que eu julguei ser do tal homem em mãos. Ele conseguiu me perguntar se estava tudo bem apenas instantes antes da comida retornar violentamente pela

128

concedendo nota máxima. Espero que tenha uma ótima recuperação. Até a próxima semana =)”: Sim, teve carinho feliz e tudo, eu juro!

Na semana seguinte, de volta à escola, parecia que eu tinha me tornado a celebridade que todos do segundo ano do ensino médio queriam conhecer, inclusive a Juliana. Lembra dela? A menina que espalhou para todos seus amigos que tive um ataque de pânico durante o nosso beijo. Inclusive, ela não esperou nem o fim do meu primeiro dia retornando à escola para pedir para sair comigo. Aceitei, óbvio! E não venha com aquelas coisas de que eu deveria ter feito pouco caso dela. Porra, essa mulher era linda pra caramba e eu não havia superado o fato de que nosso beijo tinha sido desastroso.

Depois do primeiro encontro, saímos, nos beijamos tantas vezes que nem sou capaz de contabilizar, garantimos o melhor lugar na sala de cinema e ganhamos uma promoção do shopping de um mês de compras patrocinadas. Além de tudo isso, minha mãe nos viu aos beijos na frente de casa e não falou nada. Eu esperava uma enxurrada de comentários homofóbicos, mas, como não os recebi, comecei a pensar em como tudo isso funcionava. Pesquisei na internet palavras-chave para descobrir alguma coisa que descrevesse o *alienígena-coisa-homem* que eu vi naquele dia, mas não consegui encontrar nada que explicasse exatamente o que eu vi e ouvi dele. Algumas buscas me levaram a lendas urbanas que se pareciam muito com ele, mas no final não eram sobre sorte ou algo parecido, eram sobre trapaça. Então, comecei a pensar: quais eram as regras? Se eu tinha toda a sorte do mundo agora, todas as pessoas do planeta estariam sendo afetadas pelas minhas decisões? Tipo, minha mãe sempre se mostrou completamente contra qualquer orientação sexual ou identidade de gênero contrária ao que era considerado padrão — cisgênero e heterossexual —, mas depois daquele dia ela pareceu não se importar em me ver beijando uma mulher na frente dela, mesmo que não tenha sido intencional.

130

minha garganta, ir direto para o prato fresco do cliente e eu cair imóvel no chão do Mashitá.

Acordei na cama de um hospital, em um quarto sem qualquer outro paciente, apenas com a minha mãe ao meu lado. Na televisão iniciava o Jornal Nacional: do lado de fora, o trânsito do horário de pico parecia não existir. Minha mãe notou que acordei e prontamente me abraçou com toda a força possível, tomando cuidado com o fio do soro em meu braço esquerdo. Ela me explicou que pensou em chamar uma ambulância ou um Uber depois que desmaiei, mas um dos clientes trabalhava em um hospital que, por coincidência, atendia o nosso convênio. Então, com o carro do tal homem, eles me levaram para o hospital. Quando foram me examinar, descobriram que meu apêndice havia inflamado violentamente de um dia para o outro, por isso precisaram fazer uma cirurgia de remoção. No fim, quando precisei de um leito para descansar, todos que eram cobertos pelo nosso plano estavam lotados, então a recepcionista nos colocou em um leito VIP sem nenhuma cobrança adicional.

Eu não consegui pensar em mais nada naquele momento. Tipo, tinha dado tudo certo, cara, o que mais poderia ser? Eu sei que você deve estar pensando que eu poderia ter morrido por causa disso, mas olha só o tanto de boa sorte que tive desde que nosso pedido ficou pronto antes dos demais. Wallace morreria de inveja se soubesse que eu poderia roubar o seu trono de malandro.

Tive alta na manhã seguinte e voltei para casa com um atestado de uma semana, perfeito para evitar os seminários em grupo. Por conta da minha onda de boa sorte, meus professores não solicitaram que eu apresentasse minha parte ou a entregasse por escrito. Acredite ou não, mas um dos e-mails enviados por um deles dizia exatamente o seguinte: “Luíza, você é uma ótima aluna. O seu esforço e empenho transparecem sempre que você entra em sala de aula. Vou te liberar desse trabalho

129

Confesso que fiquei noites em claro pensando sobre tudo isso e me senti levemente culpada por talvez, só talvez, estar modificando a individualidade de cada pessoa com quem eu cruzo. Mas acho que você sabe, ou suspeita, que sem respostas concretas eu, aos poucos, fui deixando isso de lado para usufruir da minha nova sorte.

Aos dezessete anos eu já tinha ficado com mais de trinta pessoas, fossem elas do meu círculo social ou não. Tive êxito no site de contos eróticos e tirei nota máxima em todas as disciplinas desde então. Passei a não perder nenhum ônibus ou meio de transporte que precisei pegar por qualquer motivo que fosse. Em geral, sempre que desejei, cheguei aos lugares sem dificuldade, como se o trânsito de São Paulo não existisse para mim e para aqueles que estavam comigo.

No último ano do ensino médio eu era a pessoa mais popular da escola e quase não conseguia dar atenção aos meus amigos, incluindo Flávia, com quem voltei a falar dois dias depois da nossa briga e do ocorrido com você sabe o que. Durante o período de vestibular, tirei a nota necessária para ser aprovada nos cursos de Artes Plásticas — considerando a prova prática —, Arquitetura, Direito, Design e Engenharia, embora só tenha me matriculado em um deles — obviamente que foi em Artes Plásticas.

Alguns anos depois que comecei a faculdade, minha mãe procurou uma casa para mim. Depois de ter acertado tudo, fui morar na Vila Mariana com um vizinho extremamente inconveniente no meu quintal. Foram longas semanas, na madrugada, ouvindo as piores músicas da face da Terra, até que eu decidi reclamar dele para o proprietário. Pronto, tudo voltou ao normal e eu consegui esquecer, por mais algum tempo, que, na real, eu sou sortuda pra caramba. Tudo havia se tornado tão natural para mim, que eu nem notava mais. Agora, sete anos depois do ocorrido, eu já acumulei mais sorte do que posso descrever. Apesar disso, às vezes nem tudo parece tão fácil assim, como quando precisei fazer a prova prática

131

de Artes Visuais mesmo sendo, possivelmente, a pessoa mais sortuda do mundo. Ou até mesmo quando, no primeiro dia de aula, o bandeirão da USP estava lotado. Depois de tanto tempo vivendo essa sorte, consegui diferenciar que algumas coisas ainda precisam ser enfrentadas, como o transporte no dia a dia. O objetivo não muda, o que muda é o caminho que eu preciso percorrer para alcançá-lo, entende?

Na maioria das vezes, eu não preciso ficar me lembrando dessa sorte excessiva que ganhei depois daquele encontro. Eu só estou vivendo minha vida e torcendo, mesmo que inconscientemente, para que as vidas das outras pessoas não sejam afetadas por mim. Claro que existe um sentimento de culpa, mesmo que não seja tão latente como no início, como quando notei que poderia ter pedido sorte para as gerações passadas à minha, por exemplo, pois assim minha mãe também seria beneficiada.

Acho que foi por causa disso que nós voltamos a nos ver com muito mais frequência, mesmo com a correria, porque eu me senti culpada por ela ter sido demitida de seu emprego estável. Talvez, mas só talvez, se ela passar mais tempo comigo, minha sorte respingue nela.

É como eu te disse, eu ainda não faço ideia de todas as regras dessa coisa, ou de como funciona na prática. Só sei que tenho muita sorte e, até agora, depois desse tempo todo, não vi sinal de nenhuma pegadinha por aí. A não ser pelos pesadelos constantes que tenho com aquele *alienígena-coisa-homem*. Não que você se importe muito com essa história. Na real, não faço ideia do motivo pelo qual estou escrevendo isso, já que não vai sair do meu caderno mesmo. Talvez seja por causa da minha mãe ou pelo medo que eu tenho de interferir na vida dos outros. Quem sabe seja porque eu jurei tê-lo visto no Mashitá há uma semana, depois de meses que nós duas quebramos nosso ritual e me lembrei de como era ser a pessoa mais azarada antes disso tudo acontecer comigo. Mas, de novo, não é como se você se importe muito com isso. Afinal, perto de toda a sorte que eu tenho, isso é só um detalhe, não é mesmo, meu anjo?

132

e no jeito que segura a taça de vinho junto ao decote
ela leva uma mão até a franja
seu rosto é enigmático e hipnotizante
novamente, a mulher sorri
e, nesse momento, me pego em um *dejá vù*
meu coração para
sinto um nó na garganta
tudo ao meu redor desaparece e,
sozinha no bar,
me recordo dela
é como se eu estivesse em um sonho
um sonho do qual não queria mais acordar
sinto sua respiração quente no meu pescoço
o toque mágico dos seus dedos passeando pelo meu corpo
a textura do seu cabelo nas minhas mãos...
naquela mesa, delírios e sonhos
ela
seu beijo lento e tranquilo
o aroma de algodão doce em um verão qualquer
tudo me tirava o fôlego
vejo seu semblante no fundo do salão
seria possível?
me levanto e caminho em sua direção
o coração em um ritmo desenfreado de ansiedade
o suor escorrendo pela camisa
ali, logo ali, está ela
passo pelas mesas e cadeiras vazias tentando alcançá-la
e então percebo seus passos vindo em minha direção
corro até ela, sorrindo
quando, finalmente, nos encontramos
ela me envolve em um abraço aconchegante
vejo em seus olhos castanhos um brilho arrebatador
uma luz que me encanta
seu olhar penetra minha alma e rasga meu peito
a saudade dói

134



naquela mesa

Avenida dos Amores, nº 1512
por Isma Lisot

um copo vazio, o balcão de um bar
vozes por todo o canto entoando uma canção de embriaguez
uma mistura de felicidade e melancolia
faço sinal para o barista logo ali
naquela mesa, um copo cheio
sinto o gosto amargo do whisky descendo pela garganta
enquanto o timbre suave de Billie Holiday passeia pelo ambiente
procuro o maço de cigarros no meu bolso e acendo um
nunca havia fumado antes
bem, não antes dela
o efeito do álcool começa a surgir
ao meu lado, vejo uma mulher
há uma energia diferente ali
ela ri enquanto conversa com o barista
o cabelo preso em um coque para aliviar o calor
está quente aqui dentro
seu sorriso me lembra alguma coisa
uma sensação
algo como sentar na varanda de casa
em uma brisa suave de verão
conforto
reparo em seu vestido preto

133

sinto sua respiração ofegante perto do meu rosto
enquanto nossos lábios se tocam dançando uma canção de amor
ali, apenas eu e ela
ali, também, apenas eu
é como se eu tivesse sentido um baque na minha cabeça
minha visão fica embaçada
e, logo, percebo as lágrimas descendo pelo meu rosto
olho para aquela mulher ao meu lado
a taça vazia, o olhar sonolento
desvio a atenção para a vitrola desligada
a multidão de pessoas reduzindo a cada minuto
a noite está chegando ao fim
e ali me encontro, com o copo vazio
no balcão de um bar
naquela mesa, um coração partido

135



Parte boa de uma noite de caos

Avenida dos Amores, nº 2509
por Mariana Beck

nosso momento foi rápido
marcado pelo imenso afago
singelo e sincero
lembro-me do teu corpo esculpido
encaixe perfeito no meu
será que fez certo o cupido?

seu sorriso detalhado
nossos corações em sintonia
seus lençóis molhados
seria a perfeita sinfonia?

um encontro surreal
seja ele conto de fadas ou fantasia
precocemente te falaria a real
pediria seu amor de anestesia

meu refúgio tem sido tua rima
cogitando até estar por cima
cantando o dia inteiro no meu ouvido
mas queria mesmo ouvir teu gemido.

136

De repente, estou sonhando. Sonhando.
Sonhando.

S
O
N
H
A
N
D
O

No local mais confortável do mundo.
E todo esse tempo eu estive em teus braços.

138



Para Anne

Laço dos Amantes, s/n
por Roberta Bordiga

Estou flutuando.

Não.

Estou planando.

De repente, estou caindo. Caindo.

Caindo.

C

A

I

N

D

O

No local mais confortável do mundo. Eu fecho os olhos, fica escuro, mas não é escuro. É calmo e feliz e quente e leve e florido e volúvel e cômodo e luminoso. Meus pulmões inalam e exalam, inalam e exalam, inalam e exalam, inalam e exalam.

Então, eu vejo.

Um campo de flores. Alto, verde, com pequenos pingos de tinta colorida que foram derramados propositalmente.

Um lago. Branco, pequeno, reflexo distorcido do mundo com distrações de luz.

Uma chuva. Serena, quieta, com a presença de água quente e folhas semitingidas.

137



Se ela pá

Avenida dos Amores, nº 1018
por Rosiane Córdova

O tempo para
quando ela tá.
Coração dispara
se ela pá.
A gente junta
é fogo!

Monta e desmonta
o nosso jogo.
quando ela queima
pensando em mim,
o meu poema teima
em não ter fim.
O peito arde
só de lembrar,
quando ela me invade
e me faz voar.

139



Ismália

Brasil, 1923
por Alphonsus de Guimaraens

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.
No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...
E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...
E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...
As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Uma teria que ficar, a outra teria que ir. A dama desejava permanecer no campo outrora envenenado pelo temperamento de alguém que nunca fora apreciado.

— Eu te amo — disse à jovem.

A jovem, que já não era mais tempestuosa, respondeu:

— Jamais te amei.

A dama nunca mentia. A jovem escolheu mentir.

Luas e sóis transpassaram os céus até que a dama à colina distante retornou. Mas ali não havia lar, só o vazio do que um dia já fora o seu lugar. Seu coração ecoava, a cada respiração, a dor da afeição.

No campo, a jovem sofria pela sua mentira, de forma que quando o sol nascia, tudo que se ouvia era o chorar:

A dama em delírios se entrelaçou, tudo que queria era o luar.

Embebeu-se de escuridão e o sol não voltou a olhar.

A jovem em paz tentava ficar com o pensamento de que sua dama bem estava. O que a pequena não sabia era do funesto destino que sua amada teria.

142

Uma época sem fim

Parque Histórico, quiosque 14
por Roberta Bordiga

Era uma vez uma calma dama que dera seu âmago a uma tempestuosa jovem. A dama nascera para o sol e nele tudo fazia. Já as fortes chuvas da noite eram os únicos momentos no qual a jovem surgia. A dama às flores cheirava e a cada novo amanhecer florescia.

Em uma primavera, a serena dama de uma colina muito distante se viu em um campo envenenado. Ela não sabia de sua localização; perdida naquele espaço, decidiu saltitar de pedra em pedra até alguém encontrar. Passaram-se três luas e a pacífica dama ninguém vira. A quarta lua se aproximava quando das sombras uma figura encoberta surgiu.

Foi então que a calma dama encontrou pela primeira vez a pequena jovem ameaçadora. O céu claro cedeu seu lugar à tempestade. A jovem, ao olhar para a dama, devastada por um sentimento inesperado, pôs-se de joelhos a chorar. Após este dia, a dama parou de saltitar: decidira esperar todo nascer da lua para sua amada visitar.

No início, a jovem feria a dama, sempre paciente em seu amor. O relógio temporal girava e a cada giro o coração da dama se enchia e o objeto de seu apreço benevolente se tornava.

A jovem ofereceu-se a ela.

A dama jurou ficar.

Nove equinócios haviam se passado quando a dama enferma ficou. Ela nascera para o sol, enquanto a jovem só na lua poderia existir.

141



Vagalumes

Praia da Luz, pier 8
por Mar Fonseca

Rafael puxa o namorado pela mão, enquanto os dois cruzam as largas ruas de areia batida da ilha em que moram. O outro garoto anda habilidosamente sobre o chão irregular, mas faz corpo mole. Então, Rafael é forçado a parar.

— Por que você cisma em ir tão longe, Rafa? — O tom de voz de Fernando é impaciente, mas o namorado não resiste em considerá-lo muito fofo.

— Porque lá é a nossa praia. — Rafael se aproxima e apoia a cabeça no ombro do outro. — Você sabe o quanto é especial para mim.

— Qualquer praia pode ser nossa. — O garoto apenas vê parte do rosto do namorado. — A gente só precisa, você sabe, fazer dela nossa.

— Mesmo assim, não seria a mesma coisa, Fé.

Rafael beija o rosto do namorado, que o abraça em resposta.

— Eu sei, meu bem. — Fernando suspira. — Eu sei.

Convencido, os dois voltam a andar, sentindo a brisa noturna do mar. Eles passam a maior parte do caminho em silêncio; não porque não têm o que dizer, mas porque não sentem necessidade de preencher o silêncio entre os dois. Então, ambos se permitem vagar pelos próprios pensamentos, enquanto fazem um caminho que seus pés poderiam fazer sozinhos.

143

Os dois chegam a uma praia de areia amarelada e grossa. A maré ocupa quase todo o espaço, deixando apenas um filete de terra disponível bem próximo da linha das árvores e da rua pela qual os garotos chegam. Em meio à pouca areia disponível, há um banco esculpido dentro de uma árvore muito antiga. Rafael se acomoda primeiro, e seu namorado se senta em seu colo.

— Feliz? — Fê provoca.

Rafa responde com um beijo antes de falar:

— Extremamente.

— Por que tem que ser sempre aqui? — O namorado não se afasta, mas retoma o assunto de antes.

— É onde nos conhecemos. Dentro desta árvore.

Sempre que Rafael quer voltar à praia deles, os dois têm essa mesma discussão, que termina da mesma forma: Fê concordando em silêncio. Não existe distância, falta de praticidade ou tempo que não pareçam insignificantes em comparação a quanto esse lugar significa para eles. Foi onde se conheceram, literalmente dentro desta árvore em que estão sentados agora, mesmo que não caibam mais como antes.

— Foi a melhor decisão do meu eu de quatro anos — Fê afirma, absoluto. — Decidir fazer deste tronco meu forte.

— E ainda bem que eu decidi invadir ele — Rafa responde, puxando-o para mais perto. — Foi a pior decisão do meu eu de doze anos atrás.

— Não fala assim. Parece que não queria ter me conhecido — o namorado fala em um muxoxo.

— Você sabe que não é assim! — Rafael se defende, cutucando as costelas dele. — Eu só queria não ter quebrado meu dente.

O garoto sorri, como se ao abrir a boca pudesse exibir o dente de leite que fora lascado, já substituído há muito tempo. Isso faz com que Fernando se mexa no seu colo, revelando um pequeno ponto de luz na areia.

144

Rafael não hesita e desenterra o inseto alado, colocando em sua mão e percebendo ser um pouco menor do que a sua palma.

— O que é isso? — Rafa pergunta.

— Não sei, mas parece que ainda está vivo... — Fê examina o que encontraram de perto.

— Como sabe disso? — Rafael desacredita.

— A luz ainda tá brilhando — conclui o namorado. — Já é algo.

Os dois encaram a palma de Rafael, incertos sobre o que fazer. Sem o peso da areia em suas asas o inseto tenta alçar voo, mas imediatamente volta a cair.

— Olha, tem algo preso nele. — Rafa observa ainda mais de perto. — Parece uma etiqueta.

Ele não deixa o outro comentar nada, mas vira o inseto em sua palma, revelando a identificação. Preso por um ar de metal, está um papel muito amarelado e velho. Nele, se lê: "Propriedade de Borges".

— E o que tá escrito? — Fê pergunta, cerrando os olhos.

— Diz que pertence a um tal de Borges.

— E quem é Borges? — o namorado questiona.

— Eu não sei, mas minha avó deve saber. Ela conhece todos da ilha.

— E se não for alguém daqui? — Fernando tenta desestimular o namorado.

— Então ela vai saber também.

Antes que Fê possa falar qualquer coisa, Rafa já cerrou o punho, protegendo a criaturinha em seu bolso, e se pôs a caminhar em direção à rua. Seu namorado não diz nada, só entrelaça sua mão na dele e o acompanha. Os dois traçam um caminho curto, desviando inconscientemente dos buracos que sabem onde estão.

A casa da avó de Rafael é um chalé antigo, com um deck de madeira e telhado baixo. Ainda de mãos dadas, eles batem à porta. Esperam por alguns momentos, até verem as luzes no interior da casa sendo acesas.

146

— O que é aquilo, Fê?

— Muito boa, eu não vou cair nessa. — O garoto não se mexe.

— É sério, tem uma coisa brilhando ali. — Rafa aponta para o local, não muito distante deles. — Olha!

Fernando se vira e consegue enxergar o que o namorado vê. Um pequeno pontinho de luz amarela perdido em meio à areia. Os dois ficam quietos, esperando que algo aconteça: nada. Não há movimento, apenas o som das ondas quebrando.

— A gente deveria ir ver o que é!

— Você tá louco, Rafa? Nem *fodendo*.

— O quê? — O garoto abre um sorriso travesso. — Não tá com medo, tá?

— Que medo o quê? — Fê apoia mais do seu peso no namorado. — Só acho que temos coisas mais interessantes pra fazer.

Fernando cola os lábios na boca do namorado e o beija profundamente, sentindo os dois se aproximando cada vez mais. Suas mãos passeiam pelos corpos um do outro, sem pressa alguma. Eles ficam ali, no meio da árvore antiga, saboreando o momento entre eles. Até que Fê para e se afasta.

— Você quer muito ir, né? — Os olhos dele encontram os de Rafa sem dificuldade.

— Sim! — Rafael consegue se concentrar apenas no olhar de afeto que o outro direciona a ele. — Mas, se você não quiser, tudo bem.

— Com você eu iria para qualquer lugar, meu bem.

Fê se levanta e puxa o namorado para que eles fiquem ombro a ombro, aproveitando para dar mais um beijo nele. Assim, eles caminham até a luz constante pousada na areia. Quando se aproximam, identificam algo que se parece com uma mariposa, com longas asas com padrão intrincado enterradas na areia. No entanto, o corpo da coisa é um octaedro perfeito com uma fonte de luz em seu interior, como se estivesse presa.

145

A idosa que abre a porta é, pelo menos, um palmo menor do que os dois. As rugas são proeminentes, mas ela tem um sorriso caloroso no rosto, que se alarga quando vê o neto.

— Rafa, o que faz aqui? — Ela olha Fernando de cima a baixo, mas sorri mesmo assim. — Fê, bom te ver.

Rafael segura a mão do namorado com mais força, impedindo que ele as solte por instinto.

— Oi, vó! — O neto se alegra com o afeto dela. — Queremos saber se você conhece algum Borges.

— Conheço, sim, meu filho, mas faz muito tempo que não ouço esse nome. — A velha se cobre com seu xale. — Entrem, entrem! Está muito frio aí fora.

A brisa do mar soprando torna o clima da primavera ameno, um alívio em contraste com os dias quentes da ilha. Eles não se incomodam com o vento, mas entram mesmo assim.

— Querem uma água, alguma coisa? — a avó oferece, já se encaminhando para a cozinha.

Os dois respondem negativamente, sabendo que terão que comer algo mesmo assim. Eles se acomodam no sofá da sala, que é um mosaico de memórias de uma vida longa e feliz. A vó retorna, com uma bandeja com biscoitos amanteigados, bolo e café.

— Então, quem é Borges?

Rafa vai direto ao ponto, porque sabe que, se deixar, sua avó vai emendar um assunto com o outro e eles vão ficar horas sentados ali sem resposta. Não que as histórias dela não sejam interessantes, mas existe um tempo e um lugar para isso. E agora não é o momento.

— Sabe, filho, esse Borges era muito amigo do seu vó. — Ela suspira ao lembrar do falecido marido. — Eles eram bem grudados, igual você e o Fê.

Ela toma um gole de café.

147

— Talvez não *beeeem* assim que nem vocês. — Ela encara os dois, e Fê cora. — Vocês entendem o que eu quero dizer.

Ela dá outro gole.

— Não que eu tenha problema com o que vocês têm. — O neto não responde, só a encara com uma expressão vazia. — Sabem disso, não sabem?

— Claro que sim, vô. Eu sei que você só quer nosso bem.

Fê não diz nada, só se concentra em comer um biscoito atrás do outro.

— Que bom. Deus me livre vocês pensarem que eu sou que nem essa gente que não ama mais os filhos depois de contarem quem são.

Mais um gole de café, dessa vez aliviado.

— E o Borges?

Rafá se apropria de um pedaço de bolo, sabendo que se não o fizer vai ouvir reclamações.

— Ah, sim, claro! — A vô se apruma. — Eu não o conhecia muito bem, mas quando comecei a namorar seu avô, Borges se distanciou dele. Só sei que era bombeiro e dos bons. Sempre achei ele um querido, mas um dia endoidou.

A idosa reflete sobre suas palavras.

— Endoidou mesmo, de não falar mais coisa com coisa. Mas ele é inofensivo, não faz mal a ninguém, o pobrezinho.

— Ele ainda mora aqui? — Rafa tenta sanar sua curiosidade.

— Eu acho que sim.

A resposta deixa o neto inquieto. Ele sabe que sua avó quer e pode complementar a informação, mas está a escondendo propositalmente.

— Por que tanto interesse nele, assim, de repente? — Pego no pulo.

— Por nada. — Rafá omite o que encontraram mais cedo na praia. —

Alguém comentou sobre ele hoje na aula, precisamos fazer uma entrevista.

As mentiras fluem de Rafael sem dificuldade.

148

— O que estamos procurando exatamente? — Fê questiona.

— Não sei se você sabe — Rafa não tira os olhos das fotografias —, mas meu avô era obcecado por memórias, principalmente em fotos.

Rafá checa o verso de cada nova foto que encontra.

— Toda foto tem no verso o dia e o endereço em que foi tirada.

Fernando assente. Começa, então, a se interessar mais pelas datas e acontecimentos descritos do que pelas imagens em si. Ainda assim, o garoto não procura com tanto afinco como o namorado. Rafá passa rapidamente por cada foto e analisa cada detalhe. Ele está obcecado nessa ideia.

— Achei! — Rafael contém o grito no meio da palavra.

Fê se aproxima dele, tocando seu joelho, observando a fotografia em sua mão. É claramente muito antiga. Nela, dois rapazes se abraçam e sorriem. No verso, na mesma caligrafia da etiqueta, está uma dedicatória:

“Ao meu amigo Valdir. Que a vida lhe dê tudo de bom.

Borges”

Embaixo dela, em uma letra mais rebuscada, está escrito: “Casa do Borges, Rua das Pedras, 105, 25 de janeiro de 1973. Dia da inauguração do Corpo de Bombeiros”. Como se não fosse o suficiente, no verso havia um pequeno frasco de perfume, aparentemente vazio, vedado com uma rolha. Nele, um recado de Borges: “Abra quando sentir que já perdeu tudo”. O neto não soube dizer se isso tinha acontecido ou não. Aquele frasco fora sempre assim ou teria sido aberto? Parecia intocado e anexado firmemente ao álbum. Rafael coloca a foto no bolso, junto com o inseto que encontraram mais cedo.

— Essa é a única foto dos dois? — Fê questiona.

— Parece que sim. — Rafa checa as fotografias antes de guardá-las de novo. — Talvez esse Borges não seja muito fã de fotos.

Fernando não fala nada, apenas ajuda o namorado a guardar a pequena bagunça que eles criaram. Um ajuda o outro a se levantar,

150

— Tenha cuidado, filho. Ele pode ser inofensivo, mas não deixa de ser um homem louco.

Rafá olha para Fê, que responde com um olhar que diz: “O problema é seu, a vô é sua”. O neto apenas concorda com a cabeça, ainda pensando em como extrair a informação.

— Sabe onde podemos encontrar ele? — Fê sai em apoio ao namorado.

— Não sei, faz muito tempo que não o vejo. — A idosa dá de ombros.

— Podemos procurar alguma foto dele? — Rafá ainda sente que ela não está falando tudo o que sabe. — Pra aproveitar a viagem, sabe...

— Claro, meu filho, fiquem à vontade. — A avó sorri. — Você sabe onde ficam os álbuns.

Os dois agradecem, devolvendo os pratos para a bandeja, e a idosa a retira para cozinha, onde se põe a lavar a louça. Rafá se senta no tapete da sala, em frente a um móvel preenchido por caixas.

— Uma pesquisa pra escola, Rafá? É sério? — Fê olha para o namorado preocupado.

— Olha, eu conheço minha avó. Ela sabe de algo, mas não quer falar.

Rafael se põe a mexer nas caixas, cada uma delas rotulada com o nome de alguém. Ele procura a maior delas, que tem o nome de seu avô.

— Você não acha que tá na hora de parar, Rafá? — Fê deixa transparecer um pouco sua preocupação.

— Me deixe viver um pouco. — O namorado se irrita.

— Eu te deixo fazer o que quiser. — Fernando suspira. — Só acho que você podia ir com mais calma. Que tal se a gente procurar amanhã?

— Fê, talvez você não entenda, mas eu *sinto* que precisa ser hoje. Não sei explicar.

— Certo, meu bem, certo...

Assim, Fernando se senta ao lado do namorado e começa a revirar as pilhas de fotos.

149

ajeitando o tapete sob eles. A vô de Rafá reaparece na sala, escutando o movimento.

— Vocês já vão? — a avó pergunta, como se fosse a maior das tragédias.

— Vamos, sim, vô. Temos que acordar cedo amanhã. — Rafael abraça a vô com carinho. — Muito obrigado pelo bolo, tava ótimo.

— Para onde vamos? — Fê pergunta, quando se afastam o suficiente da idosa.

— Para o endereço da foto. — Rafá sente que explica o óbvio. — Talvez ele ainda more lá. E, se não me engano, esse é quase o mesmo endereço do Corpo de Bombeiros.

De volta às ruas de areia, o casal segue em direção ao Corpo de Bombeiros. O quartel é um prédio pequeno de dois andares, com um grande portão vermelho com a logo dos bombeiros estampada. Ao lado, está posicionada uma casa, quase como se saísse dele, com colunas de madeira que sustentam um telhado desalinhado. Na frente dela há um jardim bem cuidado, com alguns gnomos de jardim que fazem completo sentido com o muro baixo. Os dois se aproximam e se encaram, decidindo quem vai tocar o sino. Rafá olha para o namorado como se dissesse: “eu me virei sozinho com a minha avó, é sua vez de fazer algo”. Talvez Fê não tenha entendido todas essas palavras não ditas, mas captou o recado e tocou o sino. Pouco depois, aparece um velho saindo do arco da porta, de cara lisa, cabelos muito brancos e um rosto redondo.

— Quem são vocês e o que fazem aqui? — pergunta o senhor ranzinza.

— Oi, meu nome é Rafael — o garoto fala, sabendo que o namorado não vai. — Sou neto do seu Valdir.

O homem não dá bola para eles e dá as costas aos dois.

— Temos uma coisa sua — Rafá tira o inseto do bolso. — Parece um vagalume, e a etiqueta tem seu nome.

151

O velho volta para o portão e tenta tirar sua propriedade das mãos de Rafa, que se encolhe e não permite.

— Como isso foi parar com vocês? — Borges pergunta, mais para si mesmo do que para eles. — Andem, passem.

O antigo bombeiro indica para que eles o sigam portão adentro, até o jardim dos fundos, onde há uma pequena cabana de madeira. Os três entram no cômodo apertado, cheio das mais diversas quinquilharias penduradas nas paredes e sobre uma longa mesa de trabalho.

— O que é isso? — Rafa pergunta.

— É um *vagalume-mensageiro*. — Borges mexe em alguns frascos, que parecem vazios. — Aparentemente ele não chegou aonde devia, mas está vivo.

— Viu?! Eu falei que tava vivo. — O comentário rendeu a Fê uma cotovelada na costela.

— Onde vocês o encontraram?

— Na praia. Estava quase enterrado na areia — Fernando explica. — Ele vai ficar bem?

— Vai, sim. Este carinho já viveu coisas piores. — Um silêncio paira entre os três. — É bem comum eles se machucarem, mais do que eu gostaria de admitir. Suas asas são um pouco frágeis.

— O senhor tem mais deles, então? — Rafa não consegue conter a curiosidade.

Borges não responde, apenas levanta um grande pote de *vagalumes-mensageiros* do chão e o posiciona sobre a mesa. Mas esses não brilham. Seus núcleos estão vazios e eles parecem repousar tranquilamente no recipiente.

— Por que eles não brilham? — Mais uma vez a curiosidade vence Rafael.

— Como é seu nome mesmo? — Borges demonstra sua impaciência.

152

— E se negociarmos? — Fê propõe enquanto os dois não tiram os olhos um do outro. — Temos mais uma coisa sua...

Fê estende a mão para que Rafa entregue a foto, e Borges encara ela, chocado. No entanto, ninguém desiste. A negociação de Fernando está indo pior que ele imaginava.

— E se fizermos algo para o senhor, seu Borges? — Fê considera suas opções. — Quem sabe cortamos a grama em troca de algumas perguntas.

— Certo. — Borges reconhece que o garoto está tentando. — Vocês podem me fazer uma pergunta cada um, se concordarem em devolver minhas coisas e me fazer um favor.

— Qualquer coisa. — Rafael fica animado e lança um olhar agradecido para o namorado.

Rafa libera seu punho e deixa que o vagalume voe, capenga, até seu dono. Ele também deposita a foto nas mãos do antigo bombeiro.

— Então... — O velho pega um dos vagalumes do pote e vai direto ao ponto. — Preciso que vocês entreguem uma mensagem para alguém.

— Tudo bem — Fê concorda pelos dois depois de uma rápida olhada para o namorado.

— Ótimo. — Borges abre a mão e deixa o vagalume voar. — Esse é o Robson, ele vai guiar vocês.

O inseto mensageiro rodeia o casal, batendo as asas freneticamente.

— Por que ele não brilha? — Rafa não pensa antes de perguntar.

— Assumo que essa seja sua pergunta. — O velho esconde um sorriso entretido.

— Parece que sim... — O garoto percebe seu erro.

— Aqueles que não estão brilhando não têm uma mensagem dentro — Borges explica.

— E Robson não vai brilhar? — Rafael faz outra pergunta na esperança de ser respondido.

154

— Rafael, mas pode me chamar de Rafa. — O garoto estufa o peito levemente e faz uma indicação ao namorado. — E esse é o Fernando.

— Ah sim! — O velho reconhece o nome dos dois juntos. — Rafa e Fê. Vocês estão sempre juntos, não?

Nenhum deles responde e evitam se olhar para não sorrir.

— Vocês conhecem o ditado: *a curiosidade matou o gato*? — O tom de Borges não é mais mal-humorado do que antes. — Não façam perguntas demais.

Rafa puxa o ar para perguntar o porquê, mas é impedido pelo velho.

— Sem mais perguntas. — O bombeiro se direciona a Fê. — Você deveria controlar o seu namorado para que ele não meta o nariz onde não é chamado.

— Até onde eu sei, nós fizemos um favor pra você. — Rafa não contém sua irritação.

— Muito obrigado. — Borges enrijece. — Agora, devolvam o que é meu e sigam seu caminho.

Fê olha para o namorado e indica com a cabeça para ele devolver o vagalume, mas o garoto não se move.

— E sem mais perguntas. — O velho estende a mão.

— Não. — O tom de Rafael é absoluto.

Os três se encaram em silêncio. Borges esperando Rafa ceder, Fê sabendo que isso não vai acontecer e o garoto ansiando por uma abertura.

— Você não vai largar mão disso, não é, garoto? — O velho suspira.

— Não. — Rafa olha de relance para o namorado, que o encara preocupado. — Não vou.

A hostilidade entre eles se agrava, Fê teme que os dois comecem a discutir bem ali, ou quem sabe façam algo pior. Os punhos de Rafa estão cerrados, e o rosto de Borges está vermelho. Fernando sabe que, se não intervir, as coisas podem piorar e muito.

153

— Na verdade, não. Ele vai apenas guiar vocês. Vocês serão os mensageiros. — O velho se entretém com o casal.

Um novo silêncio se estabelece entre os três, desta vez menos tenso. Rafa olha por todo o canto, tentando entender a função de cada elemento na sala pequena. Enquanto isso, Fê considera o que pode perguntar e Borges escreve de forma apressada a mensagem a ser entregue.

Quando o velho se dá por satisfeito, ainda em silêncio, alcança um toco de giz branco e se põe a desenhar na parede de madeira. Seu círculo não fica perfeito, devido às irregularidades entre as tábuas, mas ele o preenche de símbolos que os garotos não reconhecem. Satisfeito com seu trabalho, Borges pega um dos tubos de ensaio aparentemente vazios, o abre e sopra em direção ao desenho. As bordas do círculo ondulam e uma paisagem muito verde aparece em seu centro, como se a pequena cabana tivesse uma porta de vidro para este lugar, que não é o lado de fora.

— A gente pode parar de agir como se tudo isso que tá acontecendo fosse normal? — Fê finalmente vocaliza o que esteve pensando esse tempo todo. — Como é possível que um vagalume carregue uma mensagem? E como caralhos tem uma floresta do lado de fora da sua cabana agora?

— Garoto, eu entendo sua frustração — Borges fala em tom mais sério —, mas tem coisas na vida que é melhor não entender. Como eu disse, perguntas demais podem ser perigosas.

— Mas... — Fê começa.

— É sério! Eu estou prezando pela segurança de vocês. — O velho apoia a mão no ombro do garoto. — O mais perto que posso oferecer de uma explicação é que *nem tudo é só o que vemos*. Muitas vezes existe algo por trás, que poucos compreendem. E nem sempre precisamos entender tudo.

Fernando balança a cabeça positivamente e se afasta do toque. O garoto alcança a mão do namorado, os dois se aproximam da porta e o

155

vagalume os segue voando em círculos caóticos. Antes que eles consigam atravessar o portal, Borges entrega para Fê o bilhete, julgando que ele é o mais responsável do casal.

— Boa sorte, meninos — o velho deseja, enquanto eles atravessam a parede da cabana.

Atravessar o portal é como adentrar em um bloco de gelatina. É gosmento e parece que gruda na pele, com sua solidez líquida. O que mantém os dois unidos e aterrados são suas mãos, que não se soltam em nenhum momento.

— Isso definitivamente foi algo. — Fê tenta aliviar o desconforto dos dois.

Quando eles pisam em terra firme, o círculo que leva à cabana de Borges se dissipa atrás deles. O casal se encontra no meio de uma floresta úmida e densa, tão densa que não conseguem ver a lua sobre suas cabeças. As raízes das árvores se misturam sob seus pés, sem que eles saibam onde uma começa e outra termina; os troncos possuem lodos das mais diferentes cores; e toda a floresta parece cantar para eles. Sons de sapos, insetos e pássaros podem ser ouvidos e ecoam em meio a um silêncio que parece os engolir. Mas Robson não deixa que eles se familiarizem com o ambiente, ele os rodeia antes de seguir por uma trilha muito estreita.

O caminho se torna mais difícil a cada passo que dão, mas seu guia segue resolutos, sem precisar desviar das raízes cada vez mais densas. O casal acompanha o vagalume o mais rápido possível, passando por pedras escorregadias com limo. Os dois atravessam a floresta em silêncio, deixando apenas os animais cantarem seus sons enquanto observam tudo ao redor. O vagalume para em frente a uma árvore e espera por eles.

— O que foi, carinha? — Rafa pergunta ao inseto.

Robson, em resposta, voa em círculos perto das raízes da árvore, convidando-os a chegarem mais perto. Em meio às raízes está uma alavanca de madeira, perfeitamente camuflada. Sem hesitar, Rafael a puxa

156

— Você sabe muito bem por quê. — Fê pausa. — Sabe, Borges tá certo: você faz perguntas demais e se mete em coisas que não devia.

Rafa encara o namorado com uma expressão indecifrável, sem mostrar a única emoção.

— Parece que, às vezes, você simplesmente não se importa — Fê continua. — Parece até que seu senso de autopreservação não existe.

— Não é bem assim. — Rafa pensa antes de falar. — Eu melhorei. E quando preciso, eu te chamo.

Fernando responde apenas com silêncio.

— Não? — Rafa procura pelos olhos do namorado, que se esquia.

— Sim.

— Então... — Rafael não deixa o outro continuar. — Confia em mim.

— Confio. Tô aqui, não? — Fê relaxa.

— Você tá sempre aqui. — Rafa relaxa também.

— E você sabe que, se pudesse, eu te carregaria pra todos os lados comigo. — Fê encontra os olhos castanhos de Rafael com os seus.

— E quão saudável isso seria? — Rafa arqueia uma sobrancelha.

— Eu sei, eu sei. Mas é que eu te amo demais.

— Eu também te amo.

Fernando tenta conter um sorriso largo, mas a felicidade o vence.

— O que foi agora? — Rafa pergunta.

— É que esse foi nosso primeiro *eu te amo*.

Rafa abre um sorriso sincero, mas cansado. E essa expressão Fê conhece bem demais, porque é a mesma que surge depois de cada crise de choro, cada noite insuportável para Rafa que eles passam juntos depois de Fê entrar pela janela. Não é um sorriso confortável, mas um mostrar de dentes que esconde muitas coisas que estão guardadas no peito do extrovertido Rafael.

Perdidos em meio à conversa, o casal não percebe que chegou ao seu destino. Na margem do rio, Robson espera impacientemente por eles

158

e a árvore sólida se parte ao meio na frente deles. É revelada uma trilha ampla com um brilho iridescente em suas bordas. Os dois se encaram, e Fê dá o primeiro passo para cruzar o arco que se formou diante deles; não sem antes oferecer a mão para o namorado, que a toma com prazer. O garoto se preocupa com Rafa — pela sua falta de senso de autopreservação — e se questiona para onde estão indo e em que estão se metendo. Logo que cruzam a passagem, ela se fecha.

— Bom, acho que agora é só pra frente.

Fernando tenta aliviar a tensão que sente, mas Rafa nem parece ouvi-lo, concentrado demais no novo caminho que se abriu. Esse novo trajeto parece mais amigável do que o anterior, com o chão de terra batida, largo o suficiente para caber um grupo de pessoas andando lado a lado. As árvores que o margeiam não afetam o caminho principal, e o brilho fantástico parece os abraçar e proteger.

Eles não precisam andar muito para ouvir o barulho de água correndo e logo chegar a um rio. A correnteza é tranquila, e a água, cristalina. Na margem, o casal encontra um pequeno bote com dois pares de remos, como se estivesse ali esperando por eles. Robson voa com urgência acima do rio, como se dissesse para eles se apressarem. E, com uma troca de olhares, os dois colocam o bote na água e se põem a remar. O vagalume segue guiando o caminho, mas apenas Rafa, que se encarrega por ajustar a direção, o enxerga. A forma como estão sentados no barco faz com que Fê tenha que encarar o namorado, o que aumenta sua preocupação.

— O que foi? — Rafael pergunta.

— Nada. — Fernando tenta afastar os pensamentos.

— Fê, eu te conheço — o namorado fala pacientemente. — Você tá com a sua cara de quem quer falar alguma coisa.

— Bom... — Fernando suspira. — É só que eu me preocupo, meu bem.

— Por quê?

157

e se agita enquanto os dois ancoram o pequeno barco. O novo caminho é feito de pedras polidas e leva a uma casa branca com uma chaminé, de onde sai fumaça. Eles veem uma horta bem-cuidada próxima à construção. Ambos se aproximam, e Rafa bate à porta, unindo as mãos dos dois. Quem os atende é uma jovem de cabelos castanhos e longos.

— Quem são vocês? — ela pergunta de forma hostil.

Antes que algum dos dois possa responder, Robson se faz ser notado pela jovem, que se alegra ao vê-lo. Em resposta, o vagalume pouso tranquilamente sobre o ombro da mulher.

— Se vocês vieram com o Robson, Borges mandou vocês. — A jovem está tranquila agora. — O que precisam?

— Ele nos pediu para entregarmos uma mensagem — Rafa responde, cutucando o namorado para que ele entregue o bilhete.

E assim Fernando o faz. Ele retira o pedaço de papel amarrotado do bolso e entrega a ela. A jovem lê rapidamente e solta uma gargalhada quando termina.

— Esse velho miserável. — Ela continua rindo e fala mais para Robson do que para os garotos.

A jovem mete a mão no bolso e a tira em punho. Sem muita cerimônia, ela ergue o braço até o punhado estar na altura de seus lábios. A confusão congela o casal, que não sabe como reagir. Então, ela sopra um pó branco no rosto dos dois, que embaça suas visões.

Quando recuperam os sentidos, o casal está sentado na velha árvore, em sua praia, como se nunca tivessem saído dali. A diferença é que agora não há brilho na areia ou *vagalume-mensageiro* ou sinal de Robson. Nada. Tudo o que resta é um ao outro, a brisa do mar e o som das ondas quebrando na orla. Devido ao cansaço de sua aventura, os dois decidem se retirar para suas casas para dormir.

No dia seguinte, juntos de novo, eles procuram por Borges, mas sua casa não está mais lá. Não existe mais construção que parece sair do

159

corpo de bombeiros, há apenas um lote vazio. Quando os garotos questionam a vó de Rafa sobre Borges, ela não parece se lembrar, afirmando que nunca conheceu ninguém com aquele nome. A idosa tampouco se lembra da visita deles na noite anterior. É como se tudo que fosse vagamente relacionado ao que viveram tivesse desaparecido, e a única foto com o homem que tinham, eles deram. Talvez a única pessoa que pudesse responder alguma dessas perguntas seria o avô de Rafael, mas ele já faleceu há alguns anos.

Rafá e Fê seguirão vivendo suas vidas juntos, sem comentar nada sobre o que experienciaram para ninguém — afinal, não vão querer ser tachados de loucos. Na sala deles, em meio a outras memórias, eles terão exposto um desenho de Fernando de um *vagalume-mensageiro*, com seu corpo geométrico e suas asas intrincadas. Todos que os visitarão perguntarão de onde veio a inspiração para aquela obra, o que Fê se limitará a responder com: “Nem sempre precisamos entender tudo”. E todos parecerão satisfeitos com a inspiração divina dele. A noite que dividiram para sempre ficará em suas memórias, assim como o primeiro “eu te amo” em meio a um rio cristalino com bordas brilhantes. Quem sabe um dia eles contem sua história para seus netos. Talvez sejam chamados de loucos, mas isso pouco importará.

O que continuará importante é o amor que eles têm um pelo outro e os muitos segredos que compartilharão. E, mesmo com o passar dos anos, Fê e Rafá sempre trocarão um sorriso confidente quando verem um vagalume — mesmo que ele não carregue nenhuma mensagem. Sempre desenharão com a boca, sem som algum, um “eu te amo”.

Vagalumes, para sempre, serão um lembrete desse amor.

160

Guilherme me fez sair do transe ao falar as primeiras palavras. Não sabia se agradecia ou se chorava.

— Mais de vinte anos, né?

— Sim... — Seus dedos brincavam com o papel da senha. Devia estar nervoso, também.

— Como você está? — Resolvi fazer a tão temida pergunta.

— Bem. — Ele respondeu de maneira simplista. — Estou divorciado há quase dois anos.

— Sério? — Senti um calafrio com a informação. — Achei que ficaríamos juntos.

— Sem chances. O casamento estava péssimo... nós só demoramos mais a nos separar por conta do nosso filho. Agora que ele já é adulto e está indo para faculdade, resolvi buscar uma vida diferente da que me forçaram a ter. Quero me redescobrir e viver como nunca pude antes. — Ele sorriu um pouco sem jeito. — Será que estou velho demais para isso?

— Claro que não! — Não pude conter minha indignação. — Nunca é tarde para nos acharmos. Bem... eu vivi muita coisa nesses anos, não me rendi naquela época. Você sabe, me mudei e fui ser eu mesmo longe de casa. Mas isso não quer dizer que fui capaz de descobrir tudo. Até hoje continuo encontrando um pouco de mim por aí.

— Você foi corajoso, diferente de mim... — Guilherme manteve seu olhar cabisbaixo ao falar. — Sabe, Ricardo... às vezes eu penso que talvez as coisas teriam sido melhores se eu tivesse feito o mesmo. — Ele levantou sua cabeça e me fitou diretamente. — Eu poderia ter vivido um amor de verdade, mesmo que com tanta dificuldade.

Aquele olhar e aquelas palavras me fizeram congelar por um instante. Aquele homem foi o amor da minha vida na época, por mais que nosso relacionamento tivesse sido totalmente caótico por conta do tempo em que vivíamos e da sua família, muito religiosa, que não podia saber de nada. Mesmo assim, fui feliz. Mesmo que tudo fosse sempre às

162

Reencontro

Banco Popular, nº 438
por Ota

Intenso!

Olhar naqueles olhos de novo depois de tanto tempo era no mínimo intenso. Tantas histórias e emoções passaram pela minha mente em apenas uma troca de olhares de alguns segundos, um arrepio percorreu todo o meu corpo e eu não sabia o que dizer. Encarei aquele rosto em que o tempo deixara suas marcas, mas que ainda assim mantinha a mesma essência de sua juventude, principalmente o olhar penetrante.

— Oi.

Finalmente fui capaz de proferir uma palavra. Embora tudo tivesse acontecido em segundos, a sensação que tive foi de que estávamos nos encarando há uma eternidade.

— Oi — ele respondeu, sentando-se ao meu lado.

A vida é realmente estranha. Acredito que ninguém espera encontrar o seu romance secreto da adolescência na fila de um banco enquanto aguarda para ser atendido, vinte e cinco anos depois.

Estar ao lado dele me fez sentir como um adolescente novamente: nervoso, sem jeito, sem saber o que fazer ou dizer. Não sabia se iniciava uma conversa ou mencionava o passado. Não sabia se perguntava como ele estava ou permanecia em silêncio, esperando ser chamado.

— Quanto tempo que não nos vemos, Ricardo.

161

escondidas e com muito receio, vivemos ótimos momentos. Foi com ele que eu dei meu primeiro beijo e a quem confiei minhas primeiras vezes.

— Guilherme. — Olhei para ele com todo o carinho que nunca deixei de ter. — A vida não acaba aos quarenta. Você ainda pode viver um amor de verdade, se reencontrar e ter todas as experiências que quiser.

— Obrigado! — Ele sutilmente colocou a mão sobre a minha num gesto silencioso de carinho, mas que me aqueceu totalmente.

Escuto o painel da senha apitar e o número gravado no papel em minha mão aparece na tela. Era a minha vez de ser atendido. Num gesto rápido, rasgo um pedaço da minha senha e com uma caneta, que por sorte tinha no bolso, anoto o meu número.

— É a minha senha. — Eu disse, já me levantando. — Aqui, meu número. Se seu coração permitir, me ligue.

Guilherme pegou o pedaço de papel, sorriu e agradeceu. Fui para o balcão com o coração agitado, cheio de incerteza e torcendo para o melhor acontecer.

163



Mani-me-cure

Avenida dos Amores, nº 1245
por Ana Ribeiro

Leticia não era exatamente supersticiosa. Metódica, sim. Virginiana, quase. Nasceu no dia 21 de agosto, apenas um dia antes do Sol sair de Leão, fazendo seu movimento translatório na direção da constelação seguinte. No fundo do coração, ela sonhava que tudo seria mais fácil se tivesse nascido em Virgem e pudesse se vangloriar da disciplina e organização que o zodíaco prometia.

Embora não acreditasse na maior parte das coisas oníricas — e isso incluía religião, promessas do governo, a maior parte dos homens e superstições relacionadas a quebrar espelhos, passar debaixo de escadas, virar chinelos e outras coisas que insinuam azar eterno —, sabia que tinha um problema. Uma condição, até. Um caso quase clínico de obstinação: sempre que ela trocava de manicure, perdia a namorada.

Tinha uns doze anos quando isso aconteceu pela primeira vez. "Namorada" era uma palavra forte, mas há duas semanas andava de mãos dadas com uma garota da sua turma, e elas tinham se beijado uma ou duas vezes na saída. Ao mesmo tempo, sua irmã, Júlia, recebeu o melhor presente de todos os tempos: um kit de fazer as unhas com acetona, bolas de algodão, esmaltes coloridos que saíam na primeira lavagem e palitinhos sem ponta para limpar as extremidades. Era o paraíso! Leticia podia passar o dia com a garota mais legal da escola e, quando voltava da aula, chegar em casa para ter as unhas pintadas com os tons mais

164

nunca tinha feito sua cutícula sangrar tirando pelinhas do lugar errado. Enquanto isso, Helena era linda e engraçada, formada em Direito — o que não a fazia nem um pouco chata, muito pelo contrário —, e ela e Leticia se davam tão bem que estavam até deixando coisas uma na casa da outra, separando espaços nas gavetas para meias, escovas de dentes e coisas assim.

Parecia bom demais para ser verdade. E era.

Em dezembro, não muito longe do Natal, Helena começou a dar sinais no mínimo estranhos. Não parecia mais tão interessada em dormir na casa de Leticia, nem em preencher suas gavetas com terninhos perfumados de amaciante e a porção de anéis que colocava nos dedos todos os dias antes de sair. Ela não parecia mais tão atraída por Leticia à noite, tinha parado de envolver sua cintura com o braço de madrugada, enroscar os dedos gelados dos pés em seus tornozelos e aconchegar o nariz no seu pescoço.

Leticia sabia que havia algo errado. E, se havia algo errado com a Helena, então deveria haver algo errado com a Virgínia, também. Era só nisso que ela conseguia pensar naquela segunda-feira ao chegar no salão que frequentava há nove meses. Era quase uma gravidez. Leticia se sentiu enjoada, mas entrou no estabelecimento mesmo assim.

Virgínia já estava esperando, como sempre. Ela nunca se atrasava. Era o último horário do dia; quando terminavam, Leticia ia embora e Virgínia ia para os fundos do salão, juntar suas coisas para pegar o ônibus para casa.

Enquanto Leticia caminhava até o sofazinho de sempre do outro lado do salão, não pôde deixar de pensar em todas as manicures anteriores e em como todas elas pareciam competentes e normais, até mostrarem que não eram. Teve aquela que sempre desmarcava no dia anterior, a que roubava dinheiro da sua carteira, a que só tinha esmaltes de cores

166

cintilantes de rosa. Sua vida pessoal nunca mais foi tão bem sucedida quanto naquela época.

Essa inconveniência deu seus primeiros sinais quando Júlia desenvolveu alergia aos produtos e sua mãe jogou no lixo a maletinha de fazer as unhas. No dia seguinte, Leticia já não tinha mais namorada. Sua irmã não voltou a trabalhar com estética, nem depois que cresceu e as prateleiras das drogarias se encheram de esmaltes hipoalergênicos. Júlia se tornou farmacêutica, aliás. Mas nunca mais pintou as unhas.

Os anos se passaram, mas o problema persistiu. A lista seguia constante, sempre com uma manicure e uma namorada. Teve a Lurdes, que foi demitida do salão que Leticia frequentava, seguida pelo seu primeiro chifre. Então a Joana, que ia na sua casa todas as quintas depois do almoço, mas se mudou para o Paraguai com o marido só dois dias antes de sua parceira da vez avisar que achava que elas "não queriam as mesmas coisas".

Era sempre igual. Uma troca de emprego ou uma mudança de vida inesperada e, logo depois, uma frase pronta, um olhar triste de compaixão, uma mão gelada no seu ombro e as palavras "Eu tenho um carinho muito grande por ti, Lê. Nós vamos sempre ser amigas." Bom, isso deixava ela com uma lista um tanto extensa de amigas e um total de zero namoradas. E zero manicures.

Até alguns meses antes, quando Leticia conheceu a Virgínia. E a Helena. Fora uma tentativa desesperada: encontrou as duas pela internet. A Virgínia no Tinder, e a Helena num grupo do Facebook. Não, espera: a Helena no Tinder, e a Virgínia no Facebook.

Já fazia quase um ano e esse era o relacionamento mais duradouro que Leticia já tivera até então; tanto com a profissional quanto com a namorada. Virgínia era a melhor manicure que ela já conheceu. Nunca tinha deixado suas unhas compridas ou curtas demais, amassado uma pontinha de esmalte molhado, furado sua pele e, o mais importante,

165

horríveis e a que atendia em um porão que fazia Leticia espirrar o tempo todo. Será que ela estava prestes a perder Virgínia também?

— Que cara é essa? — Virgínia arqueou uma sobrancelha, sentando-se na frente dela.

— Nada — respondeu, com um sorriso sem graça.

Leticia gostava de Virgínia. Gostava de como ela tinha mechas coloridas atrás do pescoço, das suas camisetas de banda, de como seus olhos escaneavam seu rosto ao mesmo tempo em que suas mãos trabalhavam habilidosas nas unhas e gostava especialmente do seu piercing dourado no nariz, que brilhava sempre que ela se inclinava em sua direção.

A mulher balançou a cabeça e verificou o celular dentro da bolsa. Tinha mandado um monte de mensagens para Helena naquela manhã; sem resposta. Guardou ele de volta, controlando a ansiedade, deixando que Virgínia começasse.

Ela achava lindo o processo de fazer as unhas: tão calculado, tão preciso e, ao mesmo tempo, tão único todas as vezes. Naquela tarde em especial, Leticia estava com as pontas irregulares e Virgínia foi impecável em lixá-las de volta para o formato redondo, como deveriam ser. "Viu, só?", ela pensou consigo mesma. "Não tem nada errado com a Virgínia, assim como não tem nada errado com a Helena."

De repente, Leticia sentiu um ardor nas pontas dos dedos que foi subindo até a palma da mão direita.

— Ai! — Ela olhou para baixo, assustada.

A manicure tinha colocado sua mão dentro de um recipiente cheio de água.

— Opa. Muito quente?

Leticia ponderou. Sim, estava muito quente. Mas ela não queria admitir que estava muito quente, porque se Virgínia estava esquentando a água demais e Helena não estava respondendo suas mensagens, então algo deveria estar errado.

167

— Está boa — declarou, resignada.

— Tem certeza? — Virgínia se inclinou na sua direção, estreitando os olhos castanhos. — Você tá com uma cara *muito* esquisita.

— É só o calor. Tá calor aqui, né? — Ela se abanou com a mão livre, a calidez da água parecendo se infiltrar em todos os seus poros, subindo pelo seu pescoço.

— Se você tá dizendo... — Virgínia tirou a mão de Leticia da água. — Cor?

— Hum... branco.

O celular vibrou ao seu lado, parecendo reverberar por todo o sofazinho. Naturalmente, Leticia espiou com os olhos atentos, mas não era a Helena. Era a Júlia. Ela não se deu ao trabalho de ler a mensagem, porque sabia o que Júlia diria sobre tudo aquilo: é claro que era coisa da sua cabeça. É claro que relacionamentos amorosos não têm qualquer ligação com manicures. Não é um contrato ou uma balança, em que a estabilidade de um lado dependia do outro.

Quando Virgínia passou o pincel cheio de esmalte na unha do dedinho de Leticia pela primeira vez, ela levou um susto tão grande que pulou no assento.

— Leticia! O que tá rolando? — Virgínia olhou para ela, atordoada.

Com um suspiro, ela contou tudo. Contou sobre todas as suas ex-namoradas, sobre todos os motivos que as levaram aos fins. E contou sobre as manicures, desaparecendo uma a uma à medida que seus relacionamentos terminavam.

Por alguns segundos, Virgínia apenas a encarou, a lixa de unha pendendo no ar e uma sobrancelha arqueada.

— Você já experimentou namorar a manicure?

Leticia a encarou, confusa.

— A manicure?

— É, a manicure. Quer dizer, o que mais pode ser?

168

— Sei lá! — Ela ergueu as mãos em um movimento ansioso. — Estou começando a pensar que o problema sou eu.

— Claro que não. Você é bonita, inteligente, engraçada... — Virgínia pegou a mão dela no ar, retomando o trabalho. Seus dedos estavam gelados, e Leticia sentiu um arrepio na nuca. — Talvez você só possa ter uma. Tipo quando não cabe uma geladeira e um congelador na cozinha, e a gente compra a geladeira com o congelador embutido.

Leticia franziu o cenho. Não, ela nunca tinha experimentado namorar a manicure, e também nunca tinha tido um congelador separado da geladeira. Será que era isso? Mas por quê? Por que com ela? Seria algum tipo de punição?

Leticia deixou o salão com as unhas brilhando em óleo de secagem rápida — que de rápida não tinha nada — e verificou o celular mais uma vez. Nada. Estava chovendo, então ela tirou a sombrinha da bolsa, sem deixar de segurar o telefone, e seguiu em frente.

Não queria perder Virgínia.

Gostava de contar sobre sua semana para ela, de ouvir ela falar do seu gato e de quando ela sugeria seus esmaltes preferidos. Gostava de quando a pegava espiando, quando achava que Leticia estava distraída com o celular. E, claro, gostava muito de como ela pintava as suas unhas, sempre tão precisa e detalhista.

A chuva pingava barulhenta na superfície do guarda-chuva. Leticia atravessou a rua correndo na direção do ponto de ônibus. Ela pensou mais uma vez em todas as antigas namoradas, lembrando-se de como todas as suas relações costumavam chegar no limite, e, mesmo assim, ela nunca conseguia colocar um ponto final, mesmo quando não estava mais feliz. Mesmo quando não sentia mais borboletas no estômago.

Quanto tempo fazia que ela não se sentia mais genuinamente feliz com Helena? Ou que sentia o coração acelerar só de sentir a respiração dela perto da sua?

169

Então pensou nas manicures. Em todos os erros que fizeram com que Leticia as largasse. Talvez, no fim das contas, ela fosse apenas seletiva demais. Exigente demais. Talvez fosse por isso que todas as namoradas terminavam com ela. E por isso ela acabava perdendo todas as suas manicures.

Já estava diante da faixa de pedestres quando a tela do celular brilhou. Dessa vez, realmente era a Helena. E a única coisa na qual Leticia conseguia pensar era em como não queria perder a Virgínia.

“Leticia, isso não tá mais dando certo”, dizia a mensagem.

Ela sentiu o peito se encher de um alívio inesperado enquanto digitava:

“Não tá mesmo. É melhor a gente terminar.”

Na alça do guarda-chuva, em contraste com o branco do esmalte, uma gota brilhante de sangue vermelho surgiu no canto da cutícula da mulher. Ela largou a sombrinha na rua, correndo sem se importar que a chuva encharcasse seus cabelos e estragasse as unhas recém-pintadas.

Leticia parou na entrada do salão. Virgínia ainda estava parada na porta, onde tinha se despedido de Leticia minutos antes.

— Quer sair pra fazer alguma coisa? — Leticia perguntou. — Eu tô livre agora.

Virgínia arqueou uma sobrancelha.

— E a sua namorada?

— Ex-namorada — corrigiu, dando de ombros.

Virgínia ponderou por alguns segundos, torcendo o nariz de um jeito que fez o piercing brilhante desaparecer na aba da narina.

— Eu não namoro clientes.

— Tudo bem. — Leticia olhou para as unhas perfeitas e soltou um suspiro dramático. — Acho que eu posso achar outra manicure.

Virgínia abriu aquele sorriso só dela, o mesmo que abria quando Leticia deixava que escolhesse a cor de esmalte.

170



Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços

Documentos Oficiais

Terha acesso às biografias dos autores do Populário, bem como a Lista Telefônica com os números essenciais que você pode precisar!

Avenida da Cultura, 1969 - Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 97105-000 VENDA PROIBIDA

Ficha de Autores

[populário.org/diast](#)

Lista de Autores • Populário LGBTQIA+ vivências, narrativas e laços. Propriedade de Editora Cristália

Esta ficha possui os contatos dos autores presentes no Populário LGBTQIA+ vivências, narrativas e laços. Conheça mais sobre eles e escolha os seus favoritos, ninguém vai ficar com inveja ou vão

tatuagem • trans-versa • Entre eicos e neicos

Alice Hugo

Uma Travesti, nascida em Carlos Barbosa e que atualmente mora em Santa Maria, RS. Estudante de graduação em Letras Licenciatura. Sempre gostou de brincar com as palavras e com o jeito que elas saíam na boca. Um dia decidiu colocá-las no papel. No Populário estão alguns dos seus primeiros poemas sobre uma fase complexada da tensão de gênero alguns sentimentos que respingaram no papel e muitas lígimas que lavaram seu rosto. A todos as palavras fatais na minha pele, a minha mãe.

Linha entrelinhada

Poti Faria

Nascida em Invernês no Rio de Janeiro, em março de 1998, é escritora, antropóloga, fotógrafa e atualmente pesquisa feminista, bordada e pessoas cegas. Contribui para o Populário LGBTQIA+ vivências, narrativas e laços com o apaixonante olhar de uma turista em São Paulo em "Linhas Entrelinhadas".

conversa com Freitas e companhia

margot mars

Natural de Santa Maria, RS, cursa Medicina na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) aos 22 anos. margot surgiu em 2016 como um meio de expressar seus sentimentos e reflexões sobre tudo, mas principalmente sobre gênero e sexualidade. Hoje, reconhecendo-se como uma mulher cis e bissexual, margot mars é mais do que um pseudônimo, é um processo importante em sua vida que a ajudou se encontrar como pessoa.

terror mora ao lado

Nezu

Um jovem transgênero que nasceu e foi criado em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Tem tendência e facilidade com a escrita desde a infância, a utilização como hobby durante toda a vida. Já compôs músicas, escreveu crônicas, histórias de fantasia e poemas como "Terror mora ao lado".

Avenida da Cultura, 1969 - Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 97105-000 VENDA PROIBIDA

Nathan Ramalho

Mistura de porcelana

Graduado em Design pela Universidade Federal do Espírito Santo e mineiro de 21 anos está buscando seu futuro com um MBA em Gestão de Projetos ao mesmo tempo que se dedica à ilustração e à escrita de poemas. Inspirado em grandes nomes como Fernando Pessoa, Paulo Leminski e Clarice Lispector, expressa sua vivência e cores em poemas que refletem sua história como pessoa trans. A arte e a escrita tornaram-se cura, e transbordam em esperança para outras pessoas.

Para Anne • Uma época sem fim

Roberta Bordiga

De todas as formas possíveis de ser, se considera uma não escritora. Roberta escreve sobre o que pensa em pequenos minutos da sua vida, mas nunca sobre o que pensa na maior parte dela. Seus devaneios de vez em quando conseguem aos onze anos quando se tornou leitor, mas logo foram apagados pela sua falta de escrever qualquer coisa. Atualmente escreve esporadicamente e divide seu tempo entre o crochê e ser uma produtora editorial em formação.

Maça

Julio Corrêa

É ator, escritor e pós-graduado em Estudos Literários e em Artes Cênicas. Já já publicou os livros *Entre Romanos, Mópia social, Substância desatualizada*, *Íntimas sensações, E-mail para Clarice*. Foi premiado em segundo lugar no Concurso Internacional de Literatura UAB, RJ, na categoria de Ensaio; vencedor do Troféu Literário Clarice Lispector, ZL Books, categoria LGBTQIA+; segundo lugar no 56º Festival de Poesia de Pernambuco (FEMUP); vencedor do I Concurso de Poesias Homofóbica do RJ; vencedor da 27ª Festival de Poemas de Cequilhos.

Alfabeto

Poly

Paulista, migrando entre Osasco e Santa Maria direto para as aulas de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Maria. Poly é uma pessoa trans não-binária e paratrans que começou a sua jornada na escrita aos nove anos quando ganhou um diário em um amigo secreto clássico de final de ano. Ah, seus primeiros relatos pessoais transbordaram para o papel, e ficaram impulsionados para desentessar anos retornar a escrita para se transformar. Desde então, coleciona alguns relatos e vivências que partem de sua própria perspectiva: aberta e sensível.

Esta ficha de autores está passível a atualizações em futuras edições do Populário LGBTQIA+ vivências, narrativas e laços. Por isso, confira sempre em nossas redes sociais as novas edições do site. Caso queira conversar com os autores acesse [populário.org/diast](#).

A Ficha de Autores do Populário é uma criação de Editora Cristália e mescla nomes reais e pseudônimos. Caso reconheça o nome ou a escrita de algum deles, não divulgue sem sua permissão prévia.

Avenida da Cultura, 1969 - Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 97105-000 VENDA PROIBIDA

Isma Lisot

Naquela mesa

É acadêmica em Artes Visuais na UFSM, tem como foco principal na sua produção artística a performar, música e fotografia e a instalação. Além disso, a gita também é linguagem escolhida nas suas (poucas) viagens vagas - ah, e tem uma pitada incoerente por maquiagem. Você pode conferir uma pausa do trabalho de Isma em seu perfil do Instagram @ismalisot.

As de outros

Andy

Nascida no Rio Grande do Sul próximo ao bag do século, Andy busca transmitir em seus textos suas inquietações como uma pessoa assexual, enquanto aprende sua relação com a comunidade LGBTQIA+. Seu pseudônimo nasce desse espaço de descobertas e descobertas, que deseja acima de tudo compartilhar as fofocas do seu bolo com outras pessoas que possam se conectar com a sua vivência. "Is de outros" é uma carta aberta para si e para a sigla. A da mão de letras.

Travessia

Lucas Resende

Nascido em Bagé mas criado em mais de dez cidades diferentes, Lucas cresceu em um lar com muito amor, porém, sempre assombrado pelo fantasma do "já mas tá 67". Muito tímido e introvertido encontrou na literatura um lugar onde poderia se expressar. Não adeptos da escrita, começou a experimentar a expressão dos seus sentimentos em forma de palavras. Temáticas como decepções amorosas e intrigas familiares, começaram a se transformar em narrativas e pequenos textos.

Parte boa de uma noite de caos

Mariana Beck

Mulher bissexual e estudante de Licenciatura em Teatro na UFSM, aos 21 anos Mariana usa o poesia para descrever cada momento ou uma pessoa que a tenta atravessar, elevando-as em seus versos. Embora sua sexualidade não seja de conhecimento total de sua família e sua vida de poesia e arte se fazem uma só em seus versos. Não é Ana Caprizianista, é Mariana Sagittarianista!

Esta ficha de autores está passível a atualizações em futuras edições do Populário LGBTQIA+ vivências, narrativas e laços. Por isso, confira sempre em nossas redes sociais as novas edições do site. Caso queira conversar com os autores acesse [populário.org/diast](#).

A Ficha de Autores do Populário é uma criação de Editora Cristália e mescla nomes reais e pseudônimos. Caso reconheça o nome ou a escrita de algum deles, não divulgue sem sua permissão prévia.

Avenida da Cultura, 1969 - Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 97105-000 VENDA PROIBIDA

Lovato

O nome transcende

É estudante, amante da natureza e de todas as artes. Começou a juntar pensamentos no papel como válvula de escape aos 12 anos e fez da escrita um hobby permanente, algo digno para uma pessoa cheia de ideias e ideias. Em "O nome transcende" discute sobre sua identidade enquanto ao mesmo tempo expande suas possibilidades artísticas.

Mimi-me-cure

Ana Ribeiro

Virginiana, com ascendente em peixes e lua em aquário, autora ciclista, pão de queijo, italiana Jones e histórias de investigação especialmente as que envolvem detetives belgas e grandes heranças. Mais às vezes em Belo Horizonte, MG - onde nasceu -, às vezes, em Santa Maria, RS, onde está a Fundação Editorial na UFSM. Ana escreve romances desde os nove anos, estuda redação criativa desde os quinze, organiza o vício toda em pilhinhas com formação condicional no Excel e coleciona caligrafias em branco e cores de berriga por excesso de café. Além da escrita, Ana presta serviços editoriais de redação e análise de sinopses no perfil do Instagram @umamantepe.

Ele é um homem como outro qualquer

Diamitsui

Nascido em 2006 na Barra da Estiva (BA), emergiu a escrita como possibilidade de existência desde que, quando pequeno, começou a escrever contos e poemas. Agora, bem longe de sua terra natal, morando no interior de São Paulo, o autor de "Ele é um homem como outro qualquer" se aventurou no mercado editorial na esperança de lançar um livro de fantasia que está em desenvolvimento desde 2018.

Se ela pá

Rosiane Córdova

Costumava pensar que não era capaz de nutrir sentimentos românticos por ninguém. Mas depois entendeu que ser uma pessoa com deficiência não interferiu em sua atração sexual por mulheres. Chegou a acreditar que estava fazendo uso errado, mas hoje, se alega de poder expressar publicamente todo seu desejo de forma natural.

Esta ficha de autores está passível a atualizações em futuras edições do Populário LGBTQIA+ vivências, narrativas e laços. Por isso, confira sempre em nossas redes sociais as novas edições do site. Caso queira conversar com os autores acesse [populário.org/diast](#).

A Ficha de Autores do Populário é uma criação de Editora Cristália e mescla nomes reais e pseudônimos. Caso reconheça o nome ou a escrita de algum deles, não divulgue sem sua permissão prévia.

Avenida da Cultura, 1969 – Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 91705-000 **VENDA PROIBIDA**

João Pedro

Morador de João Pessoa (PB) tem 25 anos, e está iniciando graduação em letras clássicas: grego e latim. É uma pessoa não binária e preta, que escreve para tirar o peso do mundo. Atualmente tem mais de 180 textos e poemas escritos — talvez mais, alguns podem ter se perdido pelo caminho. De alguma forma, ou de outra a escrita lhe proporcionou tirar a leveza de algo que antes só ganhava para si, mas percebeu que o que eu sentia, outras pessoas também poderiam sentir.

Na Caixa

Otta

Paulista, formada em Comunicação Social - Produção Editorial na UFSM. Otta é apaixonada por expressões artísticas, sobretudo a escrita e a música, fascinada por k-pop, t-pop e j-pop. Também ama moda e séries Boys Love (BL). Em "Reencontro" demonstra sua paixão pelas palavras e, assim como suas outras histórias, espera impactar o mundo de alguma forma. Apenas um gosto gay tentado desfrutar o mundo.

Reencontro

Luna

Uma bissexual meio tímida, meio extrovertida e com muitos sentimentos e pensamentos para dividir com o mundo, tenta girar para todos as verdadeiras fides. Luna despoja cada palavra em seus textos para trazer um pouco de si mesma, suas experiências e tudo aquilo que já sentiu algum dia, transbordando por entre suas obras e compartilhando sua essência.

Egoísmo

Juno Lima

Nascida e cresceu em Maceió, AL, e é apaixonada pelo frio na mesma intensidade que não o suporta. Gosta de ler o horóscopo do dia sem entender bem o que seu astrólogo diz sobre ele e é viciado em fazer trocadilhos que só fazem sentido na sua cabeça. Aos dez anos se entregou à escrita e desde então escreve sobre amor e solidão da única forma que acredita ser possível: juntos.

Cultural / Interpretar

Esta ficha de autores está disponível e atualizações em futuras edições do Populário LGBTQIA+ vivências, narrativas e legos. Por favor, contate sempre em nossos canais sociais as novas edições da lista. Caso queira conversar com os autores acesse populario.org/contato.

A Ficha de Autores do Populário é uma criação da Editora Cristália e mescla nomes reais e pseudônimos. Caso reconheça o nome ou a escrita de algum deles, não divulgue sem sua permissão prévia.

Avenida da Cultura, 1969 – Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 91705-000 **VENDA PROIBIDA**

Fundadores

Mar Fonseca

Nascida em Teresópolis, RJ, sempre soube que era diferente, seja por algum processo interno seu ou porque outras pessoas o falavam. O diferente se tornou adjetivo gay, e, por muito tempo, o rótulo foi o suficiente. Até que não foi mais, ainda excita algo que fazia com que Mar se sentisse diferente. Desde criança a sua relação com seu corpo foi de conflito mesmo que não entendesse o que era disforia. Suas divindades viraram pronomes, ou melhor, pronomes. Com o tempo, se entendeu e se apropriou da sua própria zona cinza, e se utiliza de elementos masculinos e femininos para se expressar.

Sem dívida não binária, Mar entrou no curso de Produção Editorial na UFSM, RS, pela paixão que sempre teve em relação ao universo dos livros e da escrita. Temos gosto pelo leitura pelo incentivo de sua família e nunca mais parou de ler.

Leitor, editor, revisor e autor, além de qualquer outro papel que a Cris demande. Mar é extremamente fiel à sua redação de trabalho com o Lucas e eternamente grata por ser convidada de na graduação. Muito organizado e crítico, põe na ponta da língua todas as ideias possíveis. Amante de tabelas coloridas, tem por objetivo a publicação de obras e pesquisas que abracem a vivência LGBTQIA+ para facilitar os processos que foram tão doloridos para si, para os que precisam.

Lucas Braga

Nascido em São Paulo capital, e desde a infância se interessou por uma história, daquelas contadas em rolas de conversas despretensiosas com intuito apenas da fofoca. Era ali que ele se conectava com seu lado analítico que observa as possibilidades para entender as pessoas e suas relações. Foi quando entendeu que algumas dificuldades de interação se davam pela sua aparente expressão de vicinidade, que as causas sociais se tornaram mais latentes em sua vida.

Apaixonado por livros infanto-juvenis durante a adolescência, o gosto multiplicou-se ao ingressar no curso de Produção Editorial na UFSM, RS, quilômetros de distância de casa. Embora as inúmeras possibilidades de ser um cineasta — mascote do curso, aliás — tinham sido um fator determinante para gradativamente se afastar do objeto livro, foi ao se juntar a Mar, que as novas paixões aprendidas pelo curso se misturaram a desejos antigos.

Certamente um gay multiterrestre, devido à sua classe social, Lucas se vê profissionalmente como designer e ilustrador, embora enfrente obstáculos para afirmar, com convicção, suas habilidades em ambas. No Populário LGBTQIA+ vivências, narrativas e legos divide com Mar os prazeres e as dores de tentar dar luz a um produto que seja significativo para a sociedade, mas agradece todos os dias sua companhia que o fez se apaixonar, mais uma vez, pelos livros.

Sub orientação de:

Marília Barcellos

Uma professora de Porto Alegre, que reside em Santa Maria para se dedicar ao ensino, à pesquisa e à extensão em uma universidade pública. Para encontrar um propósito na vida, permitindo-se aprender constantemente com todas as possibilidades. Sendo uma mulher branca, cis, engajada na luta contra a LGBTQIobia. Acredita a praticar isso diariamente, através do Populário. Por isso, expressa sua gratidão aos autores pela oportunidade.

Avenida da Cultura, 1969 – Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 91705-000 **VENDA PROIBIDA**

Lista Telefônica

(+55) 3039-3339

Lista de Autores • Populário LGBTQIA+ vivências, narrativas e legos. Propriedade de Editora Cristália

Essa lista possui o contato das pessoas mais importantes para Populário LGBTQIA+ nossos colaboradores que fizeram este projeto acontecer.

Atenção: esse documento serve apenas para consultas emergenciais, não o use trivialmente!

Se precisar de Advogados	
<p>L&M Advocacia: serviços especializados</p> <p>Laura de Vargas, <i>Gerente do setor penal</i> Rafael Bald, <i>Gerente do setor trabalhista</i> Júnior Machado, <i>Estagiário do setor penal</i> Marina Freitas, <i>Estagiária do setor trabalhista</i> Polyana Cardoso, <i>Trainee</i> Luana Inez Ribeiro Dias, <i>Secretária</i></p>	<p>Telefones úteis</p> <p>(+55) 3912-1113 (+55) 3212-0110 (+55) 3343-6383 (+55) 3832-8070 (+55) 3940-0000</p>
<p>Gr Cardoso Advocacia</p> <p>Agnaldo Cardoso, <i>Diretor Executivo</i> Giovana Fernandes Moreira Silva, <i>Sócia</i> Charles William, <i>Advogado Ambiental</i> Ana Cláudia Santiago de Lima, <i>Estagiária</i></p>	<p>Telefones úteis</p> <p>(+55) 3223-3322 (+55) 3989-3303 (+55) 3040-9988</p>
<p>Steiger & Vidal Advogadas Criminais</p> <p>Taynã Steiger Mai, <i>Diretora Executiva</i> Fernanda Vidal, <i>Diretora Executiva</i></p>	<p>Telefones úteis</p> <p>(+55) 3322-8790 (+55) 3050-9977</p>
Se precisar de Médicos	
<p>Gr Saúde Social: Hospital Esperança</p> <p>Marília Barcellos, <i>Diretora Executiva</i> Jean Silveira Rossi, <i>Cirurgião</i> Huaní Quevedo de Lorena, <i>Pediatra</i> Mariane Anunci, <i>Enfermeira</i> Suelen de Siqueira Faria, <i>Auxiliar de enfermagem</i></p>	<p>Telefones úteis</p> <p>(+55) 3274-1012 (+55) 3033-1815 (+55) 3936-5818 (+55) 3433-6380</p>
<p>Preservar: clínica médica especializada</p> <p>Yohana Iansen Teixeira, <i>Cardiologista</i> Vinícius Fulus de Sousa, <i>Enfermeiro</i> Thaís Grezes Carneiro, <i>Auxiliar de enfermagem</i></p>	<p>Telefones úteis</p> <p>(+55) 3998-8272 (+55) 3901-4230 (+55) 3033-7299</p>

Em caso de dúvidas, entre em contato com o número (+55) 3039-3339, ou acesse populario.org/listatelefonica

A Lista Telefônica do Populário é uma criação da Editora Cristália e não corresponde a contatos existentes. Qualquer veracidade com os números é uma mera coincidência. Não passe a mão!

Avenida da Cultura, 1969 – Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 91705-000 **VENDA PROIBIDA**

Se precisar de Professores

Escola Popular de Ensino	Telefones úteis
Maurício Faria, <i>Coordenador chefe</i>	(+55) 3998-1419
Fátima Pacheco Lima, <i>Vice-coordenadora</i>	(+55) 3313-4019
Paulo Ribeiro, <i>Prof. de Matemática</i>	(+55) 3200-1182
Maria Clara, <i>Prof. de Português</i>	(+55) 3032-5075
Roberta Bordiga de Almeida, <i>Prof. de Ciências</i>	(+55) 3037-1200
Ana Claudy da Silva, <i>Psicóloga</i>	(+55) 3732-6240
Pietra Alexandra Faria, <i>Bibliotecária</i>	(+55) 3932-8250
Aniane Marçolla, <i>Secretária</i>	(+55) 3332-3090
Vinícius Garcez Carvalho, <i>Vigia Noturno</i>	(+55) 3992-0009

Se precisar de Contadores

Companhia Next Contabeis, Ltda	Telefones úteis
Vitória Damaso, <i>Diretora Executiva e Analista</i>	(+55) 3902-0977
Daisy Cardoso, <i>Sócia e Analista</i>	(+55) 3040-5322
Pedro Dell'Olio, <i>Auxiliar de Analista Jr.</i>	

Gr Inteligência Contábil	Telefones úteis
Débora Fulus, <i>Auditora</i>	(+55) 3333-5179
Gabriela Dias, <i>Auditor</i>	(+55) 3772-4461
Mariluh S.C., <i>Auditora Pleno</i>	(+55) 3932-8527
Érica Silveira Gomes, <i>Trainee</i>	(+55) 3233-5570

Se precisar de Arquitetos

Companhia Arquitetura & Design, Ltda	Telefones úteis
Liliane Dutra Bignol, <i>Diretora Executiva</i>	(+55) 3019-4515
Débora De Bastiani, <i>Gerente de Produção</i>	(+55) 3233-5569
Giovanna Bueno Riverola Corrêa, <i>Projetista</i>	(+55) 3832-2022
Matheus Denardin, <i>Administrativo</i>	

Companhia Projetos Urbanos, Ltda	Telefones úteis
Maria Tereza Dias, <i>Tassinari, Gerente de Produção</i>	(+55) 3323-3977
Larissa Ferreira, <i>Projetista</i>	(+55) 3012-4340
Tatiana Rocha, <i>Assistente de projetista</i>	(+55) 3233-7090

Se precisar de Técnicos de Internet

Liga UltraFibra	Telefones úteis
Matheus Monteiro de Aguiar Covalcante, <i>Gestor chefe</i>	(+55) 3332-9197

Em caso de dúvidas, entre em contato com o número (+55) 3039-3339, ou acesse populario.org/listatelefonica

A Lista Telefônica do Populário é uma criação da Editora Cristália e não corresponde a contatos existentes. Qualquer veracidade com os números é uma mera coincidência. Não passe a mão!

Avenida da Cultura, 1969 – Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 91705-000 **VENDA PROIBIDA**

Zeliq, Coordenador Carla Spat, <i>Gerente de RH</i> Caroline Steffens, <i>Gerente do Financeiro</i> Ariel Contier, <i>Instalador</i> Nicolas Machado, <i>Instalador</i> Ana Lia Surbiano Godoy, <i>Instalador</i> Laura Coelho de Almeida, <i>Instalador</i> Laura Bayer, <i>Instalador de Plantaão</i> Pedro Alcino Caldeira, <i>Técnico de Manutenção</i> Lidiiane Bittencourt Barros, <i>Telefonista</i>		Telefones úteis (+55) 3012-6344 (+55) 3932-5015 (+55) 3320-7185 (+55) 3017-2280 (+55) 3932-3055 (+55) 3937-7390 (+55) 3233-6599 (+55) 3933-8840
Se precisar de Eletricistas		
Companhia Eletricista de Segurança, Ltda Lucas Guimarães, <i>Diretor Chefe</i> Danielle Pacheco Gomes Lima, <i>Coordenadora</i> Larissa Tals Ferreira, <i>Eletricista Doméstica</i> Isabella Aquino, <i>Eletricista Empresarial</i> Ana Lotufo, <i>Eletricista de Plantaão</i> Claudia Castagna, <i>Eletricista de Plantaão</i>		Telefones úteis (+55) 3233-5512 (+55) 3230-7778 (+55) 3272-8093 (+55) 3790-6612 (+55) 3968-7777 (+55) 3932-6633
Se precisar de Bombeiros		
Corpo de Bombeiros, Bairro Novo Evelyn Lemes de Silva, <i>Chefe dos Bombeiros Cívicos</i> Lucio Pozzobon de Moraes, <i>Chefe do Corpo de Resgate</i> Almir Roes Dalmolin, <i>Chefe do Corpo de Incêndio</i> Fernanda Martins Lott Fonseca, <i>Gestora de Escritório</i>		Telefones úteis (+55) 3214-1012 (+55) 3033-1815 (+55) 3936-5818 (+55) 3433-6380
Corpo de Bombeiros, Centro Histórico Débora Dimussio, <i>Chefe do Corpo de Incêndio</i> Renata Santos Costa, <i>Chefe dos Bombeiros Cívicos</i> Maria Célia Braga Marquês, <i>Corpo de Resgate</i> Giovanna Sibille Franco, <i>Corpo de Resgate de Animais</i> Vinícius Vitório, <i>Gestora do RH</i> Antônio Márcio França Fonseca, <i>Motorista</i> Ebene Freitas, <i>Recepcionista</i>		Telefones úteis (+55) 3333-7712 (+55) 3714-6556 (+55) 3332-9501 (+55) 3633-8518 (+55) 3932-3740 (+55) 3003-0109
Se precisar de Policiais		
13º Distrito Policial do Populário Fabio Brust, <i>Delegado</i> Verônica Santos Albuquerque, <i>Escrivão</i> Valdir dos Anjos, <i>Agente de Operações Policiais</i>		Telefones úteis (+55) 3937-4075 (+55) 3972-5388 (+55) 3323-9740

Em caso de dúvida, entre em contato com o número 1-91 3009-3235, ou acesse populario.org.br/abateofonica.
 A lista telefônica do Populário é uma criação da Editora Crisálida e não corresponde a contatos existentes. Qualquer veracidade com os números é uma mera coincidência. Não passa total.

Avenida da Cultura, 1969 – Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 91705-000 **VENDA PROIBIDA**

Se precisar de Detetives		
Liga de Detetives Populares Cristelle Luse, <i>Papiloscopista</i> Igor Bianchini, <i>Papiloscopista Policial</i> Cleusa Braga, <i>Papiloscopista Policial</i>		Telefones úteis (+55) 3231-8518 (+55) 3935-1479 (+55) 3230-6634
Se precisar de Guias Turísticos		
Companhia de Guias do Populário, Ltda Any Camile Trindade de Assis, <i>Guia Regional</i> Natalia Tribino, <i>Guia Turística de Atrativos Naturais</i> Ana Julia Rodrigues, <i>Guia Histórico</i> Anne Giarreta, <i>Guia Histórico</i> Nicole Zanoto, <i>Guia de Entretenimento</i>		Telefones úteis (+55) 3937-1843 (+55) 3412-6893 (+55) 3233-5298 (+55) 3938-5240 (+55) 3540-3302
Se precisar de Chaveiros		
Liga dos Chaveiros Locais Leandro Stevers, <i>Coordenador</i> Mathues Souza, <i>Supervisor</i> Valdete Santos Sibille, <i>Chaveiro</i> Anne Rose A F Maranhão, <i>Chaveiro</i> Rodrigo Santini, <i>Auxiliar de Chaveiro</i> Nathe Luz, <i>Técnico de Chaveiros Digitais</i> Júlia Bartolin dos Santos, <i>Vendedora</i>		Telefones úteis (+55) 3239-1137 (+55) 3937-5115 (+55) 3937-3572 (+55) 3398-4128 (+55) 3241-8668 (+55) 3937-5873 (+55) 3068-9818
Se precisar de Jornalheiros		
Gr Jornal Sáfico Popular Clara Alves, <i>Coordenadora</i> Daniela Dallegre, <i>Captação</i> Manu Tietze, <i>Distribuição e Marketing</i> Alba Barros Souza Fernandes, <i>Vendedora</i> Verônica Pinheiro Xavier, <i>Vendedora</i>		Telefones úteis (+55) 3935-1056 (+55) 3035-3055 (+55) 3332-9203 (+55) 3732-6683
Companhia Nova Arco Jornalheiros, Ltda Gustavo Feixoto, <i>Editor Chefe</i> Joana Nicola Gerevini, <i>Revisora</i> Ana Carolina Cipriani, <i>Diagramadora</i> Anderson Rms Mitr, <i>Distribuição e Marketing</i> Elbetton Oliveira, <i>Vendedor</i>		Telefones úteis (+55) 3012-1187 (+55) 3936-7744 (+55) 3239-5580 (+55) 3938-6677 (+55) 3935-5038

Em caso de dúvida, entre em contato com o número 1-91 3009-3235, ou acesse populario.org.br/abateofonica.
 A lista telefônica do Populário é uma criação da Editora Crisálida e não corresponde a contatos existentes. Qualquer veracidade com os números é uma mera coincidência. Não passa total.

Avenida da Cultura, 1969 – Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 91705-000 **VENDA PROIBIDA**

Se precisar de Programadores		
Companhia Popular Tech, Ltda Emili Cargnin Krugel, <i>Diretora Executiva</i> Denys Schmitt, <i>Coordenador</i> Vitoria Correa Brum, <i>Programadora back-end</i> Thiago Freitas Olivar, <i>Programador front-end</i> Felipe Reis Bernardes, <i>Programador front-end</i> Aline Jaime Fraga, <i>Trainee</i>		Telefones úteis (+55) 3737-772 (+55) 3931-1580 (+55) 3946-4103 (+55) 3932-3544 (+55) 3999-7777
Gr Arco Programações Ana Caroline Alves, <i>Coordenador</i> Daniel Polita, <i>Programadora back-end</i> Giovanna Amaral de Freitas, <i>Programadora front-end</i> Victória Nicola Gerevini, <i>Programadora full-stack</i> Danielle Espindola, <i>Estagiária</i>		Telefones úteis (+55) 3735-2973 (+55) 3233-9227 (+55) 3338-5017 (+55) 3337-5055 (+55) 3250-8820
Se precisar de Designers		
CMYK Designers Lisara Bittencourt Iheu, <i>Diretora Executiva</i> Eduardo Prates Macedo, <i>Gerente Impresso</i> Mayara Menezes de Queiroz, <i>Gerente Digital</i> Renata Naka, <i>Fotógrafa</i> Anna Antunes, <i>Diagramadora</i> Ana Carolina Ballan Seibe, <i>Projeto Gráfica</i> Gabriela Garcia de Oliveira, <i>Ilustradora</i>		Telefones úteis (+55) 3133-7633 (+55) 3925-1324 (+55) 3937-5427 (+55) 3935-2028 (+55) 3730-7408 (+55) 3739-0003
Se precisar de Comunicadores		
Gr Crisálida Comunicação Júlia de Almeida Souza, <i>Diretora Executiva</i> Amanda Gabriela Patta Concolato, <i>Coordenadora</i> Simone Rodrigues, <i>Supervisora</i> Ana Ribeiro, <i>Captação e Revisão</i> Carolina Rodrigues, <i>Marketing</i> Milenna Souto, <i>Social Media e Copywriting</i> Izabela Rodrigues Fonseca, <i>Estagiária</i>		Telefones úteis (+55) 3735-1419 (+55) 3735-1038 (+55) 3935-6033 (+55) 3227-0706 (+55) 3436-9990 (+55) 3000-4003
Gr Arte & Comunicação Sandra Depex, <i>Diretora Executiva</i> Linda Messias Guzman, <i>Marketing e Copywriting</i> Lucas Tribino Resende, <i>Designer e Social Media</i> Thais Martins Lott Fonseca, <i>Revisora</i>		Telefones úteis (+55) 3937-5005 (+55) 3400-8233 (+55) 3200-2829 (+55) 3000-0907

Em caso de dúvida, entre em contato com o número 1-91 3009-3235, ou acesse populario.org.br/abateofonica.
 A lista telefônica do Populário é uma criação da Editora Crisálida e não corresponde a contatos existentes. Qualquer veracidade com os números é uma mera coincidência. Não passa total.

Avenida da Cultura, 1969 – Centro Histórico, Populário (PO), CEP: 91705-340 **VENDA PROIBIDA**

Agradecimentos

Chega ser de certa forma cômico que passamos a maior parte do processo de criação deste livro agradecendo a quem nos ajudou, e que agora, quando precisamos colocar no papel as palavras certas, enfrentamos certas dificuldades.

Começar essa parte do *Populário LGBTQIA+*: *vivências, narrativas e laços*, é difícil, não porque estamos chegando às páginas finais de um projeto que integra nossas vidas a mais de dois anos, mas por tantas coisas que aconteceram nesse meio tempo. Talvez seja daí onde nossos agradecimentos comecem: do início. Somos inteiramente gratos pelo curso de Produção Editorial que nos uniu nos diversos trabalhos e provas.

Agradecemos a nossa orientadora, Marília Barcellos, que se conectou ao nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desde a leitura do pré-projeto. Obrigado por se identificar com cada desfecho de angústia e sofrimento guardados em cada um de nós dois, por se permitir emocionar com nossas histórias e por acreditar que é possível criarmos um espaço seguro para a nossa comunidade, dentro e fora dos muros da universidade. Ter você em cada momento desse processo foi essencial para o que ele é hoje.

Seria impossível, para não falar desumano, fazer um texto de agradecimento sem mencionar a nossa comissão curatorial. Vocês significam muito mais para nós do que só pessoas incríveis e inteiramente sensíveis à nossa causa. Todos vocês são nossa esperança nos momentos mais obscuros, como quando tivemos que enfrentar, no início deste ano, as ações de maior puro ódio que tentaram destruir o nosso projeto. Foi lindo ver seus nomes subindo em cada notificação do nosso e-mail, como uma barreira pronta para segurar quem quer que tentasse nos desmotivar.

Temos que dedicar esse espaço para agradecer de todo o coração, a Inari Fraton e a Júlia Almeida, pela ajuda ininterrupta e pela dedicação que tiveram com o *Populário*. Por cada linha, vírgula, ponto e sugestão feita com muito profissionalismo e paixão à nossa bofetinha. Nós amamos vocês!

Também é impossível não agradecer aos nossos autores, parte essencial do nosso processo. Obrigado por confiarem seus preciosos originais para compor o conteúdo deste livro. A criatividade de vocês nos inspira e nos motiva a continuar lutando.

Assim como, nossos apoiadores, por acreditarem no nosso projeto e possibilitarem a impressão deste e mais 299 livros. Obrigado por tornarem esse sonho possível.

Como último agradecimento – talvez o mais especial de todos – obrigado você leitor, que passou pelas ruas do *Populário*. Esperamos que tenha gostado e que volte sempre que precisar ser lembrado que você é amado. Talvez as palavras mais simples sejam as que realmente estamos procurando: **muito obrigado!**

Editora Crislida

Populário LGBTQIA+:

vivências, narrativas e laços

Devolva este item antes de deixar a biblioteca!

Precisa de ajuda? Contate nossa Central de Atendimento em: +55 (78) 3039-3339

Copyright © 2023 Editora Crislida
Todos os direitos reservados a Editora Crislida

Editores | Lucas Braga e Mar Fonseca

Leitores Críticos | Amanda Concolato, Ana Júlia Lotufo, Fabio Brust, Inari Fraton, Jean Rossi, Júlia Almeida, Lucas Braga, Mar Fonseca, Maurício Fanfa.

Preparadores e revisores de textos | Amanda Concolato, Fabio Brust, Inari Fraton, Jean Rossi, Júlia Almeida, Lucas Braga, Mar Fonseca, Maurício Fanfa.

Orientadora | Marília Barcellos

Designer editorial | Lucas Braga

Diagramador | Mar Fonseca

Ilustradora | Andressa Gonçalves

Os personagens desta obra se misturam em ficcionais e autobiográficos com referências a situações ficcionais ou fatos concretos

Impresso no Brasil
1ª edição, 2023

Texto revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2008

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos ou em cópia reprográfica, sem a autorização prévia da editora.

Editora Crislida
Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil
editoracrislida@gmail.com
Instagram e TikTok: @editoracrislida

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Catálogo | Lizandra Veleda Arabidian - CRB-10/1492

Populário LGBTQIA+: vivências, narrativas e laços / organização Lucas Braga e Mar Fonseca ; ilustrações Andressa Gonçalves ; [orientadora Marília Barcellos]. - 1. ed. - Santa Maria, RS: Editora Crislida, 2023.

192 p.: il.; 21 x 14 cm

Apoio do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria

Acima do título: Seja bem-vindo!

ISBN: 978-65-980572-0-6

1. Literatura brasileira 2. Poesias 3. Contos 4. LGBTQIA+ 5. Coletânea

I. Braga, Lucas II. Fonseca, Mar III. Gonçalves, Andressa IV. Barcellos, Marília

P83I

CDU 869.0(81)-82



*

Essa obra foi construída pelo esforço coletivo de autores, revisores, preparadores e editores. Sua impressão foi possível graças aos apoiadores do projeto no Catarse.

Composta pelas fontes Arsenica Variable, para os títulos, endereços e nomes dos autores, Ten Oldstyle para o corpo, e Kanit para as placas. Impressa em Pólen Bold 80 mg/m² para o miolo e Supremo 250mg/m² para a capa. na Gráfica Palloti, Santa Maria.

*

APÊNDICE M – CÓDIGOS DDD

Número/disponibilidade								
10	20	30	40	50	60	70	80	90
11	21	31	41	51	61	71	81	91
12	22	32	42	52	62	72	82	92
13	23	33	43	53	63	73	83	93
14	24	34	44	54	64	74	84	94
15	25	35	45	55	65	75	85	95
16	26	36	46	56	66	76	86	96
17	27	37	47	57	67	77	87	97
18	28	38	48	58	68	78	88	98
19	29	39	49	59	69	79	89	99

Legenda: DDDs reais, **DDD**s fictícios.

APÊNDICE N – FOTOS DO LANÇAMENTO







